

DR. PIERRE BARBET

Cirurgião do Hospital Saint Joseph, de Paris

A PAIXÃO

**DE N. S. JESUS CRISTO
SEGUNDO O CIRURGIÃO**

Traduzido da 4.ª edição pelo

R. CÔNEGO JOSÉ ALBERTO DE CASTRO PINTO

**Do Inst. Biblico de Roma, ex-Reitor e Professor
do Seminário Arquidioc. do Rio de Janeiro**

† Livros Católicos para Download



**CAIXA POSTAL, 5316
Av. Rio Branco, 137 — 6.º and
RIO DE JANEIRO**

AMDGVM

Nihil obstat

Rio, 31 de março de 1954

D. Estêvão Bettencourt, O. S. B.

Censor

Pode imprimir-se

Rio, 2-IV-954.

Mons. Caruso

pro Vigário Geral

1954



APRESENTAÇÃO

É verdadeiramente consolador notar-se o interêsse despertado nos últimos tempos pelos estudos do Santo Sudário.

Não são poucas as obras de cunho científico que nos têm revelado pormenores até então desconhecidos desta Sagrada Reliquia de Nosso Santíssimo Redentor.

Com a feliz iniciativa da Editôra Santa Maria, que acaba de lançar em lingua vernácula a tradução de "La Passion de N. S. Jésus Christ selon le chirurgien" do Dr. Pierre Barbet, terá o público de lingua portuguesa uma obra de inestimável valor, onde muito poderá aprender no tocante ao mistério da Paixão de Cristo.

Que "A Paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o cirurgião", esmeradamente traduzida pelo nosso caríssimo Côn. José Alberto de Castro Pinto, desperte em seus leitores um amor mais forte e mais esclarecido pelo Deus-Humanado.

*+ Jaime Cardinal Casarã
Arcebispo de Rio de Janeiro*

Í N D I C E

	Págs.
Prefácio	9
Capítulo I. — O Santo Sudário	15
A) História	15
B) O Santo Sudário e os Papas	21
C) Descrição geral	23
1.º O tecido. — 2.º As partes queimadas. — 3.º As dobras. — 4.º As impressões do corpo. — 5.º As impressões sanguíneas.	
D) Fotografias	28
1.º Técnica. — 2.º Resultados. — 3.º Conclusões.	
E) Formação das impressões	30
1.º Impressões sanguíneas. — 2.º Impressões corporais.	
Capítulo II. — Arqueologia e Crucifixo	43
A) Uso da crucifixo	43
B) Instrumentos da crucifixo	44
1.º Stipes crucis. — 2.º Patibulum-Furca. — 3.º Conjunção dos dois paus. — 4.º Sedile. — 5.º Suppedaneum. — 6.º Ins- trumentos de fixação.	
C) Modalidades da crucifixo	49
1.º Flagelação preliminar. — 2.º Carregamento da cruz. — 3.º Modo da crucifixo. — 4.º Guarda militar. — 5.º Sepultura e insepultura. — 6.º O lançaço.	
D) Explicação dos Evangelhos pela Arqueologia	55
1.º A condenação. — 2.º A flagelação. — 3.º A coroação de espinhos. 4.º Transporte da cruz. — 5.º A cruz : 1) Altura da cruz; 2) Forma da cruz. — 6.º Os cravos. — 7.º Estava Jesus nu sobre a cruz ? — 8.º Fixação à cruz. — 9.º O lançaço.	
Capítulo III. — Causas da morte rápida	69
A) Causas preparatórias	69

B) Causa determinante	74
Capítulo IV. — Sofrimentos preliminares	81
A) Generalidades	82
B) Sevícias da noite e do pretório	82
C) Flagelação	83
D) Coroação de espinhos	84
E) Transporte da cruz	87
Capítulo V. — Chagas das mãos	91
Capítulo VI. — Chagas dos pés	107
Capítulo VII. — Chaga do coração	113
1.º In vivo. Radiografias. — 2.º No cadáver. Experiências : a) O sangue; b) A água; c) A hemorragia transversal posterior. 3.º A coagulação sanguínea. — 4.º Outras hipóteses. 5.º Retração do pulmão em cadáver recente.	
Capítulo VIII. — Descida da cruz — Transporte e sepultamento	129
Capítulo IX. — Sepultamento	135
Capítulo X. — O Crucifixo de Villandre e o crucifixo da Escola Prática	151
Capítulo XI. — Conclusões	155
Capítulo XII. — A Paixão corporal de Jesus	161
ÍNDICE das gravuras (24 páginas) e seguintes.	176



P R E F A C I O

Pediram-me, há tempos, e recentemente com mais insistência, que reunisse em um livro o resultado de minhas experiências anatómicas, pesquisas arqueológicas e escriturísticas bem como de minhas meditações e reflexões sobre a Paixão de N. S. Jesus Cristo.

É este, com efeito, um assunto que de há mais de vinte anos não me tem deixado o pensamento, indo às vêzes até à obsessão. Mas, existirá no mundo algum objeto de meditação mais importante para o homem, do que esses sofrimentos onde se materializam para êle duas misteriosas verdades, as únicas que realmente lhe interessam: a Incarnação e a Redenção? É necessário e basta que a elas adira de todo seu coração e que delas tire lealmente sua regra de vida. Mas, neste acontecimento único, que é o ponto culminante da história humana, o menor detalhe adquire, assim creio, um valor infinito.

Não nos fatigamos de nela escrutar as menores particularidades, mesmo quando a discreção dos Evangelistas nos obriga a construir sobre bases científicas de hipóteses mais ou menos sólidas, não mais escriturísticas e inspiradas.

Os teólogos podem imaginar e nos descrever os sofrimentos morais que acompanharam a Paixão do Salvador, desde a agonia do Getsêmani, onde estava Ele oprimido sob o peso dos pecados do mundo, até ao abandono do Pai que, sobre a cruz, chegou a Lhe arrancar a queixa: "Eloi, Eloi, lama sabacthani! — Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste!" Continuou, provavelmente, a recitar em voz baixa esse magnífico Salmo 22, cujo 1.º versículo é precisamente aquela dolorosa queixa, salmo este que prossegue com acentos de esperança e termina por um canto triunfal de vitória.

Quando, porém, os mesmos teólogos ou exegetas nos querem, descrever os sofrimentos físicos de Jesus, fica-se admirado da dificuldade que experimentam para dêles nos fazer participar, ao menos pelo pensamento. É que, na verdade, muito pouco os compreendem; nada parece mais vazio, sob este aspecto, que os tradicionais sermões da Paixão.

Há alguns anos, meu amigo o Dr. Pasteau, presidente geral da Sociedade de S. Lucas dos Médicos Católicos de França, se encontrava no Vaticano com alguns altos dignitários da Igreja. Nessa ocasião, explicou-lhes, de acôrdo com minhas pesquisas, o que sabemos agora sobre a morte de Jesus, Seus sofrimentos horríveis e como morreu: com todos os músculos tomados de caimbras e asfixiado. O então Cardeal Pacelli que, como os outros, empalidecera de dôr e compaixão, lhe respondeu: "Não sabíamos isto, nem jamais alguém nos explicou tal cousa".

Por isso é necessário, absolutamente necessário, que nós médicos, anatomistas, fisiologistas, nós que sabemos, proclamemos bem alto a terrível verdade. Que nossa pobre ciência não sirva somente para aliviar nossos irmãos, mas também para, num serviço maior ainda, esclarecê-los.

A 1.^a causa desta ignorância, convém dizê-lo, está na surpreendente concisão dos Evangelistas: "Pilatos depois de ter feito flagelar Jesus, o entregou para que fôsse crucificado... E o crucificaram." Todo cristão, por menos dado que seja a liturgia, ouve estas duas frases todos os anos, quatro vêzes na Semana Santa, sob formas pouco variadas. Mas, o que é isto no meio da longa leitura da Paixão? A salmodia solene prossegue, ouve-se o bradar da multidão judia, as palavras do Salvador e o espírito não terá tempo, se não estiver preparado de antemão, para se demorar sobre os terríveis sofrimentos representados por estas simples palavras.

Sem a menor sombra de dúvida, não tinham os Evangelistas necessidade alguma de acrescentar outras explicações, para os cristãos que ouviam a catequese apostólica, ou que mais tarde liam os 4 Evangelhos, estas duas simples palavras "flagelação, crucificação" conservavam um poder evocativo de plena eficácia. Sabiam o que elas significavam pois tinham a experiência direta, visual, por terem tido ocasião de ver flagelar e de ver crucificar. Mas, para nós e para nossos sacerdotes, quase mais nada significam: a idéia de um suplício cruel, sem dúvida, mas que não mais sugere nenhuma visão precisa. Vê-se então o pobre pregador fazer todos os esforços possíveis sem chegar a exprimir sua sincera dôr: "Jesus sofreu, sofreu muito; sofreu por nossos pecados."

Para quem sabe do que se trata e que também sofre ao ponto de não mais poder fazer uma Via-Sacra, há uma terrível tentação de ir sugerir ao orador o quanto êle sofreu e como sofreu, a quantidade e a qualidade de Seus sofrimentos e, enfim, como quis morrer.

Tive eu, há alguns anos, a alegria suprema e a melhor recompensa de meus esforços, ao saber que em muitas igrejas, meu livro "Passion Corporelle" (1), inspirou, vivificou e algumas vêzes mesmo chegou a substituir completamente o sermão da Paixão.

E mesmo tive, durante a guerra, a profunda emoção de o ler em Issy-les-Moulineaux, diante de 300 seminaristas maiores e seus dirigentes e de os fazer chorar comigo. Era, em tôda sua plenitude, o apostolado do leigo indo mesmo, de modo paradoxal, até à inversão dos officios.

Não mais queria falar sobre a Paixão porque não me sentia bem; mas foi em grande parte, por causa dos clérigos que ainda quis divulgar minhas idéias, para que pudessem com elas alimentar sua piedade e compaixão para com Jesus Crucificado, transferindo-a depois para suas pregações.

(1) La Passion Corporelle de Jésus, ed. Dillen, Issoudun. Também o cap. 12 deste livro.

Justamente porque aceitei reuní-las tôdas em um só livro é que me será possível desenvolvê-las mais à vontade. Minhas experiências anatômicas ocuparam os anos de 1932 e 1933. Delas entreguei as primícias a meus colegas, médicos da Sociedade de São Lucas, cuja opinião me interessava muito mais do que qualquer outra. Não me furtaram sua adesão entusiasta nem mesmo a hospitalidade de seu Boletim: As Mãos do Crucificado, maio de 1933; Os Pés do Crucificado, e o Golpe de Lança, março de 1934; A Descida da Cruz e o Transporte para o túmulo, março de 1938; O Sepultamento de Jesus, março de 1948. Publiquei minhas primeiras pesquisas no opúsculo intitulado: "As cinco chagas de Cristo", em janeiro de 1935; sua quarta edição enriquecida por um capítulo sôbre a descida da Cruz, apareceu em 1948. Publiquei em 1940, a "Paixão corporal" que aparecerá, antes, na revista "Vie Spirituelle". Em 1948, saiu outra publicação sôbre "O Sepultamento de Jesus", revisão atualizada de uma palestra feita no "Comité de Paris de la Societé de Saint Luc".

Posso afirmar que desde o término de minhas experiências, as conclusões então formuladas quase não sofreram alteração alguma, se bem que continue eu acessível a qualquer fato novo que me venha demonstrar algum erro. (Confira-se no capítulo 7.º, n.º 5: "A retração pulmonar no cadáver recente", pág. 124 — **Isto é novo**). Tive sempre o cuidado de considerar esta questão como um problema científico e tenho apresentado minhas conclusões como hipóteses, sólidamente fundadas a meu ver, mas susceptíveis de modificações, pelo menos nos detalhes. Creio, pois, ter ficado assim isento dos preconceitos causados pela " vaidade de autor". Mas não deixei nunca de refletir sôbre êste suplício e sôbre as imagens do Santo Sudário, do qual um conjunto cerrado de provas anatômicas me faz hoje admitir e sustentar a autenticidade.

Desta longa e constante meditação saíram, sem novas experiências, explicações complementares, que me pareceram tão luminosas quão simples. Assim por exemplo, temos o duplo filete de sangue do punho, devido às alternativas de erguimento e abatimento do crucificado; a maneira por que escorreu o sangue na parte posterior do tórax, devido ao modo de transporte para o túmulo. Tornaremos a examinar tudo isto e como tôdas estas conclusões científicas estão inteiramente de acôrdo com os Evangelhos.

Aliás, não tive a pretensão, que se tranquilizem todos pelo que me toca, de apresentar neste livro, uma solução completa e definitiva do problema pôsto pelo Santo Sudário. Deus me livre!

Exporei mais modestamente o que um longo estudo me faz considerar como o estado atual da questão, pelo menos a visão bastante homogênea e lógica que dela tenho no momento. Salientarei tanto o que me parece duvidoso como o que me parece definitivamente estabelecido. É o espirito do método científico e experimental. Mas não esquecerei nunca que a Santa Mortalha, como dizia S. S. Pio XI, está ainda cercada de bom número de mistérios. O futuro ainda nos reserva, sem dúvida, não poucas surpresas.

Aprendi no decurso daquelas minhas primeiras publicações quão difícil é fazer compreender a profanos conclusões científicas, que supõem toda uma instrução preliminar. Quando escrevia a colegas, tudo decorria facilmente e me fazia compreender com meia palavra. Minha natural tendência à concisão não tirava disso senão vantagens pois tornava mais precisa e cerrada minha demonstração. Mas quantas e quantas vêzes não-médicos me pediram explicações suplementares ou apresentaram objeções, cuja resposta, como também as explicações, já estavam todas impressas em meu trabalho. Sim, tudo isso já estava claramente expresso e impresso, mas em frases breves demais para um não iniciado, nem havia repetição do que já fôra uma vez exposto; numa palavra, minha exposição, boa para os médicos, não era adequada aos não-médicos. Aproveitei-me desta experiência nas edições seguintes e me esforcei por fazê-lo melhor ainda neste livro. Acabei, sempre dentro de meu espírito, por traduzir para o vernáculo todas as citações inclusive as mais banais. Parece que certos leitores se atrapalharam com o "Consummatum est".

Como talvez já seja do conhecimento de muitos, minhas experiências anatómicas foram empreendidas após a exposição, em 1931, do Santo Sudário de Turim. Meu bom amigo, o Padre d'Armalhac, a quem Deus já concedeu o paraíso, viera à Conferência de Laënnec dos estudantes de medicina de Paris, mostrar-nos as últimas fotografias, as mesmas que utilizei. Queria êle o parecer dos anatomistas. É pois natural, já que meu fito inicial, (que, depois, se ampliou muito mais), era verificar a veracidade anatómica das impressões do Santo Sudário, que eu coloque, pelo menos rapidamente, o leitor ao corrente do que há sobre esta insigne relíquia, e das apaixonadas discussões que tem ela suscitado, também e sobretudo entre os católicos.

Meus estudos levaram-me ainda a pesquisar tudo que, na arqueologia pagã e cristã, nos textos dos Escritores Antigos (extra-bíblicos), na história da Arte, pudesse nos esclarecer sobre os detalhes do último suplício entre os Romanos; pois foram os carascos, legionários romanos e o juiz, um procurador romano.

Em um livro, que não está de antemão condenado como um folheto a ser compendioso e pouco oneroso, terei a liberdade de expôr o resultado destas pesquisas e de suas provas justificativas; não poderei deixar de o fazer mas evitarei todo pedantismo.

Por princípio, eliminara de meu opúsculo: "As cinco chagas", tudo que diz respeito aos outros sofrimentos de Jesus, preliminares da Crucifixão: suor de sangue, sevícias da prisão, flagelação, coroação de espinhos, transporte da cruz, dos quais se podem encontrar vestígios desconcertantes no Santo Sudário. Era-me necessário, para fazer obra completa, responder a todas essas questões, sempre dentro do mesmo espírito medical.

Reproduzirei também minhas conclusões sobre a descida da cruz e o transporte para o túmulo, bem como minhas pesquisas exegeticas (os exegetas mo perdoarão, assim o espero), históricas e filológicas, sobre o Santo Sudário e o sepultamento.

Por fim reproduzirei, como conclusão e síntese de minhas idéias, essa Paixão Corporal que já suscitou tanta emoção entre os que sabem "compadecer". Aí peço indulto ao leitor, porque me sinto incapaz de modificá-la por pouco que seja. Sem a menor figura de retórica, posso dizer que me custou ela muitas lágrimas, naquele memorável dia da Circuncisão de 1940, para escrevê-la, quando a redigi de um só fôlego. Tive, ao fazê-lo, uma sensação tão nítida de um estado de graça inteiramente especial, que, sem a presunção de me revestir do Espírito Santo (Deus o sabe, dizia S. Paulo), não creio que o pudesse fazer melhor. Tanto pior!

Muitas vêzes, com efeito, me tenho perguntado por que teria eu sido escolhido para esta série de pesquisas. Bem sei que há mais de 40 anos me tenho vivamente interessado pela exegese bíblica e que devorei essa magnífica messe de obras, que faz a glória da Igreja de França, do Padre Lagrange ao Padre Grandmaison, para não citar senão os mortos. E dêsses há tantos outros que sempre é útil confrontar para tomar a cada um as mais belas flores de seu ramilhete. De minha sólida formação clássica (segundo a fórmula), fiquei com a possibilidade de perscrutar textos gregos e latinos, não os hebráicos, coisa que lamento! Tenho sempre pesquisado apaixonadamente na arqueologia e na história da arte, desde os afrescos das catacumbas que visitei e estudei demoradamente, até às elucubrações da arte moderna, as manifestações do espírito cristão. Finalmente sou, antes de tudo, cirurgião e portanto competente em anatomia que também ensinei por largo tempo: vivi 13 anos na intimidade de cadáveres e pude perscrutar durante toda minha carreira a anatomia dos vivos. Posso, pois, sem presunção, escrever "A Paixão segundo o cirurgião"; acrescentemos o cirurgião culto como aliás deve sê-lo.

O leitor estará sorrindo, penso eu, diante desta ingênua "Apologia pro domo". Mas espero que venha a compreender que quis apresentar não tanto uma exposição justificativa de títulos como uma desculpa de minha audácia. E a razão está justamente aí, porque foi tudo isso que produziu em mim um ardente desejo de estudar todos êsses problemas com a esperança de chegar talvez a resolvê-los, com a ajuda de Deus. Acrescentarei ainda que só empreendi minhas experiências após ter verificado que nenhum colega tinha tomado êste caminho.

Mas posso me tranqüilizar ao ler o belo capítulo IX dos "Fioretti" onde Fr. Masseo para experimentar a humildade de seu Mestre, repete a S. Francisco: "Perche a tte; perche a tte? — Por que a ti e não a um outro?". E S. Francisco responde a Fr. Masseo: — "Porque os olhos do Deus Altíssimo não viram entre os pecadores outro mais vil, nem mais incapaz... que eu. E por isto..., para fazer esta operação maravilhosa, êle me escolheu para confundir a nobreza e a grandeza, a beleza, a força e a sabedoria do mundo, para que se saiba que toda virtude e todo o bem é Dêle, e não da criatura e pessoa alguma se poderá gloriar em sua presença; mas quem se gloriar que se

glorie no Senhor, a quem pertence tôda honra e glória eternamente”.

Não quero concluir êste prefácio sem antes agradecer, como é de minha obrigação, aos Missionários do S. Coração de Issoudun e seu editor meu bom amigo DILLEN, que imprimiram e propagaram meus opúsculos com fraterno devotamento. Não poderia fazer cousa melhor que lhes confiar êste livro, que de resto já lhes é antecipadamente devedor de tanta coisa!

Paris, festa de Todos os Santos de 1949.

CAPITULO I

O SANTO SUDÁRIO

O leitor que quiser formar-se rapidamente uma idéia de conjunto sobre a questão deve ler o opúsculo tão conciso quanto exato de meu amigo Antoine Legrand, "La Passion selon le Saint Suaire" (1). O segundo livro de Paul Vignon é precioso sobretudo por sua riquíssima iconografia "Le Saint Suaire de Turin" (2).

Estudemos, também nós, o Sudário, uma vez que iniciei minhas experiências precisamente por um exame com a finalidade de ver se suas impressões corresponderiam ou não à realidade anatômica e fisiológica. Empreendi este estudo com absoluta isenção de ânimo, tão disposto a declarar o Sudário uma burla absurda, como a reconhecer sua veracidade. Mas, fui obrigado pouco a pouco a verificar que estas impressões eram exatas em todos os pontos, sem exceção alguma. Convém notar que, justamente, as mais estapafúrdias, em aparência, eram as que melhor se quadravam com a experimentação. As imagens sanguíneas não podem ter sido feitas por mão humana; só podem ter sido produzidas por decalque feito em coágulos formados anteriormente sobre um corpo humano. Artista algum teria jamais podido imaginar tôdas as minúcias dessas imagens, das quais cada uma reflete um detalhe daquilo que sabemos hoje sobre a coagulação do sangue, mas que se ignorava no século XIV. Mesmo hoje, nenhum de nós seria capaz de executar tais imagens sem cometer algum engano.

Foi este conjunto homogêneo de verificações, sem um único deslize, que me decidiu, de acôrdo com o cálculo das probabilidades, a declarar que, sob o ponto de vista anatomo-fisiológico, a autenticidade do Santo Sudário é uma verdade científica.

A) HISTÓRIA

É certo que, no Domingo da Ressurreição, Pedro e João encontraram no túmulo a mortalha de Jesus. Os sinópticos, que, por ocasião do sepultamento, não falaram senão da mortalha, assinalam, no Domingo, os "othonia" (= panos); a mortalha evidentemente faz parte dêsses "othonia" (= panos) (3). S. João,

(1) Librairie du Carmel, 27, rue Madame, Paris VI.

(2) Apud Massor, 1938.

que, em seu Evangelho, não falou na sexta-feira Santa, a não ser dos "othonia", assinala, no Domingo os "othonia" e o "soudarion". Veremos com M. Lévesque que êste "soudarion" é a mortalha do aramaico em que pensa S. João. Quem o recusar será forçado a colocar a mortalha entre os "othonia".

Que destino lhe deram os apóstolos? Apesar da natural repugnância própria a Judeus, para quem tudo que toca a morte é impuro, sobretudo um pano manchado de sangue, é impossível admitir que não tivessem recolhido com todo cuidado esta relíquia da Paixão do Homem Deus. É necessário admitir também que a esconderam cuidadosamente. Deviam protegê-la da destruição por parte dos perseguidores da jovem Igreja. Por outro lado, não se podia pensar em propô-la à veneração dos novos cristãos ainda imbuídos do horror dos antigos pela infâmia da cruz. Haveremos de voltar com mais vagar a êste longo período em que a cruz se escondia sob símbolos: só nos séculos V e VI é que veremos os primeiros crucifixos que, de resto, aparecem ainda um tanto disfarçados. Só nos séculos 7.º e 8.º, é que êles se espalham um pouco. Não será senão no século XIII que se difundirá a devoção à Paixão de Cristo.

Acrescentemos a seguinte hipótese que está baseada em fenómeno biológico misterioso mas devidamente verificado (4): é muito possível que nesta mortalha, portadora desde o início de manchas sanguíneas, as impressões corporais não fôsse visíveis durante muitos anos. É possível que elas só se tenham "revelado" posteriormente, como sôbre uma chapa fotográfica que esconde sua imagem virtual até o banho revelador.

(3) Nota do Tradutor: A Revista "Biblica", do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, publicou, no seu número de maio de 1953, uma notícia que vem confirmar perfeitamente a teoria do Autor: De acôrdo com a publicação de C. H. Roberts — E. G. Turner, Catalogue of the Greek and Latin Papyri in the John Rylands Library, vol IV, 1952, Manchester; no Pap'ro n.º 627, à pág. 117 s. consta o relatório de um magistrado romano de nome Teófano que, por volta do ano 320, viajou do Egito superior a Antioquia da Síria. Deixando de lado a relação sôbre as estações de muda, distâncias, despesas, etc. examinando o inventário das bagagens, onde encontraromos nas listas dos vestimentos êstes nomes: sob o título de "Índice dos panos (= othonion)" vêm enumeradas 17 espécies de coisas feitas de linho entre as quais aparece "1 phakáron" (= sudário) na linha 13, e na linha 17, aparecem "4 sindónia" (= tecido de linho fino ou roupa feita dêsse tecido). Logo "othónia" é um nome genérico sob o qual se pode compreender os "sindónia" e os "phakária" (ou seu sinônimo: soudarion), precisamente como quando nos referimos a u'a mala de "roupa" dentro da qual estão tanto roupas de uso pessoal como roupas de cama. A contradição, portanto, entre os sinóticos e S. João é apenas aparente.

(4) Como veremos ao estudar a formação das impressões, neste mesmo capítulo, E, 2.º — trabalho de Volckring, pág. 30.

Pois existe todo um período obscuro em que a Mortalha (ou Sudário) não aparece, **no qual não pode aparecer**. Era mesmo necessário que estivesse cuidadosamente escondida, para ter escapado a tôdas as ocasiões de destruição. Romanos, persas, medos, partas, devastaram sucessivamente Jerusalém e a Palestina, massacraram ou dispersaram os cristãos, pilharam e demoliram suas igrejas. E o que foi feito da Mortalha?

Nicéforo Calisto escreve em sua História Eclesiástica, que a imperatriz Pulquéria fêz construir, em 436 em Constantinopla a basílica de Santa Maria dos "Blachernes" e ali depositou os panos mortuários de Jesus, recentemente descobertos. É precisamente aí que iremos ver o Santo Sudário, em 1204 (Roberto de Clari). Entretanto, em 1171, segundo Guilherme de Tyr, o imperador grego, Manuel I, Commeno (1122-1180) mostra ao rei Amaury de Jerusalém as relíquias da Paixão: lança, cravos, esponja, corôa de espinhos e a Mortalha que êle conservava na Capela do "Boucoléon". Ora, tudo isto ali está, mais uma Verônica, segundo Roberto de Clari, menos a Mortalha que está em "Blachernes", segundo o mesmo Clari. Convém, de resto, notar que Nicéforo, morto em 1250, escreveu após a tomada de Constantinopla, em 1204, quando a Mortalha desapareceu. Há portanto alguma confusão possível.

Mas, muito tempo antes, S. Bráulio, bispo de Saragoça, em 631, varão douto e prudente, em sua carta XLII ao abade Tayon (5) fala como de cousa conhecida há muito tempo "de sudário que corpus Domini est involutum — da Mortalha (= Sudário) em que o corpo do Senhor foi envolvido". E acrescenta: "A Sagrada Escritura não diz que tenha sido conservado, mas não se pode taxar de supersticiosos aquêles que acreditam na autenticidade dêste Sudário". Um "sudário" que envolveu o corpo de Jesus não pode ser senão u'a mortalha; vê-lo-emos no capítulo do sepultamento. Onde estava ela pois nessa época?

Abramos os três livros do abade beneditino de Iona, Adamnan. "Sôbre os Santos Lugares, de acôrdo com a relação de Arculfo, bispo francês", secção III, cap. X: "de Sudario Domini" (6). Arculfo faz uma peregrinação a Jerusalém por volta do ano 640. Aí viu e osculou o "Sudarium Domini quod in sepulcro super caput ipsius fuerat positum — o Sudário do Senhor que no sepulcro estivera colocado sôbre Sua cabeça". São as mesmas palavras com que se expressou S. João (cf. 20, 7). Ora, êste sudário, segundo Arculfo, é uma comprida peça de tecido que mede, avaliada a ôlho, cêrca de 8 pés de comprimento (= 2,44m.). Não é portanto um lenço mas sim um lençol ou mortalha (= sudário).

O venerável Beda, no comêço do século VIII, também regista êste testemunho de Arculfo em sua História Eclesiástica (De Locis Sanctis). Mais ou menos na mesma época, S. João Damasceno

(5) Patrologia Latina, tom. 80, col. 689.

(6) Publicados por Mabillon, em Acta Sanctorum Ordinis Benedictini.

assinála entre as relíquias veneradas pelos cristãos, o "sindon". Vemos desde logo que "sindon" e "sudarium" são empregados indiferentemente como sinônimos.

Parece resultar de tudo isto que no século VII, a Mortalha ficara em Jerusalém ou voltara para lá e que não foi para Constantinopla senão mais tarde. Quando? Não o sabemos. Talvez antes do século XII, durante o qual alguns peregrinos se referem, ao "sudarium quod fuit super caput eius" naquela cidade; acabamos de ver segundo Arculfo que isto significa a Santa Mortalha. Em todo o caso, já lá estava em 1204 por ocasião da 4.^a Cruzada.

Roberto de Clari, cavaleiro da Picardia, que tomou parte na tomada de Constantinopla, em 1204, nos conduz a terreno já muito mais sólido (7).

Roberto é considerado pelos críticos de história como homem de instrução média, um tanto ingênuo e que se pode deixar embair na política dos altos barões, dos quais estava longe. Mas é testemunha muito atenta e perfeitamente sincera em relação a tudo o que êle mesmo vê.

Ora, escreve êle minuciosamente (pág. 82) tôdas as riquezas e relíquias vistas nos palácios e nas "rikes kapeles" ricas capelas da cidade; especialmente no "Boucoleon" que jocosamente denomina "el Bouke de Lion" (= o estreito de Lião) e em "Blachernes". No "Boucoleon", viu a respeito de Jesus, dois pedaços da verdadeira cruz, o ferro da lança, dois cravos, um frasquinho de sangue, uma túnica e a coroa. Viu também (descrito à parte com a longa lenda de sua formação, quando de uma aparição de Nosso Senhor a um santo homem de Constantinopla) uma "toaille" i. e. um pano com o rosto do Salvador (como a Verônica de Roma) e uma telha (ou placa de barro cozido) onde estava ela decalcada.

Mas foi em "Blachernes" que encontrou o Santo Sudário. Tudo isto escrito naquela rude língua d'oil do século XII, que vive ainda nos atuais dialetos valões. É necessário lê-lo em voz alta, com o sotaque do Norte, talvez ter também sangue valão nas veias, para saboreá-lo plenamente. Em tradução, ei-lo aqui (página 90): "E entre êstes outros havia ali um mosteiro, que chamavam Senhora Santa Maria de "Blachernes", onde estava a Mortalha em que Nosso Senhor foi envolvido; e que cada sexta-feira era levantada e estirada tão bem que nela se podia ver o retrato de N. Senhor. E não soube jamais nem Grego nem Francês o que aconteceu a esta Mortalha quando a cidade foi tomada".

O Santo Sudário foi portanto roubado ou transformado em prêsia de guerra, se se quiser ser indulgente. Ora, segundo os historiadores de Besançon, D. Chamard em particular, u'a mortalha correspondente à descrição de Clari foi consignada, em 1208, às mãos do arcebispo de Besançon, por Ponce de la Roche, senhor do Franco-Condado, pai de Oto de la Roche, um dos principais

(7) *La Conquête de Constantinople*, in *Classiques Français du Moyen Âge*. Ed. Champion, 1924.

chefes do exército borgonhês na cruzada de 1204. Essa mortalha que tem todos os indícios de ser o nosso atual Santo Sudário, continuaria a ser venerada na Catedral de S. Estevão até 1349. Notemos de passagem que Vignon emitiu dúvidas, em seu livro de 1938, sobre a estada em Besançon, mas, apesar disso, continua a ser muito provável a referida estada.

No citado ano de 1349, um incêndio devastou a Catedral e o Santo Sudário desapareceu uma 2.^a vez, só seu relicário é que foi reencontrado. Fôra roubado e êste fato explica provavelmente a falsa pscisão e as aventuras que vai sofrer durante um século. É esta lembrança que gera ainda preconceitos no espírito de certos historiadores, cada vez mais raros, que se recusam a encarar o valor intrínseco do documento e de lhe examinar as imagens, sob o pretexto a priori de que isto não pode ser senão uma falsidade. Seria o mesmo que recusar estudar a lua, porque não lhe veremos jamais senão a metade!

A Mortalha reapareceu 8 anos mais tarde, em 1357, como propriedade do conde Godofredo de Charny que a recebeu como presente do rei Felipe VI. Êste a teria recebido do ladrão, que se supõe ter sido um tal Vergy. Charny colocou-a na Colegiada de Lirey (Diocese de Troyes), fundada por êle mesmo alguns anos antes. Ora, mais ou menos na mesma época reaparece, em Besançon, uma outra mortalha, da qual temos numerosas cópias, e que era evidentemente uma incompleta e má reprodução em pintura da de Lirey. Foi o que demonstraram, sem dificuldade, os enviados da Comissão de Segurança Pública, que a destruíram, de acôrdo com o clero da Catedral, em 1794.

‡ A Mortalha de Lirey não deixou, por isso, de ser alvo das hostilidades dos bispos de Troyes, de início, Henrique de Poitiers, trinta anos, mais tarde, Pedro d'Arcy que se opuseram à sua exposição pelos cônegos de Lirey. Lamentavam-se de que os fieis abandonavam as relíquias de Troyes, para correr em massa a Lirey. Os Charny cêdo retomaram a relíquia guardando-a por trinta anos.

Em 1389, expuseram sua causa ao legado do novo Papa de Avignon, Clemente VII que acabava de iniciar o grande cisma do Ocidente, depois ao próprio antipapa em pessoa. Ambos autorizaram a exposição, não obstante a proibição do bispo Pedro d'Arcy. Depois, por reclamações dêste, Clemente VII acabou por decidir, tentando um arranjo com ambas as partes, que por um lado o bispo não poderia mais se opor às exposições, mas, que por outro se declararia em cada exposição tratar-se de uma pintura representando o verdadeiro Sudário de N. Senhor.

Pedro d'Arcy, em suas memórias, apresenta a Clemente, graves acusações eivadas de rancor contra os cônegos de Lirey a respeito de simonia por parte dêstes. Acrescenta, como se fôsse verdade, que seu predecessor tivesse feito uma pesquisa e recebido a confissão do pintor, autor da Mortalha.

Não se encontrou jamais vestígio algum dessa investigação nem das declarações do pintor. Se algum pintor houve, parece muito provável ter sido o que copiou o Sudário de Lirey para fazer o de Besançon. Na realidade, tôdas as decisões não foram

motivadas senão por questões de interesse particular e pelo argumento do silêncio dos Evangelhos sobre a existência das impressões. Parece que o Sudário nunca foi examinado diretamente, sem parcialidade, pois se teria então visto como se vê hoje, que não tem ele o menor sinal de pintura. Mas o pseudo-papa Clemente VII nunca se mostrou preocupado com isto.

É muito difícil resumir estas disputas um tanto sórdidas. Mas bem parece poder concluir-se que o pobre Sudário não tinha senão um defeito, o de não possuir "autênticas". No entanto, como possui-las se sua presença em Lirey era o resultado de duplo furto, sendo que o 2.º comprometia o próprio rei de França como acoutador de furtos? Foi precisamente a falta de carteira de identidade que, em tôda a parte, ocasionou dificuldades ao último proprietário, Margarida de Charny, quando o levou para Chimay, na Bélgica. Dêste modo, após numerosas peregrinações, em 1452, ela o haveria de doar a Ana de Lusignan, esposa do duque de Saboia.

Foi assim que chegou a Chambéry e tornou-se, o que é ainda hoje, **propriedade** da casa de Saboia, até há pouco reinante na Itália. Queira Deus que chegue um dia a seu pórtio de destino natural, às mãos do Sumo Pontífice, sucessor de S. Pedro e Vigário de Jesus Cristo, o único homem no mundo que tem verdadeiros direitos sobre esta relíquia!

A história do Santo Sudário torna-se daí para cá bastante conhecida. O duque de Saboia mandou-lhe construir uma "Santa Capela" em Chambéry. Sucedem-se as exposições e fazem-no passar, de acôrdo com o cronista Antônio de Lalaing, por estranhas provas para se assegurarem de sua autenticidade. Fizeram-no ferver no óleo e lavaram-no com sabão, várias vezes, sem poder apagar suas impressões: Idéia assombrosa se é que a crônica é verídica, mas que supõe uma decidida e fera vontade de certeza.

Como se os homens não bastassem, irrompeu um incêndio na Santa Capela, em 1532, que por pouco não destruiu a relíquia. Uma gôta de prata derretida queimou um canto do tecido dobrado em seu relicário causando-lhe assim duas séries de abrasamentos que encontramos a intervalos regulares. Felizmente, os buracos ficaram dos lados da impressão central. A água empregada para extinguir o incêndio deixou largos círculos simétricos em tôda a extensão do Sudário. Foi êste o segundo incêndio depois do 2.º furto.

Pelo menos um feliz resultado obteve-se daí: a devassa canônica para estabelecer a autenticidade do Sudário danificado e sua reparação pelas Clarissas de Chambéry, que foi acompanhada de processo-verbal descritivo e minucioso feito por essas virtuosas moças.

O Sudário ainda peregrinou bastante, seguindo as vicissitudes políticas de seu proprietário, chegando, finalmente, em 1578, a Turim, onde S. Carlos Borromeu o venerou. Emitira o voto de ir a Chambéry, mas o duque de Saboia poupou-lhe a travessia dos Alpes de modo que só teve de ir a pé de Milão a Turim.

Foi, depois, colocado na Santa Capela, anexada à Catedral de S. João na mesma cidade de Turim, onde muito raramente é exposta, dependendo isto de permissão especial da Casa de Saboia que não é nada pródiga. As últimas foram em 1898 (primeira fotografia), 1931, e 1933. Esta última foi obtida em razão do centenário tradicional da morte de Jesus (mas provavelmente inexacto) (8).

B) O SANTO SUDÁRIO E OS PAPAS

Vimos a atitude ambígua e manifestamente política do anti-papa Clemente VII. O hipercrítico historiador Ulisses Chevalier, que parece ligar tão grande importância à opinião vacilante de Clemente VII, porque julga nela encontrar argumento contra o Sudário, teria podido com toda a imparcialidade, colocar em paralelo a constante veneração dos papas legítimos posteriores. Desde que a Mortalha foi para Chambéry, Paulo II erigiu em colegiada com doze cônegos a igreja em que o duque Amedeu IX a depositou. Sixto IV, em 1480, outorgou-lhe o título de Santa Capela. Júlio II, em 1506, concedeu-lhe missa e ofícios próprios para sua festa fixada em 4 de maio. Leão X estendeu esta festa a toda a Saboia, e Gregório XIII ao Piemonte, com concessão de indulgência plenária aos peregrinos.

Atestam todos em documentos solenes que essa Mortalha é certamente aquela com que Jesus foi colocado no túmulo. Acrescentam todos que as relíquias da Humanidade do Salvador nela contidas, i.e. Seu precioso Sangue, merecem e exigem veneração e adoração, exatamente aquêlo culto de latria, contra o qual se insurgiam violentamente os dois bispos de Troyes com aprovação do anti-papa Clemente VII. Esta atitude dos papas posteriores cresce muito de importância se considerarmos que muitas das decisões tomadas pelos antipapas de Avignon foram ratificadas depois do cisma, por seus sucessores romanos, legítimos.

Seria necessário citá-los quase todos para enumerar os testemunhos de veneração prodigalizados por eles, as indulgências concedidas ou confirmadas por sua causa. Pio VII se prostrou solenemente diante dêle, em 1814, ao voltar triunfalmente para seus estados. Leão XIII manifestou sua alegria e emoção ao ver a primeira fotografia do Sudário em 1898.

E assim chegamos, para não falar de nosso estimado Papa atual antes que êle próprio não o tenha feito, a S. Santidade Pio XI de veneranda memória. Aquêles que com êle trataram de perto, e eu tive esta honra, sabem que rigorosa e exigente precisão científica tinha êle em um espírito admiravelmente lúcido; só com boas razões sólidamente estribadas em fatos é que se contentava. Vira a exposição de 1898 e se recordava da maciez do

(8) N. do Tradutor: Em vez de "inexacto", seria preferível dizer-se "dis-cu-tido", pois há bom número de exegetas, aliás de grande autoridade, que admitem a morte de Jesus no ano 33.

tecido, delicadeza das sombras, ausência do menor resíduo colorante e impecabilidade da anatomia daquele corpo ali retratado. Mas vivera muito tempo na Biblioteca Ambrosiana, onde imperava o espírito dos Bolandistas, notáveis campeões no extermínio de lendas e falsas relíquias. Estava bem adestrado nesta disciplina, às vezes um tanto cruel. Ora, a partir de 1931, teve consigo e estudou as fotografias de Enrie que conservava a seu alcance de acôrdo com seu costume. Leu tudo o que apareceu sôbre a questão, em particular meu opúsculo "Cinq Plaies" (soube-o de fonte muito segura que por dupla amizade me unia a êle). E o fêz, como sempre, de lapis em punho tomando notas. Chegou mesmo a me dar a honra de querer minha visita. Examinou o problema sob todos seus aspectos como o sabia fazer, conscienciosamente, cientificamente, lentamente. Não ignorava de forma alguma as dificuldades históricas, era sua especialidade; e, além disto, tinha à disposição os arquivos do Vaticano dos quais era o senhor, como os Papas do século XVI tiveram à sua disposição os de Avignon.

Mas, como escreveu o Padre d'Armailhac, "a Providência decidira que fôsse o mais autorizado dentre os Papas, o menos suspeito de piedade ingênua, o melhor documentado que pronunciasse a sentença". Esta sentença, entendamo-nos bem, nada tem de dogmático, de infalível. Trata-se de simples opinião pessoal de ordem científica, mas que se reveste de valor especial pela eminente personalidade do homem unida à dignidade do Pontífice.

Após cinco anos de trabalho e meditação, sua opinião estava formada e, segundo seu hábito, aproveitou a primeira oportunidade para manifestá-la públicamente: costumava em suas alocações enveredar por um digressão às vezes imprevista, até chegar ao assunto que então lhe ocupava a mente. A 5 de setembro de 1936, recebeu a peregrinação de jovens da Ação Católica que voltava do Santuário de Nossa Senhora de Pompéia. Distribuiu-lhes como lembranças imagens do Santo Sudário e lhes disse, depois de lhes ter falado sôbre a Santíssima Virgem: "...estas são imagens de seu Divino Filho e por isto, pode-se dizer, as mais sugestivas, as mais belas e as mais queridas que se possam imaginar. Vem precisamente daquela cousa ainda misteriosa, mas feita não por mão de homem, o que já se pode admitir como demonstrado, que é o Santo Sudário de Turim (ma certamente non di fattura umana; questo già si può dire dimostrato). Dissemos, prossegue êle, misteriosa porque boa dose de mistério ainda envolve êste objeto sagrado; mas é, sem dúvida, **cousa sagrada como talvez nenhuma outra**; e seguramente (pode-se agora reconhecer como averiguado da maneira mais positiva, mesmo fazendo abstração de tôda idéia de fé e de piedade cristã) não é isto certamente obra humana (certo non é opera umana", cf. Osservatore Romano, 7-3 set. 1936).

Conservaria esta opinião até à morte. Formulou-a em termos semelhantes, a 23 de setembro do mesmo ano, aos colaboradores da "Vie Spirituelle". Pouco tempo antes de seu falecimento, aos 3 de fevereiro de 1939, naquela audiência solene em que cele-

brava tantos aniversários, para êle, preciosíssimos, distribuiu ainda imagens da Santa Face tiradas do Santo Sudário.

É que o historiador erudito, o homem de ciência não só contemplou as impressões do Sudário, mas quis também estudá-las. Certamente, S. Santidade não teria referendado esta frase que me dilacera o coração, é ela do bom Padre Jerphanion, cujo esplêndido trabalho sobre as igrejas da Capadócia li com paixão: **“Deliberadamente evitámos nos deter (o grifo é nosso) sobre toda uma série de arrazoados pelos quais se nos mostra como, no Sudário, impressões e traços de tôdas as espécies correspondem às menores circunstâncias da Paixão e do Sepultamento de Cristo”**. Tal ceticismo apriorístico é cientificamente injustificável e não pode ser senão esterilizante.

É a posição precisamente oposta que me parece ser verdadeiramente digna de um sábio, seja qual fôr sua especialidade. As relíquias não provam sua autenticidade a não ser por documentos, atestados solenes, denominados “autênticas”, que se acompanham. Sem tais documentos, não têm elas valor algum real. Gostaria de saber quantas destas relíquias têm autênticas que remontem até suas origens. Precisamente ao contrário, há no mundo, uma só que conservaria todo seu valor ainda que não tivesse base alguma histórica porque as provas de sua autenticidade são intrínsecas. É dentro de si mesma que estão suas “autênticas”. Esta relíquia é o Santo Sudário. Detenhamo-nos pois sobre as impressões e vestígios que encerra.

C) DESCRIÇÃO GERAL

1.º — **O Tecido.** — O Sudário é uma peça de linho de 1,10 m de largura por 4,36 metros de comprimento. Vignon emitiu a hipótese de que êste comprimento tivesse sido outrora maior e que o Sudário tivesse sido encurtado por subtração na extremidade da imagem anterior, feitas pelos imperadores de Constantinopla para donativos. Parece, no entanto, como escreveram Antônio Legrand e o Padre d'Armailhac (9), que nada falta nessa extremidade do Santo Sudário. O exame mais detalhado da imagem anterior das pernas a apresenta com efeito, completa e indo até a extremidade dos pés (Vide capítulo 6.º in fine). Pelo contrário, houve uma subtração lateral, nessa altura, e que foi reparada com peça semelhante à das Clarissas para as partes queimadas.

Pode-se estudar à vontade a estrutura dêsse tecido, graças às fotografias em ampliação direta de Enrie, que fornecem uma superfície 7 vezes maior. Pode-se examinar em todos seus detalhes, melhor do que sob a lupa; e é o que têm feito peritos competentes na França e na Itália. Tem resultado dessas perícias que se trata de tecido de linho urdido em “espinha de peixe”. A confecção de sua textura: “3 liga 2”, necessita um tear de 4 pedais. Comporta, segundo Timossi, especialista de Turim, 40 fios por centímetro para a trama e 25 batiduras por centímetro. É uma tela de linho

(9) Dossiers du Saint-Suaire, nov. 1939.

puro, cerrada e opaca, executada com fio grosseiro e de fibra crua. Isto é muito interessante, porque o exame fotográfico do tecido demonstrou que tôdas as imagens do Santo Sudário resultam de simples impregnação dos fios; impregnação esta que foi facilitada pela característica propriedade do linho de ser excelente absorvente. Este exame elimina definitivamente a hipótese cem vêzes repisada de uma pintura e portanto de uma simulação. Ainda voltaremos às escapatórias dos adversários que a querem fazer uma impressão a tinta. (Vide pág. 36).

Um tecido desta espécie está perfeitamente em seu lugar no tempo de Jesus. Tecidos análogos foram encontrados em Palmira e em Doura Europos. Parece mesmo que o lugar destas teceduras era a Mesopotâmia e, em particular, a Síria. Devia, portanto, ser encontrada no comércio de Jerusalém no ano 30. Foram encontradas, em Antinoé, peças de linho da mesma largura e sensivelmente mais compridas (10).

2.º — **As partes queimadas.** — O que, logo à primeira vista, sempre chama a atenção e atrapalha os principiantes no estudo das impressões, são os vestígios de queimaduras escalonadas dos dois lados das imagens centrais. Sua coloração mais intensa e mais negra eclipsa um pouco as impressões muito mais discretas. As maiores estão dispostas em duas séries de 6, tendo as mesmas dimensões, exceto as 4 últimas que são parciais. Pode-se facilmente deduzir a maneira de dobrar, nos dois sentidos, comprimento e largura, que terminava por uma série de 48 dobras. A queimadura tendo-se produzido em um ângulo da tela dobrada em retângulo, no relicário, atingiu tôdas as dobras e produziu duas séries de buracos. Por felicidade, a queimadura só atingiu um ângulo próximo das bordas laterais deixando intacto quase todo o retângulo central e não destruiu senão as espáduas e os braços da imagem anterior.

Estas partes queimadas estão circundadas por uma coloração ruiva como a do traço de um ferro demasiadamente quente. Tinham êles estragado uma parte da tela em seu centro, partes estas, que foram substituídas por peças novas: trabalho das Clarissas de Chambéry. A água empregada para apagar o incêndio se espalhou pelo tecido ocasionando um círculo carbonizado e produzindo largas zonas delimitadas, também elas, em série simétrica, porém, mediana.

Na mesma direção que as maiores, existem outras queimaduras mais discretas, em séries de pequenas manchas redondas e ruivas. Devem ser atribuídas a outro incêndio anterior. Com efeito, já aparecem na cópia feita em 1516 que se conserva em Lierre na Bélgica, anterior por conseguinte ao incêndio de Chambéry (talvez o incêndio de Besançon).

3.º — **As Dobras.** — Além das queimaduras, pode-se também ficar desconcertado inicialmente por certo número de traços trans-

(10) Vide estudo mais detalhado em Vignor, Saint-Suaire, 1939.

versais (negros sôbre o positivo, porém brancos sôbre os fac-similes da chapa) que riscam as imagens. São simplesmente o resultado das dobras do tecido que se não conseguiu desfazer completamente ao estendê-lo em sua moldura leve. Os traços negros são as sombras dêsse vircos.

4.º — **As Impressões do Corpo.** — Na parte mediana da Mortalha, pode-se notar perfeitamente dois corpos impressos, opostos pela cabeça, que, no entanto, não se tocam. Enquanto o primeiro retrata a imagem anterior de um corpo humano, reproduz o outro a imagem posterior. Na suposição de imagem produzida por um cadáver, a explicação é muito simples. O corpo foi deitado de costas sôbre uma das metades do comprimento da mortalha, que foi em seguida, dobrada por cima da cabeça sôbre a face anterior do cadáver, até os pés. A miniatura de G. B. della Rovere (séc. XVIII) (fig. 1) representa perfeitamente esta manobra. Compreende-se fâcilmente que, tendo o corpo impresso sua imagem sôbre a Mortalha, deve esta estar invertida nas duas impressões.

Como esta particularidade é muito importante, é bom fixá-la bem na mente: Se olharmos um homem de pé face a face, seu lado direito estará à nossa esquerda e vice-versa. É o que vemos no fac-simile da chapa fotográfica, que, invertendo a imagem da Mortalha, nos apresenta o cadáver como se o vissemos diretamente. Mas, sôbre o Sudário, que é por sua vez uma impressão, ou sôbre a prova positiva fotográfica, a imagem anterior se apresentará como se nos olhássemos no espelho, i. e. todo seu lado direito e a chaga do coração, estarão à nossa direita e vice-versa. Da mesma maneira que sôbre a imagem dorsal, o lado esquerdo estará à nossa direita, e vice-versa.

A coloração sépia destas impressões é devida, já o dissemos, ao escurecimento individual de cada fio.

O conjunto revela uma anatomia perfeitamente proporcionada, elegante e robusta de um homem que mede cêrca de 1,80 metro. O rosto, apesar do aspecto estranho de tôdas essas impressões, que logo dão a um fotógrafo a idéia de um negativo, é belo e imponente. Está o rosto enquadrado em duas massas de cabelos, que parecem um tanto repuchados para a frente. Provavelmente a faixa do queixo que conservava a boca fechada devia passar atrás dêsas massas, no alto da cabeça, devia afastar a Mortalha, de onde se explica o espaço livre entre as 2 imagens, posterior e anterior da cabeça.

Os membros inferiores são muito visíveis na imagem posterior, indo até uma impressão perfeita do pé direito. Na imagem anterior, as pernas se sombreiam em sua parte inferior como se o pano estivesse estendido a certa distância dos tornozelos. Mas, veremos melhor todos êstes detalhes ao estudar cada uma das chagas.

O que também chama a atenção no conjunto destas impressões corporais, é sua surpreendente expressão de **relêvo**. Não há um traço, um contôrno, nem uma sombra sequer, e, no entanto,

as formas surgem de modo estranho do fundo. Aliás isto se confirma pelo fato de que nunca vi cópia, pintura ou desenho, que se assemelhe à Face do Sudário. Ao passo que, a medalha em baixo relevo, feita por meu amigo o Dr. Villandre causa a mesma impressão que ela.

5.º — **As Impressões Sanguíneas.** — Estão estas espalhadas por tôdas as partes a merecerem minuciosa análise: chagas da flagelação, da coroação de espinhos, de tôdas as sevícias do processo, do transporte, da cruz, da crucifixão, e até finalmente o ferimento produzido pela lança sôbre o corpo já cadáver, que, em duas etapas sucessivas, lhe esvaziou as veias de todo seu sangue.

Tôdas estas impressões sanguíneas têm coloração muito especial, que sobressai sôbre o sépia das do corpo. São carmineas tendendo um pouco para o violeta pálido, segundo Vignon. Mais ou menos intensas e carregadas segundo as chagas, chegando a variar na extensão da mesma chaga. É isto o que dá uma impressão, às vèzes surpreendente, de espessura variável, como se estivéssemos contemplando o relevo do próprio coágulo de sangue.

Outra particularidade importante: Enquanto sôbre a impressão do corpo tudo está em claro-escuro, em gradação insensível, bordos imperceptíveis; os decalques sanguíneos têm limites muito mais precisos e parecem mesmo muito nítidos nas fotografias reduzidas. No entanto, nas fotografias de tamanho natural, embora guardando esta nitidez e dando esta impressão de maior espessura sôbre os bordos, são vistos às vèzes envolvidos por uma auréola muito mais pálida, por uma espécie de halo. Isto é devido, como o veremos, ao sôro que transuda de um coágulo ainda fresco formado sôbre a pele.

Voltarei constantemente a êste ponto que é capital na questão de imagens sanguíneas, quero nêle insistir desde agora, porque é difícil de ser bem apreendido por quem não estiver familiarizado com o sangue em suas diversas modalidades. **O que imediatamente impressiona um cirurgião e que, em seguida, se confirma por estudo mais atento é o inconfundível aspecto de coágulos formados sôbre uma pele que apresentam todos êstes decalques. Vêde!** É isto para mim, tão evidente que, sem nêles pensar, já vos estou falando de decalques, pois foi assim, como veremos, que se formaram essas imagens sanguíneas.

Quando escrevia, em maio de 1933, meu primeiro artigo sôbre as chagas das mãos, não tinha então como documentos, de resto excelente, senão as fotografias. Tôdas as imagens eram portanto de côr negra de diversa intensidade. Os autores, especialmente, Noguier de Malijay, insistiam sôbre a monocromia da Mortalha, apesar de testemunhos antigos e respeitáveis, como o das Clarissas de Chambéry. Por isso, depois de ter visto o Sudário à luz do dia em 1933, escrevi na 1.ª edição do opúsculo “Cinq Plaies du Christ”, o seguinte:

“Por ocasião da última exposição, feita em 1933, por concessão extraordinária em razão do ano jubilar da Paixão, fui a

Turim e pude, aos 14 de outubro, estudar demoradamente, o Santo Sudário, tal como estava exposto na Catedral sôbre o altar-mór, em sua moldura monumental, alumiado por fortes projetores elétricos. A imagem era exatamente tal como fôra descrita, sépia; as chagas eram simplesmente mais carregadas que o resto, destacando-se mais ou menos sôbre o conjunto uniforme das duas imagens humanas.

“Mas, no Domingo, 15 de outubro, dia do encerramento, desceam a relíquia da pesada moldura onde fôra exposta, protegida por um vidro; e 25 prelados levaram-na solenemente em sua moldura leve até à escadaria externa da Catedral para apresentá-la à veneração da grande multidão reunida na praça, por detrás de duplo cordão de soldados de infantaria. Estava eu diante destes, sôbre os degraus da escadaria, e S. Eminência o Cardial Fossati, arcebispo de Turim, teve a bondade de fazer repousar o painel na beira da escadaria por alguns minutos para que a pudéssemos contemplar cômodamente. O sol acabara de se pôr por detrás das casas do outro lado da praça; a luz viva, porém difusa, era ideal para a observação. Vi, pois, a Mortalha em pleno dia sem interposição de vidro, a menos de 1 metro e experimentei bruscamente uma das mais fortes emoções de minha vida, porque divisei, sem que o esperasse, que tôdas as imagens das chagas tinham côr nitidamente diferente das do conjunto do corpo e fôra esta côr de sangue ressequido que impregnara o tecido. Não se tratava, portanto, como o restante, de tingidura do Sudário reproduzindo o relêvo do cadáver.

“O próprio sangue tingira o tecido por contacto direto: e eis a razão pela qual **as imagens das chagas são positivas enquanto todo o resto é negativo.**

“Para um profano em pintura, era difícil definir a tinta exata, mas o fundo era vermelho (carmíneo levemente tendente para o violeta, dizia M. Vignon, que era pintor e fino no emprêgo das côres), mais ou menos esmaecido segundo as chagas; mais acentuado no lado, na cabeça, nas mãos e nos pés; mais pálido, embora muito perceptível, sôbre as inumeráveis chagas da flagelação... Mas o cirurgião compreendia, sem poder disso duvidar que fôra sangue o que impregnara êsse tecido e **êste sangue era o sangue de Jesus Cristo!**

“De longa data conheço os italianos e suas vivas reações me são muito simpáticas, mas confesso que nesse dia fiquei surpreso: a multidão se limitou a aplaudir.

“Quanto a mim, transtornado em minha alma de católico e de cirurgião por uma tal revelação repentina e subjugado por esta presença real, que se impunha a mim como uma evidência, dobrei os joelhos e adorei em silêncio.”

Reprovaram-me, com uma ironia que me contrista por seus autores, esta frase: “O cirurgião compreendia, sem poder disso duvidar, que fôra sangue o que impregnara êste tecido”. Terei talvez pecado por excesso de concisão, mas sou menos ingênuo do que posso parecer. Ou antes, há pessoas que não sabem ler e

outras que não querem ler. Acrescentei, por isso, na 2.^a edição, este parágrafo:

"Uma prova rigorosamente científica de que estas manchas sejam de sangue exigiria, sem dúvida, (se fôsse permitido) exames físicos ou químicos, por exemplo, a pesquisa ao espectroscópio dos raios da hemoglobina ou de seus derivados. Mas, uma vez provado que as outras imagens não são produto de mão humana e que esta Mortalha envolveu um cadáver, esses vestígios de chagas, tão ricos em minúcias tão verdadeiras quão imprevisitas, poderiam ter sido coloridos por outra cousa que não o sangue?"

Tendo mais espaço em um livro do que em um opúsculo, desenvolverei meu pensamento, tanto mais que me levará este desenvolvimento a insistir sobre um dado capital para a compreensão das imagens sanguíneas, i.e. a sua própria formação. Estudá-la-emos um pouco mais adiante, no artigo E, 1.^o, d'este mesmo capítulo.

D) FOTOGRAFIAS

A este respeito só darei as indicações essenciais. Creio que não seria capaz de aconselhar demais ao leitor interessado por elas que procurasse o livro de meu amigo Giuseppe Enrie, fotógrafo oficial do Santo Sudário (a quem devemos tão preciosos instrumentos de trabalho), "La Santa Sindone rivelata dalla fotografia". Pode-se ler também em francês, na excelente tradução de meu saudoso amigo M. Porché (Librairie du Carmel, 27, rue Madame, Paris — VI). As provas destas fotografias só poderão ser adquiridas diretamente do fotógrafo Enrie, (Via Garibaldi, 26, Turim. Na França há um representante na citada livraria).

1.^o — Técnica. — Enrie tirou doze fotografias, sendo nove do Santo Sudário fora de sua moldura e exposto diretamente, com a iluminação de 16.000 velas, convenientemente distribuídas. Três visavam o conjunto da tela, sendo que a maior é de 12 x 47 em chapa de 40 x 50. As outras são fotografias de detalhes: duas Santas Faces, das quais uma era 2/3 do original e a outra em tamanho natural; uma Santa Face com a parte superior do peito, também 2/3 do original, sobre chapa de 40 x 50; uma das costas sobre chapa de 40 x 50. Enfim uma fotografia em ampliação direta da chaga da mão, com a superfície aumentada sete vezes, o que nos permitiu estudar a textura do tecido em todos seus detalhes. A última dá o conjunto da exposição.

Tôdas estas fotografias foram tomadas em chapas ortocromáticas. Os técnicos encontrarão todos os detalhes no livro de Enrie. Acrescentemos que, como era natural, estas fotografias não receberam retoque algum nem sofreram outro tratamento que o da revelação comum. Sem falar da consciência escrupulosa de meu amigo Enrie, o fato foi atestado, perante tabelião, por um comissão de peritos em fotografia. Tôdas as reproduções, para garantir a autenticidade, são visadas por Sua Ema. o Cardeal

Fossati, arcebispo de Turim. De resto, tôdas as minúcias destas fotografias oficiais são confirmadas por numerosas chapas de amadores tiradas durante as exposições de 1931 e 1933, inclusive ao ar livre, no dia do encerramento, e disto bem sei alguma cousa.

Resumamos pois rapidamente o que se vê nessas fotografias.

2.° — **Resultados.** — Em duas palavras: na chapa fotográfica, tudo que é imagem do corpo é nitidamente positivo, como costuma ficar a reprodução fotográfica comum sôbre papel de cópia, quando se fotografou uma pessoa. Aqui dá-se o contrário, já na própria chapa aparece o positivo, ao passo que a reprodução sôbre papel de cópia é que nos fornecerá a imagem negativa, tal qual, portanto, como está no Santo Sudário. Logo o corpo impresso no Santo Sudário é um negativo e tem tôdas as características de uma chapa fotográfica comum; todos os valores estão ali invertidos: o negro aparece branco e o branco negro. A única diferença, é que o Sudário, imagem negativa, não apresenta sombra alguma projetada, como sempre se encontra, em objetos normalmente fotografados.

Pelo contrário, e isto é de suma importância, as partes quemadas (como é evidente) e tôdas as imagens sanguíneas, são claramente positivas sôbre o Sudário, e aparecem, na chapa fotográfica, tôdas em branco. Constituem elas, portanto, no Sudário, imagens positivas, normais. O fundo, que é a tela, naturalmente aparece em negro na chapa. De tudo isto resulta uma consequência capital: As impressões corporais são resultado de processo que, se fôr natural, como o julgamos, tem semelhança com o fenômeno, fotográfico. As imagens sanguíneas, pelo contrário, foram feitas por contacto direto, são decalques de coágulo, mas a isso ainda voltaremos.

Não me será possível resumir com clareza tôdas as considerações de Enrie, será necessário ler seu livro. Uma palavra, no entanto, para explicar que dos fac-similes de suas chapas fotográficas, aquêles que dão um aspecto positivo normal, por exemplo da Santa Face, participam igualmente da impecabilidade das chapas originais. Também aqui, não houve manipulação alguma. A chapa é reproduzida, não sôbre papel, mas sôbre outra chapa sensível (como para os diapositivos que são vistos por transparência ou mediante projeção numa tela, como nos filmes de cinema). É este diapositivo que apresenta o Sudário tal qual é, que serve de chapa para reproduzir sôbre papel a chapa primitiva.

3.° — **Conclusões.** — Reproduzirei aqui apenas as conclusões tiradas pelo próprio Enrie, à pág. 50:

a) A exatidão dos valores negativos da impressão é absoluta; as características desta imagem singular, que não foi feita por mão de homem, são exatas em todos os pontos, menos nas manchas de sangue.

b) A imagem está isenta do menor vestígio de tinta, de traços de pincel ou outros artificios de desenhista ou de falsário.

c) O claro-escuro, distribuído em tôdas as partes, não tem traços nem pontilhados, mas sim esmaecimentos especiais e gradações insensíveis, que lembram os processos fotográficos.

d) As manchas de sangue, que são positivas sôbre a imagem negativa do Redentor, estão, pelo contrário, nitidamente desenhadas e apresentam as características de impressão formada por contacto: oferecem por isso, em sua estrutura, irregularidades que evocam perfeitamente a natureza.

e) A anatomia e a plástica são verdadeiras e corretas: as características fisionômicas acusam a personalidade e a raça; não foram alteradas por graves inchações nem por uma fratura do nariz, como se julgara, inicialmente, pelas fotografias de 1898, para as quais o tecido não fôra cuidadosamente distendido. — (Enrie me perdoará, mas além de escoriações e chagas, há realmente, uma tumefacção da região zigomática direita e uma fratura na **parte cartilaginosa** do nariz, em sua região dorsal).

f) As partes correspondentes às sombras estão absolutamente isentas de impressão, porque deixam ver a tela intacta.

g) O fac-simile do negativo fotográfico dêsse rosto põe em relêvo a exatidão maravilhosa dos valores negativos da impressão, porque nos revela, não sômente uma forma qualquer, mas seu conteúdo espiritual: a expressão.

Não quero insistir sôbre esta última conclusão. Peço ao leitor que contemple as imagens muito mais eloqüentes do que a minha pena. Nesse rosto nitidamente semita, encontra-se, apesar das torturas e das chagas, uma tão serena majestade que dêle ressalta uma impressão inexprimível. Para o compreender um pouco é necessário recordar que, se nesse corpo a Humanidade acaba de morrer, a Divindade continua sempre presente, com a certeza da ressurreição aliás bem próxima.

Nenhum artista conseguiu jamais executar um Rosto que conseguisse se aproximar dêsse. Não serei tão cruel que vá lembrar as cópias ou imitações que Dêle já tentaram fazer, mas... com que resultados! Como dizia Virgílio a Dante no cântico do Inferno: "Non ragioniam di lor, ma guarda e passa — Não falemos dêles, mas olha e passa adiante".

E) FORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES

1.º — **Impressões sanguíneas.** — Começaremos por elas porque, na realidade, são as únicas das quais podemos, de modo certo e quase completo, reconstituir a formação. Este "quase", um verdadeiro cristão já o terá adivinhado, evoca as circunstâncias da Ressurreição, que é um mistério. Os próprios hiper-críticos não exigirão que eu lhes forneça disso uma explicação científica.

Os vestígios sanguíneos da Mortalha não são, como as impressões corporais, imagens gráficas. Não quis dizer fotográficas por ignorarmos a maneira de sua formação: não sabemos se alguma luz nela teria tomado parte; em todo o caso, como vimos, são muito vizinhas dos negativos fotográficos. As impressões san-

guíneas não são imagens, são decalques; foram formadas com sangue. Mas sob qual forma? Sangue líquido ou coagulado? Coágulos já secos ou coágulos recentes, em ponto de exsudar seu sôro?

Afastemos logo uma idéia falsa encerrada em expressão por mim ouvida com demasiada freqüência na bôca de um dos mais antigos e firmes defensores do Santo Sudário: "um fluxo de coágulos". Por mais que a estivesse esperando, sempre tinha um sobressalto, cada vez que a ouvia. Não! um coágulo formado sôbre a pele nela se gruda e ali mesmo seca.

Outra cousa: um coágulo nunca se forma dentro do corpo ou, com mais exatidão, nas veias onde o sangue fica sempre líquido. O "trombo" que se forma nas veias atingidas de flebite é, anatomicamente diferente; além disto não se produz a não ser em veias doentes, que não é o caso presente.

O sangue, como veremos por ocasião do exame da chaga do coração, continua líquido nos cadáveres. onde fica alojado nas veias: por ocasião da morte, as artérias, pelas últimas contrações dos ventrículos e própria elasticidade, vertem-se nos capilares e veias. Nas veias, fica líquido por muito tempo, praticamente até a putrefação. E mesmo ali, continua vivo durante algumas horas e suscetível de ser transfundido em outro homem vivo.

Quando o sangue sai das veias por um ferimento e é recolhido em algum recipiente, pode-se ver como rapidamente se coagula, i. e. se condensa em uma espécie de geléia vermelha que se chama coágulo ou grumo. Este coágulo forma-se pela transformação do fibrinogênio, que é uma substância dissolvida no sangue, em outra substância sólida, a fibrina, que encerra em suas malhas os glóbulos sanguíneos, de onde provém sua coloração vermelha. A coagulação se produz em tempo muito curto que não passa de poucos minutos. Secundariamente, o coágulo se retrai e exsuda sua parte líquida, o sêrum ou sôro. Em seguida, pouco a pouco vai secando.

Portanto se o sangue, tanto de um vivo como de um morto, sair por ferimento da pele, boa parte correrá em estado líquido por sôbre a pele e, seguindo a gravidade, pode cair no chão. Uma parte, graças à viscosidade de que é dotado, fica aderente à pele (em maior quantidade se esta estiver em plano horizontal) e, sôbre esta pele, se coagula rapidamente. Prolongando-se a hemorragia, novas camadas de sangue líquido se sobrepõem às precedentes e ali se coagulam sucessivamente. Se o sangue encontrar em sua descida, algum obstáculo, se acumulará em volta dêle e, como consequência, ficará o coágulo mais espesso nesse nível.

A contração do coágulo, com expulsão de sôro após ressequimento, se produz tanto sôbre a pele como em recipientes. Mas, em superfície ampla e camada delgada, êste ressequimento é evidentemente, mais rápido.

É claro que estas explicações elementares se destinam aos leigos em medicina. Pareceram-me indispensáveis, por ter tão freqüentemente, verificado graves incompreensões mesmo entre gente culta. Vê-se, portanto, que a Mortalha pôde ser manchada, seja por

sangue líquido, seja por coágulos ressequidos. Vê-se também que a circunvizinhança do coágulo, se éste estiver ainda fresco, pode ser manchada pelo sôro exsudado. A qual dèstes casos pertencem nossas impressões sanguíneas?

Que tenham sido produzidas por sangue líquido, parece muito pouco provável, com talvez uma única exceção: as hemorragias das chagas dos pés, durante o transporte e na estada no túmulo, que escorreram em direção aos calcanhares. Aliás, a maior parte se coagulou nas plantas dos pés e éstos coágulos ficaram decalcados na Mortalha quando ainda frescos. No entanto, uma parte correu fora dos pés pelas dobras da Mortalha, percorrendo-as de um lado a outro, para formar as imagens simétricas que ainda haveremos de encontrar mais adiante.

Alguns coágulos deveriam estar ainda bastante frescos para se conservarem úmidos. Será talvez o caso do grande coágulo anterior da chaga do coração, por causa de sua espessura. Certamente, no caso dos coágulos do grande fluxo transversal posterior (vide cap. 8.^o), formados nas pregas de um pano retorcido em forma de corda e passado por sob os rins durante o transporte do corpo para o túmulo. A maior parte dèste sangue saído pela chaga aberta, deve ter caído no chão, pelo caminho. Só a pequena parte que pôde atingir a pele por entre as pregas daquêle pano torcido e aí aderir por efeito de sua viscosidade, nela se coagulou em sinuosidade múltiplas, característica do fluxo dorsal. Todos éstos coágulos estavam, evidentemente, frescos quando depositaram o corpo sôbre a Mortalha; de modo que foram decalcados muito facilmente, com abundância de sôro em volta dos decalques.

A maioria dos coágulos estava mais ou menos ressequida no momento do sepultamento. Como se explica então que também éstos tenham sido decalcados? Deve-se recordar que o cadáver, uma vez preparado, ficava herméticamente fechado, na mortalha e demais panos, e tudo impregnado por cêrca de 30 kg de mirra e aloés, e assim o envoltório era praticamente impermeável. Convém ainda não se perder de vista que o cadáver continuou a exsudar vapor de água por muito tempo. Com freqüência se esquece que tôdas as células do cadáver continuam a viver por conta própria, tanto as da pele como tôdas as outras e morrem individualmente, após intervalos diferentes. Se as células nobres, as células nervosas, são as mais frágeis, as outras sobrevivem bastante tempo; a morte total não começa a não ser com a putrefação. Ora a Fé nos diz que Jesus não conheceu a corrupção e a Mortalha inteira nos confirma nesta certeza. Por outro lado, tôdas as chagas, tôdas as escoriações de que o corpo estava coberto continuavam a ressumar um humor aquoso mais ou menos infecto como sôbre o vivente, mas líquido.

Segue-se de tudo isto que o corpo estava mergulhado em uma atmosfera aquosa que tornaria a umedecer os coágulos sôbre a pele e sôbre tôdas as outras chagas, o que nos vem então explicar o caso dos coágulos frescos, **mas sem sôro**.

Note-se porém que não pretendo afirmar com isto que a fibrina torne a se liquefazer, que é cousa completamente diferen-

te. Vignon, inteiramente compenetrado por sua teoria aloético-amoniacal das impressões vaporográficas (teoria que de resto, a partir de 1938, já o satisfazia bem menos), pensava que o amoniaco tivesse dissolvido a fibrina e reliquefeito os coágulos. Fêz a experiência colocando coágulos em ambiente impregnado de solução amoniacal. Em todo o caso isto não mais teria sido um sangue normal, vivo, mas sim um liquido colorido, capaz de escorrer mas incapaz de se tornar a coagular. O derramar-se a escorrer de tal liquido, fazendo-se em posição horizontal no túmulo, teria tido conseqüências desastrosas para nossas imagens sanguíneas; e, na realidade, não há sinal de que algum liquido colorido tenha escorrido por sôbre a Mortalha, onde não há senão coágulos decalcados.

A hipótese de Vignon não pode, portanto, explicar nossas imagens sanguíneas; pelo contrário, aquêle tal liquido só poderia manchá-las. Há, porém, ainda alguma coisa a mais nessa hipótese, que peca pela base, exatamente como sua teoria da coloração amoniacal do aloés. A fibrina pode, com efeito, dissolver-se em solução amoniacal, mas não vejo amoniaco na Mortalha.

Há realmente ali um pouco de uréia, deixada pelo suor que secou sôbre a pele(?); mas lembremo-nos de que há também uréia no sangue e na linfa ressumada das chagas. Na melhor das hipóteses, a quantidade de uréia não seria muito considerável. Mas, sobretudo, esta uréia não tem nenhuma das propriedades do amoniaco. É necessário que se transforme em carbamato, depois em carbonato de amoniaco. Ora esta transformação que se faz na urina exige tempo assáz longo, o que não coincide com a relativamente curta permanência no sepulcro. Exige além disso a presença de um micro-organismo especial, o "micrococcus ureae". Não aparece razão alguma para que estivesse à superfície no corpo. Meu amigo Volckringer, farmacêutico do Hospital de S. José, fêz a experiência de colocar uréia sôbre uma pele de animal: os vapores amoniacais não apareceram senão depois de 20 horas. A reação se retarda e mesmo se interrompe na presença de todos os antissépticos, por fracas que sejam, o aloés por exemplo! Tudo isto não é muito encorajante para a hipótese de Vignon.

Portanto, as duas condições para a formação do amoniaco: tempo e fermento, não se realizaram no caso da Mortalha, e foi isto que sempre me deixou cético em relação à teoria amoniacal.

Muito pelo contrário, parece-me que coágulos mais ou menos ressequidos podem, em atmosfera úmida, se reumedecer suficientemente, sem liquefação da fibrina, para formar uma espécie de pasta mais ou menos mole. Assim transformados, ficam perfeitamente aptos a impregnar o pano com que estiveram em contacto e nêle produzir êsses decalques de bordos nítidos, reproduzindo a forma dos coágulos.

Tinham êsses decalques uma coloração tanto mais intensa quanto maior era a espessura do coágulo. Vignon observou muito bem que sôbre uma gôta de sangue coagulado que se contrai, a espessura é maior na periferia do que no centro. É por isto que

se explica por que muitos dêesses decalques estejam bem coloridos na periféria deixando no centro uma zona menos colorida.

Foi assim que, a meu ver, se formaram tôdas ou quase tôdas as imagens sanguíneas. — Mas terei que voltar ainda às imagens produzidas por fluxos de sangue líquido e às possibilidades que o sangue em estado líquido teria fornecido a um falsário engenhoso. Quem tem alguma experiência, sabe que as manchas de sangue sôbre um pano não ficam imutáveis, sobretudo se este pano não foi preparado com perfeição e é um tecido um tanto grosseiro. Sôbre uma compressa, um campo operatório, vemos uma gôta de sangue se difundir rapidamente; a mancha se espalha embebendo o tecido, porém o faz mais rapidamente em certos sentidos de acôrdo com a direção dos fios do tecido. Por exemplo, se a textura é uma trama simples, em cruz, como é o caso habitual, vê-se, em tôrno de uma zona central mais ou menos redonda, desenvolverem-se quatro pequenos prolongamentos que seguem os fios da urdidura e do liame, desenhando assim uma cruzinha vermelha.

O fenômeno é mais notável ainda se em vez de sangue, se derrama um líquido mais volátil como tintura de iôdo: fica a tela constelada por pequenas cruces pardas. Quanto mais hidrófilo fôr o fio tanto mais ficará acentuada esta difusão irregular e dirigida. Ora, o fio de linho com que foi tecida a Mortalha, grosseiramente fiado e com fibras cruas, como já vimos, é excelente absorvente.

Pode-se notar, com efeito, sôbre os dois líquidos que estão sôbre a Mortalha, por fora das plantas dos pés, que os bordos em vez de terem a nitidez dos decalques dos coágulos da mão ou da fronte, por exemplo, são irregulares e denteados. Seria interessante uma fotografia em ampliação direta para ser comparada com a que fêz Enrie do punho. Sôbre esta, com efeito, vê-se claramente que a coloração da impressão sanguínea está constituída unicamente pela impregnação de cada fio, que conserva sua forma e sua autonomia. Nenhum empastamento nem a menor espessura de colorante pode-se perceber entre os fios da trama.

Segue-se ainda dêste detalhe que um falsário teria obtido muito mau resultado se, para simular suas impressões sanguíneas, tivesse usado sangue como colorante. Nunca teria conseguido executar aquelas manchas do Santo Sudário, de bordos nítidos, que reproduzem com fidelidade inigualável a forma dos coágulos que se formaram naturalmente sôbre uma pele. Isto, entre parênteses, já cortará antecipadamente as asas à escapatória que não deixará de aparecer entre as fileiras dos adversários do Santo Sudário, no dia em que os exames físicos, que reclamamos há tanto tempo à inércia dos proprietários, provarem cientificamente que a coloração das manchas é de origem sanguínea.

Na falta destas experiências decisivas, foi precisamente, o estudo destas imagens dos coágulos que me levaram à convicção de que eram, sem sombra de dúvida, decalques diretos de sangue coagulado. A título de exemplo vou descrever um dêles mais detalhadamente, a propósito da coroação de espinhos (Vide cap. 4.º, D).

Mas, como se pode perceber facilmente, não poderei fazer a mesma demonstração para tôdas e para cada uma das imagens sanguíneas. Para qualquer cirurgião são de um realismo impressionante, tal como nunca vi em pintura alguma.

Todos os pintores, além de representarem chagas sem relação com a realidade, pintam, em geral, fluxos de sangue com bordas mais ou menos paralelas, e ainda nos daremos por felizes quando forem respeitadas as leis da gravidade, fazendo-os descer por exemplo da mão para o cotovelo. Mas isto é sangue líquido que flue, não são coágulos. E, crêem êles serem desta forma realistas.

Sobre a Mortalha não há sangue que tenha escorrido; só há coágulos decalcados; que representam a parte do sangue que se coagulou sobre a pele, ao escorrer sobre ela. Se, algumas vezes, falo de fluxos ou derramamentos de sangue, ao descrever o Santo Sudário, é porque êstes coágulos lembram, no passado, o sangue que foi derramado e escorreu sobre a pele: da mesma forma que uma bela caligrafia evoca em sua imobilidade o movimento da pena que a traçou.

As pinturas que pretendem ser as mais realistas são, na realidade, as que contêm os erros fisiológicos mais grosseiros. Aliás, esta regra ultrapassa largamente o campo dos vestígios sanguíneos. Geralmente, quanto mais o autor de um Crucifixo se esforça em representar, para nos comover, as atrocidades do suplício, mais se afasta da verdade. Sei que me exponho à lapidação, mas é necessário que o diga: se aprecio o valor pictório de um Grünewald, as contorsões de seu Crucificado, são para mim simplesmente grotescas. A Paixão, garanto-vos eu, é muito mais simples e infinitamente mais trágica do que isso.

Compreende-se agora o que escrevi depois da exposição de 1933, no opúsculo "Les Cinq Plaies". Já sabia, pelo estudo dos vestígios sanguíneos, que fôra verdadeiramente sangue o que formara essas imagens de coágulos. Reconhecera-as logo como quem reconhece um semblante familiar ao contemplar sua fotografia. Estava, no entanto, erradamente convencido de que êsses sinais tinham a mesma cor que o resto. Não vira eu, com efeito, imagens monocromas sobre o Santo Sudário, à luz elétrica? Repentinamente, à luz do dia, as vi com aquela coloração carmínea que veio juntar um último argumento a minha convicção já firme. Bem que tinha, portanto, o direito de escrever, sem descartar, está claro, ulteriores determinações e pesquisas científicas: "O cirurgião compreendia, sem poder disso duvidar, que era sangue o que impregnara êsse pano, e êsse sangue era o sangue de Jesus Cristo". Minha atitude era então certamente mais científica do que a daquêles que se recusam a olhar para o Santo Sudário.

Será que acabamos com isso o estudo dêsses coágulos? Mas, qual! ainda estamos longe e restarão sempre imensas dificuldades por resolver. A espectroscopia, as fotografias em tôdas as faixas do espectro, em particular no infra-vermelho, a radiografia, e tudo o mais que pudermos imaginar além disso, uma vez que o exame químico parece quase impossível de se obter; tôdas

estas pesquisas dir-nos-ão talvez um dia que um cadáver coberto de chagas permaneceu durante umas tantas horas nessa Mortalha. Nada, porém, nos conseguirá explicar **como dela saiu**, deixando intactas e belas, sôbre êsse Sudário a cópia impressa de seu corpo e os vestígios de seu sangue derramado. Um homem não conseguiria produzir resultados como êsses, mesmo com o cadáver de outro, sem os estragar.

Eis um fato que Vignon já ilustrou convenientemente. Quando se decalca um coágulo sôbre um pano, e, em seguida, se decola, sômente uma parte do coágulo permanece fixada sôbre o pano, a outra fica sôbre o suporte. Haverá, portanto, necessariamente furos e falhas nas imagens dos coágulos sôbre o pano. Ora, os decalques que ficaram no Santo Sudário estão perfeitamente intactos, inteiros, reproduzindo a familiar imagem de um coágulo normal. No atual estado de nossos conhecimentos, (não quero julgar o futuro), isto é cientificamente inexplicável.

Bem sabemos que êsse corpo ressuscitado, glorioso, podia tão facilmente libertar-se da Mortalha como entrar no Cenáculo "januis clausis — de portas fechadas". — Esta última dificuldade nos faz tocar com o dedo, humanamente falando, uma quase impossibilidade material. Neste caso, a ciência só tem que se calar porque isto não estará mais sob seu domínio. Mas, o sábio, êste sim, poderá pelo menos entrever aí uma prova tangível da Ressurreição.

Quando imprimi a 1.^a edição de "Les Cinq Plaies", fui à Escola Prática, levá-la a meu velho amigo, o Professor Hovelacque para que a lesse. Era êle um verdadeiro apaixonado pela anatomia, que ensinava na Faculdade de Paris, mas estava longe de ser um crente. Aprovou com crescente entusiasmo minhas experiências e conclusões. Quando acabou de ler, depositou o opúsculo e, meditando, ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, explodindo de repente, com aquela bela franqueza que consolidara nossa amizade, exclamou: "Mas, então, meu velho?... Jesus Cristo ressuscitou!" Raramente em minha vida tenho tido emoções tão profundas e tão doces como a provocada por essa reação de um incrédulo perante um trabalho puramente científico do qual tirava êle mesmo as incalculáveis conseqüências. Espero que Deus lhe tenha dado uma recompensa por esta lealdade, quando morreu, alguns meses mais tarde.

2.º — Impressões corporais. — Digamos logo que se sabemos perfeitamente o que não são estas impressões, não temos, no entanto, idéias muito precisas sôbre a **maneira pela qual** se formaram. Poderemos talvez acrescentar: não sabemos **quando** apareceram. Lembra-me isto o conhecimento negativo de Deus, tão bem exposto por S. Boaventura.

O que elas não são? Uma burla, uma fraude, uma obra produzida pela mão de homem. — Confesso que tenho dificuldade em conceber que ainda se possa contestar isto. Esta pintura poderia ter sido feita, o mais tardar no século XIV, quando reapareceu o

Santo Sudário em Lirey. Será necessário repetir mais uma vez tôdas as impossibilidades que suscita tal hipótese? Contém esta pintura uma imagem negativa, concepção inimaginável até a relativamente recente descoberta da fotografia. Nem se objete que o Santo Sudário tenha sido invertido pelas Clarissas de Chambéry; a copia de Lierre, que é anterior ao trabalho destas religiosas, já apresenta a chaga do coração à esquerda da Mortalha. Este negativo é tão difícil que todos os copistas antigos se esforçaram por reproduzi-lo interpretando-o em imagem positiva, o que desvirtualizava todos os detalhes. Mesmo os artistas modernos que copiaram o Santo Sudário com perfeito conhecimento do assunto, como Reffo e Cussetti, não conseguiram reproduzir as características do verdadeiro Sudário: suas cópias que, de resto, têm grande semelhança com o original, apresentam em suas chapas, fotogrâficas imagens positivas muito diferentes das do Sudário. Deve-se isto ao fato de que aos claros-escuros do Sudário, constituídos negativamente, são de uma perfeição absoluta; e assim pintor algum consegue executá-la como o faz a natureza ou a objetiva fotogrâfica.

Já o vimos, não há vestígios de pintura nem mesmo sôbre a fotografia, em grande ampliação direta, feita por Enrie. — Creio que não será demais insistir para me fazer compreender e para ressaltar o valor do argumento: não se trata da ampliação de uma fotografia, mas sim da ampliação e diretamente feita por meio de um aparelho apropriado que projeta diretamente sôbre a chapa uma imagem ampliada 7 vezes em sua superfície como a que projetaria sôbre o olho humano uma lupa de igual poder. — Estas imagens, como já observou Viale, Diretor Geral dos Museus Cívicos de Turim, não têm estilo natural; são impessoais. Particularmente, nenhuma relação têm com algum estilo medieval francês nem piemontês.

Como ousaria um artista, ao executar um Sudário para veneration pública, nêle pintar, fato verdadeiramente único, um Cristo completamente nu? Como se arriscaria a contradizer tôda a iconografia tradicional, com um cravo no carpo, com o polegar escondido na palma da mão e que os copistas do Sudário muitas vezes restabeleceram, com um Crucificado que não mostra senão u'a mão e um pé perfurados e aquêlê estranho fluxo sanguíneo posterior? Como teria podido imaginar, sem saber uma única palavra da fisiologia sanguínea, coágulos tão verídicos e como têlos-ia conseguido pintar em uma tela não aparelhada? Todos os artistas, unanimemente, nos pintam fluxos de sangue, nenhum teve jamais a idéia de pintar coágulos.

Não perderemos muito tempo com a objeção da pintura que, pouco a pouco, se tivesse transformado de positiva em negativa por alteração química (ou qualquer outra) das côres, uma vez que já foi doutamente reduzida a nada por Enrie. As partes mais escuras da chapa fotogrâfica não correspondem no Sudário senão à tela nua; ora, uma côr inexistente não pode se inverter. De resto, já contemplei umas vinte vezes o Cimabue de Assis, que não tem relação alguma com um negativo como o do Sudário.

Como conclusão devemos reconhecer simplesmente que não se pode sequer pensar em pintura. Os adversários da autenticidade o sabem tão bem que, prazentemente, retrocedem logo indo buscar abrigo nas trincheiras da tintura ou da imagem obtida por contacto ligeiro, como a do pintor Clemente. Vi esta imagem, não na obra do Padre Braun, mas no próprio original. Não há ali senão um decalque grosseiro. O assim chamado negativo tem um claro-escuro sem delicadeza, sem gradação nas côres, em nada comparável tènicamente à Santa Face do Sudário. Também aqui se apresentam tôdas as objeções contra a possibilidade de tal impressão no século XIV, na falta de uma estátua completa ou equivalente. Não se trata de apreciar a impressão desbotada que se obteria com algumas manchas de côr. Já vimos que reproduções de coágulos, como os do Sudário, não podem ser executados com colorante algum. Clemente, na realidade, não o tentou. É de passar o ver-se pessoas duntas (talvez demasiadamente duntas para se deixarem levar por gracejos) considerar como experiência científica o que não passa de divertida caricatura de "atelier". Passemos às cousas sérias que estas ainda nos reservam bastantes dissabores e incertezas.

Estêve portanto um cadáver nessa Mortalha. — Por que deveria ter sido o de Jesus Cristo e não o de outro homem? Eliminemos logo e ràpidamente esta objeção repetida com freqüência. O cadáver que nela estêve depositado tem todos os estigmas da Paixão. Todos os que deve ter um crucificado, objetar-me-ão. Com efeito, inclusive a flagelação e mesmo o ferimento de lança no coração, se o corpo tiver sido devolvido à família (como o veremos no cap. 2.º C, 6.º). Mas, um único crucificado, que o saibamos, foi coroado de espinhos, e êste é o nosso. Além disto, se êste não fôsse o Sudário de Jesus Cristo, porque o teriam guardado com tanto carinho? Enfim, que condenado à morte poderia apresentar em seu semblante tanta nobreza e majestade divina? Não insisto; que o próprio leitor decida, depois de ter com tôda a humildade, contemplado esta Santa Face.

A teoria de Vignon, a mais antiga, considera as impressões como um escurecimento do aloés espalhado sôbre a tela, operado pelo amoniaco exalado pelo corpo. Êsses vapores teriam agido na razão inversa dos quadrados das distâncias dos relevos corporais à superfície do Sudário (O futuro nos dirá se há algo de verdade nesta última frase; se bem que para a imagem que se produziu sob o cadáver não o veja muito bem, mas admitamos!). Êsses vapores seriam devidos à decomposição da uréia (do suor e do sangue, acumulada na superfície do cadáver (?). Aqui, porém, me recuso a aceitar a hipótese. Acabamos de ver, há pouco, a respeito dos coágulos que teriam sido reduzidos ao estado líquido por dissolução da fibrina, o quanto esta transformação da uréia em carbonato de amoniaco era cousa bem problemática e retardada, senão nula, em presença do aloés. A teoria de Vignon, sedutora à primeira vista, bem que suscita outras dificuldades, mas parece, sobretudo, pecar pela base. O próprio Vignon em seus

derradeiros anos e já desde 1938, parecia não mais lhe tributar muita confiança.

Meu bom amigo, D. Scotti, salesiano, é doutor em medicina e excelente químico. Foi êle quem se encarregou da edição italiana de meu livrinho "Les Cinq Plaies", aliviando-me de um trabalho que, sem seu devotamento, iria eu mesmo empreender, traduzindo-o para o italiano. A partir de 1931, fêz êle numerosas pesquisas sôbre o aloés, seus compostos e derivados. Lamento que seja impossível resumi-las claramente. Por exemplo: a **aloetina** toma, em contacto com a água e com substâncias alcalinas uma coloração sépia, por sua transformação em aloeresinotanol. — Os panos mergulhados alguns minutos em solução de **aloína**, cujo principio colorante é a aloemodina, tomam ao simples contacto com o ar, no espaço de dois meses, uma côr rosa carmínea. A ulterior ação da luz solar aviva ainda mais estas côres. — Já podemos entrever aqui a possibilidade de uma revelação progressiva e retardada das impressões do Sudário.

Judica e Romanese, desde 1939, conseguiram impressões de cadáveres. O que os relaciona com Scotti, é que também êles eliminam o amoníaco. Ambos operaram por contacto leve. Mas Judica obteve suas impressões espalhando sangue sôbre o cadáver e impregnando o pano de óleo e de essência de terebentina. A gradação das côres nas imagens foi obtida mediante exposição ao vapor de água quente... — Romanese simplesmente aspergiu o cadáver com sôro fisiológico (solução de cloreto de sódio, i. e. de sal de cozinha) borrifou o pano com aloés pulverizado. — As imagens obtidas por êstes dois processos ficam ainda, é força confessá-lo, bem longe da perfeição da Santa Face do Sudário. Mas está aí uma novidade, que deve encorajar a que se prossigam as pesquisas neste sentido.

Citarei, para terminar, um trabalho muito sugestivo, publicado em 1942, por meu amigo Volckringer, farmacêutico-chefe do Hospital de São José, cujas experiências sôbre a uréia examinávamos há pouco (pág. 33). Também êle fêz pesquisas sôbre a formação de côres que se aproximavam bastante das de Scotti. Em seu trabalho "Le Problème des Empreintes devant la Science" — "O Problema das Impressões perante a Ciência". (Librairie du Carmel, 27, rue Madame, Paris, 6.º) apresenta um fato completamente original e belíssimas imagens, as únicas que até agora se aproximam por sua perfeição das do Santo Sudário. É verdade, que elas também se formaram **naturalmente** e, como vamos ver, sem amoníaco, sem aloés e, em alguns casos, sem contacto direto. Não se trata, é verdade, de tecidos animais mas sim vegetais. São, no entanto, tecidos vivos; e são bem conhecidas as analogias existentes entre os dois reinos. Só a título de exemplo, recordemos que se encontra nas plantas a uréia como também o ácido úrico, a alantoina e o ácido alantóico. Desgrez demonstrou a transformação da clorofila vegetal e da hematóporfirina animal na mesma urobilina, sob a simples ação dos raios ultra-violeta.

Volckringer verificou, ao manusear antigos herbários, a presença sôbre o papel, de imagens características reproduzindo as plantas conservadas (Vide figs. 22 e 23). A planta completa e inteiramente desidratada perde muito depressa a maioria de seus caracteres exteriores. — Como a plantinha foi fixada sôbre uma fôlha que por sua vez foi colocada entre outras duas fôlhas, encontra-se com frequência uma imagem superior e duas inferiores, sendo que a 2.^a se forma sôbre a fôlha envoltória, através da fôlha em que fôra fixada a planta.

Encontram-se essas imagens, seja qual fôr o teor de água da amostra, a presença ou ausência de clorófila, pois as raízes fornecem as mesmas imagens.

Ora, outro fato que não deve ficar no esquecimento, tais imagens não existem nos herbários recentes. Não aparecem senão após longos anos. São muito nítidas em um herbário de 1836; há apenas alguns traços em outro herbário de 1908, com 34 anos portanto de existência, em 1942, quando foi examinado.

Parecem resistir estas imagens a todos os reativos com exceção do amoníaco, que atenua bastante a coloração reduzindo-a a um círculo pardo no limite da região tratada.

Apresentam-se essas imagens “como leve desenho de côr sépia, com continuidade perfeita: o exame à lupa não revela o mínimo traço, mas um conjunto de manchas sem limites definidos”. Bem que se poderia tomar esta descrição como a das imagens impressas no Santo Sudário, mas ainda não é tudo. “Distinguem-se sôbre a impressão em côr sépia as nervuras das fôlhas em suas menores ramificações, os recortes do limbo... as dobras e as posições reciprocas das partes da planta, graças à comparação das duas impressões superior e inferior... O conjunto da planta vem reproduzido fielmente nas duas imagens.”

Eis aqui, porém, o mais interessante, Volckringer fotografou essas impressões e viu na chapa fotográfica, que, “ao contrário da própria imagem, as partes salientes da planta estão figuradas em claro, ao passo que as partes situadas em planos afastados estão figuradas em sombra”. A imagem inteira dá extraordinária sensação de relêvo e se destaca nitidamente sôbre fundo escuro.

Trata-se pois de uma imagem normal, positiva, da planta outora depositada entre essas fôlhas de papel que nos apresenta a chapa. Ora, essa planta está reduzida à condição de cadáver, “massa uniforme mais ou menos amarrotada, de côr parda ou escurecida; o relêvo desapareceu quase que completamente; as nervuras são quase que invisíveis e as minúcias bastante enfraquecidas. O negativo desse cadáver dá o mesmo aspecto amarranhado, a mesma ausência de relêvo.” E essa planta já tinha o mesmo aspecto, muito tempo antes que aparescessem os primeiros traços desta impressão admirável, a única que se assemelha à do Sudário.

Volckringer se desculpa, ao terminar, por ter que acrescentar novo problema a ser resolvido, em vez de trazer uma solução

ao do Santo Sudário. No entanto, este novo fato nos permite, e já é muito, afirmar que, seja qual for o modo de formação das impressões no Sudário, trata-se de fenômeno natural, uma vez que a natureza nos fornece espontaneamente outro exemplo.

Além disto não poderíamos nós tirar daí a conclusão de que a Mortalha encontrada no Santo Sepulcro não trazia senão imagens sanguíneas? As imagens do corpo só teriam sido reveladas, pouco a pouco, após longos anos! Já Noguier de Malijay, em 1929, registrava esta hipótese proposta pelo fotógrafo M. Desgranges.

Como logo se vê, há ainda largo caminho a percorrer para se elucidar a questão das impressões do Santo Sudário. Com suma freqüência estamos a ouvir perguntas do tipo: Por que não fizestes tal ou qual pesquisa, tal ou qual experiência? — Acabaria isto por se tornar odioso se não fôsse também tão ridículo. Não esperamos as sugestões dos adversários da autenticidade para pedirmos as averiguações científicas. Pedimo-las muito antes deles e pedimos muito mais. Respondamos de uma vez para sempre: Se o Sudário nos pertencesse pelo menos há 20 anos que tudo isto já estaria feito, uma vez que o programa já estava pronto em 1933; ao depois nada mais fizemos senão aperfeiçoá-lo. Paciência!

Enquanto esperamos o dia feliz, podemos, creio eu, concluir com uma frase de obstinado adversário da autenticidade, o R. Padre Braun (tirada de seu artigo publicado na "Nouvelle Revue de Theologie", nov.-dez. de 1939, pág. 1041). Sou eu quem sublinha, e com alegria, porque, decididamente, todos os caminhos levam a Roma: "Sem dúvida, a notável impressão deixada sobre o venerável pano de Turim, seu admirável realismo, seu caracter pessoal e quase escultural, seguramente estranho à pintura medieval, continua um mistério".

Para completar meu pensamento, acrescentarei, com o Santo Padre Pio XI: "Muito de mistério envolve ainda este objeto sagrado, mas é certamente sagrado como nenhum outro e seguramente (pode-se dizer coisa averiguada, mesmo fazendo abstração de toda e qualquer idéia de fé e piedade cristã) não é obra humana — certo non è opera umana". (5 de set. de 1936).

CAPÍTULO II

ARQUEOLOGIA E CRUCIFIXÃO

Não será sem interêsse, antes mesmo de estudarmos o suplício de Jesus, fazermos uma pesquisa sôbre o que a Arqueologia, em tôdas as suas formas, textos literários, documentos artísticos, pode nos fornecer sôbre a crucifixão. Devo, neste capítulo, grande reconhecimento ao Padre Holzmeister, S. J., que publicou sôbre o assunto, na revista "Verbum Domini" do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, nos meses de maio, julho, agosto e setembro de 1934, um magistral e quase exaustivo estudo intitulado: "Cruce Domini eiusque crucifixio ex archeologia romana illustrantur". A abundância e precisão das fontes permitiram-lhe tirar conclusões que, em sua maioria, parecem verdadeiramente irrefutáveis. Uma vez que não me será dado o prazer de transcrever aqui tôdas suas referências, com exceção de algumas que verifiquei e de algumas outras que não são suas, aconselho calorosamente a todos os que puderem obter êsses artigos ou a brochura em que saíram depois, e que puderem ler-lhe o latim, de que não se contentem com o que dêle vou extrair. Permitir-me-ei, no entanto, sublinhar as poucas questões sôbre as quais meu parecer difere do seu. Reservarei para capítulo especial as causas da morte de Jesus, uma vez que tal discussão necessita conhecimentos médicos que não são a especialidade nem dos antigos autores nem dos exegetas, em geral, nem dêsse autor, em particular.

Ajuntar-lhes-ei, de resto, as indicações que nos poderá fornecer a História da Arte. Mas quero, em homenagem ao real valor dêsse trabalho, guardar-lhe a ordem e divisões.

A) USO DA CRUCIFIXÃO

Parece que os gregos, que tinham horror pela crucifixão, não a adotaram. É necessário, com efeito, chegarmos às conquistas de Alexandre, que a recebeu dos persas, para vê-la entrar na história helênica. Continuou aí a ser empregada, sob os diádocos, na Síria sob os selêucidas, como Antíoco Epifânio e no Egito sob os ptolomeus. Em Siracusa, cidade grega, Dionísio o tirano, te-la-ia talvez recebido dos cartagineses.

Parece que os romanos também a adotaram a exemplo dos cartagineses que dela faziam freqüente uso. Veremos, no entanto, ao estudar os Instrumentos da Crucifixão (B), que foi isto, entre êles, o têrmo de uma evolução cujo início foi simples punição relativamente benigna, infligida primitivamente aos escravos.

Em Roma, começou-se a aplicar o verdadeiro suplício da cruz, durante as guerras, aos desertores, ladrões, e, sobretudo, aos revoltosos vencidos. Em parte alguma foi este motivo mais abundantemente explorado que no país israelita: desde os 2.000 Judeus sediciosos de Herodes o Grande, até às hecatombes do cerco de Jerusalém, em que os Romanos chegaram a crucificar 500 Judeus por dia, segundo o testemunho de Flávio José, historiador de raça judaica, porém favorável aos senhores do mundo.

Em tempo de paz, era primordialmente o suplício dos escravos. Numerosos são os autores que disto dão testemunho (Tito Lívio, Cícero, Tácito, etc.). As comédias de Plauto em que aparecem tantos escravos, estão cheia de alusões bem diretas ao que consideram, sem ilusões, seu fim natural: "Meu pai, meu avô, meu bisavô, meu trisavô terminaram assim sua carreira". (Miles gloriosus).

No começo, a cruz estava reservada a suas revoltas coletivas como a de Spartacus, da qual sabemos que, após sua repressão, 6.000 cruces balizaram a estrada de Cápua a Roma. Mais tarde, porém, os proprietários receberam o direito de vida e morte, sem apelação, sobre seus escravos, considerados como animais. A costumeira ordem de morte era: "Pone cruce[m] servo — Impõe a cruz ao escravo" e não "põe o escravo na cruz". Voltaremos a esta importante questão do patíbulo ao estudarmos a cruz (cf. B, 2.º — C, 3.º — D, 4.º).

Se um tal estado de cousas foi, de início, motivado pela fuga do infeliz ou por outra falta grave, em breve as mais leves razões acabaram por ser consideradas suficientes. Recordemos, de resto, que segundo antigo e detestável costume, quando um senhor havia sido assassinado e não se conseguia descobrir o culpado, todos os escravos da casa eram executados.

Os próprios cidadãos romanos podiam ser crucificados e isto, não somente por Verres e Labieno a quem censura Cícero amargamente tais atrocidades. Tôda uma série de textos mostra que isso se podia fazer regularmente, no entanto, se tratava, em geral, de cidadãos humildes, libertos ou provincianos. As famosas invectivas de Cícero pretendiam também firmar definitivamente a isenção para o cidadão romano. não constituia ainda naquele tempo, uma garantia absoluta e bem que poderíamos citar, mesmo após seus discursos, certo número de "cives romani" legalmente condenados à cruz.

B) INSTRUMENTOS DA CRUCIFICAÇÃO

Em regra geral, a cruz regulamentar, se é que assim se pode falar, era formada por duas peças distintas. Já os Setenta chamam-na "xylon dídymon — o pau duplo" (cf. Josué, 8,39). Uma das peças, a vertical, enterrada permanentemente com um poste fixo, era o "stipes crucis — tronco da cruz"; a outra, móvel e que se fixava horizontalmente sobre a primeira, se chamava o "patibulum".

1.º — **Stipes crucis.** — Digamo-lo em português: o tronco da cruz, porque “stipes” quer dizer tronco de árvore, estaca e mesmo estaca ponteguada. Era a esta parte que, primitivamente, se dava o nome de “cruz”. “Cruz” (cruz em latim, como “stauros” em grego, não é outra coisa senão uma estaca fixada verticalmente no chão, da mesma forma que “skolops” que quer dizer estaca pontuda. A prova disto, é que “stauros” e “skolops” puderam ser usados um pelo outro e que certos autores puderam empregar o verbo “anaskolopizein” (empalar) para a crucifixão de S. Pedro e de Jesus.

O significado da palavra “cruz” estendeu-se, em seguida, ao conjunto dos dois paus ajustados um ao outro, tal como o concebemos hoje em dia, com a forma \perp . Mais estranho, porém, nos há de parecer o fato de que “cruz” e “stauros” tenham sido empregados por sinédoque, para designar isoladamente o patíbulo amovível: “Crucem portare — Stauron bastazein — Levar a cruz”.

Quanto à cruz de S. André, em \times , não era conhecida pelos autores antigos. A primeira menção que dela se faz é do século X e a primeira imagem, do século XIV.

Qual era a altura deste “stipes” (tronco)? O Padre Holzmeister distingue a “cruz humilis” que é curta e a “cruz sublimis” que é comprida. Mas tôdas as citações que aduz, mostram claramente que a “cruz sublimis” era reservada às personagens que queriam colocar em evidência, quer se tratasse de alto personagem como Regulus ou Bomilcar em Cartago, ou do assassino espanhol a quem Cesar Galba concedeu irônicamente por se ter fingido cidadão romano.

Antes pelo contrário, a maioria das cruzes era baixa, “humilis”. Permitia esta circunstância aos animais ferozes lançados na arena despedaçarem, à vontade, os crucificados e os lobos do Esquilino (cf. Horácio) lhes devorarem os cadáveres (havia nas encostas do Esquilino, em Roma, uma floresta permanente de “stipites”). Suetônio conservou-nos um dos ignóbeis traços de Nero que se disfarçava com uma pele de algum animal feroz, na arena para satisfazer a seu sadismo.

Notemos ainda que a tendência devia ser simplificar bastante a crucifixão para os carrascos, por meio de cruzes baixas, sobretudo, quando o trabalho apertava e quando os condenados eram numerosos. Não devemos, nestas pesquisas sôbre um suplício que era quotidiano, esquecer a noção de comodidade, já aperfeiçoada por não pequeno uso. É, portanto, conveniente que nos coloquemos sempre na situação de um carrasco da época.

2.º — **Patibulum-Furca.** — O pau horizontal apresenta, pelo menos em Roma, uma origem bastante curiosa; era inicialmente uma “furca” que consistia em uma peça de madeira em forma de V de cabeça para baixo, sôbre a qual, nos pousos, se descansava a lança dos carros de duas rodas. Quando queriam punir um escravo, colocavam-lhe a “furca” (= forçado) montada na nuca, ligavam-lhe as mãos às duas hastes e faziam-no passear pelas ruas

obrigando-o a proclamar sua falta. Daí a injúria corrente em Plauto: “furcifer -- carregador de furca”. Ouçamos o que diz o mesmo comediógrafo Plauto em sua “Mostellaria”, verso 56: “Ita te forabunt patibulatum per vias stimulis — assim carregando o patíbulo, levar-te-ão pelas ruas, com agulhoadas”.

Bem cedo esta excursão expiatória passou a ser acompanhada (após a denudação do condenado) por uma flagelação em regra, durante todo o trajeto. Depois, para maior comodidade, passaram a enganchar a “furca” em uma estaca vertical, o que permitia açoitarem-no até à morte. É o que ainda se chamava, no tempo de Nero, castigar “more maiorum — segundo o costume dos antepassados” (cf. Suetônio, A morte de Nero). “Nulla causa est, escreve Plauto, quin pendentem me virgis verberes — “Permito que me façam açoitarem pendente da cruz” (Casina, verso 1003) — “Verberibus caedere pendens — Serás carcomido de açoites, enquanto pendurado (na cruz)” (Mostellaria, verso 1167).

Mas como nem sempre se tinha à mão uma “furca”, passou-se a usar um pedaço de pau comprido que servia para trancar as portas e que se chamava “patibulum” (de “patere” = estar aberto, ao qual damos o nome de “tranca”). Foi assim que a parte horizontal da cruz, que, em breve, deixou de ser uma tranca tirada de alguma porta, tornou-se um pau rectilíneo, levado pelo condenado, do tribunal ao campo dos “stipites”. Carregava-a, geralmente, sôbre a nuca, tendo os dois membros superiores estendidos e amarrados sôbre ela do modo a ficar, desta forma, também impedido de atacar a quem quer que fôsse. Compreende-se agora o por quê da sentença condenatória: “Põe a cruz sôbre o escravo”. Tertuliano compara êste patíbulo à grande vêrga, única, dos mastros dos navios romanos.

Sob Constantino ou seus sucessores, depois da abolição da crucifixão, ver-se-á aparecer outra “furca”. É esta uma estaca bastante alta, terminada em forquilha, em Y. Nela se enganchava o condenado pelo pescoço (a cabeça impedia-o de cair) e êste encontrava rápidamente a morte, estrangulado. Como logo se vê, nada mais tinha isto de comum com a lenta morte de cruz.

3.º — **Conjunção dos dois paus.** — Ficavam, ordinariamente, os dois paus separados; e disso ainda veremos outras provas, por ocasião do carregamento da cruz (cf. cap. IV, E). Como então se fixava o patíbulo sôbre a haste vertical, o “stipes”? A priori, podia-se fazer de duas maneiras: ou inserindo-o em uma das faces da estaca ou apoiando-o sôbre a extremidade dessa mesma estaca; fazia-se uma cruz (+) ou um T, o Tau maiúsculo do alfabeto grego. Parece não haver sôbre isto um único texto antigo, capaz de esclarecer o problema de modo definitivo, e será necessário chegarmos até Justo Lipse (século XVI) para encontrarmos denominadas por êle a +, como “crux immissa” ou “capitata”, e o T, como “crux commissa”.

Quase todos os arqueólogos modernos pensam que a cruz romana era em T (cf. Dom Leclerc, Dictionnaire D'Archéolo-

gie). Na arte cristã, podem-se ver, em tôdas as épocas, as duas formas, se bem que o T pareça mais antigo; mas sôbre isto tornaremos a falar a respeito da cruz de Jesus (cf. D, 5.^o). É certo, se ainda uma vez nos collocarmos no lugar do carrasco, que o T era muito mais fácil de executar para um carpinteiro. Bastaria para tanto, cavar um encaixe no meio do patíbulo e conformar a extremidade da haste vertical em concavidade para melhor recebê-lo. Com uma cruz média, de dois metros no máximo, o encaixe se poderia fazer facilmente erguendo o patíbulo com os braços, sem necessidade de escadas ou suporte. Seria por acaso ousadia acrescentar que o patíbulo que se mostra na Igreja de "Santa Croce", em Roma, na escada que conduz à Capela das Relíquias, como sendo a do bom Ladrão, tem precisamente êste encaixe?

4.^o — Sedile. — É possível que, em certos casos, se fixasse à parte anterior do "stipes", em sua parte média, uma espécie de tolete horizontal, de madeira, que passasse entre as coxas e sustentasse o perineo. O que provoca esta suposição são três frases de Sêneca (Epistolae morales), onde usa as expressões "sedere cruce — assentar-se sôbre a cruz" e mesmo "acuta sedere cruce", como se êste tolete fôsse de bordo agudo, como os cavaletes de tortura medievais. No terceiro texto, fala de "patibulo pendere, extendi et sustineri — pender do patíbulo, nêle estar estendido e sustentado". S. Justino também fala do "cruces lignum quod medium est infixum, sicut cornu eminet, in quo insident crucifixi — a madeira da cruz, que está fixada no meio, sobressai como um chifre, sôbre o qual se assentam os crucificados"; S. Irineu diz que a cruz tem cinco extremidades, sôbre a 5.^a descança o crucificado. Tertuliano também fala (Adversus Marcionem) do "sedilis excessus" que lembra o chifre do unicórnio. "Sedile" quer simplesmente dizer um assento qualquer e é, provàvelmente por causa destas passagens, que os autores modernos chamam o tolete perineal de "sedile", que aliás não tem esta designação em nenhuma outra parte.

Ao estudar as causas da morte na crucifixão, veremos que êste apóio era destinado a prolongar consideravelmente a agonia por diminuir a tração sôbre as mãos, causa de tetania e asfixia. É mais que provável que as cruces não o tivessem e que só fôsse acrescentado quando se desejava prolongar o suplicio. Compreende-se facilmente que quando fôsse necessário fabricar centenas de cruces, os carpinteiros não buscassem complicar muito as peças de madeira que a justiça lhes encomendava, com um trabalho suplementar que sabiam ser perfeitamente inútil.

Veremos além disto, ao estudar as chagas das mãos (cap. V), as razões por que estou convencido da ausência dêste suporte na cruz de Jesus. Aliás explica isto, ao menos em parte, a brevidade de sua agonia. O sedile não foi jamais representado pelos artistas, pintores ou escultores. É verdade que tal fato não constitue argumento contra sua existência histórica, mesmo na Paixão do Salva-

dor. Simplesmente significa, como de resto é fácil de compreender, que um tal apóio perineal é essencialmente inestético, para não dizer indecente. É por razões completamente diversas que o elimino, com segura consciência científica.

5.º — **Suppedanaeum**. — Em compensação, os artistas têm representado com grande frequência o supedâneo e os modernos o representam quase sempre, fazendo os pés de Jesus repousar sobre uma consola horizontal ou oblíqua, sobre a qual estão pregados. Voltaremos a examinar este “suppedanaeum” que nenhum autor antigo conheceu, segundo a afirmação do Padre Holzmeister. Encontramo-lo mencionado, pela primeira vez, em Gregório de Tours (século VI — “De Gloria Martirii”). Ao estudar a crucifixão dos pés (cf. D, 6.º neste capítulo), veremos como nasceu e se desenvolveu esta pura imaginação de artista.

6.º — **Instrumentos de fixação**. — Devemos estar dispostos a admitir que os cravos nas mãos e nos pés eram a maneira habitual, essencial de fixação à cruz, quaisquer que fôsem os motivos da condenação e a situação social do condenado. Tanto eram pregados os escravos como os livres, judeus ou romanos.

O erro que atribue a Jesus o monopólio dos cravos deve-se a uma frase de Tertuliano (Adv. Marcionem): “Sòmente Ele foi crucificado de modo tão especial”. O erro foi referendado, em nossos tempos, por Theodoro Mommsen, sem dúvida, eminente historiador, mas cujas teses foram, ao depois, em não pequeno número, fortemente discutidas. Diga-se de passagem, que não foi esta a única vez que o progresso da ciência veio infligir à pretensa exatidão germânica cruéis desmentidos. Tão sòmente por causa de Tertuliano passou a iconografia cristã a representar Jesus pregado à cruz entre dois ladrões amarrados.

Realmente, os dois modos de fixação (cravos e cordas) estiveram em uso, desde o começo, entre os romanos. Mas estavam separados. Nenhum texto, convém nisto insistir, insinua nem permite crer que os dois métodos tenham sido jamais empregados simultaneamente sobre o mesmo crucificado. Os peritos sabiam perfeitamente que três cravos, quatro no máximo eram mais que suficiente para executar uma crucifixão rápida e sólida. Todo o resto é pura imaginação.

Creio mesmo que os cravos eram empregados com muito maior frequência. Em numerosos textos, não sòmente os cravos são formalmente citados, mas também os fluxos do sangue que manava dos ferimentos sobre a cruz. Vede também o que podemos ler em “O Burro de Ouro” de Apuleu: “Estas bruxas que vão recolher o sangue de assassinos aderentes à cruz, para com êle exercer sua vergonhosa magia”. Melhor ainda: o termo técnico, que, em grego, designa com maior frequência a crucifixão, é “proselosis” do verbo “pros-helō” ou seu sinónimo “kathelosis” do verbo “kathelō”, sendo que ambos os verbos significam “cravar”, “pregar”. Como logo se vê, os dois têm por raiz o substantivo “hēlos” que quer dizer

“cravo” ou “prego”. — Quando Xenofonte de Éfeso dá notícia de que no Egito os crucificados tinham mãos e pés amarrados à cruz, observa expressamente que se tratava de uso local, prova de que nas outras partes os cravos eram mais conhecidos.

Nunca mais se diga que o ser amarrado era apanágio dos escravos! Plauto, a quem devemos sempre recorrer para esclarecimentos de costumes referentes aos escravos, fala de “adfigere”, “offigere”. “Te cruci ipsum propediem adfigent alii — Outros, em breve, te cravarão à cruz” (Persa, verso 295). — “Quem quer ser crucificado em meu lugar?” exclamava o escravo Tranion, “ego dabo ei talentum, primus qui in crucem excucurrerit, sed ea lege ut offigantur bis pedes, bis brachia — darei um talento ao primeiro que tiver corrido à cruz, mas com a condição de que se o crave duas vèzes os pés e duas vèzes os braços” (Mostellaria, versos 359-360). Este “bis”, segundo contexto, significa simplesmente que pede êle, com ironia, dois cravos para cada um dos quatro membros, para estar certo de que seu substituto não escapará de forma alguma. O que não quer dizer um cravo para cada pé. A última palavra “braços” já evoca, com algum exagêro, o que demonstraremos experimentalmente: a crucifixão se fazia não nas palmas das mãos, mas nos carpos.

C) MODALIDADES DA CRUCIFIXÃO

Parece bem certo que estava a crucifixão fixada mesmo nas minúcias por uma série de leis e regulamentos internos o que, no entanto, não impedia que houvesse sempre, por parte dos carcosos, uma certa fantasia sádica.

1.º **Flagelação preliminar.** — Não se trata da flagelação mandada aplicar como tortura em si, para castigo, nem mesmo como um modo de matar os condenados, mas tão sòmente da flagelação que era o **preâmbulo legal** de tôda e qualquer execução capital. Todo condenado à morte devia ser, por lei, flagelado preliminarmente, quer fôsse a execução feita pela cruz quer de outro modo: decapitação (Tito Lívio) ou fogo (José Flávio). Dela estavam isentos, segundo Mommsen, sòmente os senadores, os soldados e as mulheres que gozassem do direito de cidadãnia.

Entretanto, nos casos de decapitação, não se applicava a flagelação pròpriamente dita, mas sim a fustigação, que se fazia com as varas dos fachos dos litores: “Nudatos virgis caedunt securique percutiunt — Estando êles despidos, batem-nos com varas e ferem-nos com o machado” (Tito Lívio).

Como vimos, a flagelação era um antigo costume de Roma. Foi também usada sob Alexandre, Antioco Epifânio e em Cartago. De qualquer modo, encontram-se com freqüência as fórmulas: “proaikistheis anestaurothe” = “verberatus cruci adfixit” = (depois de) flagelado foi crucificado”.

Esta flagelação que primitivamente era applicada sôbre a cruz, passou, com o tempo, a ser applicada no próprio local do tribunal.

O condenado era ali atado a uma coluna (provavelmente com as mãos amarradas por sobre a cabeça. É a melhor maneira de imobilizar o condenado que não repousa senão sobre as pontas dos pés). Encontramos em Plauto: "Abducite hunc intro atque astringite ad columnam fortiter — Levai-o para dentro e amarra-o sólidamente à coluna" (Bacchides).

Despia-se o condenado para a flagelação. Era nú e flagelado que encetava sua marcha para o suplício, carregando seu patíbulo. (Valério Máximo, Cícero).

Qual era o instrumento da flagelação? Acabamos de ver que a fustigação se fazia com as varas dos litores; a flagelação necessitava o "flagrum", instrumento especificamente romano. Compunha-se de um cabo curto ao qual estavam fixados grossos e compridos látigos, geralmente dois. A pequena distância de sua extremidade livre, estavam inseridas pequenas esferas de chumbo ou ossos de carneiro, "tali", como os que serviam para jogar "ossinhos" (1), que eram os astrágalos tirados das patas do carneiro.

Os látigos cortavam mais ou menos a pele e as balas ou os ossinhos nela imprimiam profundas contusões. De onde se seguia uma hemorragia nada desprezível e um enfraquecimento considerável da resistência vital. Muitas vezes, encontraremos na Mortalha de Jesus, os ferimentos que podia provocar este terrível instrumento e os vestígios sangrentos que deixava sobre a pele.

O número de golpes com o açoite era, segundo o direito judeu, rigorosamente limitado a 40. Mas os fariseus, gente escrupulosa, para ter absoluta certeza de não ultrapassar o número, exigiam que se contasse "40 menos 1", i.e. 39. Entre os romanos, a lei não conhecia outro limite senão a necessidade de não matar o condenado sob os golpes; era ainda necessário que ficasse com forças suficientes para carregar seu patíbulo e que morresse sobre a cruz, regularmente. Era ele, às vezes, como diz Horácio, "sectum flagellis... praeconis ad fastidium — dilacerado pelos açoites. até enfastiar o carrasco". (Épodo IV).

2.º Carregamento da Cruz. — Portanto, o condenado prévia e devidamente flagelado, fazia a pé, sem roupas e carregando seu patíbulo, o trajeto do tribunal ao local do suplício, onde o estava esperando seu "stipes" (a haste vertical da cruz) no meio de verdadeira floresta de outros semelhantes.

Digamos logo que a expressão "cruces portare — carregar a cruz" (em grego, "stauron bastazein") não se encontra senão nos textos gregos ou rabínicos (Plutarco, Artemídore, Chariton, Comentários judaicos do Gênesis, Novo Testamento). Em latim, só é encontrada nas versões latinas da Bíblia: "Cruces portare, ferre, bajulare". Como já vimos é por sinédoque, que a palavra cruz designa a parte horizontal desta.

(1) Nome de jôgo em uso entre os Romanos e atestado pela arqueologia.

Entre os latinos, nunca se encontra a expressão "cruces ferre" se bem já tenhamos visto a fórmula condenatória "pone cruce ferro". Mas, em compensação, se encontra a expressão "patibulum ferre — carregar ou levar o patíbulo". Disto temos minuciosa descrição feita por Dionísio de Halicarnasso (História Romana). O patíbulo era colocado sobre as espáduas e braços estendidos transversalmente, e em seguida amarrado nas mãos, braços e peito. Era, portanto, só o patíbulo que o condenado carregava.

Como sempre, Plauto, entre outros textos que poderíamos citar, resume tudo isto com uma fórmula lapidar: "Patibulum ferat per urbem, deinde affigatur cruce — Que leve o patíbulo pela cidade, depois seja cravado à cruz" (Carbonária). "Patibulatus" era o condenado carregando a cruz (Plauto, passim).

A haste vertical da cruz (o "stipes crucis"), pelo contrário, esperava o condenado no lugar do suplício. Cícero invectiva Labieno que "in Campo Martio... cruce ad civium supplicium defigi et constitui jussit — no Campo de Marte... mandou fincar e estabelecer a cruz para o suplício dos cidadãos" (pro Rabínio). Esta expressão "mandou fincar e estabelecer" que, em consequência da endíadris tão freqüente em Cícero, melhor traduziríamos por "mandou colocar permanentemente", encontra-se também nas Verrinas e em Flávio José. Políbio cita mesmo o caso de um crucificado, em Cartago, que foi enganchado a uma cruz que já tinha um outro corpo.

Em Roma, o Montfaucon (2) era representado pelos Campos Esquilneos, tornados célebres por Horácio e onde se elevava, segundo Saglio (Dict. Daremberg) uma verdadeira floresta de cruces, um bosque de "stipites". Estava fora da Porta Esquilnea. Para os que conhecem Roma, pouco mais ou menos na "Piazza Vittorio Emanuele", um pouco além de Santa Maria Maior, para quem vem do centro.

Um último argumento vem comprovar este costume como bem estabelecido. O patíbulo sozinho devia pesar cerca de 50 quilos e a cruz inteira devia ultrapassar os cem quilos. Note-se que o carregar o patíbulo já não deixava de ser bem rude prova para um homem que acabava de sofrer severa flagelação e, por conseguinte, perdera boa parte de seu sangue e de suas forças. Como poderia então carregar a cruz inteira que pesava mais de cem quilos? Porque não se fala nunca em arrastá-la. Todos os textos trazem "portare, bajulare", ou em grego: "Pherein, bastazein "carregar", mas nunca "trahere, syrein — arrastar".

Digamos, por fim, que o que carregava a cruz era precedido pelo "titulus", um pedaço de madeira sobre o qual estava escrito o nome do reu e o crime pelo qual fôra condenado. O título era, depois, fixado sobre a cruz.

(2) N. do Tradutor. Localidade, situado outrora fora do perímetro urbano de Paris, onde se erguia famoso cadafalso construído no séc. XIII.

3.º Modo da crucifixão. — Tudo o que acabamos de dizer sobre o fato de se carregar somente o patíbulo, sua fixação sobre a haste vertical, no próprio local do suplício, supõe aquele modo que com tanta concisão e clareza expressou Firmicus Maternus (Mathem.): “Patibulo suffixus in cruce tollitur — (o réu) pregado ao patíbulo é içado para cima da cruz”.

Se a crucifixão fôr feita com cordas, bastará enganchar o patíbulo, sobre o qual o réu fôra amarrado, em seguida ligar-lhe os pés à haste vertical com alguns laços da corda. — Se, porém, a crucifixão fôr ser feita com cravos, é necessário desamarrar o condenado e deitá-lo por terra com as espáduas sobre o patíbulo, puxar-lhe as mãos e cravá-las sobre as extremidades do patíbulo. Depois então é que será levantado o réu já pregado no patíbulo e este será enganchado no alto do “stipes” (ou haste vertical). Isto feito, nada mais resta senão pregar-lhe os pés diretamente sobre o “stipes”.

Mui facilmente se deveria fazer este soerguimento, sobretudo quando a cruz não ultrapassasse os dois metros. Quatro homens podiam com facilidade soerguer nas mãos, patíbulo e condenado que deviam perfazer no máximo uns 130 quilos. Podiam ainda, a rigor, fazer o paciente subir de costas uma pequena escada encostada ao “stipes”. Se a cruz fôsse mais alta, deveriam então servir-se de forquilhas para erguer o patíbulo, ou de duas escadas maiores, encostadas lateralmente ao “stipes”. De qualquer modo, não havia grandes dificuldades a superar.

Esta técnica é, por outro lado, sugerida pelas expressões empregadas para designar a própria crucifixão. Tôdas elas incluem uma idéia de elevar: em grego “epibainein ton stauron, anabainein eis ton stauron”, ambos significando “subir para a cruz”; em latim “in cruce ascendere”, mesmo sentido, “in cruce agi, tolli, elevari” i.e. “ser içado à cruz” e mesmo “in cruce salire” que supõe um jôgo de palavras de Plauto que é difícil de traduzir, diz o histrião Crisalo: “Facietque me Crucisalum ex Crysalo — Far-me-á de Crisalo um Subidor-de-cruz”. — É pois necessário eliminar completamente a crucifixão sobre a cruz inteira, deitada no chão, como também a sobre a cruz inteira vertical.

Parece que o próprio Jesus descreveu esta técnica quando disse a morte de S. Pedro: “Extendes manus tuas et alius te cinget et ducet quo tu non vis — Estenderás as mãos e um outro te cingirá e te conduzirá para onde não queres”. O estender das mãos era a aplicação do patíbulo no tribunal, sobre as espáduas e membros superiores do condenado. Cingiam-no, depois, com uma corda para o conduzir ao lugar do suplício.

Acrescentemos, finalmente, que a fantasia dos carrascos podia atuar, às vêzes, variando o modo regulamentar da crucifixão. Assim, por exemplo, defumavam os crucificados ou os queimavam. Ou então lhes modificavam a posição clássica, pregando-os de cabeça para baixo (Kato kara proselothentes) como o fizeram sob Diocleciano, na Palestina (Eusébio). Sêneca escreveu: “Vejo cruces de gêneros diversos, e alguns ali estão pregados de cabeça para baixo”.

(Consolatio ad Marciam XX). Todos sabem que, segundo Orígenes, S. Pedro foi assim crucificado.

4.º **Guarda militar.** — Tôda execução se devia fazer legalmente com um aparato inteiramente militar, sob as ordens de um centurião, como o testemunha Sêneca: "Centurio agmen periturorum trahens — arrastando o centurião a multidão daquêles que vão perecer". O exército, que já se havia encarregado da flagelação, fornecia a escolta para conduzir o condenado, do tribunal ao lugar do suplício. Era ainda da escolta que se recrutavam os carrascos para a crucifixão. Devia, por fim, o exército regular fornecer uma guarda que velasse ao pé da cruz. Tinha isto por finalidade impedir que amigos viessem arrebatat os supliciados à cruz. Devia, portanto, haver uma guarda permanente até à morte certa dos condenados. Ficava mesmo, não poucas vêzes, após a morte, segundo o testemunho de Petrônio: "Ne quis ad sepulturam corpus detraheret — para que não viesse alguém roubar o corpo para sepultá-lo". Que se fazia, pois, dos cadáveres dos crucificados?

5.º **Sepultura e insepultura.** — Em geral, os cadáveres ficavam na cruz para servir de pasto às aves e animais selvagens. Assim responde Horácio a um escravo inocente: "Non pasces in cruce corvos — não alimentarás na cruz os corvos" (Ep. I, 16). No épodo V, escreveu: "Post insepulta membra different lupi et Exquilini alites — depois, teus membros insepultos serão dispersados pelos lobos e aves do Esquilíneo". Outros muitos textos retomam o mesmo tema. (Cf. Petrônio, Sêneca, Artemídoro).

No entanto, os corpos podiam ser reclamados pelas famílias que quisessem lhes assegurar uma sepultura decente, parece mesmo que a lei facilitava sem dificuldades nem taxas esta última graça. De resto, qualquer um podia reclamar os cadáveres: "Corpora animadversorum quibuslibet petentibus ad sepulturam danda sunt". (Digesta I. XLVIII tít. XXIV, lex II). Até mesmo as cinzas dos que haviam sido condenados ao fogo (Pandectas) podiam ser devolvidas. As provas que temos destas leis de clemência, são precisamente os casos em que a autorização gratuita foi recusada e que são apontados como exceção. Cícero, no "De Supplicis" censura acrememente a Verres o ter pedido muito dinheiro para entregar os corpos de supliciados que suas famílias não queriam ver prêsas dos animais. Tal extorsão, diz o grande orador, era contrária à lei.

Por outro lado, podia o juiz, uma vez que a autorização dêle dependia, recusá-la em certos casos por vários motivos em que geralmente entrava o ódio contra o condenado, o que, em resumo, era uma agravação da pena; o crime de lesa-majestade a acarretava. Vespasiano acrescentou esta pena suplementar à condenação de certos conjurados que seriam atirados aos monturos de lixo sem sepultura (Suetônio). Já antes, recusara Augusto, após a Batalha de Filipos, a sepultura de um cativo de certa fama, respondendo aos que lhe vieram pedir que, bem cêdo, seria isto o officio dos abutres (Suetônio). Semelhantemente Flaccus, prefeito do Egito, no ano 38 da

nossa era, não autorizou a sepultura de certos judeus crucificados (Filon, in Flaccum).

6.º O lanção. — Encontra-se mais tarde, no Digesto, a mesma disposição: “Os corpos dos condenados à morte não devem ser recusados a seus parentes... Os corpos dos supliciados não serão sepultados, salvo quando a permissão foi pedida e concedida, e às vezes a recusam, sobretudo nos casos de condenados por crimes de lesa-majestade” (Ulpiano). O Digesto é do século VI, mas é uma compilação de tôdas as leis antigas que, dado o espírito tradicionalista dos juristas romanos, evoca, sem dúvida, os costumes e a legislação do tempo que nos interessa.

Aliás, Quintiliano que é do século I, escreveu: “*Percussos se peliri carnifex non vetet* — o carrasco não impedirá que sejam sepultados os que foram feridos”. Este “*percussos*”, se é que não estou dando interpretação falsa, introduz aqui uma noção nova e que interessa diretamente nosso assunto. Que quer dizer, na realidade, êsse “*percussos*”? Não se trata do suplício em si mesmo nem da flagelação, uma vez que se trata de condenados à morte, e bem se sabe que êstes já foram flagelados e crucificados. Trata-se, portanto, de um golpe especial, posterior ao suplício e que nos lembra irresistivelmente o que chamamos em nossos dias de “tiro de misericórdia”, aquêle último tiro de revólver que se dá no ouvido de um fuzilado mesmo que esteja evidentemente morto. Podemos, pois, com bom fundamento, interpretar a frase de Quintiliano: “Permitirá o carrasco o sepultamento dos supliciados depois que tenham recebido o golpe de misericórdia”.

Mas, em que consistiria êste golpe de misericórdia regulamentar, indispensável para que estivesse o carrasco autorizado a entregar o corpo à família? Orígenes fala claramente (in Comm. in Math.), como o diz o Padre Holzmeister, da “*percussio sub alas*”, que é evidentemente um golpe no coração. Mas, ao verificar o contexto, vejo que se trata do golpe que se dava, às vezes, logo depois da crucifixão para matar rapidamente o condenado. Acrescenta êle que Jesus não o tinha recebido, o que vem explicar o espanto de Pilatos ante morte tão rápida.

Mas, um texto do filósofo e sábio médico do século II, Sextus Empiricus, nos vem explicar que “*hé tès kardías trôsis aítion estin thanátou* — a chaga do coração é causa de morte”. Parece, pois, bem provável que seja a êste golpe de misericórdia que Quintiliano faz alusão.

Assim pois, quando a família pedia o cadáver, o carrasco devia antes de tudo ferir o coração. Como geralmente o carrasco era um soldado, o golpe devia ser executado com a arma que tinha em mão, uma lança ou um dardo. Veremos que êste golpe no coração dado pelo lado direito do peito estava certamente bem estudado e conhecido infalivelmente mortal, na esgrima dos exércitos romanos. Dava, pois, tôda segurança sôbre a morte real do condenado... e, se fôsse o caso, a provocaria.

D) EXPLICAÇÃO DOS EVANGELHOS PELA ARQUEOLOGIA

1.º **A condenação.** — Para tal era necessário um motivo que caísse sob a legislação romana. Em Jerusalém, só Pilatos possuía o “*jus gladii*” i. e. o direito de vida e de morte, e os judeus, se bem que amargamente, não o deixaram de confessar. Os motivos de ódio dos sinedritas não podiam, é claro, ser apresentados perante um funcionário romano. É por isto que, logo de início, acusam Jesus de levar o povo à revolta. Mas foi suficiente curta investigação, confirmada pela indiferença de Herodes, para destruir, no espírito de Pilatos, êsse pretexto de acusação. Três vêzes repete: “Nada encontrei nêle que o faça merecer a morte” (3). Alegaram então os Judeus que se fazia Êle Filho de Deus, o que segundo sua própria lei implicava a pena de morte. Isto porém não comoveu o procurador, antes pelo contrário o inquietou vagamente em sua alma supersticiosa. Para um pagão, “filho de Deus” é sinônimo de “herói”. É evidente que Pilatos fêz todos os esforços para libertar êste homem manifestamente inocente e que lhe impunha respeito. Não foi senão após numerosos giros e tentativas que os judeus acabaram finalmente por encontrar o motivo que forçaria Pilatos a condená-lo: “Êle se fêz rei e se tu o libertares não és amigo de Cesar”. Astúcia verdadeiramente satânica, porque além de incluir um capítulo de acusação regular de bastante gravidade, a “rebelião contra Cesar”, veio perturbar fundamentalmente a inquietude egoísta de um pobre funcionário colonial, de não vir a desgostar o govêrno central e mesmo o temor de vir ser incluído em tentativa subversiva contra o imperador. Dêsse momento em diante, tôdas as veleidades de benevolência, todos os cuidados de justiça, já bem de admirar em um bruto romano (e que lhe mereceram certa indulgência bem apresentada por S. Agostinho), tudo se volatilizou perante objeto de acusação tão grave e singularmente comprometedor para o juiz que não o admitisse. A partir dêsse momento, a condenação é automática e a aplicação da lei exige a morte por crucifixação: **rebelião contra Cesar.**

O procurador vingar-se-á dos Judeus escrevendo sôbre o “*titulus*”: “Jesus de Nazaré, rei dos Judeus”, e mantendo a inscrição apesar de tôdas as reclamações (ho *gégrapha*, *gégrapha* — o que escrevi, está escrito), palavras que são a evidente expressão de seu ressentimento e mau humor.

2.º **A flagelação.** — Trata-se agora de saber se esta flagelação foi a que, regularmente, devia preceder tôda execução capital, ou se a que constituia um suplicio à parte. Mateus e Marcos não nos fornecem elementos para resolver o problema porque escrevem simplesmente: “Tendo feito flagelar Jesus, entregou-O para ser crucificado”. É um simples enunciado da sucessão dos acontecimentos e é o que acontecia em tôdas as condenações capitais.

(3) Lucas, 23, 22.

Ao passo que, em S. Lucas, Pilatos repete duas vèzes aos Judeus: "Fa-lo-ei, pois, castigar e O soltarei", de onde vemos sua intenção de infligir a flagelação, como pena em si; mas não nos diz ainda o Evangelista que o tenha feito. No entanto, S. João, sempre mais explícito quando julga conveniente completar, sem contradizer os Sinópticos, na qualidade de testemunha ocular, nos apresenta as minúcias do processo. Declarou Pilatos aos judeus que Jesus, a quem interrogara pessoalmente, estava inocente; ofereceu-lhes libertar Jesus, por ser festa de Páscoa, mas os judeus preferiram Barrabás. "Então Pilatos tomou Jesus e o fêz flagelar" (João, 19, 1). Segue-se a flagelação, a coroação de espinhos, a saída do "Ecce homo", a acusação de se ter feito Filho de Deus. Pilatos, inquieto, torna a entrar no pretório para interrogar Jesus sôbre este assunto. Quando torna a sair para uma última tentativa, irrompe a suprema acusação: Êle se faz rei, não és amigo de Cesar. Daí a condenação.

Como se vê, a flagelação precedeu a sentença de morte e mesmo a maior parte da "actio" do processo, processo bem pouco digno, mais semelhante a uma conjuração que a uma deliberação judiciária. Não é, portanto, a flagelação preparatória, legal. Mas, ai! o resultado não é diferente.

3.º A coroação de espinhos. — Já falamos sôbre o costume de submeter o condenado a tôdas as espécies de zombarias e maus tratos que não dependiam senão da imaginação dos carrascos. Para Jesus o motivo se impunha: era acusado de se ter feito rei dos Judeus, acusação esta que logo em seguida iria acarretar sua condenação à morte. É certo que tal título de realeza judaica devia parecer aos legionários do Império imensa palhaçada e era natural que lhes acoresse logo a idéia de aproveitar a oportunidade para fazer dêsse título um cruel carnaval. Daí a corôa de espinhos, a velha clâmide como manto de púrpura e um caniço a modo de cetro.

Filon nos descreve um outro exemplo (in Flaccum) dêste profundo desprezo dos Romanos pela realeza judaica: Poucos anos após a morte de Jesus, estando o rei Agripa de passagem por Alexandria, o populacho se apoderou de um pobre coitado, nessa cidade. Aí, lhe puseram na cabeça um fundo de cesta à maneira de diadema, envolveram-no com uma esteira, puseram-lhe na mão um caniço, deram-lhe guardas pessoais cheios de ironia e cumularam êste rei de comédia de honrarias ridículas. A palhaçada assim improvisada tinha a intenção manifesta de ser um insulto à realeza judaica de Agripa.

Tornaremos a examinar os detalhes da coroação de Jesus, ao estudar as chagas que dela resultaram.

4.º Transporte da cruz. — Devemos, antes de tudo, admitir com o Padre Lagrange e o Padre Huby que Jesus, condenado por um Romano ao suplício da cruz "more Romano", só carregou segundo êsse mesmo costume o patíbulo e não a cruz inteira, como

o representa a maior parte dos artistas. Já vimos como a expressão "carregar a cruz", que só se encontra nos textos gregos ou latinos traduzidos do grego, era exatamente equivalente à expressão romana "carregar o patíbulo".

Será que este patíbulo foi amarrado com cordas aos dois braços estendidos, como era o costume em Roma, ou levou-o Jesus livremente sobre uma das espáduas? Uma vez que os Evangelhos não o dizem formalmente, é difícil logo à primeira vista dar-se uma resposta categórica.

No entanto, a expressão de S. João: *bastazôn autó ton stauron — bajulans sibi cruce* — abraçando-se à cruz" dá bem a idéia que supõe o gesto ativo de empunhar êle próprio a cruz (João 19, 17).

Por outro lado, o episódio de Simão de Cirene parece também vir inclinar a balança para o lado do transporte livre, sem cordas. De acôrdo com os quatro Evangelistas, Jesus levou pessoalmente a cruz, pelo menos ao sair do pretório. (João não fala de Simão de Cirene). Depois, os soldados percebendo que êle não conseguiria, dessa forma, chegar ao Calvário, forçaram segundo os três Sinópticos, um homem de Cirene a carregar a haste horizontal, ou patíbulo. Parece isto indicar, sem grande certeza aliás, que estava ela livre sobre Seus ombros; quanto a Simão, não havia razão alguma para o amarrarem, pois era um homem livre, simplesmente requisitado para êsse serviço. Sòmente S. Lucas é quem acrescenta que a levava atrás de (opisthen) Jesus, o que quer dizer que Jesus caminhava na frente, conduzido pelos soldados e Simão O seguia carregando sozinho o patíbulo. Estamos bem longe, é verdade, da iconografia mais comum em que aparece Jesus carregando imensa cruz, da qual Simão apenas soergue a extremidade inferior da haste vertical, atrás d'êle. Não passa, no entanto, isto de pura imaginação de artista, não sem beleza nem intenção mística.

Mais adiante veremos que as chagas cujos sinais ficaram na Mortalha bem como as manchas da Túnica de Argenteuil não se explicam a não ser pela fricção da trave resvalando sobre as costas, que ia esfolando sempre que Jesus caía sob seu pêso (a menos que se quisesse admitir o transporte da cruz inteira, coisa absolutamente inexata).

Por fim notaremos que atestam os Evangelhos não ter sido Jesus submetido ao costume romano segundo o qual, os condenados caminhavam para o suplicio completamente nus. "Despiram-nO da clâmide de púrpura e Lhe devolveram suas vestes para O conduzir à crucifixão". Explica-se facilmente a exceção pelo hábito que tinham os Romanos de respeitar os costumes indígenas. Flávio José escreve (Contra Appionem): "Romani subjectos non cogunt patria jura transcendere — Os Romanos não forcem (os povos) submetidos a transgredir as leis pátrias".

Acrescentemos ainda que o amarrarem os braços do condenado ao patíbulo tinha por finalidade primordial evitar tôda e qualquer reação violenta dêste, que, como se pode perceber claramente, estava disposto a tudo, uma vez que já estava conde-

nado ao suplício máximo. Quanto ao réu especial que era Jesus, os soldados logo perceberam que era perfeitamente inofensivo quer por sua serena majestade manifestada durante todo o processo, quer pelo estado de debilidade a que deveria estar reduzido após o tratamento a que fôra submetido durante a flagelação. Para êles o único problema era o de conduzi-lo vivo até o Calvário.

5.º A cruz. — 1) **Altura da cruz.** — Segundo o Padre Holzmeister, tratar-se-ia da cruz elevada, "sublimis". Tomarei a liberdade de não concordar com sua opinião. Seu único argumento não me parece apodítico, pois conclui que a cruz devia ser bastante alta para que tivesse necessidade de colocar a esponja embebida em vinagre (a "posca" envinagrada, bebida comum dos soldados romanos) na ponta de uma haste para fazê-la chegar aos lábios do Crucificado.

De acôrdo com o Padre Holzmeister, eliminaremos de início o hissopo que, também na Palestina é um frágil e quebradiço arbusto, para lermos, com o Padre Lagrange, em vez de "hysso", "hyssos" que quer dizer dardo (Marcos e Mateus falam de um caniço "kalamos", mas notemos que o dardo tem precisamente êsse aspecto). Êsse "hyssos" i.e. o "pilum" romano tinha três pés de comprimento, i.e. cêrca de 90 cm., inclusive o ferro que tinha cêrca de um pé. Desta forma a esponja podia ser fâcilmente erguida a 2,50 metros.

Apesar disto, creio que foi usada a "cruz humilis" porque não havia razão para se fincar um tronco especial, mais alto, mesmo para se fazer zombaria de um "Rei de Judeus". Não havia tempo e os pelourinhos usuais já estavam fincados permanentemente no Gólgota, local habitual das execuções. Além de Jesus, condenado às pressas, deveriam executar naquele dia dois bandidos, condenados por julgamento regular. Trata-se pois de execuções banais e bem regulares.

Imagino pelourinhos de quase dois metros, o que permitia nêles enganchar fâcilmente o patíbulo. Os pés, com facilidade, podiam ser pregados sôbre o mourão (dada a flexão das coxas e pernas que calcularemos, com exatidão), a cêrca de 50 cm. do solo. A bôca quase que não ficava mais baixa que o patíbulo, após o abaixamento do corpo, e portanto a quase dois metros do chão. Parece, portanto, mais cômodo, colocar a esponja na ponta de um dardo para erguê-la a essa altura que fazer o esforço de erguê-la com a mão.

Um outro fato a ser levado em conta nesta questão, do qual não fala o Padre Holzmeister, é o golpe de lança. É certo que, anatômicamente falando, o golpe foi dado obliquamente, mas quase horizontal. Ora, em minha hipótese de dois metros, a chaga estaria a cêrca de 1,50 metro do solo. Um infante pode, pois, com facilidade aplicar êste golpe com o simples levantar dos braços. Com a cruz mais alta, isto seria simplesmente impossível. Ora, os soldados eram certamente legionários e portanto infantes. Eram

comandados por um centurião, oficial de infantaria, que, também êle, era oficial não-montado. Ora, somente um cavalarião teria podido desferir o golpe quase na horizontal sobre um crucificado mais elevado. Sei que isto vem desfazer as belas cavalgadas, tão impressionantes de nossos pintores, mas prefiro esta reconstrução que me parece bem mais conforme à verdade histórica.

Podemos citar ainda o texto de Eusébio, aduzido pelo próprio Padre Holzmeister no começo de seu trabalho. Santa Blandina “fôra exposta (na cruz) como pasto às feras”. Trata-se, portanto, da cruz baixa, ordinária, a das arenas. “E pendente da cruz, assemelhava-se Àquele que foi para êles mesmos (os mártires) crucificado”. Iria esta semelhança até às dimensões da cruz? Não quero forçar o texto, mas bem me parece que o sugere.

Por fim, há quem tenha querido trazer como argumento a favor da cruz alta, o verbo “hypsousthai — elevari — ser elevado” que Jesus se aplica a si mesmo três vêzes, em S. João, aludindo à sua crucifixão. Na terceira, diz Êle: “Quando Eu tiver sido elevado da Terra, atrairei todos os homens a mim”. Mas, é evidente, que uma cruz das dimensões da que supponho satisfaria também plenamente ao sentido dêste verbo.

2) **Forma da cruz.** — Como teria sido a cruz de Jesus, em T ou em + ? Parece para o Padre Holzmeister, que os Padres da Igreja tenham optado pela forma +, mas chegou a esta conclusão deduzindo-a de certas comparações que fazem com a cruz, como por exemplo, com Jacó abençoando com os braços estendidos, Efraim e Manassés. Só há um texto um pouco mais explícito, o de S. Irineu que conta cinco extremidades (cornua) na cruz, incluindo naturalmente o “sedile”. Em resumo, não encontramos na Patrologia nenhuma afirmação bastante clara neste sentido. Antes pelo contrário, D. Leclerc, cita três textos (do Pseudo-Barnabé, de Orígenes e de Tertuliano) nos quais a forma da cruz em T não admite dúvidas. Tertuliano recorda a passagem de Ezequiel em que o Senhor lhe ordena marcar a fronte dos homens de Jerusalém com um tau (êste é o nome do T em grego) acrescentando ter sido isto uma prefiguração do sinal da cruz que os cristãos traem sobre a fronte.

“Os Evangelhos, escreve o Padre Holzmeister, não indicam a forma da cruz. O “titulus” que estava, segundo S. Mateus, “epano tes kephales autou — por sobre sua cabeça”, não prova que o “stipes” ultrapassasse, em altura, o patíbulo”.

Na verdade, êste texto não suscita dificuldade alguma. O “titulus” era fixado ao patíbulo do T por um pedaço de madeira e quatro pregos, como já o executei em bom número de crucifixos; podia mesmo ultrapassar uma das faces do patíbulo e ser pregado diretamente neste. Encontram-se êstes dois aspectos em vários pintores (Roger dele Pasture).

É mesmo muito possível que a projeção do “titulus” por cima do patíbulo tenha sido originariamente da forma das cruces gregas e latinas. (Note-se que êstes dois adjetivos não têm, no

caso, significação geográfica). A verdadeira cruz grega, clássica, apresenta, por cima do patíbulo, erguendo-se por meio do "stipes", uma segunda barra oblíqua, que representa o "titulus". A extremidade superior, segundo S. Irineu, seria portanto o "titulus".

Aliás convém recordar que quando apareceram os primeiros crucifixos, ainda muito raros em fins do século V (marfim do "British Museum"), século VI (Porta de S. Sabina, Evangeliário de Rábula), já há quase dois séculos que a crucifixão havia sido abolida por Constantino (315, o mais tardar 330), de modo que os artistas dessa época não haviam jamais visto um crucificado. S. Agostinho, na aurora do século V, declara que não mais se crucificava em Roma, há muitíssimo tempo. A forma da cruz foi portanto escolhida por êsses artistas por motivos que nada tinham que ver com a realidade: razões estéticas, facilidade de colocar o "titulus" bem visível, por cima da cabeça de Jesus. As duas formas serão sempre representadas na arte de tôdas as épocas, segundo o gôsto dos artistas.

Do século VI ao XII a produção oriental é muito mais importante. Compreende grande número de pequenos objetos, ampolas (Bobbio, Monza), turíbulo, que levam muitas vêzes a forma +. Também se encontra esta forma em afrescos como nos de Santa Maria Antiqua, no Forum (séc. VIII). Entretanto, as grandes composições que se espalharam a partir do século XI, contêm, muitas vêzes, a forma em T. Assim por exemplo é o que podemos ver em S. Lucas, em Fócida (na Grécia); na ilha de Dafnide, em Aquiléia (Itália) e em Santa Maria in Vescovio (Itália). Deixo de lado os crucifixos bizantinos, colocados no meio de grande quadro cruciforme cujas extremidades e lados se alargam em pequenos quadros acessórios, como o crucifixo de S. Damião em Assis.

Quando a pintura despertou na Itália, aí pelos séculos XII e XIII, os primitivos usaram de preferência a forma +, com Duccio e Cimabue. Mas já nos séculos XIV e XV o T recomeçou a florescer com Pietro Lorenzetti na igreja inferior de Assis, Giotto na Arena de Pádua, Fra Angélico na Igreja de S. Marcos em Florença. Todos três fixam o "titulus" por meio de estreita vara, sôbre o patíbulo.

Na França, os escultores góticos preferiram a forma +. Mas o T domina francamente, no século XV, em tôdas as escolas de pintura sejam elas provençal, borgonhesa, parisiense ou do norte; Bréa, Bellechose, Fouquet, preferem geralmente o T. No território Valão, o grande Roger dele Pasture só pinta com a forma em T. Também na Alemanha, Albert Durer prefere o T. O mesmo se diga de Jerônimo Bosch na Holanda e Memlick no país de Flandres. No século XVI, alguns artistas ficaram fiéis ao T, como Quentin Metsys. No século XVII, porém, em todos os países, a cruz latina prevalece; geralmente muito elevada em composições pomposas e grandiloqüentes que se afastam cada vez mais da verdade e da piedade. Pode-se, no entanto, ver ainda alguns T, em Lebrun (no Louvre) e em Rembrandt. Nossos artistas modernos a êle retornam prazenteiramente. Mas voltemos agora às origens.

Seria realmente interessante saber como os cristãos dos primeiros séculos imaginavam a cruz. Infelizmente, era esta, em todo o mundo romano, um objeto que inspirava horror tal e acarretava tanta infâmia que ninguém ousava exibi-la, mesmo aos olhos dos fiéis. Tõda a catequese apostólica era antes de tudo uma pregação triunfante da Ressurreição. Os primeiros crucifixos (V e VI séculos) serão imagens triunfantes de Jesus Cristo vivo, colocadas diante da cruz. Sõmente na Idade Média é que se desenvolveria a imagem e o culto da Paixão, a idéia mística da Compaixão.

Encontra-se, no entanto, uma ou outra representação do crucifixo em gemas gravadas nos primeiros séculos. Em uma delas, Jesus tem os braços em cruz, mas esta é invisível. Sõbre duas outras, a cruz aparece em T. Em uma cornalina do "British", Jesus Cristo está de pé com os braços estendidos, uma barra transversal está por detrás d'êle, por cima de suas espáduas e mãos. Tem êle aí, muito mais o ar de um condenado carregando o patíbulo à moda romana que de um crucificado. Por fim, o célebre grafito do Palatino, grosseiro desenho satírico que representa um cristão adorando um crucificado com cabeça de burro (era esta uma calúnia ordinária dos pagãos), mostra nitidamente desenhada, com simples traços, a cruz em T.

Nas catacumbas, a cruz é extremamente rara. Já se conheciam umas vinte, e as excavações quase não aumentaram êsse número. São cruces nuas, sem corpos, feitas com traços análogos aos das inscrições vizinhas. Quase sempre e constantemente, nos dois primeiros séculos, a cruz era simbolizada por imagens menos fáceis de serem compreendidas pelos não iniciados.

É sobretudo a âncora, símbolo da esperança, mas, Jesus é nossa maior esperança! Aliás, a âncora está muitas vêzes associada ao peixe que, geralmente, a cobre. Peixe é em grego "ichthys", cujas letras são as iniciais das palavras gregas correspondente a: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador" O peixe deitado por sôbre a âncora, algumas vêzes por sôbre um tridente é pois excelente imagem do crucifixo. A âncora evoca, por sua forma, claramente a cruz em T. Entretanto, só mui tardiamente e também raramente, o braço rectilíneo da âncora aparece cortado por outro transversal que sublima o aspecto crucial e figura talvez o patíbulo.

A cruz se apresenta sob as duas formas de T e +. A forma + se encontra sempre ao lado do nome de um defunto. A forma T se encontra também às vêzes nessas mesmas condições, mas na maioria tem um lugar muito especial: no meio de um nome, geralmente, com a mesma largura que as outras letras, mas ultrapassando-as tanto para o alto como para baixo. Por exemplo, em S. Pedro e Marcelino Ad Duos Lauros, lê-se ΔΙΟΝΤΥΚΙΟΥ (Dionysioy). Da mesma maneira, um grafito, descoberto em um dos 3 hipogeu da Catacumba de S. Sebastião, em Roma, traça o acróstico do Salvador não ΙΧΘΥΣ (peixe), mas sim ΙΤΧΟΥΣ. Coisa curiosa: encontra-se a mesma disposição, com a letra M,

com um traço por cima: \overline{M} , que todos os arqueólogos admitem como abreviação de Mártir. Assim VERIC M VNDVS, em Priscilla (Vericundus). Estas inscrições do T são antigas, do II ou III século, como a do M que é do século II. Não encontrei entre os arqueólogos a explicação destes T. Seriam também sinal de mártir, como as pequenas cruzes que têm os mártires na mão no afresco de S. Maria Antiqua? Será que estariam mesmo a indicar, quem sabe, um mártir crucificado?

Como se vê os indícios sobre a cruz de Jesus são bem raros e bastante imprecisos. Mas também aqui não vejo razão para que se tenha fabricado para Ele uma cruz especial. A que se deveria esperar era precisamente uma das cruzes do Gólgota. Seria portanto, não somente uma de altura média, mas ainda uma cruz em T, como o eram normalmente as cruzes romanas, segundo o parecer dos arqueólogos.

6.º Os cravos. — Jesus teve os dois pés e as duas mãos cravados sobre a cruz. Temos aqui não só a realização da profecia de Davi: "Foderunt manus meas et pedes meos — perfuraram-me as mãos e os pés". (Salmo 21), mas está também de acordo com a afirmação do próprio Salvador que disse aos apóstolos reunidos no Cenáculo, por ocasião de sua primeira aparição: "Videte manus meas et pedes meos, quia ego sum — vede minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo". — Dois ou três textos patrísticos que não falam dos cravos das mãos, nada são contra esta afirmação evangélica.

O único problema a resolver está no número dos cravos: três ou quatro? Ou, em outras palavras: foram os pés pregados separadamente ou um sobre o outro, com o mesmo cravo? A arqueologia romana parece absolutamente muda sobre este ponto. Os autores eclesiásticos se dividem entre as duas opiniões, mas infelizmente não apresentam os motivos de suas preferências.

S. Cipriano, S. Ambrósio, Gregório de Tours falam de 4 cravos. Pelo contrário, Nonius, no século IV, fala em "pedibus positus mutuo percomplicatis — com os pés cruzados". S. Gregório Nazianzeno escreve: "Triclavi repositum ligno — colocado no madeiro com três cravos". S. Boaventura: "Illi tres clavi sustinent totius corporis pondus — Aquêles três cravos sustentam todo o peso do corpo". O que, diga-se de passagem, supõe, no espírito de S. Boaventura, a ausência do "sedile". S. Brígida, em suas revelações, e Mons. Paleotto, arcebispo de Bolonha, no século XVI, complicam as coisas fazendo cruzar os pés, mas admitindo um cravo para cada um. Esta técnica foi executada por Giotto em Arena, mas é bem complicada. Veremos que a solução anatômica é infinitamente mais simples e melhor estabelecida.

Pode ser que se trate de questão de estética, uma vez que a tradição oral, para quem se poderia apelar, não chega a uma solução unívoca. Será pois interessante estudar a evolução do crucifixo neste particular. Mereceria isto longos estudos, mas poderemos esquematizar, grosso modo, da seguinte maneira:

As primeiras representações de Jesus crucificado não O representam como um supliciado. Jesus é apresentado de pé, em atitude majestosa, diante da cruz, sobre a qual abre os braços horizontalmente. Nas mãos aparece a cabeça de um prego, mas os pés não estão cravados (cf. o da porta de S. Sabina em Roma). No marfim do British Museum, Jesus está elevado sobre a cruz, com os braços abertos e as mãos pregadas, mas os pés pendem verticalmente e não estão fixos. No Evangelário de Rábula temos a mesma disposição, mas as pernas estão pregadas à haste vertical, um pouco acima dos tornozelos e separadamente; os pés pendem livre e obliquamente.

Esta posição levou, mais tarde, os artistas a imaginar, por conta própria, o "suppedaneum" que colocam primeiro horizontalmente sob os pés que ficam pregados um ao lado do outro, em cima dele; assim em S. Lucas em Fócida (Grécia). Mas os pés horizontais são inestéticos e mui rapidamente, o supedâneo tomou a forma de uma consola oblíqua que se conservaria até nossos dias; retomarão assim os pés uma posição oblíqua, muito mais natural. É o que se vê, de início, entre os Bizantinos, em Dafné, Aquiléia, etc. Depois, entre os pintores e escultores da Idade Média. Isto não impede, no entanto, que encontremos muitas vezes, os pés pregados diretamente nos "stipes". Esta supressão do supedâneo é sobretudo freqüente na França, nos séculos XIV e XV.

Aliás o supedâneo oblíquo acarreta outra modificação: o cruzamento dos pés. Após a representação dos membros inferiores em posição vertical, vê-se que os ondulam lateralmente na altura dos joelhos, para levar os pés à vertical e os pregar paralelamente sobre a consola. Mas, bem depressa, os joelhos passaram a se dobrar no eixo do corpo e os pés se cruzam um diante do outro sobre o suporte. Já se encontra tal representação em 1270, em "Santa Maria in Vescovio". Esta posição quase não parece ser conhecida na Itália, antes do século XV; mas já é encontrada, na França, nas esculturas do século XII. Daí por diante, encontramos ainda de tempos em tempos, pés paralelos com dois cravos, mas a regra geral é, cada vez mais, cruzar os pés. Quase sempre, a isso voltaremos (no capítulo VI), o pé esquerdo está atrás do direito, contrariamente ao que se vê no Mortalha.

Segue-se de tudo isto, que a escolha dos artistas entre 3 ou 4 cravos era consequência única e exclusiva de razões estéticas e que o cuidado da forma os conduziu progressivamente à verdade histórica. Nada mais resta a fazer aos artistas atuais senão suprimir de vez o supedâneo imaginário, para se adaptarem completamente à realidade, como seus predecessores do século XVI.

7.º Estava Jesus nu sobre a cruz? — Antes de tudo, é bem evidente, que, antes de O crucificarem, tiraram-Lhe as vestimentas, uma vez que os soldados as dividiram entre si e tiraram a sorte de sua túnica (João, 19, 23). Trata-se pois de saber se conservou algum pano em volta dos rins. De acordo com o citado estudo do Padre Holzmeister, foram os Padres unânimes em afirmar

esta nudez. Mas baseiam, geralmente, sua opinião em razões de simbolismo tiradas do Antigo Testamento (por exemplo, Adão estava nu quando pecou, Jesus estava nu quando nos resgatou) ou se contentam em se referir ao "costume romano" sem nenhuma outra tradição histórica especial para Jesus (4).

A esta opinião pode-se opôr um texto apócrifo tirado dos "Atos de Pilatos", segundo o qual, depois de Lhe terem tirado as vestimentas, Lhe teriam restituído um "lention", palavra grega que quer dizer "pano", uma espécie de tanga (?).

Seria de admirar que os romanos que O haviam tornado a vestir, após a flagelação, para que carregasse a cruz, mesmo contrariando seus próprios costumes a fim de condescender com as idéias judaicas de decência e respeitar as tradições nacionais, não Lhe tenham deixado sôbre a cruz pelo menos êste último resto de indumentária.

O costume judaico, escreve o Padre Lagrange (In Evang selon S. Marc), era o seguinte: "Chegado à distância de 4 côvados, despe-se o condenado e, se fôr um homem, dever-se-á cobri-lo pela frente; se fôr mulher dever-se-á cobri-la pela frente e pelas costas" (Sanh. VI, trad. Schwob).

Tôda a questão, no entanto, fica prejudicada pelo "costume romano". Deveria o crucificado, entre êles, ficar nu? É o que afirma Artemídoro (Ornirocriticon), segundo D. Leclerc; "Gymnoi gar staurountai". Mas, o que significa êste "gymnos" — "nu"? Todos os antigos levavam por debaixo das vestes, quaisquer que fôsem, o que chamavam de "subligaculum". Era uma espécie de calção, formado por uma faixa de pano que se enrolava em volta dos rins e das coxas e que se usava permanentemente.

S. Marcos conta no cap. 14, 51 que após a prisão de Jesus um jovem — muito provàvelmente êle mesmo — seguia o cortejo não tendo senão seu "sindon" (= lençol?) sôbre o corpo nu. O "sindon", vê-lo-emos mais tarde, era uma comprida peça de pano com que se envolvia o corpo por debaixo da túnica e que se conservava como roupa noturna. Marcos estava dormindo no Jardim das Oliveiras, despira, portanto, sua túnica, mas, está claro, conservara seu "subligaculum" por debaixo do "sindon". Ora, quando

(4) N. do Trad.: Pròpriamente, não há unanimidade por parte dos S. Padres mas, como diz o já citado Padre Holzmeister, "unanimi fere consensu ita loquuntur" i. e. "com uma concórdia quase unânime, assim falam" (o grifo é nosso). Quase unanimidade quer dizer que não houve unanimidade, embora pouco faltasse para ela. Passa em seguida, o Padre Holzmeister, a explicar por que êsses testemunhos, aliás numerosos, em favor da nudez, não têm valor quanto ao fato em si, uma vez que não citam o fato isolado mas o referem em atenção a alguma comparação, como o paralelo feito com Adão, com Noé, com o Sol, etc. (cf. pág. 260 s.). Em outras palavras, baseados no costume romano admitiram o fato sem investigação, usando-o para comparações que se prestavam a ilustrar outras doutrinas. No caso, como testemunho indireto, *per transena*, tem muito menor valor.

os guardas o quiseram pegar, abandonou-lhes o "sindon" e "gymnos ephygen — fugiu nu". Parece, portanto, que esta nudez não compreendia o "subligaculum".

Peço licença para apresentar paralelamente a êste texto uma história análoga dos "Fioretti". O costume ainda era o mesmo no século XIII. S. Francisco para punir Fr. Rufino que se recusara, devido à sua incapacidade, a pregar na cidade, ordenou-lhe que fosse a Assis e aí pregasse completamente nu. Ora, o título dêste capítulo 29 traz "ignudo nato — nu como quando nasceu". No entanto, o texto explica, pela bôca de S. Francisco, "ignudo, solo coi pani di gamba — nu, não tendo senão seu calção". Dir-me-ão que já era outra época. Certamente, mas temos aqui o mesmo costume e, provavelmente, a mesma concepção da palavra nu.

A questão fica duvidosa. Vejamos o que dela pensou a iconografia. Pode-se dizer que nenhum artista ousou representar esta nudez de Jesus na cruz. Seria por demais odiosa (vide fig. 1, e o artista tem sob os olhos a Mortalha em que Jesus está claramente nu). D. Leclerc diz que sôbre as pedras esculpidas, de que já falamos, e que são provavelmente dos primeiros séculos, o corpo crucificado está nu. Confesso de que seja difícil de se julgar pelos desenhos que O representam, em todo o caso, nas primeiras esculturas importantes que temos (S. Sabina e British Museum), Jesus, e, como êle, os dois ladrões usam o "subligaculum".

Perpetuou-se tal tradição, desde essa época, nos países orientais. A maioria dos crucifixos bizantinos (S. Lucas, Dafné, etc.) são dêste tipo. No Ocidente, pelo contrário, durante tôda a alta Idade Média, o crucificado está largamente vestido, como no afresco de "S. Maria Antiqua" (século VIII). Um tipo dos mais característicos é o "Santo Volto" de Lucques, um crucifixo de cedro que teria sido esculpido por Nicodemos, mas que deve datar, no máximo, do século VIII. O corpo está completamente vestido (na madeira) com uma longa roupa, com mangas, que não deixa a descoberto senão as mãos e os pés. Aliás encontra-se êsse tipo de escultura ricamente vestida com roupas de pano. As pernas estão direitas, e o conjunto evoca muito mais a majestade e o triunfo que a tortura.

Aliás o "Santo Volto", fêz escola, e podemos encontrar suas imitações um pouco em tôda a parte no Ocidente. Citemos sômente o célebre "Saint Saulve" (Salvador) da catedral de Amiens.

É necessário chegarmos à primeira renascença italiana (século XIII) e à escultura francesa, chamada gótica, para vermos reaparecer os crucifixos nus, não tendo senão o "subligaculum". Está geralmente vestido com uma tanga mais ou menos longa e artisticamente arranjada.

Fato mais curioso ainda vem mostrar até que ponto o nu completo repugnava aos artistas; em grande número de cópias antigas da Mortalha, o pintor acrescentou em volta da bacia "pelvis" informes calções que nada, no original, permite nem sequer suspeitar. (A região das nádegas está coberta de chagas da flagelação).

Notai que, por mim, admitiria sem grande dificuldade, que as impressões da bacia se tenham feito através do "subligaculum". As imagens vegetais de Volckringer se formaram através da folha-suporte sobre a folha-envoltório. Os papéis colados sobre a planta para a fixar, em nada incomodam a formação das impressões através delas. Mas o "subligaculum" de Jesus estava seguramente muito manchado de sangue, de modo que os coágulos teriam deixado seus decalques.

Tudo isto, devemos confessar, é assunto artístico, preocupação de estética, de decência, de respeito, misturados ao desejo de exprimir de maneira bastante real os sofrimentos da Paixão. Após ter pleiteado, de algum modo, a causa do "subligaculum", não posso deixar de retornar à opinião dos Padres, cuja quase unanimidade é igualmente impressionante.

Verifiquei os textos citados pelo Padre Holzmeister. Todos falam de "nudus, nuditas, gymnos, gymnesthai — nu, nudez, nu, ser desnudado". S. João Crisóstomo, por exemplo, escreve: "Foi Ele conduzido nu à morte — epi to pathos egeto gymnos". "Eis-tekeigymnos eis meso ton ochlon ekeinos — ficou nu no meio daquela multidão". Encontrei também um texto de S. Efrém, o Sírio, (Sermão VI sobre a Semana Santa, trad. lat. do Padre José Leclerc) em que, como Alexandre de Alexandria, diz que o Sol se escondeu diante da nudez de Jesus. É exagêro seu o referir-se também à Lua, porque quando está cheia não aparece de dia. Entretanto, escreve êle: "Quia vere nudatus erat Ille qui omnia vestit, astrorum lux obscurata est — A luz dos astros se obscureceu porque fôra completamente despido Aquêle que veste tôdas as cousas". Eis aqui, por fim, uma determinação ainda mais preciosa de S. João Crisóstomo: fala de Jesus que, antes de subir à cruz, despojou-se do velho homem, tão facilmente, como de suas vestimentas e, acrescenta: "Está ungido como os atletas que vão entrar no estádio" (Homilia sobre a Epist. aos Colossenses). Ora tôda a escultura grega nos mostra êsses atletas **completamente nus**.

Tôdas as afirmações patristicas não estarão talvez apoiadas em uma tradição oral para nós perdida? É bem difícil de se responder.

Em todo o caso, replto: **jamaiz artista algum** quis fazer um crucificado inteiramente nu.

Ora, é justamente isto que encontramos no Sudário. Será possível que um falsário tivesse tido idéia tão fora do comum que iria chocar violentamente tôdas as nossas tradições artísticas de decência e de respeito?

8.º Fixação à cruz. — Parece que sobre isto não há senão três maneiras de execução.

1.º — A cruz completa fica deitada no chão. Aí se fixam, à cruz, os pés e as mãos de Jesus. Depois, ergue-se a cruz e coloca-se a haste vertical em um buraco adrede preparado. A manobra é complicada, penosa e perigosa. É verdade que seduziu artistas como Rembrandt, mas duvido muito que satisfizesse os car-

rascos, sobretudo em se tratando de trabalho em série. Tècnica-mente teria eu grandes dificuldades para o admitir. Além disto, está eliminada por tudo aquilo que sabemos, com certeza, sôbre a cruz romana. Esta idéia teria tido, diz-se, sua origem no Evangelho apócrifo de S. Pedro. Foi retomada, na Idade Média, por S. Anselmo.

2.º — A cruz completa já está erguida e o condenado nela é pregado em pé. Esta idéia teve seus partidários, e, talvez provenha dos “Atos de Pilatos”, outro apócrifo. As mesmas dificuldades arqueológicas a elas se opõem. Não lhe encontro senão um merecimento: inspirou ao notável Fra Angélico uma composição verdadeiramente tocante, é o único, creio eu, que pintou a crucifixão sob esta forma. Naquela afresco da cela 36 do convento de S. Marcos, em Florença, Jesus está encostado à cruz, de pé e no tópo de pequena escada. Ele próprio estende as mãos que dois carrascos, cujas escadas estão apoiadas por detrás do patíbulo, se preparam a cravar.

3.º — Jesus é pregado ao patíbulo estando êste deitado ao solo. Depois é erguido juntamente com êste, é encostado ao “stipes” e todo o conjunto é erguido para ser enganchado o patíbulo no alto do “stipes”. Poder-se-ia ainda admiti-lo subindo de costas em uma escadinha como a de Fra Angélico, encostado ao “stipes” para facilitar a ascensão.

É a solução mais simples, a mais fácil para os carrascos e isto como já disse, constitue argumento de 1.ª grandeza. Êste modo, está de resto, de acôrdo com os textos de S. Atanásio, S. João Crisóstomo, S. Ambrósio e S. Agostinho: “crucem ascendisse — ter subido à cruz”, “se permisit in crucem levari — permitiu que O elevassem à cruz” e os outros textos já citados em favor da segunda hipótese. É, por fim, a única solução que concorda com tudo que aprendemos através da arqueologia sôbre a crucifixão segundo os costumes romanos.

9.º **O lançamento.** — Sempre me perguntei qual teria sido a razão dêste gesto esquisito, anormal em um soldado que acabara de assistir à morte de Jesus. A mentalidade dêsses guardas se modificara bastante durante as três horas de agonia, no sentido da piedade e do respeito. O centurião fazendo-se intérprete de seus homens (Mateus atribue a frase ao conjunto dos soldados) acabara de proclamar solenemente: “Êste homem era um justo” (Lucas) ou, segundo a fórmula hebraica de Marcos e de Mateus: “Êste homem era Filho de Deus”, que significa mais ou menos a mesma cousa.

Ora, acabam precisamente de verificar que Jesus estava visivelmente morto e por isto poupam-lhe o “crurifragium” que rapidamente vai acabar com os dois ladrões, precipitando-os na tetania e asfixia, como veremos mais tarde. É sôbre um cadáver já averiguado como tal, que um dos soldados val desferir um lançamento no coração?!

A razão está em que, se é que interpretamos bem os textos legais, êste ferimento do coração era o gesto regulamentar que devia o soldado fazer para entregar o corpo à sepultura.

Segundo S. João, foi depois do golpe de lança que José de Arimatéia foi à fortaleza Antônia pedir a Pilatos o corpo de Jesus. Mas, desde que chegaram ao Calvário, todo o pelotão via muito bem aquêlo grupo de certa importância além de "numerosas mulheres" conforme acrescenta Marcos depois de sua enumeração nominal, que cercava Maria e João, sendo êstes visivelmente os membros da família. Se tôdas estas pessoas se mantiveram inicialmente ao longe (apo makrothen), por fora do círculo das sentinelas, devem ter se aproximado após a partida dos Judeus insolentes. A prova disto está nas palavras de Jesus a sua Mãe e ao discípulo amado. Talvez mesmo, os soldados os tivessem ouvido manifestar a intenção de pedir o corpo. Em todo o caso, era evidente que o fariam. Uma vez verificada a morte, o golpe de lança tornava-se um gesto natural e favorável para preparar a entrega do corpo de acôrdo com o regulamento.

Confesso, com franqueza, que esta idéia me conforta e me faz compreender melhor.

CAPÍTULO III

CAUSAS DA MORTE RAPIDA

A) CAUSAS PREPARATÓRIAS

Após a morte de Jesus, e a lançada que lhe atingiu o coração, “José de Arimatéia... apresentou-se intrêpidamente (audacter) diante de Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Ora, Pilatos admirou-se de que Ele já estivesse morto (Pilatus autem mirabatur si jam obiisset — o de Pilatos ethaumasen ei ede tethniken) e tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se já estava morto. E tendo recebido a resposta do centurião, concedeu o corpo a José” (Marcos, 15, 42 s.).

Jesus, com efeito, não tivera senão cêrca de três horas de agonia o que é, realmente, muito pouco para um crucificado. Os ladrões sobreviveram a Ele e só vieram a morrer logo depois porque, ao lhes quebrarem as pernas, aceleraram-lhes a asfixia. Tinham os judeus pedido isto a Pilatos por quererem enterrar os três corpos antes do anoitecer. A lei judaica mandava que os crucificados fôsem retirados da cruz e sepultados no mesmo dia. A isto acrescia que era véspera do sábadó, e, mais ainda, véspera da grande festa de Páscoa. Era a “paraskeue”.

Os crucificados tinham, em geral, uma agonia bem mais longa, pelo menos, em determinadas circunstâncias, como veremos em breve. Não era raro, segundo Orígenes, vê-los sobreviver tôda a noite e o dia seguinte. Um texto árabe afirma que, em 1247, em Damasco, um crucificado durou até o 3.º dia da crucifixão. Outras sobrevivências mais longas ainda, são citadas mas com menor garantia de veracidade.

Chegou mesmo a acontecer que se despregassem crucificados que sobreviveram. Cita-se o caso de um magistrado de Dario (Heródoto) e o de um Chereas (Chariton) (1). Mas o exemplo contado por Flávio José é o mais interessante. Durante o cêrco de Jerusalém, no ano 70, três de seus amigos caíram prisioneiros dos Romanos, durante sua ausência e foram crucificados. Ao voltar, de tarde, ao campo romano, recorreu imediatamente a Tito de quem obteve graça para seus amigos que foram logo despregados de suas cruces. Dois não puderam ser restituídos à vida pelos médicos, mas o terceiro conseguiu sobreviver. Ora, os dois primeiros tinham sido pregados ao passo que o sobrevivente fôra apenas amarrado. Vê-se portanto, que uma variação da modalidade da crucifixão podia

(1) Romancista grego do século V.

acarretar a morte com maior ou menor rapidez. Os amarrados, dizia Flávio José, agonizavam mais lentamente e podiam ser reanimados com mais facilidade.

Todos os outros autores que falaram d'este suplicio são unânimes em fazer da cruz o mais terrível e o mais cruel de todos os suplicios: "crudelissimum et teterrimum supplicium" escreveu Cícero. Nenhum d'êles, no entanto, apresenta razões, quando muito acrescentam que os tormentos se prolongavam por muito tempo. Por que então sucumbiu Jesus tão mais depressa que a média dos condenados? É o que vamos agora determinar.

Evidentemente, tôda uma série de circunstâncias, das quais algumas foram invocadas como causa da morte, vieram se acumular para diminuir sua resistência física. E nós bem o sabemos pela experiência fisiológica, que choques dolorosos, em série, não se somam mas, em certa medida, se multiplicam. (Uma série de excitações abaixa o limiar da reação).

Já na véspera, sofrera Êle, no Jardim das Oliveiras, uma agonia moral espantosa, produzida pela previsão de Sua Paixão física e pela consciência de todos os pecados dos homens, que aceitava sobre Si para remí-los. Êle próprio dissera a seus apóstolos: "Minha alma está triste até à morte", expressão semita para designar uma "tristeza mortal". Esta grave perturbação pode acarretar um fenómeno conhecido em medicina, do qual S. Lucas, como médico, dá uma descrição perfeitamente clínica e surpreendente em sua brevidade. O fenómeno, aliás raro, é provocado por um grande abalo moral, seguido de profunda emoção e de grande medo. Descreve S. Lucas, no Getsêmani, a luta da Humanidade de Jesus perante o cálice de sofrimento que se apresenta a Êle e a aceitação d'este cálice: "Pai, que a tua vontade seja feita e não a minha" (Lc. 22, 42). Acrescenta Marcos: "Coepit pavere et taedere — Começou a sentir pavor e angústia" (Mc. 14, 33).

Depois continua Lucas: "Et factus in agonia, prolixius orabat. Et factus est sudor eius sicut guttae sanguinis decurrentis in terram (segundo a Vulgata) — e entrando em agonia, rezava com mais instância. E o suor tornou-se como que gôtas de sangue caindo até o solo" (Lc. 22, 24). O texto grego, porém, diz com mais exatidão: "Egêneto ho hidrós autou hosei thromboi haimatos katabainontes epi ten gen". Ora, thrombos quer dizer "coágulo". Notemos que sempre êstes coágulos de sangue têm atrapalhado bastante os tradutores; coágulos, dizem êles com tôda a razão, não podem sair do corpo. E assim passam a torturar as palavras por não terem compreendido o fenómeno fisiológico. Melhor ainda fizeram alguns manuscritos antigos que suprimiram esta passagem como indigna da Divindade de Jesus Cristo. O Padre Lagrange, genial exegeta, mas não médico, traduziu: "como glóbulos de sangue, que corriam até o solo" (Comme des globules de sang, qui coulaient jusqu'à terre).

Ora, o fenómeno que em linguagem técnica chamamos "hematidrose", consiste em intensa vaso-dilatação dos capilares sub-cutâneos. Distendidos ao extremo, rompem-se em contacto com milhões de glândulas sudoríparas espalhadas por tôda a pele. Essa mesma

vaso-dilatação provoca intensa secreção das glândulas sudoríparas. O sangue se mistura com o suor, e esta mescla porea por toda a superfície do corpo. Mas, uma vez em contacto com o ar, o sangue se coagula. Os coágulos assim formados sobre a pele caem por terra levados pelo abundante suor. Pôde então escrever S. Lucas, como bom médico e bom observador: "E seu suor tornou-se como que coágulos (não gôtas) de sangue que caíam até o solo".

Dêste fenômeno podemos tirar logo duas conseqüências. A primeira é ter havido considerável diminuição da resistência vital após esta hemorragia, que é grave, dada a extensão da superfície em que se produz. Depois, assinalaremos como segunda conseqüência, o estado anormal em que ficou a pele por ter sangrado na intimidade de suas glândulas sudoríparas, em toda a superfície do corpo. Ficou assim mais sensível, dolorida e, portanto, menos apta a suportar as violências e os golpes que iriam atingi-la na noite e no dia seguinte, até culminar com a flagelação e crucifixação.

Esta sensibilização da pele que é, de resto, um fenômeno puramente fisiológico nos faz refletir sobre outro fato que domina toda a Paixão; não devemos perdê-lo de vista uma vez que pode trazer sua contribuição para explicar, humanamente falando, a brevidade da agonia. Os homens não têm todos a mesma resistência nem as mesmas defesas diante da dor física. Para nós médicos é cousa de experiência quotidiana que um enfermo um tanto rude é menos sensível à dor que outro mais apurado e culto. E note-se, não é isto somente uma reação psíquica, porque vêem-se, pelo contrário, operários de vontade débil suportar com dificuldade um sofrimento a que não estão acostumados. E, vice-versa, organismos fisicamente apurados, os suportam com grande paciência e a eles resistem melhor no conjunto, sob a influência de uma alma mais forte e de sentimentos elevados. Parece portanto que há, realmente, uma correlação entre o apuramento do sistema nervoso sensitivo e a intensidade do sofrimento, mesmo físico, independentemente das reações puramente psíquicas.

Ora, devemos admitir que em Jesus, a união de Sua natureza divina à Sua natureza humana desenvolvera ao máximo esta sensibilidade física. Por outro lado, Nosso Senhor tendo assumido esta natureza humana, tinha a firme vontade de lhe suportar as conseqüências dolorosas em toda sua extensão.

Na mesma série de causas de enfraquecimento, devemos enumerar também as sevícias suportadas durante a noite, sobretudo entre os dois interrogatórios, durante os quais foi Ele a prês e o escárnio de uma turba infame de criados do templo, "êstes cães sanguinários", como os chama S. João Crisóstomo. Ainda devemos acrescentar os golpes recebidos no pretório, após a flagelação e a coroação de espinhos; tapas, sócos e mesmo pauladas porque a palavra "rapísmata" que S. Jerônimo traduz por "alapas" (= tapas), significa também e, fundamentalmente, "golpes desferidos com um bastão ou pedaço de pau".

A prova de que êste é o sentido óbvio de "rapisma" se deduz da comparação entre S. João e S. Mateus, no momento da flage-

lação. Ambos narram que após a coroação de espinhos, dobravam os soldados o joelho diante d'Ele e diziam: "Ave! ó rei dos judeus!" e acrescenta S. João: "Kai edidosan auto rapísmata — et dabant ei alapas — e davam-Lhe tapas (= pauladas)". Mas S. Mateus é mais explícito: "Kai élabon ton kálamon kai etapton eis ten kephalen autou — et acceperunt arundinem et percutiebant caput eius — e tomaram o caniço (um pau) e batiam-Lhe na cabeça".

Encontramos o vestígio dessas sevícias na Santa Mortalha, em uma grande contusão da face direita e uma fratura da borda cartilaginosa do nariz. Mas tôdas estas pancadas, desferidas principalmente sôbre a cabeça podiam ter produzido também um abalo, talvez grave, aquilo que chamamos de comoção ou mesmo contusão cerebral que se caracteriza pela ruptura mais ou menos extensa de pequenos vasos nas meninges e cérebro.

As hemorragias também enfraqueceram considerável e progressivamente a resistência vital. Já falamos do suor de sangue. Mas pelos tramautismos que vamos encontrar no Santo Sudário, foi sobretudo a selvagem flagelação e a coroação de espinhos suportada no pretório de Pilatos, no "Lithróstotos", que devem ter provocado a perda de sangue mais grave. Os açoites, armados de bolas de chumbo ou ossos, como vimos, cobriram o corpo de chagas que sangraram por bastante tempo, uma vez que podemos encontrar seus vestígios sangrentos na Mortalha, sôbre a qual se decalcaram umas seis horas mais tarde. Deixemos por ora de lado as chagas do transporte da cruz, porque as estudaremos, mais tarde, detalhadamente. Quanto à crucifixão em si, não ocasionou em Jesus senão uma perda relativamente muito pequena de sangue.

Mas tôdas estas hemorragias, causas certas de um enfraquecimento tal que foi necessário fazer Simão carregar a cruz para que Ele chegasse ao Calvário, não são suficientes para provocar a morte, nem mesmo para explicar completamente a relativa brevidade de sua agonia.

Falou-se da fome. Nada comera, com efeito, desde a Ceia de quinta-feira Santa até a morte. Mas não se morre de fome em vinte horas. É mesmo pouco provável que até as longas agonias sôbre a cruz chegassem a matar pela fome, como pretende Eusébio.

Teve sede, e uma sede violenta, como todos os crucificados. Esta sede era ocasionada primeiro pela perda de sangue, depois pelos suores abundantes que acompanham, como o veremos, a suspensão pelas mãos e as caimbras assim provocadas. Mas isto não pode ainda ser uma causa de morte.

Falou-se de insolação; mas os crucificados morriam também à sombra e em todos os tempos, de dia e de noite.

Suportou, é verdade, um dos sofrimentos mais atrozes que se possa imaginar, o provocado pelo ferimento de um grande tronco nervoso, como os medianos. A dôr produzida por tal ferimento é seguida de queda brusca da tensão arterial, mesmo sob anestesia geral e nós, cirurgiões, contraímos o hábito de injetar, nestes troncos, novocaína antes de os cortar. Acarreta êste ferimento, muitas vêzes, a perda dos sentidos. Mas nada no Evangelho.

nos leva a supor que Jesus tivesse permitido se aproveitar desta síncope natural para interromper a dor; e os cravos continuavam a comprimir estes nervos feridos, sempre que se esforçava Ele por falar ou respirar. Aliás estas síncofes não são mortais.

Alguns autores ingleses, o Dr. Stroud em particular, propuseram a hipótese de ruptura do coração que viria explicar, segundo ele, a saída de sangue e água (coágulos e sêrum!) por ocasião do lançamento. Examinaremos e refutaremos esta última hipótese, no fim do capítulo VII. Não se encontra ruptura cardíaca a não ser em órgão enfêrmo, portador de infartus ou de degenerescência amilóide. Não temos motivo algum para supor um tal estado patológico do coração de Jesus; a saída de coágulos e de sôro, como o veremos, é absolutamente impossível nesta hipótese. Mas não passará tudo isto de imaginação pseudomística, aliás muito bela: o coração de Jesus que se romperia num excesso de amor pelos homens. Cientificamente não se pode sustentar tal coisa.

O hidropericárdio (derramamento seroso na parte exterior do coração) existia, certamente, e nós o estudaremos ao examinarmos a chaga do coração (cap. VII). É bem possível, como o sustenta Judica, que seja ele devido a uma pericardite traumática, de desenvolvimento rápido, em consequência dos violentos traumatismos sofridos pelo torax, especialmente, durante a flagelação. Acarreta dores terríveis e grande angústia, mas não se pode conceber que tenha provocado a morte rápida.

Em seu artigo sobre "O suplício da Cruz" (na revista "L'Evangile dans la Vie" de abril de 1925), o Dr. Le Bec propôs a hipótese sustentada depois com firmeza pelo Dr. Louis, na "Revue de la Passion" (nov. de 1936) de que a deglutição de um pouco d'água podia provocar síncope mortal em um crucificado. Citava então o caso do assassino de Kléber que, **empalado**, morreu desta maneira. "Apenas bebeu ele, soltou um grito e expirou". Tenta, evidentemente, aproximar este fato da esponja embebida em vinagre que foi oferecida a Jesus. Todos os exegetas modernos pensam que este vinagre era a "posca", bebida usual dos legionários, feita de água com um pouco de vinagre e ovos batidos. Devia haver ali, para os guardas, uma ânfora cheia.

Segundo Marcos e Mateus, tem-se a impressão de que Jesus tenha expirado após ter recebido esta bebida. Mas a frase seguinte que, de resto não acarreta absolutamente nenhuma relação de causa e efeito, diz simplesmente: "Ora, Jesus, tendo dado um grande grito, expirou" (Marcos). — "Ora, Jesus, tendo de novo clamado com voz forte, entregou o espírito" (Mateus). Nenhum dos dois nos diz, no entanto, se este grito era uma palavra articulada ou simples som emitido à maneira de exclamação. Mas João é mais explícito. Notemos, primeiro que é S. João o único a registrar a palavra de Jesus: "Tenho sede" e a explicar o gesto de um dos assistentes que Lhe oferece de beber. Acrescenta o evangelista S. João: "Jesus tendo recebido o vinagre, disse: Está tudo acabado. E inclinando a cabeça, entregou a alma.". Logo, falou

depois de ter bebido, (se é que bebeu) o que não se coaduna com a síncope brutal do empalado.

Lucas omite o episódio da esponja. Confesso que um tal silêncio me parece bem estranho num médico como este, excelente observador e tão ávido de informações que solicita de todos os lados (como, aliás, adverte em seu prólogo “...depois de haver diligentemente investigado tudo desde o princípio”). Leu estes detalhes em Marcos e talvez mesmo em Mateus, e, no entanto, os negligenciou! A assim chamada síncope por deglutição, teria sido bem conhecida pelos antigos, como o afirma Le Bec? Não cita as fontes, de minha parte nada encontrei. Como então explicar que um médico como Lucas tenha negligenciado fato tão importante, que seria nada menos do que a causa da morte e explicaria a incomum brevidade da agonia? Constituiria isto falta imperdoável para um jovem estudante e esquecimento bem singular em tão perito clínico, qual era o nosso Santo Confrade.

Ora, descreve êle a obscuridade, o véu do Templo que se rasgou de alto a baixo e depois continua: “E clamando com voz forte (como S. Mateus, mas eis aqui a palavra) disse: “Meu Deus, em vossas mãos entrego meu espírito”. E dizendo estas palavras, expirou (exepneusen, o termo medical). Não! decididamente a hipótese da deglutição mortal não me satisfaz de forma alguma.

B) CAUSA DETERMINANTE

Tudo o que acabamos de examinar, constitui, portanto, causa de enfraquecimento e de dór, que muito deve ter contribuído para acelerar a agonia. Mas ainda não encontramos uma causa determinante da morte, uma que, sem tergiversações, independentemente das circunstâncias variáveis **matasse sempre, cedo ou tarde, os crucificados. Esta causa, digamo-lo logo, era a asfixia.** Os crucificados morriam todos asfixiados.

O trabalho do Dr. Le Bec, meu predecessor como cirurgião no Hospital de S. José (2) já contém, sobre este fato, noções precisas, exatas e completas. Para êle a fixação dos braços levantados, portanto em posição de inspiração, acarreta relativa imobilidade das costelas e grande incômodo na respiração; o crucificado tem a impressão de sufocamento progressivo. (Cada um poderá verificar por si mesmo, como esta posição prolongada, mesmo sem tração alguma sobre as mãos, acarreta uma dispnéia das mais desagradáveis). O coração deverá trabalhar mais, suas pulsações se precipitam e enfraquecem. Segue-se uma certa estagnação nos vasos de todo o corpo. E “como, por outro lado, a oxigenação se faz mal nos pulmões que funcionam insuficientemente, a sobrecarga de ácido carbônico provoca excitação das fibras musculares e, como consequência, uma espécie de **estado tetânico de todo o corpo.**”

(2) “Le Supplice de la Croix”, abril de 1925, loc. cit.

Tudo isto é perfeitamente exato, fisiológica e logicamente deduzido. Le Bec teve o imenso mérito, em 1925, de conceber, ponto por ponto, esta teoria que coincide com a realidade. Não podia obter-lhe, felizmente para a França, uma prova experimental, mas previa tudo o que as tristes observações de Hynek deveriam confirmar, tudo o que este já viu durante a guerra de 1914, mas que só publicaria dez anos após o artigo de Le Bec.

É, com efeito, ao Dr. Hynek, de Praga, que devemos a triste confirmação da tese de Le Bec, sendo esta a contribuição pessoal e importante deste autor para o estudo da Paixão; pois viu com os próprios olhos aquilo de que o Dr. Le Bec teve a mais bela intuição (3).

Dois fatos colocaram o Dr. Hynek no caminho desta explicação:

1.º — A observação dos êxtases de Teresa Neumann, que, quase todas as sextas-feiras, revive e reproduz por imitação os sofrimentos da Paixão de Jesus.

2.º — A recordação de um suplício, ou de grave punição como se quiser chamar, em uso no exército austro-alemão para o qual fôra recrutado como tcheco, na guerra de 1914-18. Este castigo que se denomina "aufbinden", e que os nazistas tiveram cuidado de não esquecer, consiste em suspender, pelas mãos, o condenado a um pelourinho. Seus pés apenas tocam o solo com as pontas dos dedos. Todo o peso do corpo, e isto é importante, fica apoiado nas duas mãos fixadas no alto. Vê-se, em pouco tempo, surgir contrações violentas em todos os músculos, que terminam em um estado permanente de contratura, de rigidez em contração destes músculos. É o que se chama, vulgarmente, de caimbra. Todos sabem o quanto são dolorosas e que não se pode aliviá-las a não ser puxando o membro no sentido oposto ao dos músculos contraídos.

Começam estas caimbras nos ante-braços, passam para os braços estendendo-se aos membros inferiores e ao tronco. Muito rapidamente os grandes músculos que produzem a inspiração, grandes peitorais, esternocleido-mastoídeos e diafragma são também tomados. Daí resulta que os pulmões se enchem de ar mas não conseguem fazê-lo sair. Os músculos expiradores, também eles contraídos, são mais fracos que os inspiradores (a expiração se faz ordinariamente e sem esforço muscular, pela elasticidade dos pulmões e da caixa torácica).

Estando assim os pulmões em inspiração forçada e não podendo se esvair, segue-se que a oxigenação normal do sangue que nêles circula não mais se pode fazer e que a asfixia se apodera do paciente da mesma forma como se fôsse estrangulado. Fica no estado de um enfisematoso em plena crise de asma. Temos, aí, o mesmo quadro que o provocado por uma enfermidade infecciosa,

(3) Dr. R. W. Hynek, "Le martyre du Christ", trad. francesa, 1937. Edição tcheca (original) de nov. de 1935. Há também uma tradução portuguesa: "A Paixão de Cristo", edit. Vozes de Petrópolis, 1949.

o tétano, pela intoxicação dos centros nervosos. É justamente por isto que este síndrome de contração generalizada, qualquer que seja a causa determinante, e há outras, é chamado "tetania".

Notemos que, além disto, a falta de oxigenação do sangue pulmonar acarreta, nos músculos, onde continua a circular, uma asfixia local com conseqüente acumulação de ácido carbônico (segundo a exata observação de Le Bec), que por uma espécie de círculo vicioso, aumenta progressivamente a tetanização destes mesmos músculos.

Vê-se, então, o paciente, com o peito distendido, apresentar todos os sintomas da asfixia. O rosto fica vermelho e se torna violáceo; abundante suor corre da face e de todo o corpo. Se não se quiser fazer morrer o infeliz, é necessário soltá-lo. A simples punição não podia, segundo testemunho de Hynek, durar mais do que dez minutos. Mais tarde, nos campos de deportação hitlerianos, prolongaram-na até o assassinato.

Podemos ainda citar o testemunho de dois antigos prisioneiros de Dachau que, várias vezes, presenciaram a aplicação do suplício e dêle conservam terrificante lembrança. Este testemunho foi recolhido por Antoine Legrand; não pude ver pessoalmente as testemunhas.

Suspendiam o condenado pelas duas mãos, quer uma ao lado da outra, quer separadas. Os pés ficavam a certa distância do solo.

Em pouco tempo, o incômodo respiratório ficava intolerável. O paciente procurava remediá-lo erguendo-se com os braços para poder retomar fôlego; conseguiam se manter no ar, até 30 e 60 segundos.

Prendiam-lhe, então, pesos aos pés para dificultar os soerguimentos. A asfixia se desfechava então rapidamente, em 3 ou 4 minutos. No último momento, tiravam-lhe os pesos, permitindo de novo os soerguimentos para que, retomando fôlego, conseguissem reviver.

A testemunha, que não era médico, não pôde averiguar se estes soerguimentos eram contrações voluntárias ou tetânicas. Em todo o caso, sempre aliviavam a respiração.

Após uma hora de suspensão, tornavam-se estas contrações cada vez mais freqüentes, mas também mais fracas e a asfixia se estabelecia progressiva e definitivamente. A testemunha descreve a caixa torácica intumescida ao máximo, a cavidade epigástrica muito profunda. As pernas rijas pendiam sem se agitar. A pele ficava violeta. Abundante suor aparecia em todo o corpo, escorrendo até o chão e manchando o cimento. Especialmente profuso era este suor nos poucos minutos que precediam a morte; os cabelos e a barba ficavam literalmente ensoçados, mesmo em temperaturas próximas ao zero. Deviam êsses agonizantes ter uma temperatura bem elevada.

Depois da morte ficava o corpo em extrema rigidez. A cabeça caía para a frente, no eixo do corpo.

A morte sobrevinha, em média, ao cabo de 3 horas; ou, um pouco mais tarde, quando as mãos ficavam separadas.

Resulta dêste testemunho, como também da observação, graças a Deus, menos prolongada de Hynek, que a suspensão pelas mãos acarreta asfixia com contrações generalizadas, de acôrdo com as previsões de Le Bec. — Os crucificados, pois, morriam todos de asfixia, após longo periodo de luta.

Assinalaremos, a êste propósito, as experiências muito interessantes do Dr. Moedder, de Colônia, que, primeiro as publicou no "Neues Illustrierte", de 9 de abril de 1952, sem que, no entanto, tenha dito sua última palavra. Suspendeu pelas mãos, durante alguns minutos, jovens indivíduos, sob o contrôle da radioscopia, do eletro-cardiograma e da medida da tensão arterial. Verificou muito rapidamente um encolhimento transversal da sombra cardíaca, queda da tensão arterial, alterações do eletro-cardiograma e, depois, um colapso cardíaco por insuficiência coronária.

Como então podia o crucificado escapar momentaneamente a estas caimbras e à asfixia, para sobreviver algumas horas, quiçá 2 ou 3 dias? Isto só se podia obter aliviando a tração exercida sôbre as mãos, que parece ser a causa inicial e determinante de todo o fenômeno.

Depois da crucifixão, o corpo se abaixava e descia notavelmente, como o veremos, ao mesmo tempo que os joelhos se dobravam mais. O paciente podia então tomar ponto de apôio nos pés fixados à haste vertical da cruz, soerguer todo o corpo e reconduzir para a horizontal os braços que, em virtude do abaixamento, tinham um ângulo de 65° com a horizontal. Muito reduzida, desta forma, a tração sôbre as mãos, diminuíam as caimbras e, momentaneamente, desaparecia a asfixia pela restituição dos movimentos respiratórios... Depois, sobrevindo a fadiga dos membros inferiores, era o crucificado obrigado a ceder e a asfixia voltava de novo. Toda a agonia se passava na alternativa de abatimentos e soerguimentos, de asfixia e de respiração. Disso temos a prova material no Santo Sudário, onde podemos assinalar um duplo fluxo de sangue vertical que sai da chaga da mão, com um afastamento angular de alguns graus. Um corresponde à posição de abatimento e o outro à de soerguimento (Vêde fig. 20, em baixo).

Percebe-se logo que um indivíduo esgotado como estava Jesus, não haveria de poder prolongar esta luta por muito tempo. Por outro lado, quando julgasse, em sua suprema sabedoria, que chegara o momento de morrer, que "tudo estava consumado", podê-lo-ia fazer com a máxima facilidade, interrompendo a luta. Nem Lhe traria dificuldade aquêle instinto vital que obriga, inconscientemente, a lutar contra o afogamento o suicida que acabou de se lançar à água, embora sèriamente resolvido a se matar.

Circunstâncias especiais podiam facilitar a luta ou diminuir-lhe a necessidade. Já vimos que os amarrados sobreviviam mais tempo que os cravados, segundo o testemunho de Flávio José. Abdias, em sua "Vida de S. André", declara que foi êste santo amarrado e não pregado, "para que pensasse por mais tempo". É possível que um cabo enrolado fixamente aos pés constituísse um sólido ponto de apôio e não escorregasse sôbre a haste vertical, em geral, mal

aparelhada. O apóio sôbre cordas era, sem dúvida, menos doloroso que o mesmo esforço sôbre as arestas de um cravo quadrado, de 8 mm, de lado, cravado entre os dois metatarsos. Podia então o condenado ficar mais tempo soerguido, sem que o excesso de dôr nos pés o trouxesse de novo ao abatimento. Também aqui, estava Jesus nas condições as mais terríveis.

Finalmente, quando queriam prolongar o suplício, empregavam o "sedile" (não falo do supedâneo, desconhecido a todos os autores antigos e que não passa de pura invenção dos artistas). Este pedaço de pau ou ferro, sôbre o qual ficava montado o crucificado, devia tornar-se rapidamente, causa de atrozes dôres no períneo e coxas. No entanto, a fôrça de tração exercida sôbre as mãos ficava muito diminuída não restando quase que senão o incômodo respiratório com a dôr que lhe é peculiar, semelhante ao mesmo incômodo produzido pelos braços estendidos no ar, sem tração. Apesar disto, o corpo, ainda que assim sustentado, não podia ficar indefinidamente na mesma posição, devia se inclinar para a frente e se abater. A pressão sôbre as mãos aumentava e, com ela, sobrevinham as caimbras e a asfixia. Apesar de tudo isto, o "sedile" devia, indubitavelmente, permitir considerável prolongação do suplício.

Em sentido contrário, dispunham os carrascos de meio seguro para provocar morte quase instantânea nos crucificados: quebrar-lhes as pernas. Este processo, aliás muito usado em Roma, era bem conhecido. Encontramo-lo em Sêneca e em Amiano Marcelino (4). Orígenes acrescenta que isto se fazia "segundo os costumes romanos". Era o "crurifragium". A palavra talvez tenha sido cunhada por Plauto que faz dizer o escravo Sinerasto: "Continuo is me ex Synerasto Crurifragium fecerit — Logo me fará mudar o nome de Sinerasto em Pernas-Quebradas" (5). Foi este "crurifragium" que os judeus, preocupados em fazer desaparecer os corpos antes do pôr do sol, foram pedir a Pilatos: "Hina kateagōsin auton ta skele, kai arthōsin — que se lhes quebrassem os ossos e os retirassem" (João, 19, 31).

Os exegetas... e os médicos têm divagado bastante sôbre as causas de morte que acarretaria este crurifrágio. Falou-se de inibição do coração pela dôr. A dôr de uma fratura é muito grande, e mesmo a denominam os franceses "dôr exquisita", o adjetivo parece irônico, mas não é senão a tradução literal do adjetivo latino "exquisitus" i. e. "especial, escolhido, requintado". Esta dôr, que pode aliás ser quase nula no momento, pode acarretar perda dos sentidos, mas não uma síncope mortal, uma parada definitiva do coração. É necessário procurarmos a causa alhures.

Outros, sobretudo médicos, falaram em embolia pulmonar gordurosa pela passagem da gordura da medula dos ossos para os vasos abertos no ôsso fraturado. Estas embolias gordurosas estiveram em voga por muito tempo, pelo menos em teoria, porque em autópsias não eram encontradas. Hoje em dia, quase não mais se considera

(4) Historiador romano do sec. IV.

(5) "Poenulus" verso 886.

tal ponto de vista que é encarado como coisa muito duvidosa. Não pode isto ser a causa habitual da morte do crurifrágio.

Pelo contrário, o que hoje sabemos sobre a tetania e a asfixia dos crucificados, lança uma luz verdadeiramente esclarecedora sobre este processo de acelerar a morte dos crucificados. Os suplicados não podiam resistir à asfixia a não ser erguendo-se sobre os pés. Se lhes forem quebradas as pernas, ficarão absolutamente impossibilitados de se erguerem. Então a asfixia os tomará completa e definitivamente, e a morte sobrevirá em espaço muito curto, como já vimos, mesmo para-os que tinham o "sedile", a fratura das pernas devia dificultar notavelmente o soerguimento do corpo. Mas, quando lhes metiam o "sedile" entre as coxas, era justamente para os fazer sofrer mais tempo, não havendo portanto razão de lhes aplicarem o crurifrágio.

Para Jesus, veremos, ao estudar as chagas das mãos (no cap. V), as razões anatómicas que me levaram a afirmar sua suspensão simplesmente por três cravos sem nenhum outro suporte.

Digamos logo, para não misturarmos este estudo com o das chagas, que esta asfixia está singularmente ilustrada pelos vestígios que deixou no Santo Sudário. Ou, para falar com mais precisão, a tetanização e a asfixia que são indubitáveis para um médico, provam que as impressões do Sudário estão de acordo com a realidade: este corpo morreu como um corpo crucificado.

Ali vemos, com efeito, os dois grandes peitorais, os mais poderosos músculos inspiradores, em contração forçada, dilatados e repuxados em direção das clavículas e braços. Toda a caixa torácica está muito distendida em inspiração máxima. A cavidade epigástrica (vulgarmente conhecida como bôca do estômago) está retraída por esta elevação e distensão para a frente e para fora do torax, e não pela contração do diafragma, como escreve Hynek. O diafragma, também etc, grande músculo inspirador tenderia a soerguer o epigastro, em uma inspiração abdominal normal. Com esta distensão e elevação forçada das costelas, não pode deixar de recalcar a massa abdominal; é por isto que se vê por cima das mãos cruzadas, sobressair o hipogástrio, o baixo ventre.

Quase não se vêem os esterno-cleido-mastóideos, outros músculos inspiradores, escondidos como estão sob a barba; mas a cabeça está nitidamente fixada em inclinação anterior, como de fato devia estar.

Os longos fluxos de sangue, que descem dos carpos aos cotovelos, parecem seguir os sulcos bem marcados que separam os músculos extensores das mãos, em ante-braços contraídos. As coxas mostram fortes saliências musculares que, em um corpo aliás perfeitamente desenhado, evocam também a contração tetânica.

Na face posterior, a coluna cervical parece bastante inclinada para a frente, contrariando sua curvatura normal, o que quadra com a imagem anterior. Por outro lado, a região lombar que deveria apresentar uma curva em concavidade posterior, a lordose lombar, aparece achatada com saliência das apófises espinhosas, como muito bem observou o Dr. Gedda. De onde deduziu que o corpo

estava menos rígido do que ordinariamente se pensa, no que não concordo inteiramente com êle.

A saliência bem nítida dos joelhos, sobretudo o esquerdo, mostra uma flexão persistente, incompatível com tal relaxamento. Esta flexão dos joelhos acarreta sempre certo achatamento da lordose lombar, e é o caso na cruz. — Por outro lado estamos habituados a considerar a contração do tétano (enfermidade) como terminando sempre com a curvatura para trás de todo o corpo, que fica semelhante a uma ponte, dos calcanhares à nuca, é o que se chama "opistótono", que é na verdade, o caso mais freqüente da infecção tetânica. Mas vê-se também e com bastante freqüência o contrário, a incurvação para a frente, o "emprostótono". Quanto à crucifixão, não dispomos agora de experiência alguma para verificar o que se passa. Mas parece bem normal que, dado o abatimento do corpo, a fadiga da cabeça que cai para a frente, a flexão dos quadris e joelhos, o corpo tem uma tendência natural a se contrair em incurvação anterior, em emprostótono.

Dêsse momento em diante, deve se operar uma atitude que está perfeitamente inscrita no Sudário: flexão da cabeça para a frente, achatamento da concavidade da nuca e da lordose lombar, aparecimento das apófises espinhosas lombares, saliências dos quadriceps femorais e dos grandes glúteos que tanto trabalharam para soerguer o corpo durante a agonia.

Eis, pois, a meu ver, claramente elucidadas, sob o ponto de vista humano, científico (pobre ciência que não passa de uma ignorância disfarçada!), as causas da morte de Jesus: 1) Causas predisponentes, que são múltiplas e O levaram fisicamente diminuído, e esgotado ao mais terrível suplício que já conseguiu inventar a malícia dos homens. 2) Uma causa determinante, final, imediata, a asfixia, que causava infalivelmente a morte.

Ou antes, eis tôdas as circunstâncias mais ou menos nocivas, no meio das quais morreu, por meio das quais quis morrer. Porque assim como o predizia Isaias (53, 7): "Oblatus est quia ipse voluit — Foi oferecido (em sacrificio) porque êle próprio o quis".

Quando se relê a história evangélica com um ôlho clínico, cada vez mais se fica impressionado pela maneira como domina Êle todos êstes acontecimentos. Aceitou plena e voluntariamente tôdas as conseqüências da natureza humana assumida por Seu consentimento à vontade do Pai, inclusive tôdas as destruições que os traumatismos podiam produzir em nosso pobre frangalho de carne.

Mas podemos ver também nessa leitura, claramente, a vontade serena e a suprema dignidade com que dominou Êle tôda esta Paixão prevista e, mais do que aceita, querida. Morreu porque o quis, morreu quando o quis, no momento em que, com plena consciência, pôde dizer a Si mesmo: "Tudo está terminado, minha tarefa está feita". Morreu pelos meios que quis. Acabamos de ver como, mesmo na realidade humana, isto Lhe era fácil.

Nêste corpo humano sofredor e agonizante, residia a divindade que continuou no cadáver. E é por isto que a Face do Santo Sudário é a única no mundo que nos mostra aquela serena, desconcertante e adorável majestade.

CAPÍTULO IV

SOFRIMENTOS PRELIMINARES

Vamos agora começar a estudar tôdas as chagas da Paixão de Jesus. Minhas primeiras publicações após as experiências empreendidas de 1932 a 1933, se tinham limitado voluntariamente, às cinco chagas: das mãos, dos pés e do lado. Tratava-se antes de tudo de localizá-las e daí deduzir as modalidades da crucifixão. Era, portanto, um trabalho especificamente anatômico, que não se podia fazer a não ser por experiências sôbre corpos humanos. Era necessário, como o veremos, também uma aproximação, a maior possível, do ser vivo. Mas, antes de retomar esta exposição, já bastante difundida, desde há 18 anos e de desenvolvê-la, parece-me bom, para que êste livro seja tão completo quanto o desejo, estudar, primeiro, as sevícias suportadas por Jesus como preliminares à crucifixão.

Os maus tratos, pelo menos uma boa parte dêles, infligidos durante o processo noturno, na casa de Caifaz, e, de manhã, no pretório, bem como o transporte da cruz já foram objeto de bellissimo trabalho de meu amigo o Dr. Judica (1) do qual me servirei amplamente sem que, no entanto, uma vez por outra, deixe de discordar em algum detalhe e ao qual acrescentarei também algumas observações pessoais sôbre a flagelação e sôbre a coroação de espinhos.

Levarei a êste exame o mesmo espírito objetivo de que jamais me separei em minhas pesquisas sôbre as cinco chagas. Mas para quem já encontrou no Sudário, como aconteceu comigo, grande número de testemunhos de sua veracidade, sem uma única exceção, ser-lhe-á perfeitamente lícito tributar crédito às novas indicações dêsse mesmo Sudário. Guardando sempre, como o fiz em tôda a extensão das pesquisas, uma honesta dúvida cartesiana, concebe-se, pouco a pouco, mais confiança no documento submetido a exame.

Por fim, quando já se verificou que tôdas as imagens — inclusive e sobretudo aquelas que são, à primeira vista, exquísitas e contrárias à iconografia tradicional — estão conformes à verdade experimental, então, êste conjunto de provas parciais acaba por equivaler a uma prova absoluta. O cálculo das probabilidades nos mostra que uma possibilidade infinitesimal de êrro vale uma

(1) "Le lesioni da traumati contusivi sul corpo di Cristo", i. e. "As lesões de traumatismos contusivos sôbre o corpo de Cristo"; in "Medicina Italiana", novembro de 1938.

certeza. Eis por que, anatomicamente falando, me persuadi da autenticidade do Santo Sudário. Um falsário teria, em alguma parte, cometido um deslize que o atraiçoaria. Nem muito menos ousaria ir, com tão soberana desenvoltura, contra quase tôdas as tradições artísticas.

A) GENERALIDADES

Como, muito bem, o diz Judica, os traumatismos produzem na pele lesões muito diversas, cujos vestígios no Santo Sudário diferem notavelmente segundo sua natureza e profundidade.

É necessário eliminar primeiro as contusões propriamente ditas que não lesaram a continuidade da pele. Estas produzem equimoses (manchas roxas), hematomas (acúmulos de sangue) sob a pele e lesões viscerais profundas. Nenhuma destas lesões pode deixar vestígios de si, a não ser que chegue a produzir alguma deformação da superfície que lhe modifique a forma, como veremos ao estudar uma destas lesões, no nariz. Para que o Sudário nos mostre algo de extraordinário, é necessário que tenha havido rompimento da pele, e, portanto, uma ferida sangrenta.

As irritações cutâneas, produzidas pelos golpes, dão origem, por sua acumulação, a pequenas vesículas que se rompem espalhando, em toda a superfície do corpo, sua secreção séro-sanguinolenta, que não deixaria vestígio na tela, mas que pode ter contribuído para a formação das impressões corporais, muito melhor do que a uréia do suor, segundo a hipótese de Vignon, que não deixa de ser, como já o vimos, problema ainda bem obscuro.

As escoriações destroem, em determinada superfície, toda a epiderme deixando a descoberto as papilas da derme, que sangram, e destruindo mais ou menos o córion. É o que veremos nas chagas da flagelação e nas escoriações de todo o corpo, especialmente do rosto.

Por fim, as chagas contusas rompem a continuidade da pele em toda sua espessura e apresentam bordos contundidos e sarjados. Aparece este tipo de chagas, sobretudo nos lugares em que a pele cobre um plano de ossos resistentes.

B) SEVÍCIAS DA NOITE E DO PRETÓRIO

Mais de uma vez o leitor já terá percorrido o que narram o quatro Evangelhos. Busquemos agora seus vestígios no Sudário.

Sobre o rosto, encontram-se escoriações um pouco por toda a parte, mas sobretudo do lado direito, que está também deformado como se, sob as esfoladuras sangrentas, houvesse também hematomas. As duas arcadas superciliares apresentam aquelas chagas contusas que tão bem conhecemos e que se fazem de dentro para fora, sob a influência de um sóco ou paulada; os ossos da arcada cortam a pele pelo lado interno.

Mas a lesão mais evidente é uma grande escoriação de forma triangular na região sub-orbitária direita. A base tem dois centí-

metros, a ponta se dirige para cima e para dentro para atingir outra zona escoriada do nariz entre o t^{er}ço médio e o superior. Neste nível o nariz está deformado por uma fratura da cartilagem dorsal, bem perto de sua inserção no osso nasal, que ficou intacto. O conjunto destas lesões bem parece ter sido produzido como diz Judica, por um pau de 4 a 5 cm de diâmetro, manejado vigorosamente por um agressor colocado à direita de Jesus. Já vimos que "rapisma" significa paulada. Outras escoriações podem ser vistas também na face esquerda, na ponta do nariz e no lábio inferior.

Em todo o corpo se encontram inumeráveis. Haveremos de assinalar as mais notáveis, por ocasião do estudo sobre a flagelação e transporte da cruz.

C) FLAGELAÇÃO

Já conhecemos o instrumento de suplício, o "flagrum" romano, cujas correias levavam a alguma distância da ponta duas balas de chumbo ou dois ossinhos, "talus" de carneiro. Seus vestígios se encontram com abundância no Sudário, e aparecem distribuídos por todo o corpo, das espáduas até às pernas. A maioria está na parte posterior, indício de que Jesus estava amarrado com o rosto contra a coluna e as mãos amarradas no alto pois não ficaram vestígios nos ante-braços, que de resto estão bem nítidos no Sudário. Não teriam deixado de receber alguns golpes se estivessem amarrados em baixo. Encontram-se também, e bem numerosos, sobre o peito.

Convém acrescentar que só deixaram marca de si os golpes que produziram escoriação ou chaga contusa. Todos os que não provocaram senão equimoses, não deixaram vestígios na Mortalha. Constei-os mais de 100, talvez 120 o que perfaz, se é que havia duas correias, cerca de 60 golpes, sem contar os que não deixaram marca.

Tôdas as chagas têm a mesma forma de minúsculo haltere de 3 cm. Os dois círculos representam as balas de chumbo, a haste inter-média é o vestígio da correia.

Estão quase tôdas dispostas em pares paralelos, o que faz supor duas correias em cada flagrum. Estão claramente dispostas em leque, tendo como centro a mão de um dos carrascos. São oblíquas para cima, no torax; horizontais, na altura dos rins; e oblíquas para baixo, nos membros inferiores. Neste nível, vêm-se, na frente, longas estrias oblíquas (como as chagas em halteres das costas) que só podem ter sido produzidas pela extremidade das correias dos açoites. Tendo batido com suas balas as barrigas das pernas, contornaram o bordo externo das mesmas e sulcaram a face anterior com suas pontas.

Acrescentemos ainda que Jesus estava inteiramente nu. Pois vemos este tipo de chagas, em forma de haltere, em tôda a região pelviana, tão profundas como no resto do corpo, o que não teria acontecido se estivesse coberta pelo "subligaculum".

Por fim, notemos que os carrascos deviam ter sido dois e que eram de estatura diferente, uma vez que a obliquidade dos golpes não é a mesma dos dois lados.

Os pintores se contentam em geral de vagas esfoladuras informes. Será que já apareceu algum que tivesse podido imaginar e realizar todos êstes detalhes tão minuciosos?

D) COROAÇÃO DE ESPINHOS

De há muito tomaram os artistas o hábito de envolver a cabeça de Jesus com uma coroa circular de espinhos entrelaçados. A pintura bizantina ignorava qualquer coroa, que não se vê a não ser, excepcionalmente, entre os primitivos italianos. Pedro Lorenzetti e Giotto nada representaram sobre a cabeça. Mas a partir do século XV, em todos os países, esta cinta de espinhos se impôs e persistiu até nossos dias. Por que foi adotada esta forma de coroa e tão fielmente conservada? Sem dúvida, por razões estéticas, ou também por ignorância. Pintores e escultores interpretaram a seu modo os textos evangélicos sem a menor preocupação arqueológica, nem poderíamos exigir dêles outra cousa.

Lucas não fala da coroação. Marcos escreve: "Peritithéasin autō pléxantes akanthinon stéphanon. — Cingiram-no com uma coroa de espinhos que tinham acabado de entrelaçar." (15, 17). Mas não indica com isto a forma; Mateus e João são mais explícitos: "Pléxantes stéphanon ex akathōn, epéthekean epí tēs kephalēs autoā — Tendo entrelaçado uma coroa de espinhos, colocaram-na sobre a cabeça d'êle." (27, 29) João diz: "tē kephalē" mas com "epéthekean" o que vem dar no mesmo. (19, 2).

S. Vicente de Lérins (Sermo in Parasceve) escreverá mais tarde: "Coronam de spinis capiti eius imposuerunt, nam erat ad modum pilei, ita quod undique caput tegeret et tangeret. — Impuseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, que era à maneira de "pileus" (= carapuça, gôrro) de sorte que por todos os lados lhe cobria e tocava a cabeça". E acrescenta que produzira essa carapuça 70 ferimentos. — O "pileus" era, entre os romanos, uma espécie de gôrro semi-oval de feltro que envolvia a cabeça e servia principalmente para o trabalho. Era de resto um sinal de liberdade, de onde a expressão para libertar um escravo: "servum ad pileum vocare — chamar um escravo ao pileo". S. Brígida afirmaria, mais tarde, em suas revelações, que a coroa dilacerava tôda a cabeça de Jesus.

Tudo isto vem confirmar o que claramente insinuavam Mateus e João: a coroa era uma espécie de gôrro formada de ramos espinhosos entrelaçados e não um anel. Era necessário fixar êste barrete à cabeça por meio de uma ligadura. Existe pelo mundo a fora boa quantidade de espinhos da coroa que foram distribuídos no decurso dos séculos para satisfazer a devoção dos cristãos.

Admite-se, geralmente, que pertencem a um arbusto de espinhos comum na Judéia, o "Zizyphus Spina Christi", uma espécie de açofeifeira (árvore da família das ramnáceas, também conhecida por jujubeira). É provável que houvesse um monte delas no prótório, para alimentar as fogueiras destinadas ao aquecimento da côrte romana. Os espinhos são longos e muito agudos. O couro ca-

beludo sangra muito e com facilidade; como este chapéu foi enterrado a pauladas, os ferimentos produzidos devem ter feito correr bastante sangue.

Conserva-se na catedral de "Notre-Dame" de Paris a "coroa de espinhos". S. Luís comprou-a aos Vênéticos, a quem o Imperador de Constantinopla havia entregue como garantia por um empréstimo, e foi ele quem mandou construir para essa relíquia a "Santa Capela". Ora, esta coroa não tem espinhos, é um simples círculo de juncos trançados. Mas tudo se explica perfeitamente, pois foi com ele que os soldados, depois de terem aplicado o chapéu de espinhos na cabeça de Jesus, o fixaram apertando-o na frente e na nuca. Isto também explica que autores antigos, depois de Gregório de Tours, tenham dito que a coroa era de "juncos marinhos" muito ponteagudos (?!).

Uma tal coroa deve ter ferido bastante o crânio em toda sua superfície e a testa. Olhemos agora para o Sudário. O alto do crânio não aparece, deve ter ficado escondido pelo clássico lenço destinado a manter a boca fechada.

Na imagem posterior pode-se facilmente ver, em toda a altura do crânio, fluxos de sangue (refiro-me aos coágulos que deixaram, cf. pág. 35, 2.^a alínea) descendo cada um, do ferimento de um espinho e seguindo trajetos irregulares. Param todos eles no nível de uma linha, um pouco côncava no alto, que marca evidentemente a passagem do feixo de juncos apertados sobre a nuca. Depois, abaixo dessa linha, torna a partir outra série de abundantes fluxos que parecem se perder na massa dos cabelos.

É atrás que há maior quantidade de sangue acumulado, o que de resto não tem nada de estranho uma vez que, durante todo o período em que esteve Jesus na cruz, era nessa altura que devia se apoiar a coroa e esbarrar na patíbulo a cada soerguimento da cabeça e fincar sempre um pouco mais os espinhos no couro cabeludo.

Na frente, os fluxos sanguíneos são mais discretos, mas em compensação ainda mais legíveis. Já os encontramos no alto do crânio que dêle correm em longos rêgos, por sobre cada uma das mechas de cabelo que emolduram o rosto. Do alto da testa partem quatro ou cinco que descem para o rosto.

Uma delas é particularmente surpreendente e de tal veracidade que dela jamais vi pintar algum imaginar nem executar outra semelhante (figs. 6 e 7). Começa por uma picada, muito alta, no limite dos cabelos. Depois, o fluxo desce para a parte interna da arcada superciliária esquerda, por trajeto um pouco sinuoso para baixo e para fora. Vai se alargando progressivamente, como o faz, em um ferido, um fluxo real que encontra obstáculos.

Não devemos nunca nos esquecer de que só vemos a parte de sangue que se coagulou, pouco a pouco, sobre a pele. O escoamento é lento e contínuo, a coagulação pede alguns minutos para se produzir. Portanto só uma pequenina parte podia se coagular nas proximidades da chaga. Quanto mais se desce para o rosto, tanto maior é a quantidade de sangue que aí chega, no tempo de coagu-

lação. Cada vez mais, o fluxo sucessivo de sangue acumula seus coágulos uns sobre os outros em camadas sucessivas. A massa total do coágulo será, portanto, tanto mais espessa e larga quanto mais baixo examinarmos, e isto porque o sangue encontrou obstáculos.

Devemos ainda chamar a atenção para o fato de que o sangue não desceu todo direito em fluxo retilíneo. Quase nunca sabem os artistas evitar este erro; quando o trajeto é irregular, nas pinturas, é puro capricho, que não se explica por nenhum obstáculo nem por outra causa natural aparente. O fluxo aqui ondula um pouco para a esquerda e é muito natural: seja porque segue, momentaneamente, um sulco da testa, seja antes porque uma haste espinhosa aplicada obliquamente sobre a testa obriga o fluxo a seguir por um momento sua obliquidade.

Na parte inferior da testa, este mesmo fluxo sanguíneo, que bem merece esta análise minuciosa, detem-se acima da arcada das sobrancelhas e se estende horizontalmente na direção da linha mediana aumentando em altura e em espessura, o que torna mais intensa a coloração do decalque. Temos aí os sinais de uma interrupção na descida, de uma espécie de calha atrás de uma represa. O sangue foi obrigado a se acumular aí, lentamente, onde pôde se coagular com todo vagar, de onde a extensão em largura, o crescimento em altura e o aumento em espessura do coágulo.

Há ali um obstáculo, que está, evidentemente, na região onde o feixe de juncos cingia a parte inferior da testa, por cima das arcadas das sobrancelhas. Uma das hastes de junco estava transversalmente comprimida sobre a pele da testa: há ali uma faixa horizontal, sem coágulos, em toda a extensão da testa, à direita e à esquerda, para os lados, dois coágulos se detêm, nitidamente, no mesmo nível e bem se pode seguir, em seu conjunto, o trajeto da faixa. Abaixo dela, o sangue reaparece na vertical do fluxo frontal que acabamos de analisar, abaixo do ponto em que ele começara a se estender horizontalmente e a se espessar na linha mediana. Como o obstáculo continua sempre ali, colado à pele, o sangue acabou por se infiltrar por entre os talos do feixe e conseguiu vencer a represa. O coágulo que se formou por baixo é, no começo, delgado e estreito na região suborbitária, depois, se estende e se espessa progressivamente na parte interna da sobrancelha esquerda até a cavidade orbitária. É sempre o mesmo mecanismo de escoamento e coagulação.

Desafio a qualquer pintor moderno, a não ser que seja ele cirurgião e que conheça a fundo a fisiologia da coagulação, e que tenha meditado profundamente sobre todas as metamorfoses desse delgado filão de sangue se coagulando lentamente no meio de obstáculos, de imaginar e executar esta imagem do coágulo frontal. Mesmo nestas condições, é mais do que provável que, aqui ou ali, algum deslize venha denunciar o falsário e a obra de imaginação.

Quanto ao hipotético pintor que se ousou pretender capaz (após ter pintado imagens negativas em plena Idade Média) de imaginar todas as minúcias deste coágulo tão veraz como sobre o ser vivo, é cousa que repugna ao fisiologista e ao cirurgião, ainda que se

admira ter sido um grande gênio esse tal pintor. Peço-vos, não mais falemos disso! Esta imagem, por si só, deveria ser suficiente para provar que mais ninguém tocou o Sudário a não ser o próprio Crucificado. E é esta uma entre centenas de imagens.

E) TRANSPORTE DA CRUZ

Ficaram no Santo Sudário evidentes sinais de esfoladuras, na altura das costas e dos joelhos, como consequência do transporte da cruz.

Respeitável tradição, que se materializou nas 3 estações da Via-Sacra, afirma que Jesus caiu 3 vezes sob seu fardo, antes de chegar ao Calvário. Foi isto que teria levado os soldados a requisitar Simão de Cirene para carregar o patíbulo em lugar d'Ele. Num caminho acidentado e escabroso, semeado de pedras, as quedas eram acompanhadas de esfoladuras sobretudo na altura dos joelhos. Judica, cujo trabalho retomaremos agora, depois de o ter deixado para os dois precedentes estudos, nos mostra com muita exatidão as imagens das chagas nos joelhos, sobretudo escoriações de forma e tamanho diversos, com bordos retalhados, na região da rótula. Um pouco para cima e para fora, há mais duas dessas chagas arredondadas de 2 centímetros de diâmetro. O joelho esquerdo mostra também chagas contusas diversas, menos evidentes e menos numerosas.

Mas é, principalmente, na imagem dorsal que encontramos os vestígios do transporte da cruz. Há ali, sobre a espádua direita, na parte externa da região sub-escapular, uma larga zona de escoriação, oblíqua para baixo e para dentro, com a forma de um retângulo de 10 cm por 9 cm. (Vê-se, de resto, na imagem anterior, que esta zona se prolonga pela frente, sobre a região clavicular externa, por largas placas de escoriação). A região posterior parece formada por um acúmulo de escoriações, sobrepostas a numerosas chagas da flagelação que estão como que esmagadas e alargadas em relação às do lado. Parece que um corpo pesado, rugoso, mal fixado, comprimiu esta espádua e que esmagou, reabriu e alargou, através da túnica, as chagas precedentes da flagelação. (fig. 17).

Mais abaixo, porém, à esquerda, vê-se outra zona de esfoladuras apresentando os mesmos caracteres, na região escapular esquerda. É arredondada com um diâmetro de 14 cm. (Tudo isto está exato, a não ser que gostaria ainda de precisar um pouco mais: região sub-escapular e ponta da omoplata esquerda).

Mas será na interpretação que nos haveremos de separar (muito amigavelmente), Judica e eu. Supõe ele que Jesus levou uma cruz inteira, patíbulo e haste vertical ajustados um ao outro, e além disto, em forma de cruz latina (aliás, o T em nada mudaria sua tese). A cruz teria sido carregada como se representa habitualmente, sobre a espádua direita; com um dos braços horizontais descendo pela frente do corpo e o outro subindo por trás da cabeça. A parte vertical desce obliquamente por trás do corpo em direção aos pés.

Supõe êle uma cruz de cêrca de 2,80 m (o que deve perfazer uns 125 quilos!)

A chaga da espádua direita seria produzida pela fricção do ângulo destas duas peças (horizontal e vertical), ângulo reto no qual se encaixaria a espádua e pelas arestas destas duas madeiras. Quanto à chaga esquerda, teria sido produzida no momento das quedas: o ramo transversal posterior bateria sôbre as costas do homem caído por terra e viria naturalmente ferir a omoplata esquerda. Também aqui, penso exatamente como Judica; foi nessas quedas que a madeira feriu a parte esquerda das costas.

Mas creio também que a interpretação destas duas chagas deve ser um pouco diferente da sua. Já estudamos bastante longamente, no capítulo II, a forma da cruz, as modalidades da crucifixão e o lugar do "titulus", tudo de acôrdo com os arqueólogos e exegetas modernos, fornecemos bastantes provas textuais e documentárias para sermos categóricos. Já está bem averiguado, hoje, que a cruz consistia de duas peças de madeira separadas e que, mesmo no caso da cruz latina (no que absolutamente não creio), o condenado só levava o patíbulo até o local do suplício, onde o aguardava o pelourinho estável: era tudo o que podia Êle fazer e o que, no entanto, não pôde executar até o fim!! Recordarei ainda a frase de Plauto na Carbonária: "Que carregue seu patíbulo pela cidade e que seja pregado à cruz"? Jesus carregou-o livremente.

Meu amigo Judica desculpar-me-á se, no prefácio, entre as qualidades que me parecem ter destinado ao estudo da Paixão (!) tenha-me esquecido de uma: aos 19 anos, em 1903, fui sapador no 5.º de Engenharia, regimento de estradas de ferro onde carreguei muitos dormentes. Falo portanto com conhecimento de causa. Por sercm pesados, são êsses dormentes carregados ao ombro por dois homens, mas aparecem às vèzes, fanfarrões que se gloriam de transportá-los sòzinhos. Também eu, várias vèzes, carreguei sòzinho barrotes menos pesados e sei como isso se faz.

A trave deve ser posta em equilíbrio sôbre a espádua direita (ou esquerda para os canhotos). Logo se reconhece de que espécie é um homem pela bochecha tisonada pelo alcatrão destinado a proteger as traves contra a umidade. Não devem ser carregadas exatamente pelo meio, é necessário que fique a parte de trás um pouco mais comprida que a da frente o que dá ao barrote uma posição um tanto oblíqua, inclinada para trás. Isto porque a mão direita se apoia em cima da metade anterior para impedir que se erga. Se a viga estivesse exatamente horizontal, a menor pressão seria suficiente para desequilibrá-la e cairia ela para a frente, sem que nada pudesse detê-la.

Por outro lado, como vai sustentada na frente pela mão direita, esta mão, por um movimento natural, conduz para fora, para a direita, a extremidade anterior, enquanto que a posterior se oblíqua atrás em direção à linha média. Todos êstes detalhes têm sua importância, especialmente nos casos de queda para frente. Pude então, fazer mais algumas observações sôbre as consequências dessas quedas porque (na qualidade de estudante de medicina) era também

enfermeiro da guarda no Polígono onde se faziam os exercícios de trabalho.

O homem que tropeça em uma pedra por não ter levantado bastante o pé, cai geralmente sobre os joelhos. Se não for canhoto cai primeiro sobre o direito (Judica o diz corretamente), esfola as calças e a pele que lhe está por baixo. Em seguida se estende e larga o barrote para se amparar com as mãos.

Ora, a viga já estava oblíqua para trás e para a esquerda. Balança assim levantando-se na frente e escorrega oblícuamente sobre as costas, abatendo-se sobre o carregador. Segue-se que, depois de ter esfolado a região escapular direita, faz outro tanto para a esquerda, mas um pouco mais abaixo, perto da ponta da omoplata esquerda arranhando, de passagem, a espinha dorsal, prosseguindo com suas esfoladuras até à parte posterior da crista ilíaca esquerda. Em poucas palavras, semeia ela os rasgos na roupa e as escoriações cutâneas em todas as saliências ósseas que apanha a tiracolo, da espádua direita à região sacro-ilíaca esquerda e, às vezes mesmo, até o sacro.

Estas esfoladuras não são contusões por choques. São escoriações por violenta fricção de uma massa dura e pesada sobre as partes salientes e resistentes. O que esfola é a rude fricção da viga que escorrega sobre as costas até que toque o chão.

Não explica então, perfeitamente, as chagas contusas da Mortalha, esta experiência vivida? Note-se, além disto, que a região sub-escapular esquerda já podia ter começado a se escoriar antes da queda, porque estava inclinada para a frente pelo esgotamento físico. Em consequência de sua obliquidade, já descrita, devia o patíbulo roçar a omoplata esquerda.

Acrescentamos finalmente que a Túnica de Argenteuil (que tem seus documentos, ó historiadores! pelo menos desde Carlos Magno) apresenta manchas de sangue, nas mesmas regiões. Estas manchas ressaltam fortemente em negro, nas fotografias feitas com raios infra-vermelhos, em 1934, por meu amigo Geraldo Cordonnier, engenheiro de construção naval e devoto do Sudário (fig. 24). Judica delas fala aliás, mas segundo Hynek, cuja citação é um pouco inexata. Eis o que diz Cordonnier (2) (e tenho diante dos olhos sua fotografia feita sob raios infra-vermelhos): 1.º — várias manchas médias na metade externa da clavícula, o acrómio e a região sub-escapular direita. 2.º — pequenas manchas estendidas em intervalos regulares nas apófises espinhosas dorsais, a partir da 7.ª cervical (sempre saliente). 3.º — uma grande mancha na parte inferior e na ponta da omoplata esquerda, ultrapassando um pouco para a direita a linha mediana. 4.º — um acúmulo importante na parte posterior da crista ilíaca esquerda. 5.º — mais para baixo e para dentro um grupo de manchas correspondentes à região sacra.

(2) "La Passion e le Crucifiement", Paris, 1934. Livr. do Carmelo, 21, rua Madame, VI.

Todos estes dados anatômicos foram obtidos mediante projeção das manchas da Túnica sobre outra túnica de tela, da mesma dimensão que foi depois colocada em um homem de 1m78 (preliminariamente fotografara-se a Túnica estendida sobre papel quadriculado).

Ao olhar a Mortalha, não falamos a não ser das duas chagas da omoplata esquerda e da espádua direita. Haveria nela também traços de escoriação na crista ilíaca esquerda, como sobre a Túnica? É possível, mas estariam escondidas pela extremidade esquerda do fluxo transversal posterior.

Não justifica por acaso, toda esta descrição a profecia de Isaias (1, 6)? “A planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas: vulnus et livor et plaga tumens; non est circumligata nec curata medicamine, neque fota oleo. — Da planta do pé até o alto da cabeça não há nele nada de são: não há senão ferimentos, sangue e chagas entumescidas que não foram ligadas, nem limpas, nem unguidas com óleo”.

† Livros Católicos para Download



CAPÍTULO V

CHAGAS DAS MÃOS

Sabemos que a iconografia cristã costuma colocar os cravos nas palmas das mãos do crucificado. Poderíamos, no entanto, citar numerosas exceções a esta regra. Eu mesmo encontrei uma, por ocasião de minha audiência, na Páscoa de 1934, na sala do "Tronetto", no Vaticano. Trata-se de grande crucifixo de marfim, dado pelos cavaleiros de S. João de Jerusalém a S.S. o Papa Pio IX. Os cravos estão ainda um pouco baixos, mas já nitidamente em pleno carpo.

Pode-se dizer outro tanto, por exemplo, de um Rubens do Rijkmuseum de Amsterdam e de três Van Dyck em Antuerpia, Bruxelas e Bruges. Pelo contrário, tenho sob os olhos a fotografia de um crucifixo do começo do século XVII, de marfim que, além de seu valor estético, é quase que perfeito, segundo meu parecer, sob o ponto de vista anatômico. Os cravos estão exatamente na dobra de flexão do punho, os polegares em oposição nas palmas e em ligeira flexão. Por acréscimo, os dois pés estão pregados diretamente sobre a haste vertical da cruz e o direito por trás do esquerdo (vide fig. 20). O encarregado do Museu de Etnografia do Trocadero, o Sr. R. Gruenevald teve a gentileza de me enviar esta fotografia após ter lido a primeira edição do meu folheto "Cinq Plaies".

A crucifixão nas palmas das mãos é simplesmente a tradução plástica das palavras do profeta Davi: "Foderunt manus meas — Perfuraram minhas mãos", e das de Jesus a Tomé: "Vide manus meas — Vê minhas mãos". Os artistas não foram pesquisar mais além, para eles as mãos são as palmas. Veremos, no entanto, que artistas bolonheses do século XVI foram os primeiros talvez a reconhecer experimentalmente a impossibilidade desta crucifixão das palmas.

Tem-se, com frequência, objetado à minha localização carplanar, o fato dos estigmatizados. A isto já havia respondido, por antecipação, na 1.ª edição de "Cinq Plaies" (pág. 8). Mas o havia feito, como acontece com frequência, de maneira muito concisa, em apenas oito linhas, esquecendo-me demasiadamente de quão poucos leitores sabem ler, na era do cinema e dos "Digests" (ou antes indigestos).

É certo que a maioria dos estigmatizados, refiro-me àqueles que foram reconhecidos pela Igreja, desde S. Francisco de Assis até nossos dias, têm suas chagas na região metacarpiana, nas palmas para o que é da face anterior da mão. Mas, são estes estigmas a reprodução exata das chagas das mãos de Jesus? Eis aqui toda a questão.

É bem pouco provável. — Convém notar, de início, que estas “chagas” não têm sempre a mesma aparência. São mais ou menos superficiais ou profundas, desde a simples escoriação até a chaga hiante.

Algumas vêzes ali se vê como em S. Francisco, uma espécie de excrescência carnosa, da qual não aceitaria o encargo de definir a natureza anatômica, porque não se assemelha a nada daquilo que já pudemos ter visto. No entanto, vem ela claramente afirmada e muito exatamente descrita nos Fioretti, que passo a traduzir de seu delicioso italiano do século XIV: “E assim pareciam cravadas suas mãos e seus pés com cravos cujas cabeças estavam nas palmas das mãos e nas plantas dos pés, fora da carne. Suas pontas sobressaíam nos dorsos das mãos e dos pés onde estavam retorcidas e rebatidas; isto de tal maneira que sob sua retorção e rebatimento que sobressaía todo por sobre a carne, poder-se-ia facilmente passar um dedo da mão como por um anel. As cabeças dos cravos eram redondas e negras.” (1) — Uma outra passagem afirma que estes cravos eram móveis, nos túneis que os alojavam, através as mãos e os pés; verificou-se isto claramente após sua morte.

Pode-se, pois, responder afirmativamente a minha pergunta? Não! Estes estigmas não são a reprodução exata das chagas do Salvador. Não era assim que se apresentavam quando O depuseram na Mortalha. Não foi assim que as mostrou aos fiéis naquele corpo glorioso em que quis conservá-las.

Não insistirei na inverossimilhança flagrante das cabeças de cravo nas plantas dos pés, uma vez que os cravos foram, sem a menor sombra de dúvida, fincados nos dorsos dos pés.

Acrescentemos que a localização exata dos estigmas não tem sido sempre a mesma, mas que vai ela variando por toda a extensão da zona metacarplana e até perto do corpo. É necessário portanto concluir que os estigmas não nos poderão dar informação alguma sobre a localização nem sobre a forma das chagas da crucifixão. (Vêde também pág. 113, Chaga do Coração).

Aliás é este o sentimento dos próprios estigmatizados; suas chagas não têm para eles senão valor místico. Apenas citarei uma: Teresa Neumann, embora suas manifestações sobrenaturais não tenham ainda sido homologadas pela autoridade legítima. Teresa disse a um de meus amigos: “Não creia que Nosso Senhor tenha sido pregado nas palmas das mãos, no local em que tenho meus estigmas. Estes sinais não têm senão uma significação mística. Jesus devia estar fixado sobre a cruz mais sólidamente.”

Uma vez que recorreremos aos místicos, pedirei permissão para acrescentar com todas as reservas que convém e com o maior respeito possível, esta revelação da SSma. Virgem a S. Brígida (Liv. 1, c. 10): “As mãos de meu Filho foram transpassadas no local em que os ossos eram mais sólidos — “Perforatae fuerunt Filio meo manus in ea parte, in qua os solidius erat.”

(1) Edição de Passerini (Sansoni, 1905, pág. 170).

Concluamos então. Sem querer, pois quase que não o podemos, discutir o mecanismo somático do milagre (porque continuo a admitir que estes estigmas têm uma causa preternatural), é permitido pensar que a impressão dêles geralmente se faz no local em que o estigmatizado crê que estavam as chagas do Senhor. Parece isto providencialmente necessário, para que o estigmatizado não fique, desde o início, desorientado por estas manifestações e que conservem perante sua alma seu significado místico. Aliás, seria bom confessarmos logo que nada compreendemos neste mistério. Se, por um impossível, tal prova me fôsse imposta, creio qu os estigmas estariam talvez... não nos carpos, mas em plenas palmas, para me fazer aprender a humildade!

Em todo o caso, os textos sagrados, aos quais devemos tôda nossa submissão não são tão explícitos. Não falam de palmas, mas de mãos. Aos anatomistas compete dizer o que é a mão. Os de todos os tempos e de todos os países se entendem muito bem sôbre a questão: a mão se compõe do carpo, metacarpo e dedos.

Ora a chaga que nos ocupa é facilmente vista sôbre o Sudário. As duas mãos estão cruzadas pouco mais ou menos diante do pubis; a direita se alonga até o bordo externo da raiz da coxa esquerda; a esquerda passa diante do punho direito que esconde completamente e ultrapassa muito menos a linha mediana. É isto devido ao fato de que a espádua direita está um pouco mais baixa que a esquerda, como se pode verificar perfeitamente na imagem dorsal.

Recordemos, de passagem, que o punho é uma região mal delimitada, intermediário entre a mão e o ante-braço, compreende as duas fileiras de ossos do carpo, articulados entre si, mais suas articulações com o ante-braço e com o metacarpo (rádio carpiana e rádio metacarpiana). **O ante-braço termina e a mão começa na rádio-carpiana acima do carpo.**

Em cada mão, não se vêem senão quatro dedos. Os polegares não são visíveis, veremos por que, e estão certamente em oposição escondidos nas palmas das mãos.

No dorso da mão direita cujo punho está escondido pela esquerda, não há sinal de chaga. Sôbre o dorso da mão esquerda que passa adiante da outra, vê-se pelo contrário uma chaga das mais nítidas, que se pode estudar em tôdas as suas minúcias. Está formada por uma imagem arredondada, de onde parte abundante fluxo de sangue, que torna a subir obliquamente para o alto e para fora (em posição anatômica) semelhante à do soldado em guarda, para atingir o bordo cubital do ante-braço. Um outro fluxo mais tênue e recortado remontou até o cotovelo. Seguiu, ao que parece, um sulco por entre dois grupos musculares extensores; de trecho em trecho escapava para o bordo cubital, no sentido da gravidade.

Na cruz, a grande hemorragia principal era, está claro, vertical, seguindo a lei da gravidade. Pode-se calcular, de acôrdo com o ângulo dêste fluxo com o eixo do ante-braço, qual era a

oblíquidade dêste em relação à cruz. Fazia com a vertical um ângulo de cêrca de 65° .

Aliás isto quadra, perfeitamente, com as experiências que empreendi sôbre o alongamento possível do membro superior, que não pode ultrapassar os 4 ou 5 cm, e as construções geométricas que executei. Se se supõe que os braços foram pregados mais ou menos transversalmente (o que se faz por si mesmo, ao se esticarem os braços para serem pregados no patíbulo), é impossível abaixar o corpo mais do que êste ângulo dos braços em 65° com a vertical. Eis por que:

Muito se tem falado do alongamento dos braços por deslocação e tenho encontrado dificuldades em convencer bons amigos do Sudário, mas pouco anatomistas; trata-se de nos entendermos. A deslocação não se podia fazer a não ser nas articulações das espáduas e dos cotovelos. Uma luxação, quer de uma quer de outra, teria por efeito encurtar e não alongar. Além disto, o cotovelo é uma articulação em dobradiça, impossível de se luxar por simples tração no sentido do eixo. Na espádua, pelo contrário, as duas superfícies, uma, a umeral, esférica, a outra, a da omoplata, quase chata, podem se separar um pouco se se distende, por tração violenta, os ligamentos articulares (como se vê produzir-se na base de um dedo quando se o puxa fazendo estalar). Êste alongamento pode aumentar um pouco por um movimento de balança da omoplata, mas tudo isto irá no máximo a uns 4 ou 5 cm.

Se, por outro lado, se quer determinar o alongamento necessário do braço quando o pêso do corpo o faz passar de 90° ao ângulo de posição definitiva, basta calcular a hipotenusa do triângulo do qual dois lados são o comprimento do braço, em posição inicial, e o outro o abaixamento da espádua com o corpo. Admitindo, em média, 55 cm entre esta espádua e o cravo na mão, um abaixamento de 90° para 45° dá uma hipotenusa de 77 cm. O braço de 55 cm se teria alongado 22 cm?! — Ao contrário, as construções mostram que de 90° a 65° , com abaixamento de 25 cm, o braço não se alonga senão 5 cm o que, segundo meus cálculos, é o máximo possível. — De nada adiantaria supor-se uma posição inicial oblíqua e não transversal; porque quanto mais oblíqua fôr esta posição inicial tanto maior alongamento do braço pedirá o abaixamento do corpo. Assim, por exemplo, de 65° a 45° , com abaixamento de 26 cm sômente, ter-se-ia um alongamento do braço de 10 cm; e de 65° a 35° , com abaixamento de 55 cm, ter-se-ia um alongamento de 30 cm.

Que me perdoem todos êstes algarismos! Queria encarar o problema sob todos seus aspectos; depois disto, podemos dizer que a anatomia e a geometria estão de acôrdo: tudo concorre a me fazer pensar que os braços foram cravados mais ou menos transversalmente e depois desceram até os 65° . — E foi precisamente êste ângulo que medi na Santa Mortalha.

Mais tarde, como última experiência, depois de ter terminado e impresso as "Cinq Plaies", depois de ter feito modelar por Villandre seu crucifixo, fornecendo-lhe com exatidão tôdas as

angulações, eu mesmo haveria de crucificar um cadáver para verificar estas angulações, haveria de lhe estender os braços mais ou menos transversalmente sobre os braços da cruz, sem medir ângulo algum, rapidamente, como um bruto carrasco com pressa de acabar sua tarefa, e os pregaria em poucos segundos. E, ao erguer a cruz à vertical, estes braços tomariam, por si mesmos, um ângulo que haveria eu de medir e que haveria de ser exatamente 65°. (Vêde cap. X).

Quando se olha mais de perto o punho esquerdo estampado no Santo Sudário, percebe-se que há dois fluxos principais de sangue, oriundos de uma mesma zona central que é a chaga do cravo. Estes dois fluxos, ligeiramente divergentes, formam um ângulo de cerca de 5°. Bastante meditei sobre esta imagem estranha (são estas as mais instrutivas e as mais verdadeiras em todo este estudo) sem conseguir descobrir-lhes a significação. Creio que hoje a descobri, atribuindo-os à mudança da posição do corpo.

Vimos no capítulo III, B (sobre a causa determinante da morte) que a suspensão pelas mãos provoca nos crucificados um conjunto de caimbras, de contrações que vão se generalizando até o que chamamos de "tetania". Atinge ela, por fim, os músculos inspiradores, impedindo a expiração; os supliciados, não mais podendo esvaziar os pulmões, morrem por asfixia. Podem no entanto, escapar momentaneamente a esta tetania e à conseqüente asfixia, soerguendo o corpo mediante apóio nos pés. Neste momento, os joelhos e os quadris se alongam, o corpo remonta e por conseguinte o ângulo dos ante-braços com a vertical aumenta ligeiramente, aproximando-se do ângulo reto primitivo. O corpo passa então alternativamente durante a agonia por uma posição de abatimento e asfixia, e por outra de soerguimento e alívio. Em cada posição o fluxo de sangue vertical, que se coagula lentamente sobre a pele, faz com o eixo do ante-braço um ângulo um pouco diverso. O fluxo mais afastado da mão e que está a cerca de 65°, corresponde à fase de abatimento; o mais próximo da mão corresponde ao soerguimento e dá 68° a 70° (Ver fig. 20, em baixo).

Chegamos agora ao objeto de minhas pesquisas: onde foi pregado o cravo? Dou logo minha conclusão: em pleno carpo.

A chaga dorsal da mão esquerda, a única visível sobre o Santo Sudário, não está, certamente, no nível do metacarpo, o que teria acontecido se o cravo tivesse sido fincado na palma da mão, e isto, para um anatomista, aparece logo à primeira vista, com plena evidência. O início dos dedos, marcado pela cabeça dos metacarpós, é bem visível. A chaga está a uma distância que toma pelo menos toda a altura do metacarpo.

Não está, muito menos, no ante-braço. Bem o sei que certos se garantem que o cravo foi fincado na parte inferior do espaço inter-ósseo rádio-cubital. Mas este espaço se estreita, em ângulo, para terminar na articulação rádio-cubital inferior. A suspensão seria, sem dúvida, muito sólida deixando por cima do cravo todo o maciço carpiano. Mas seria necessário remontar pelo ante-braço até encontrar espaço, entre o rádio e o cúbito, com um intervalo

de pelo menos 8 mm, que é a largura do cravo. E isto colocaria a chaga a uma distância do punho incompatível com a imagem que vemos na Santa Mortalha.

Fiz a experiência no ante-braço de homem adulto, fendendo completamente o espaço rádio-cubital: o ponto inferior em que o cravo se deteve, entre os dois ossos, foi a 5 cm acima do ponto de flexão do punho. De resto, a isto não mais se poderá dar o nome de mão e sim de ante-braço. As Sagradas Escrituras nos interdita(m) portanto tal localização.

A extrema delicadeza de M. de Vignon e do R. P. d'Armailhaçq, que estudaram o Sudário com tanto ardor como com serenidade científica, permitiu o dar-me conta exatamente do nível da chaga. Emprestaram-me fotografias, em tamanho natural, das duas imagens ventral e dorsal da Mortalha. Sem possibilidade de contestação, a chaga dorsal esquerda, sem estar no metacarpo, está ainda na mão: está portanto no carpo. Medi, nestas fotografias e em outros clichés diretos de dimensões quotadas, a distância entre o furo e a cabeça (extremidade distal) do terceiro metacarpiano, ultrapassa um pouco os 8 cm.

Para me dar conta experimentalmente do caminho que percorreu o cravo, fiz a crucifixão da mão, depois radiografei-a e dissequei as peças. Mas, recordemos, primeiro, algo sobre a anatomia dessas partes.

No que se refere à palma serei breve. Se o cravo fôr enterado como tradicionalmente se o faz, em plena palma, entre o 3.º e o 4.º metacarpo, perfurará a pele e a aponevrose palmar, para ir ferir a arcada arterial superficial, escorregará entre os tendões flexores, atravessará os músculos interósseos e tornará a sair entre os tendões extensores. O corpo uma vez suspenso se apoiará sobre o cravo. Em quais órgãos transversais poderia então este se apoiar? Algumas fibras transversais da aponevrose palmar; diante das cabeças dos metacarpianos, um magro ligamento palmar transversal; mais abaixo, no nível da comissura, outro pequeno ligamento palmar. Os que já dissecaram mãos, sabem que é muito pouca cousa. **Todos os órgãos são verticais.** Restaria então a pele que, com toda a certeza, se rasgaria sob a tração até a comissura.

Não ignoro a experiência de Donnadieu, que em 1903, publicou um livro acerbo e cheio de preconceitos, para provar que o Santo Sudário é uma pintura, hipótese hoje abandonada, tendo as últimas exposições confirmado em cheio as averiguações de 1898. Julgando pois que a palavra "mão" não pudesse se entender senão da região metacarpiana, curioso preconceito, quis êle provar que a crucifixão na palma podia ser sólida. Executou-a em um cadáver e verificou que os tecidos não se romperam.

Infelizmente para sua tese, o autor nos confia em sua perfeita sinceridade, — que se sente triunfante, embora um tanto apressadamente — detalhes e uma fotografia que destroem completamente as conclusões de sua experiência. Declara que o cadáver, que lhe foi fornecido por estudantes de medicina, em Lião, tinha os dedos em flexão na palma, mas de tal forma rígidos que não lhe foi possível estendê-los completamente. Eis uma impossibilidade que

jamais encontrei em cadáveres não ressequidos e então eis-nos em condições bem diversas e distantes das condições de u'a mão viva.

A fotografia mostra, com efeito, pendurado por uma só mão (o que prova demais, nada prova), um pobre cadáverzinho emaciado, descarnado, com os dedos, realmente, rígidos e dobrados. Para quem frequentou, por longos anos, salas de anatomia, está patente que se tratava de um cadáver preparado para a dissecação e sofrivelmente ressequido, o que explica a rigidez dos dedos. Fica, nessas condições, extremamente leve. Por fim, as injeções arteriais, aplicadas para a conservação do cadáver, modificam completamente a resistência das partes moles aumentando-a consideravelmente, e nada se poderá concluir de experiência feita em corpo tão diferente de um corpo vivo.

O cadáver por mim crucificado (Ver capítulo X) era também um corpo bastante leve e preparado para a dissecação, mas perfeitamente fresco e flexível. Aliás, isto para mim faria pouca diferença uma vez que não se tratava de prova de resistência (pois já a tinha feito, como veremos, em um braço vivo) e sim de experiência de angulações.

Para se aproximar das condições de um vivo, seria necessário operar em um cadáver fresco, mas a lei não permite tocá-lo a não ser 24 horas depois da morte. No entanto, há uma solução bem melhor, que é o usar peças de amputação. Foi isto o que fiz. Sabe-se que os tecidos não morrem a não ser pouco a pouco, após o último suspiro; durante um tempo mais ou menos longo, os músculos e os nervos reagem ainda às excitações elétricas e mesmo mecânicas; veremos que isto não tem sido inútil. Tudo somado, minhas experiências têm o valor de ter sido feitas em mãos realmente vivas, com exceção da circulação do sangue, uma vez que foram feitas logo após a amputação do braço.

Fiz a seguinte experiência: acabando de amputar um braço, no têrço superior, de um homem vigoroso, enterrei meu cravo de 8mm de lado (igual ao cravo da Paixão) em plena palma, no 3.º espaço. Suspendi devagarzinho ao cotovelo 40 quilos (i.e. metade do pêso de um homem que tivesse cêrca de 1,80 m). Depois de 10 minutos, a chaga se havia esticado e o cravo estava na altura das cabeças metacarpianas. Dei então uma sacudidela muito moderada no conjunto e vi o cravo franquear bruscamente o ponto do espaço retraído pelas duas cabeças metacarpianas e dilacerar bastante a pele até a comissura. Uma segunda ligeira sacudidela fê-lo arrancar o que restava de pele.

Ora, não foi um pêso de 40 quilos, mas de cêrca de 95 que exercia sua tração em cada cravo das mãos do Crucificado. Sabe-se com efeito que a decomposição de um pêso P em duas fôrças

símétricas obliquas dá componentes superiores a $\frac{P}{2}$. Valem

$\frac{P}{2 \cos. x}$, sendo x o ângulo das componentes com a vertical.

Um corpo de 80 quilos, apoiado nos dois braços em ângulo de 65° com a vertical, exercerá portanto em cada um deles uma tração de 80 quilos

de _____, i. e. cêrca de 95 quilos.

2 cos. 65°

Um trabalho aparecido após o meu, panfleto viperino — causa espanto o ver-se aceitar como tese de doutorado em medicina, — contendo um bom têrço de exegese rabinica, pretendeu contradizer esta experiência: apresentou um cadáver crucificado nas palmas, O autor que, diga-se de passagem, conhece muito mal a correção e a língua francesa, diz-nos que se trata de um afogado imerso durante 8 dias. Não discutirei esta experiência que não provaria senão uma cousa, uma vez que a minha subsiste: a resistência dos tecidos da palma de um afogado de 8 dias é maior que a de um vivo. Ora, nós discutimos o caso de um vivo. Minha experiência foi feita em um braço vivo, guarda pcr conseguinte todo o seu valor e sòmente ela é que vale no nosso caso.

Esta experiência de crucifixão não foi certamente a primeira, encontrei outra, após a 1.ª edição de minhas "Cinq Plaies", um testemunho precioso em um velho livro italiano, que meu bom amigo M. Pouché, membro da Comissão dos "Cultores Sanctae Sindonis", (Devotos da Santa Mortalha) conseguiu encontrar. Mons. Paleotto, Arcebispo de Bolonha, depois de ter visto com São Carlos Borromeu, em 1578, a "Santa Sindone" em Turim, dela fez uma descrição detalhada, que é talvez a primeira (Bolonha, 1598). Uma cópia muito minuciosa que lhe está anexa, mostra as imagens sanguíneas com suas côres. É a única cópia de algum valor que conheço.

É um estudo maravilhoso quanto à intuição, dada a flagrante ignorância do autor em anatomia.

Por exemplo, demora-se longamente em mostrar que o cravo saiu "na juntura chamada pelos anatomistas Carpo". Carpo é bem exato, mas ignora que este carpo é um massiço de ossos formado por 8 ossinhos, distintos, articulados entre si, parte integrante da mão e que a junta de que fala, a articulação rádio-carpiana, está acima do carpo. Depois, constrói êle tôda uma teoria, segundo a qual o cravo teria sido fincado no alto da palma, mas obliquamente, em direção ao braço para tornar a sair na dita "junta". Isto é evidentemente impossível anatômicamente, e disso fiz a experiência. Mas já aqui está a "manus" que atrapalha o exegeta! Ainda há pouco, verifiquei entre contemporâneos esta preocupação de conciliar as Escrituras com a falsa concepção de anatomia (o que era também uma mania de meu amigo Vignon).

Acrescenta êle, é isto o que mais nos interessa, que o cravo não foi, em todo o caso, fincado diretamente na palma, "porque o cravo teria sustentado o pêso do corpo, mas por este pêso a mão se teria dilacerado, como mostron a experiência realizada por pintores e escultores de talento em cadáveres, para deles fazer o retrato. — "Et questo perche il chiodo non havrebbe retto il corpo; ma sarebbesi per lo peso stracciata la mano, secondo l'esperienza

fattane da i pittori e scoltori valenti in corpi morti per caverne i ritratti". — O Rev. Pe. Scotti, salesiano, doutor em medicina e doutor em ciências, que fez comigo a edição italiana das "Cinq Plaies" (Turim 1940) me fez observar que estas experiências não datam da Idade Média mas da Renascença, precisamente daquêlé século XVI que viu florescer os estudos anatômicos. Isto é digno de nota em face das hipóteses sempre ressuscitadas que querem atribuir a Santa Mortalha a um falsário mèdeieval.

Eis-nos pois diante de criteriosos predecessores anônimos, do que muito me alegro pelo bom senso da humanidade em geral, e dos artistas em particular.

É portanto coisa certa: os cravos não puderam ter sido fincados nas palmas das mãos sem que as dilacerassem rapidamente; logo, é necessário procurarmos outro local.

Dir-me-ão que o péso do Crucificado não se exercia todo inteiro nas mãos. Não falo da fixação dos pés que poderia aliviar sensivelmente esta tração. Estando os joelhos dobrados, o cravo dos pés não suporta senão uma parte ínfima e negligenciável do péso. Serve apenas para impedir que os pés se afastem da cruz: pude claramente verificar isto ao crucificar um cadáver. (Vede capítulo X).

Objetarão ainda que os braços poderiam ter estado ligados, por meio de cordas, à barra transversal da cruz; por outro lado o períneo poderia estar apoiado sôbre o suporte (sedile) passado entre as coxas. Nestas condições, a fixação das mãos não teria tido necessidade de ser tão sólida; uma parte do péso seria sustentada por êstes dois artifícios. Não tinha eu atinado imediatamente com a contradição, o R. P. Braun o reconhece lealmente, para me propor estas objeções e as responder. Veremos como o raciocínio nos conduzirá a eliminar êstes dois adventícios.

Vimos no capítulo II (B, 6.º) que os cravos eram o processo mais freqüente, mesmo para os escravos. As cordas eram mais raras, salvo para alguns países como o Egito. Que se tenha alguma vez associado cordas e cravos é cousa que texto algum sugere, como isto seria inútil, creio que o podemos negar ousadamente.

Quanto ao "sedile", cuja existência é suposta por alguns textos e afirmada por S. Justino, seu nome não se encontra senão uma vez, em Tertuliano. Já o estudamos no capítulo II (B, 4) e concluimos que estava bem longe de ser constante seu uso. Só era acrescentado ao estipes quando se queria prolongar deliberadamente ao máximo o suplício, por produzir eficazmente êste efeito. Podiam os crucificados graças a êle, resistir por mais tempo à tetania asfíxiante, uma vez que a tração do corpo não mais se exercia inteiramente sôbre as duas mãos.

Podemos desde logo supôr, dada a agonia relativamente muito curta de Jesus, que sua cruz não comportava êste suporte. A associação de cordas aos cravos, se bem que não absolutamente extraña à história da crucifixão, teria também prolongado a agonia.

Mas, outro será o motivo que nos forçará a não admitir o emprêgo dêstes dois processos e a sustentar a crucifixão feita ex-

clusivamente por cravos. Este motivo é o abatimento do corpo sobre a cruz.

Podemos agora reconstituir muito exatamente a crucifixão, tal qual foi feita. O patíbulo (i.e. a trave horizontal da cruz), carregado ao local de suplício pelo condenado, era lançado à terra, para, em seguida, ser o réu estendido sobre ele. Os braços esticados pelos carrascos ficam naturalmente paralelos ao patíbulo, fazendo um ângulo de 90° com o corpo. Os carrascos tomam as medidas e, com qualquer instrumento perfurador, esboçam os buracos na trave. As mãos, bem o sabem eles, serão fáceis de perfurar, mas na madeira os cravos entram com menos facilidade. Depois, cravam uma das mãos, puxam a outra e a cravam também. O corpo de Nosso Senhor já reproduz o T da cruz, formando os braços e o patíbulo um ângulo de 90° em relação ao corpo.

Colocam então o paciente de pé, erguendo as duas extremidades do patíbulo, que içam até engancharem-no no alto da haste vertical da cruz, o que vem a constituir a cruz em Tau. Neste momento o corpo se abate, alongando os braços que passam de 90° a 65°. Não falta senão pregar os dois pés, como o veremos, um sobre o outro, com um único cravo, dobrando os joelhos que logo tomam sua posição de abatimento. Formam os joelhos um ângulo posterior de cerca de 120°; os quadris e os tarsos formam um ângulo anterior de mais ou menos 150°.

Quando, para escapar à asfixia, o corpo se endireitar apoiando-se sobre o cravo dos pés, os braços voltarão para a horizontal, mas, segundo o Sudário, não ultrapassarão os 70°. Ao mesmo tempo, os ângulos dos joelhos, dos quadris e dos tarsos se abrirão.

Já tinha eu calculado todos estes ângulos da posição de abatimento, antes mesmo de qualquer experiência, tendo como certa uma descida do corpo de 25 cm, o que corresponde à passagem do braço de 90° a 65° (com um comprimento de 55 cm da espádua ao carpo).

Quando, bastante mais tarde, crucifiquei um cadáver inteiro (Cap. X) precisei fazê-lo horizontalmente sobre a cruz de tábuas, já pronta, que me preparara de antemão meu amigo o Prof. Hovelacque. Peguei, portanto, os braços a 90° (o gesto é verdadeiramente automático). Para os pés, fixei-os em hipertensão máxima, de cheio no ramo vertical. Ora, quando ergui a cruz para vertical, os braços passaram por si mesmos para os 65°, os joelhos para os 120°, os quadris e os tornozelos para 150°, exatamente como o havia calculado.

O que se deve reter de tudo isto, é o abaixamento do corpo, que desce de 25 cm, diferença entre a posição primitiva e a de abatimento. É evidente que este abatimento não poderá se produzir a não ser que o corpo não repouse sobre um suporte perineal nem esteja sustentado por cordas. Houve o abatimento, logo não houve nem cordas nem "sedile"; o corpo só estava sustentado pelos cravos da mão, o cravo dos pés, em posição de abatimento não sustentava coisa alguma. Ser-nos-á portanto, necessário encontrar uma região da mão na qual os cravos se possam fixar

sòlidamente e suportar esta carga de 95 kg por cravo. Um carasco, bom conhecedor de seu officio, devia saber que uma palma fixada por cravo se rompe. φ

O arrazoado me parece bastante bem construído para resistir aos ataques. O R. Pe. Braun (que prudentemente não se afasta de sua especialidade a não ser para mostrar, por um único exemplo, a possível fragilidade de minhas construções anatômicas) mo concede com a menção "muito bem". Quando muito evoca êle o fato de estigmas que acabamos de responder há pouco, o termo "mão" empregado pelas Sagradas Escrituras que também já explicamos, e a solidez de minha experiência de crucifixão nas palmas que foi atacada (não contestada, como êle diz) em uma tese de inspiração rabínica, cujo autor acabou aliás por concluir a inexistência de Jesus! Minha experiência feita em braço ainda vivo, amputado 20 minutos antes, continua inabalável e suas conclusões guardam tôda sua solidez.

Já poderia esperar aquilo de que o Pe. Braun me acusou com alguma aparência de verossimilhança, de cair num círculo vicioso. Dou, com efeito, a impressão de me apoiar sôbre uma imagem do Sudário para chegar a provar a autenticidade desta. Não queria aproveitar a indulgência que me concede para evitar de me defender.

Confesso que, se só pudesse me apoiar sôbre êsse único coágulo do punho, encontrar-me-ia em má posição dialética. Mas já verificamos, e ainda veremos para os pés e para o coração, como tôdas as imagens sanguíneas coincidem, sem exceção, e de modo espantosamente preciso, com a realidade anatômica. É êste conjunto cerrado, digamos mesmo, esta unanimidade de veracidade que constitui uma presunção de verdade equivalente a uma certeza. Se houvesse, ali, uma única exceção, poderia hesitar e não conceder à Mortalha uma confiança que ia aumentando à proporção que ia fazendo minhas experiências. Ainda mais se afirmou esta confiança, quando vi o coágulo do punho, em vez de provocar um só fluxo de sangue vertical, apresentar nitidamente dois, separados como estão por uma distância angular. Isto coincide manifestamente com o que sabemos experimentalmente da morte por asfixia e dos esforços de soerguimento feitos pelo Crucificado. Seria necessário vasar os próprios olhos para não ver, em tôdas estas imagens sanguíneas, o puro reflexo da realidade.

Mas o R. P. Braun me perdoa o círculo vicioso. Muito bem, diz êle, mas o que nos garante que tais imagens sejam de sangue e não de uma tinta aplicada artificialmente por algum falsário? Tôda a argumentação desabararia assim solapada pela base.

O leitor que seguiu atentamente minhas demonstrações anteriores, já possui os elementos da resposta. Queira êle se reportar ao capítulo I (E, 1.º) sôbre a formação das imagens sanguíneas; que releia também no capítulo 4.º (D, Coroação de Espinhos) a análise daquele coágulo formado na testa, nos obstáculos do capacete de espinhos. Demonstrei, espero que com bastante clareza, que tôdas estas imagens sanguíneas não podem ser outra cousa senão decal-

ques de coágulos e de forma alguma manchas de tinta. Passo a resumir minha demonstração: Têm estes coágulos um aspecto de verdade, e uma naturalidade tal que somente a natureza os teria podido fazer assim, e nós os podemos reconhecer como quem reconhece antigos conhecidos. Somente eles ao se decalcarem é que poderiam ter produzido imagens tão exatas. Lembremos que, só imaginá-las antes mesmo de as pintar, seria necessário um conhecimento verdadeiramente profundo da fisiologia sanguínea e astúcia incrível para evitar todo e qualquer deslize denunciador do falsário, que não poderia pensar em tudo. Por fim, executar uma pintura com um colorante qualquer, mesmo e sobretudo com sangue, teria como resultado tão somente manchas de contornos difusos, irregulares, sem bordos nítidos e sem a infinita delicadeza nem a minúcia espantosa de detalhes que apresentam as imagens do Santo Sudário.

De há muito reclamamos tôdas as experiências respeitadas que podem demonstrar a coisa cientificamente e estamos prontos a executá-las segundo o plano premeditado. Mas por ora nada mais podemos senão, pela análise dos retratos destes coágulos, afirmar que isto não pode ser outra coisa senão sangue. Se exegetas se recusam obstinadamente a admitir minhas razões, neste terreno estritamente anátomo-fisiológico, consolar-me-ei, assim o espero, com a adesão geralmente calorosa da classe médica.

Devemos, portanto, agora, determinar o local em que o cravo foi fincado. De fato, na Mortalha, não foi no metacarpo. Um falsário, notemo-lo de passagem, não teria deixado de representá-la. Neste ponto, como em tantas outras imagens estranhas e em aberta contradição com as tradições iconográficas, deveria ele se conformar ao costume pois esse "falso Sudário" se destinaria certamente à contemplação dos fiéis. parece cada vez mais canhestro.

Ora, remontando para o alto da palma que se encontra? Uma saliência transversal constituída pela reunião em sua parte superior das proeminências tenar e hipotenar, músculos curtos do polegar e do mínimo. Atrás desta saliência se encontra um feixe fibroso espesso, da grossura de um dedo, sólidamente inserido por dentro, no osso unciforme e piramidal, e, por fora, no trapézio e escafoide. Passa em forma de ponte diante dos tendões flexores que liga sólidamente, fechando o canal carpiano e dando inserção aos músculos de duas eminências: é o ligamento anular anterior do carpo. (fig. 10).

Acima desta saliência aparece uma cavidade que corresponde à junta de flexão principal do punho; depois, vem a face anterior do ante-braço. Parece, pois, natural, fincar o cravo, não na saliência que forma o limite posterior da mão, mas na cavidade subjacente. É pois, praticamente, na junta de flexão do punho que se pousa a ponta. Esta junta fica defronte do orifício marcado na Mortalha no dorso do punho, a um pouco mais de 8 cm da extremidade distal do 3.º metacarpiano.

Ora, sabe-se que esta junta está exatamente diante do bordo superior do ligamento anular que constitue um freio transversal, extremamente resistente; a cirurgia dos flegmões nos ensina ter por eles certo respeito. Por outro lado este bordo superior se projeta

sôbre o carpo barrando a cabeça do grande ôsso. Todo o semi-lunar e um pouco do piramidal o ultrapassam pelo alto.

Se se examina um corte frontal do carpo, ou melhor ainda uma radiografia de frente, vê-se que existe no meio dos ossos do carpo, um espaço livre, limitado pelo grande ôsso, o semi-lunar, o piramidal e o unciforme. Conhecemos tão bem este espaço, que sabemos, depois dos trabalhos de Destot, interpretar seu desaparecimento como sinal de deslocação do carpo, primeiro estágio de grandes traumatismos carpianos. Pois bem, este espaço está situado precisamente atrás do bordo superior do ligamento anular anterior e a junta de flexão do punho (figs. 9 e 10).

Não cheguei a compreender tôda a importância disto senão após minha primeira experiência, que passo a relatar: tendo feito uma amputação de um braço, no têrço superior, tomei logo depois da operação um prego de seção quadrada e de 8 mm de lado, como os da Paixão, cujo comprimento havia eu reduzido a 5 cm para facilitar, depois, a radiografia. Tendo estendido a mão com as costas numa tábua, coloquei a ponta do prego sôbre o meio da junta de flexão do punho, e o prego bem vertical. Em seguida, com um grande martelo, bati o prego como um operário que quer fincar uma estaca ou como um carrasco que sabe martelar com força.

Repeti a mesma experiência em várias mãos de homens, sendo que a primeira foi feita sôbre mão de mulher. As verificações foram sempre exatamente idênticas.

Atravessadas as partes moles, o prego aborda o carpo e, apesar de minha mão esquerda que o aperta, sinto-o obliquar, um pouco para dentro, penetrar sem resistência e sem ruído para, em seguida, inclinar-se um pouco, de sorte que a base fique pendente para os dedos, a ponta para o cotovelo, para tornar a sair atravessando a pele dorsal a 1 cm mais ou menos acima do ponto de entrada, o que verifico após ter arrancado o prego à prancha.

Radiografei tudo imediatamente; pensava então a priori, que o prego devia quebrar o carpo e atravessar provavelmente o semi-lunar, despedaçando-o. Os movimentos do prego durante seu percurso fizeram-me logo suspeitar que havia encontrado caminho mais anatômico.

De fato, na radiografia de perfil, o prego um tanto oblíquo para trás e para o alto, passa entre as projeções do semi-lunar e do grande ôsso que continuam intactas. (figs. 11 e 12).

A radiografia de frente é ainda mais interessante: a sombra do prego quadrado aparece retangular por causa de sua obliquidade. O cravo entrou no espaço de Destot; afastou, sem quebrar um só, os quatro ossos que o limitam contentando-se em aumentar seu talhe. (figs. 11 e 12).

A dissecação da peça me confirmou as verificações radiográficas. Como o ponto de entrada, mediano, estivesse um pouco para fora do espaço de Destot, a ponta tendo atingido a cabeça do grande ôsso, escorregou para sua inclinação interna, caiu no espaço e o atravessou. Os quatro ossos se afastaram intactos e sólidamente

apertados pelo próprio afastamento, em tórno do prego. Este repousa, por outro lado, no bordo superior do ligamento anular.

Poderíamos, como o faz S. João ao narrar que o crurifrágio foi poupado a Nosso Senhor, recordar a palavra profética: "Os non comminuetis ex eo — Não lhe quebrareis um só de seus ossos!"

O ponto de saída fica, portanto, um pouco mais elevado e um pouco mais interno que o de entrada. Se eu tivesse fincado o prego um pouco mais para dentro do meio da junta de flexão, o que fiz em outras experiências, teria caído direitinho no espaço de Destot, que está um pouco para dentro do eixo do punho, no eixo do 3.º espaço intermetacarpiano.

A obliquidade do prego para trás e para o alto é unicamente orientada pela disposição das superfícies dos ossos em volta do espaço de Destot, porque se reproduziu, regularmente, em tôdas as experiências apesar de tôda minha resistência.

Repeti, depois, realmente, uma dúzia de vêzes a crucifixão da mão, em braços recentemente amputados, mudando o ponto de implantação em volta do meio da junta de flexão. Em todos os casos a ponta se orientava por si mesma, parecia escorregar pelas paredes de um funil e se meter, espontaneamente, pelo espaço preformado.

Se se experimenta enfiar o prego mais abaixo, no ligamento anular anterior do carpo, não se consegue perfurá-lo mas se escorrega por cima e se vê o prego obliquar seja para o alto para o espaço de Destot, seja para baixo para a palma, onde se perde, e onde não poderá receber o pêso do corpo sem dilacerar a mão.

A última vez que dispus de mão fresca, tomei um bisturi com lâmina de 8 mm. Piquei-a na junta de flexão do punho empurrando-o sem esforço, atravessei o carpo sem encontrar resistência para tornar a sair no dorso da mão, sempre na mesma região. Esta região, na mão de um homem normal, está sempre a cêrca de 8 cm da cabeça do 3.º metacarpiano. E é a mesma distância que medi no Santo Sudário.

Existe, portanto, ali uma passagem anatômica preformada, normal, um caminho natural, em que o prego passa facilmente, onde é mantido muito sólidamente pelos ossos do carpo, estreitamente fixados por seus ligamentos distendidos e pelo ligamento anular anterior, sôbre cujo bordo superior repousa.

A efusão de sangue deve ser moderada, quase que unicamente venosa, o cravo não encontra nenhum artéria importante como nas arcadas palmares, o que teria espalhado uma grande placa de sangue em tôda a face dorsal da mão aplicada sôbre a cruz e teria podido provocar grave hemorragia.

Seria possível que carrascos treinados não tivessem conhecido empiricamente este lugar apropriado para a crucifixão das mãos, que reúne tantas vantagens e é tão fácil de encontrar? A resposta é clara. E é precisamente ali que a Santa Mortalha nos mostra o sinal do cravo, ali onde nenhum falsário teria tido jamais a idéia nem a ousadia de o representar.

Mas, estas experiências me reservariam ainda uma outra surpresa. Operava eu, e nisto insisto, sobre mãos vivas ainda, logo após amputação do braço. Ora, verifiquei desde a primeira vez e, regularmente nas seguintes, que no momento em que o cravo atravessava as partes moles anteriores, estando a palma para cima, o polegar se dobrava bruscamente e, sobretudo, se opunha na palma, por contração dos músculos tenarianos, ao mesmo tempo que os quatro dedos se dobravam muito ligeiramente; provavelmente por excitação mecânica reflexa de tendões longo flexores.

Ora, as dissecações me revelaram que o tronco do nervo mediano estava sempre gravemente ferido pelo cravo, seccionado, triturado na altura do terço, metade ou dois terços, de acordo com os casos. Mas sempre, em sua parte interna, que é unicamente sensitiva. Jamais estava totalmente seccionada. Sempre os nervos do curto abductor, oponente e curto flexor, que se dirigem para fora, neste nível do mediano, estavam intactos. A contração destes músculos tenarianos, ainda vivos como seu nervo motor, se explicava facilmente pela excitação mecânica do nervo mediano. Não pode, portanto; tratar-se de paralisia destes músculos. Pelo contrário, o nervo mediano, estendido sobre o cravo, com sua parte externa, motora, ainda intacta, dela recebia uma excitação mecânica a cada movimento. Jesus Cristo portanto agonizou, morreu e se fixou na rigidez cadavérica, com os polegares opostos nas palmas. Eis porque, no Sudário, as duas mãos vistas pelo dorso não apresentam senão quatro dedos, porque os dois polegares estão escondidos nas palmas. Teria um falsário sido capaz de imaginar isso? Teria ousado representá-lo? Como resposta notemos que muitos copistas antigos da Santa Mortalha acrescentaram os polegares; como também afastaram os pés e desenharam as faces anteriores com dois buracos de cravos; ora, nada disto existe no Santo Sudário.

Mas, ai! os medianos não são somente nervos motores, são também grandes nervos sensitivos. Feridos e estirados sobre os cravos, nos braços estendidos, como cordas de violão sobre seus cavaletes, devem ter provado dores atrozes. O nervo, parcialmente seccionado, estendido sobre o cravo por sua parte intacta, dele recebia também a cada movimento, uma violenta excitação sensitiva. Os que durante a guerra tiveram ocasião de ver estas chagas dos grandes troncos nervosos, sabem que é uma das torturas mais horríveis que se possa imaginar, a tal ponto que sua prolongação seria incompatível com a vida, se logo não se estabelecesse uma espécie de inibição; na maioria dos casos acarreta a síncope.

Ora, Nosso Senhor, Deus-Homem, capaz de levar a seus extremos limites a resistência física, continuou a viver e a falar até o "Consummatum est" durante cerca de três horas! E Maria sua Mãe e nossa Mãe, ali estava ao pé da cruz!

Concluamos após esta verificação desconcertante para todo cristão que sabe "compadecer" (não passa isto, no entanto, de uma verificação estritamente objetiva): o cravo da mão foi fincado num espaço natural, o espaço de Destot, situado entre as duas fileiras

de ossos do carpo. Ora, o carpo faz parte integrante da mão para todos os anatomistas de todos os tempos e todos os países, sendo a mão constituída pelo carpo, metacarpo e dedos.

Podemos portanto, de acôrdo com a experiência, com o Santo Sudário, e com as Santas Escrituras repetir com Nosso Senhor, no sentido estritamente anatômico da palavra: “Vide manus”, e com Davi: “Foderunt manus meas”.

CAPTULO VI

CHAGAS DOS PÉS

Vimos que a localização das chagas das mãos comporta não pequenas dificuldades. A questão dos pés é incomparavelmente mais simples e mais fácil de resolver (fig. 13).

Vê-se logo na imagem posterior do Sudário, que os dois pés estão cruzados. O direito marcou uma impressão total, à qual voltaremos em breve. Do esquerdo vê-se o calcanhar e a parte média; mas se introduz obliquamente por trás do direito (portanto, na cruz, estava na frente) cruzando seu bordo interno e sua parte anterior não é visível.

É evidente que teremos que olhar de perto e estudar diferentes fotografias e compará-las antes de ir aos detalhes; mas o fato do cruzamento está bem evidente desde o início. O que complica as imagens são os fluxos de sangue que se espalham sobre quase todo comprimento dos dois pés, para frente e para trás dos orifícios dos cravos, e ultrapassam as impressões. Parece certo que o sangue que deslizara em direção aos dedos sobre a cruz, continuou a escorrer, mas, durante o transporte ao túmulo, em direção dos calcanhars, pela posição horizontal em que era levado o corpo. Uma parte formou, na metade posterior da sola dos pés, coágulos que ficaram decalcados. Mas uma parte deve ter continuado a escorrer até mesmo na Mortalha, por fora do calcanhar. Além disto o tecido se dobrara em pregas longitudinais, de sorte que certos coágulos frescos e mesmo sangue líquido transudou sobre a face oposta da prega.

Verifica-se, com efeito, para os dois pés, imagens simétricas e inversas, das quais uma está completamente fora da impressão plantar e que não pode se explicar a não ser pelo mecanismo da prega.

Tendo deslindado estas imagens um tanto complexas, voltemos ao fato de que mesmo no sepulcro, os pés ficaram parcialmente cruzados. Dado o que sabemos sobre a rigidez cadavérica, significa isto que estavam ainda mais cruzados na cruz, o esquerdo sobre o direito, com a sua sola repousando no dorso do direito. Quando despregados, e o corpo estendido, tenderam pela força da gravidade a voltar à paralela, mas a rigidez ainda os conservou um tanto cruzados. Podemos aliás ver perfeitamente tanto na imagem anterior como na posterior, que a coxa e o joelho esquerdo estão levados para frente e para o alto, em relação ao lado direito.

A rigidez cadavérica foi certamente rápida e considerável, provavelmente instantânea, em consequência das fadigas da agonia

de Jesus e suas contrações. Deve ter sido necessário um certo esforço para reconduzir os braços da posição de abdução para a de adução com cruzamento dos punhos diante do baixo ventre. Mas para os pés não haveria necessidade de modificar sua posição, pois que entravam naturalmente no túmulo em sua posição de crucifixação, cruzados e em hiperextensão.

Esta hiperextensão devida ao fato de terem sido os pés cravados de cheio sobre o ramo vertical da cruz, facilitou bastante a formação da bela impressão plantar do pé direito que, naturalmente, repousava sobre o Sudário. Falou-se um tanto levemente de deslocação do tornozelo, o que para nós se chama subluxação ou luxação. Admirei-me mesmo de encontrar isto no livro de Hynek. — Basta deitar-se alguém sobre uma prancha, fazer a experiência in vivo, para dar-se conta. As articulações tibiotársicas e sub-astragálicas têm movimentos normais bastante extensos para permitir esta extensão forçada. Basta dobrar muito ligeiramente os joelhos para que os pés se ponham em contato total com o solo; **sem grande dificuldade e sem dor alguma.**

A coisa fica ainda facilitada pelo movimento de varo, que aproxima a ponta do pé em direção à linha mediana levando o pé para dentro. Este movimento se passa na articulação sub-astragaliana e na mediotársica.

Vimos que na posição do abatimento o ângulo anterior do tornozelo era de 150°. Podemos ainda abri-lo mais, aumentando ao mesmo tempo o ângulo posterior dos joelhos para cima de 120°, o que o aproxima do solo (ou, no caso do crucificado, do estípite) e correspondente à posição de soerguimento.

Em tudo isto, supondo um pé de homem bem formado, com articulações cerradas, não frouxas. Com um pé de mulher poderemos chegar a extensão maior. As bailarinas, verdadeiras digitigradas, andam sobre os dedos os pés no eixo da perna. Mesmo no homem, devemos eliminar a hipótese de qualquer entorse ou luxação.

Notemos que este cruzamento do pé esquerdo sobre o direito é oposto ao costume mais usual entre os artistas; na imensa maioria dos crucifixos, vê-se sempre o pé direito sobre o esquerdo, quando estão cruzados. Muitas vezes, me perguntei a razão desta preferência.

É provável que seja de natureza estética e como consequência do hábito muito frequente de inclinar a cabeça do crucificado para a direita. Quiseram dar desta atitude significações simbólicas que, me parecem bem rebuscadas: Jesus crucificado a noroeste de Jerusalém e olhando para o sul (?) teria inclinado a cabeça para o Ocidente, onde se deveria desenvolver a sua Igreja entre os gentios, desviando-a do Oriente e dos judeus que a haviam rejeitado (!). Discutir o fundamento destes pretendidos símbolos seria perder tempo para quem quer se colocar no terreno histórico e não o faremos.

Mas, esteticamente, é certo que esta inclinação da cabeça para a direita acarreta uma curva em toda a silhueta do corpo, que para equilibrar as massas harmoniosamente, deve terminar por uma flexão da coxa direita que faz adiantar o joelho direito e coloca como consequência, o pé direito sobre o esquerdo. Já era esta

a minha impressão e vários escultores e pintores me expressaram espontaneamente a mesma idéia, quando lhes propus a questão.

Mas aproveitei da ocasião, para acrescentar que esta inclinação da cabeça para a direita, para produzir o "et inclinato capite emisit spiritum — e tendo inclinado a cabeça entregou o espírito", repousa em um erro fisiológico. Enquanto o crucificado estiver vivo, ser-lhe-á possível inclinar a cabeça para um lado ou outro, desde que esteja em posição de soerguimento. Se estiver em abatimento, a tetania, afetando igualmente as duas massas musculares do pescoço direita e esquerda, deve-lhe conservar a cabeça simétrica, levada mais ou menos para frente ou para trás segundo a predominância dos esterno-cleido-mastoídeos ou dos trapézios. Após a morte, "inclinato capite", a mesma igualdade de massa, fixada pela rigidez cadavérica na posição de tetania, deve apresentar uma cabeça em posição mediana, simétrica e inclinada para frente, para o esterno, pois os dois esterno-cleido-mastoídeos são robustos músculos inspiradores, contraídos na asfixia. Foi a posição que lhe deu, sob minhas indicações meu caro amigo o Dr. Villandre em seu belo crucifixo. E bem parece que é ainda visível no Sudário.

Aliás foi averiguado que a partir do século XVI, certos artistas entre os quais se cita Rubens. tiveram conhecimento do Santo Sudário. Nós o vimos, entre outros, fixar os cravos nos carpos. Talvez tivessem visto, na Santa Relíquia, que os pés estavam cruzados, mas como a imagem de todo o corpo está invertida, é em aparência o pé esquerdo que está atrás do direito. Não pensaram nesta inversão obrigatória e assim copiaram a posição dos pés sem refletir mais além. Simples hipóteses. Mas voltemos ao estudo das impressões.

A imagem do pé direito na impressão posterior é a mais interessante, porque a mais completa. É ainda necessário tomar cuidado porque, para o lado do calcanhar, está ela muito menos marcada, de onde a tendência para reconstruir um pé curto demais. A isso voltaremos a propósito do transporte para o túmulo (capítulo VIII).

Comparando fotografias de diversos formatos e de provas de cor diferente, pode-se, no entanto, delimitar o bordo posterior do calcanhar. Feito isto, será possível decalcar a imagem do pé direito obtendo-se assim uma imagem plantar muito interessante.

Seu bordo interno é mais suave na parte média, mas apresenta em todo caso uma concavidade muito nítida correspondente à arcada plantar.

Para frente, esta imagem se alarga, mais para frente ainda, distingue-se a impressão dos cinco dedos muito caracterizados: o grande artelho com seu oval muito grande e longo, muito superior aos outros quatro, os três seguintes arredondados, o quinto ligeiramente triangular na base posterior. Em poucas palavras, encontra-se uma impressão plantar normal, como a que se pode tomar numa folha de papel esfumado, ou que um pé molhado deixa em uma pedra. A arcada plantar é normal, nem achatada nem escavada.

Os dedos estão ligeiramente afastados uns dos outros como os

de um pé que jamais usou sapatos e sempre andou descalço ou quando muito com simples sandálias.

Nesta impressão, estão espalhados em meandros caprichosos os coágulos dos fluxos de sangue, de coloração carmínea, desenhando-se sobre a sépia do pé. Na parte média vê-se uma mancha retangular, um pouco mais próxima do bordo interno que do bordo externo da impressão, e os fluxos bem parecem ter aí seu centro. Alguns vão para os dedos. A maior parte, porém, escorre em direção ao calcanhar e, como já dissemos, ultrapassa para fora a imagem do pé, até a prega do Sudário.

Esta imagem quadrangular é seguramente o sinal do cravo, embora tenha o Pe. Noguier de Malijay localizado outrora a crucifixão em direção ao calcanhar, supondo que fôsse através do tarso "por analogia com a da mão no carpo"! Quanto à mão, estamos de acordo se bem que o eminente religioso não tinha podido localizar, com mais precisão, a região por falta de experiências. Quanto ao pé, no entanto, isto não se pôde sustentar. Para cravar os dois tarsos um diante do outro, teria sido necessário um cravo de mais de 12 cm. Por outro lado os ossos e as articulações do tarso opõem à penetração, sobretudo com os dois pés cruzados, resistência muito grande.

Por fim, em parte alguma do tarso, se vê imagem que possa corresponder à penetração do cravo.

Aliás experimentei, em um pé de amputação recente, pregar o tarso anterior, parte menos espessa do massiço tarsiano: Para um só pé me foram necessárias umas vinte marteladas sólidamente aplicadas para transpor o osso massiço, que se quebrou.

Resta-nos, portanto, localizar o orifício da crucifixão. Será através da medicina operatória e, graças a nosso conceituado mestre, o professor Farabeuf, que o conseguiremos. Sabemos por este que a interlínea de Lisfranc, que separa o tarso dos metatarsos, está delimitada por uma linha oblíqua para fora e para trás, cujas extremidades estão situadas no meio do bordo interno e no meio do bordo externo do pé. Tomemos as medidas, façamos o desenho e verificaremos que a chaga do cravo se encontra imediatamente antes da interlínea de Lisfranc (fig. 14).

Por outro lado está no eixo do espaço que separa o 2.º do 3.º dedo, sabemos que pela largura maior do 1.º metatarsiano, este eixo separa mais ou menos a largura do pé em duas partes iguais.

Podemos pois concluir, com bastante precisão, que o cravo passou na parte posterior do segundo espaço intermetatarsiano. Fiz a experiência. A passagem é fácil, o cravo não encontra senão partes moles, afastando o 2.º e 3.º metatarso. No dorso, a artéria pediosa mergulhou na parte posterior do primeiro espaço. Na planta do pé, o cravo pôde evitar a arcada plantar profunda que cruza a base dos metatarsos. De qualquer modo a hemorragia não é mortal e o sangue, sangue venoso, devia escorrer sobretudo depois da retirada do cravo, o que explica estas grandes hemorragias em direção ao calcanhar, que passou a ficar em declive inferior pelo decúbito dorsal (fig. 13).

Experimente o leitor em um cadáver, ou em si mesmo deitando-se de costas, cruze os pés, o esquerdo sobre o direito e dar-se-á conta de tudo o que aconteceu. Bastará para isso dobrar os joelhos, a flexão não tem necessidade de ser muito acentuada, uns trinta graus bastam, partindo da extensão (150°). Os pés estendidos em equinismo, isto é com as pontas alongadas, podem mesmo repousar de cheio sem que de forma alguma seja necessário o artifício de uma consola oblíqua, o supedâneo imaginário. Sendo pois inútil este artifício que além disto, complicava a crucifixão é mais provável que os carrascos o dispensassem.

Estando os pés assim cruzados no cadáver, experimente perfurá-los juntos, com um furador ou um prego; será, naturalmente, na parte posterior do 2.º espaço que será levado a picar. Ainda uma vez, notemos, os carrascos conheciam seu officio. Acima do cravo se encontrava toda massa dos dois tarsos; que constituia suporte robusto, pelo qual o crucificado podia se apoiar sobre o cravo todas as vezes que quisesse se soerguer para aliviar a tração sobre as mãos e diminuir as caimbras. A espessura a atravessar não era considerável e a maior parte do cravo penetrava na madeira. O cravo atravessava facilmente as partes moles sem resistência. Por fim, a hemorragia era de pouca importância e permitia a prolongação do suplício.

Ainda não nos utilizamos, em todo este estudo, da imagem anterior do Santo Sudário (figs. 2 e 3). É simplesmente por ser ela muito menos instrutiva. Mas, ao examiná-la, veremos nitidamente os dois joelhos, no nível da borda superior das peças de pano costuradas pelas Clarissas. As rótulas estão visíveis e a esquerda está nitidamente mais para a frente que a direita. Seguem-se as pernas, mas, em sua parte inferior, se esmaecem cada vez mais, de sorte que a região dos tornozelos é extremamente difícil de ler. Parece que o Sudário se afasta desta região e passa, em ponte, da parte média das pernas à ponta dos pés.

Entretanto, no dorso dos pés, há uma grande imagem sanguínea de forma trapezoizal irregular, prolongando-se, em baixo, por uma cauda, do lado esquerdo. Tem sido ela diversamente interpretada. Vignon a coloca no dorso do pé esquerdo e nela vê mesmo a chaga do cravo. Mas, tal não me parece. — Se se compara a porção pouco visível do dorso dos pés com a imagem das plantas, vê-se claramente que os pés, muito cruzados sobre a cruz, se afastaram de sua posição, continuando, no entanto, cruzados, de sorte que o pé esquerdo não mais cobre o dorso do pé direito a não ser em sua parte anterior, perto das pontas. O dorso do pé direito em toda sua parte posterior deve, portanto, se ver mais ou menos na impressão anterior. — Ora, esta mancha de sangue está certamente no eixo da perna direita.

Se se determina, por construção anatômica, — em relação com a largura da coxa e a posição das rótulas ou em relação a um ser vivo, de porte conveniente, como o fez Antônio Legrand — a situação dos tornozelos, parece muito provável que este coágulo importante se tenha formado durante a permanência na cruz, saindo das duas chagas: plantar esquerda e dorsal direita, unidas pelo

prego. A pressão do pé esquerdo espalhou sobre o dorso do pé direito o sangue que continuava a escorrer pelo rêgo entre os dois pés. Arrancado o prego, e os dois pés ligeiramente afastados, este coágulo dorsal do pé direito aparecia todo inteiro. A forma trapezoidal deste coágulo se prolonga, em ponta, em direção aos dedos do pé direito pelo sangue coagulado no rêgo entre os dois pés. Quanto ao furo do cravo apontado por Vignon, não o vejo.

Ainda uma vez, tudo isto continua um tanto hipotético. A fraca intensidade das impressões torna sua interpretação difícil e requer construções anatômicas à distância. Em todo o caso, o que se pode daí tirar não faz senão confirmar as conclusões das imagens plantares.

Conclusão: um só prego atravessava a parte alta (região proximal) dos segundos espaços intermetatarsianos, estando os dois pés cruzados, o esquerdo na frente e o direito aplicado diretamente sobre o lenho. Parece que se pode encontrar uma imagem simétrica do cravo, na impressão posterior do pé esquerdo, muito menos nítida que a do direito. Não sendo visível a parte anterior, a marcação não é tão precisa, mas em relação ao calcanhar, bem que se parece situar no mesmo nível, longitudinal e transversalmente.

CAPÍTULO VII

CHAGA DO CORAÇÃO

Disse de propósito “chaga do coração” e não chaga do lado, porque tôda a tradição o afirma e a experiência mo confirmou. O lançaço dado no lado direito atingiu a aurícula direita do coração, perfurando-lhe o pericárdio.

“Ad Jesum autem cum venissent (milites) ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt eius crura, sed unus militum, lancea latus ejus aperuit, et continuo exivit sanguis et aqua” (Jo. 19,33 s.) — “Ora, quando (os soldados) vieram a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com a lança e, ato contínuo, saiu sangue e água”. Vimos, no capítulo II, a razão dêste lançaço inexplicavelmente dado a um cadáver. O corpo do supliciado era legalmente devolvido à família, sob autorização dada pelo juiz. Mas o carrasco não o podia entregar a não ser após se ter assegurado da morte (e, quando necessário, após tê-la provocado, o que não é o caso presente) por um golpe que abrisse o coração. Êste gesto que nos poderia parecer estranho não é outra cousa senão a execução de um regulamento militar.

Esta saída de sangue e de água de um cadáver sempre comoveu, e profundamente, exegetas e teólogos. Já respondia Orígenes aos sarcasmos imbecis de Celso (Contra Celsum, II, 36): “Sei que de um cadáver não sai sangue nem água, mas o fato de Jesus é miraculoso”. — Vem isto provar, de passagem, que os católicos procederiam melhor, confiando em uma tradição bem estabelecida do que pedir socorro ao último batel que se proclama científico, pelo receio de não parecer estar em dia com a ciência, e é o que se verifica com demasiada freqüência; a alta Autoridade responsável e inspirada que é a Igreja lhes dá, no entanto, o exemplo de prudência.

Quanto à água, vamos ver em breve sem a menor sombra de dúvida, do que é que se trata. Mas, não sem espanto, vemos perpetuar-se através dos séculos esta estranha idéia que o sangue está coagulado no cadáver, e que, sem milagre, não poderia sair sangue líquido. No entanto, os sacrificadores, os arúspices e mesmo os magarefes devem saber muito bem que, pelo menos, as veias maiores deixam correr uma onda de sangue, quando as abrem ao limpar um animal.

Não quero acumular textos, mas encontro êste erro confirmado na “Descrição do Santo Sudário” de Mons. Paleotto, arcebispo de Bolonha, publicada em 1598, de que já falei: “Verdadei-

ro sangue e verdadeira água saíram do peito do Redentor... e dêle saíram após a morte; foi isto cousa admirável como o nota S. Ambrósio que nisso reconhece um milagre dizendo... que o sangue se coagula habitualmente após a morte no corpo". Cita S. Ambrósio que nisso reconhece um milagre dizendo... que o saísse de um cadáver... porque, seguramente, após a morte, o sangue se coagula em nossos corpos — nam utique post mortem sanguis in nostris corporibus congelascit". Para Mons. Paleotto, um outro fato é ainda mais milagroso, e é que se tenha podido ver sangue e água sair ao mesmo tempo, porém distintos um do outro, uma vez que deveriam ter se misturado intimamente.

O R. P. Lagrange, eminente exegeta, a quem tomei emprestada a citação de Orígenes, escreve em seu comentário sobre S. João, a propósito desta saída de sangue e água: "João o sabia também (que era miraculoso) e foi por isto que tanto insistiu em seu testemunho ocular. Não tentaremos, portanto, fornecer uma explicação fisiológica mais ou menos aproximada. Mas, precisamente porque olha o fato como milagroso e porque atesta sua realidade, não se tem o direito de dizer que não há ali senão um valor simbólico. É a realidade que nos importa, antes de tudo, como base do símbolo". Que me perdoem a atitude de atoleimado, mas francamente, não vejo que S. João tenha afirmado um milagre. São João se admira, bem o vemos, mas não será, sobretudo, a saída de água ao lado do sangue que é a causa de sua admiração? Não queria êle dizer: saiu sangue e também água? Talvez soubesse que pode sair sangue de um cadáver, mas a água deveria lhe parecer extraordinária, como o seria, à primeira vista, mesmo para um médico de nossos tempos.

Quanto às explicações simbólicas que todos os Padres acrescentaram a esta realidade, solenemente afirmada, são por demais numerosas para que nelas me demore e além disto, tal excursão sairia de meu assunto. Estão tôdas orientadas para a Redenção e Purificação. Escolheremos apenas uma, bastante bela, de S. Jerônimo, não citada pelo P. Lagrange: "Latus Christi percutitur lancea, et Baptismi atque Martyrii pariter sacramenta fundantur" (Epístola 83, ad Oceanum). Êste duplo fluxo consagra simultaneamente o Batismo de água e o Batismo de sangue pelo martírio.

Em que região do lado foi aplicado o lançamento? Uma tradição constante aponta o lado direito do peito, e o fato é tanto mais importante quanto mais comum é a opinião, mesmo hoje em dia, que aponta o coração como situado do lado esquerdo o que é falho. O coração é órgão mediano e anterior, deitado sobre o diafragma entre os dois pulmões por trás da couraça esterno-costal, no mediastino anterior. Só sua ponta é que está nitidamente à esquerda, mas sua base ultrapassa à direita, o esterno.

Desta tradição do golpe à direita, apresentarei apenas duas citações à guiza de exemplo: S. Agostinho escreve na "Cidade de Deus" (livro 15, cap. 26): "Ostium in latere dextro accepit, profecto illud est vulnus, quando latus crucifixi lancea vulneratum est — Abriram-lhe uma porta no lado direito que é, sem dúvida,

aquêlê ferimento (que lhe fizeram) quando o lado do crucifixo foi ferido pela lança”. — O Papa Inocência III (1190-1216) escreveu (Lib. Myster. Evangel. lib. 2, cap. 58): “Calix ponitur ad dextrum oblatæ latus, quasi sanguinem suscepturus, qui de latere Christi dextero creditur profluisset — Coloca-se o cálice à direita das oblatas (hóstia da missa) como que para receber o sangue que cremos ter corrido em abundância do lado direito de Cristo”.

Mas limitemo-nos ao texto evangélico; um dos soldados feriu-lhe o lado com a lança, e logo saiu dali sangue e água. Pedi à anatomia e à experimentação a explicação dêste texto e agora vamos ouvi-la tal como me responderam.

A mortalha tem manifestamente os traços desta chaga do lado esquerdo, o que quer dizer, sendo suas imagens inversas que o cadáver a tinha do lado direito.

É curioso que, apesar do preconceito corrente que coloca o coração à esquerda, embora somente sua ponta aí pulse, nunca me tenha alguém contrariado por causa desta questão do lado. Ou melhor, nunca me fizeram objeção por causa dos estigmatizados. É verdade que S. Francisco tinha sua chaga do lado direito. Mas, depois dêle, numerosos são os que a têm do lado esquerdo, Teresa Neumann, por exemplo. Evidentemente, esta variação de lado é mais aparente que as variações de localização na mão; assim que também aqui não faltam as explicações... que nada explicam. Esta por exemplo: O estigmatizado teria localizada a chaga do mesmo lado em que vê a chaga de Jesus crucificado. Em vez de propor teorias também científicas, prefiro confessar que isto ultrapassa o domínio da ciência e respeitar o mistério dêstes fenômenos. Sempre, no entanto, virá isto reforçar a opinião emitida a respeito das mãos: Têm os estigmas uma significação puramente mística nem podem absolutamente pretender ser uma reprodução mais ou menos exata das cinco chagas da Paixão. (cf. pag. 91 s.).

Na impressão anterior do Sudário (figs. 6 e 7), vê-se do lado esquerdo (por conseguinte do lado direito do cadáver), compacta hemorragia, em parte, escondida no bordo externo por uma peça de tecido costurada pelas Clarissas de Chambéry, após o incêndio de 1532. Tem ela, no alto, pelo menos, 6 cm de largura, desce ondulando e se estreitando em uma altura de, pelo menos, 15 cm. O bordo interno apresenta-se estranhamente recortado por chanfraduras arredondadas para as quais não se encontra, à primeira vista, uma explicação, principalmente em se tratando de um fluxo de sangue num cadáver imóvel e vertical. Não se espalha de maneira homogênea e apresenta mesmo algumas lacunas.

Pintor algum se lembrou de representar um fluxo de sangue tão irregular. Logo, corresponde isto à realidade e, uma vez mais, é a imaginação dos artistas que está em falta (que gênio não devia ter sido êsse falsário!). Só a natureza e, portanto, o Sudário poderia ter ficado na verdade impecável.

Meu amigo Antônio Legrand teve a idéia engenhosa de pintar após ter assinalado os pontos de referência que mais adiante fixaremos de acôrdo com o Sudário, a chaga do lado e o coágulo que

se lhe segue por baixo, no peito bem musculoso de um homem do porte de Cristo. A pintura foi feita, está claro, na posição de sepultamento, com as mãos cruzadas sobre o hipogástrio. Em seguida, fê-lo tomar a posição de crucifixão, com os braços a 65°. Ora, nesta posição, viu êle imediatamente salientarem-se as costelas médias e, em cada uma delas, a extremidade anterior de uma digitação do músculo Grande Denteado. A cada ondulação do bordo do coágulo correspondia uma destas saliências musculares, no entanto, bem conhecidas dos artistas. Por que nelas não pensaram? — Porque pintavam apenas fluxos de sangue, porque ignoravam a fisiologia da coagulação, porque não sabiam que o sangue devia se espalhar, se atrasar em sua descida e se coagular mais facilmente em um coágulo mais largo na altura de cada uma destas cavidades intermusculares. E, teria eu mesmo pensado nessas particularidades, mesmo com tudo o que sei?!

A mancha no Sudário, vista à luz do dia, ressalta por sua coloração carminada como tôdas as imagens sanguíneas, sobre o conjunto da impressão que é sépia. Houve evidentemente, ali um importante derramamento de sangue, do qual grande parte deve ter caído no chão e o resto se coagulou em contacto com a pele, por camadas sucessivas. A parte superior do coágulo, a mais vizinha da chaga, é a mais espessa, como é a mais larga porque o fluxo é compacto. Isto, como já dissemos, é um fato de experiência corrente para os cirurgiões. Dá-se o contrário, quando o sangue gotejando mais lentamente parou em sua descida de encontro a um obstáculo (Vêde: Fronte — Coroação).

Na parte superior da imagem sanguínea distingue-se nitidamente, tanto no original como em fotografias, uma mancha oval com o eixo maior um tanto oblíquo de dentro para fora e de baixo para cima que dá, nitidamente, a impressão da chaga do lado, de onde saiu este sangue. Tem esta chaga 4,4 cm no eixo maior e 1,5 cm na altura. É dela que devemos procurar a localização exata para a transferir a outro corpo. Notemos, de passagem, que a relíquia do ferro de lança que se encontra no Vaticano, tem 45 mm, em sua parte mais larga. As chagas são sempre mais estreitas do que os agentes perfurantes por causa da elasticidade da pele.

Fiz decalques e tomei medidas em fotografias de tamanho natural, colocadas à minha disposição por M. Vignon e pelo R. Pe. d'Armailhaçq. Nestas belíssimas provas, vê-se nitidamente a saliência dos peitorais e mesmo, sem dificuldade, se distinguem os mamilos. A extremidade interna da chaga está a 9,5 cm abaixo e um pouco para fora do mamilo, em uma horizontal que passa a 9 cm abaixo dêle. Mas o mamilo não é ponto de referência. No corpo, só as partes do esqueleto permitem boas localizações. Procurei, portanto, do lado do esterno. Vê-se, na base do pescoço, uma série de manchas espalhadas, das quais uma mediana representa seguramente a cavidade supra-esternal; as outras laterais, um pouco mais altas, correspondem às cavidades supra-claviculares. O bordo inferior da mancha mediana marca portanto sensivelmente o bordo superior do esterno.

Na cavidade epigástrica há uma mancha vertical, irregularmente retangular, dividida e esmaecida em sua parte inferior que revela tão nitidamente a cavidade situada entre os 2 músculos grandes direitos e cujo fundo repousa sôbre o apêndice xifóide. O bordo superior desta mancha é, portanto, a extremidade inferior do esterno. Mais abaixo vê-se a impressão do umbigo; mais abaixo ainda, as mãos se cruzam diante do pubis, e, em todo êsse conjunto, as proporções parecem perfeitamente justas e harmoniosas. Pode-se mesmo, nos lados, distinguir os rebordos costais caindo fora de prumo sôbre os hipocôndrios. A parte inferior desta mancha, do lado direito, desce até abaixo dêste rebordo atingindo a parede abdominal.

O esterno assim delimitado tem uma altura de 18 cm, o que nada tem de exagerado num homem de 1,78 m mais ou menos. Nada mais falta senão localizar a chaga com relação à linha mediana e à ponta do esterno (extremidade inferior), referência fácil de se encontrar em outro corpo.

Ora, a extremidade inferior e interna da chaga está em uma horizontal passando a 3 cm abaixo da ponta e se encontra a 12 cm da linha mediana. A extremidade superior e externa está em uma horizontal passando a 0,5 cm abaixo da ponta e se encontra a 16 cm da linha mediana. Eis pois localizada a chaga, não nos resta senão transferi-la a corpos vivos e radiografá-los, ou a cadáveres para experiência e dissecá-los.

Antes de começar estas experiências, demos ainda uma olhada ao Sudário que apresenta dêste lado duas novas imagens anormais, dois novos erros aparentes, que como já começamos a aprender, são os mais instrutivos.

De há muito que já se observou não ter o braço direito a mesma posição que o esquerdo. O cotovelo está nitidamente mais abaixo e mais para fora que o do esquerdo. Quiseram explicar esta anomalia pelo fato de que o próprio ombro direito está um pouco mais baixo. A observação é exata e dela se têm dado diversas explicações desde a deslocação (?) da articulação da espádua, até a deformação profissional dos operários não-canhotos que teriam a espádua direita normalmente abaixada. Esta última explicação fornecida pelo Dr. Gedda pode ser verdadeira mas não é suficiente.

Com efeito, mesmo levando-se isto em conta, o braço direito é mais comprido que o esquerdo e, sobretudo, o ante-braço direito é, também êle, mais comprido que o esquerdo. Além disto, a saliência do grande peitoral direito é claramente mais larga que a do esquerdo. Houve portanto um deslocamento do cotovelo direito para fora, com alongamento aparente do braço e do antebraço direito. — Estranho! E muito pouco recomendável para um pintor de gênio!

Mas há ainda outra coisa. Quando, dentro em breve, com nossos pontos de referência, formos marcar a chaga do coração sôbre o torax de um homem vigoroso de 1,80 m, verificaremos que esta chaga se encontra na face lateral do torax, nitidamente, atrás

do plano anterior esternocostal. Se estendermos um pano sôbre esse peito, verificaremos que passa, em ponte, dêste plano anterior para a saliência do braço direito colocado em posição de sepultamento. Não tocará a chaga do lado nem o coágulo subjacente. — Mais estranho ainda; porque a não ser por contacto direto, chaga e coágulo não teriam podido ser declarados. Ora, o decalque é admirável.

Mas, suponhamos que mão amiga tenha feito o gesto perfeitamente natural de pousar sôbre esse pano estendido para encostá-lo na cavidade bráquio-torácica, sôbre a chaga do coração. A mão empurra forçando um pouco para dentro o tecido que estava sôbre o braço; e êste irá deixar sua impressão em uma zona mais exterior que a zona primitiva. — Estendamos de novo o Sudário tal como o vemos hoje. A impressão do cotovelo direito estará mais para fora do que deveria estar, mais para fora do que a do esquerdo. O braço, e mais ainda o ante-braço, serão mais longos que os do cadáver. — E, por isto mesmo, o coágulo do coração ficará magnificamente decalcado.

Devemos esta demonstração ainda a meu amigo Antônio Legrand (“Dossiers du Saint Suaire”, Paris, nov. 1939). Quem poderia ter sido o falsário tão astucioso, capaz de imaginar tôdas estas impressões falaciosas? — Mas, voltemos à experimentação.

1.º — IN VIVO. RADIOGRAFIAS

Recortei uma placazinha metálica com a forma e dimensões das da chaga do lado e a fixei em alunos escolhidos por seu porte, aproximadamente o mesmo que o de Jesus, na região exatamente determinada pelas medidas há pouco descritas. Depois fiz bater, no hospital de São José, teleradiografias (com a ampola a 4 m), para ter imagens sensivelmente orto-diagramáticas, tendo as mesmas dimensões, que o corpo radiografado. É uma destas radiografias que reproduz esquemáticamente aqui neste livro, conservando apenas a parte anterior do esqueleto e as sombras viscerais para maior clareza. (fig. 15).

Como se vê a placazinha se projeta bastante para fora sôbre a 6.ª costela ultrapassando o 5.º espaço intercostal direito. As medidas continuam a fornecer os mesmos algarismos que os das obtidas no Sudário. Atrás do esterno que está nitidamente visível em sua parte superior, vê-se a sombra cárdio-pericárdica (coração) tendo por cima a sombra dos grandes vasos (aorta, veia cava superior). A parte direita do coração ultrapassa notavelmente o bordo direito do esterno. O coração repousa sôbre a sombra hépato-diafragmática (fígado). Sob o diafragma esquerdo se desenha a bôlsa gasosa do estômago. A convexidade direita do coração se encontra a 8 cm do meio da chaga, seguindo uma linha um pouco oblíqua para dentro e para o alto. A chaga está nitidamente acima da massa do fígado.

Portanto a lança escorregou sôbre a 6.ª costela e perfurou o 5.º espaço intercostal e penetrou na profundidade. Que encontrou em seguida? A pleura e o pulmão. Se o soldado de S. João tivesse

dado seu golpe em direção vizinha à vertical, primeiro, quase não teria podido perfurar o espaço intercostal; e se o tivesse conseguido a ponta de sua lança se teria perdido no pulmão, onde só teria feito sangrar algumas veias pulmonares. Teria sido possível correr sangue em muito pequena quantidade, mas não água. Se ali houvesse líquido pleural, estaria este forçosamente acumulado no ponto inferior, por trás e sob o nível da chaga. Refiro-me está claro, ao hidrotorax, líquido de transudação pleural de origem agônica, como iremos ver no pericárdio. A hipótese, que foi lançada já há bastante tempo, na “Loucura de Jesus”, de uma pleurisia tuberculosa, queria ser, para seu autor, blasfematória, mas é na realidade absolutamente insustentável. A ela voltaremos em breve.

O lançamento, foi, portanto, oblíquo e próximo da horizontal o que é fácil de executar se a cruz, como penso, não fôsse muito alta. Se ultrapassasse os dois metros, o que julgo inverossímil, teria sido necessário um cavaleiro para desferir este golpe. Mas os soldados e os guardas, principalmente os enviados por Pilatos para o crurifrágio eram todos de infantaria, e o centurião era também um oficial não montado. Com a cruz baixa, de dois metros, que adotei, um infante não teria que fazer outra coisa senão levantar os braços na posição que chamamos em esgrima à baioneta: “cabeça em guarda e atacando” para desferir corretamente semelhante lançada.

Este golpe desferido ao coração pela direita, sendo sempre mortal, deveria constituir um dos golpes clássicos e ser ensinado nos exércitos romanos; tanto mais que o lado esquerdo estava normalmente protegido pelo escudo. Encontrei aliás, ao reler os “Comentários de Cesar” que a expressão “latus apertum — lado descoberto (desprotegido)” era clássica para designar o lado direito. Farabeuf nos ensina que os golpes desferidos nos espaços intercostais, no bordo direito do esterno, são irremissíveis por abrirem a parede muito delgada da aurícula direita. E isto continua, perfeitamente exato, hoje, ainda que com rápida intervenção do cirurgião.

Então a ponta se dirige naturalmente através da parte anterior, delgada, do pulmão direito e atinge, segundo as radiografias, após um trajeto de 8 cm, o bordo direito do coração envolvido pelo pericárdio (figs. 15 e 16).

Ora, aqui está o cerne da questão, a parte do coração que ultrapassa à direita o esterno, é a aurícula direita. Esta aurícula, prolongada em cima pela veia cava superior e em baixo pela veia cava inferior, está sempre no cadáver cheia de sangue líquido.

Jesus, como lemos de início no texto Evangélico, estava bem morto por ocasião da lançada. Parece que S. João compreendeu admiravelmente a importância deste fato porque acrescenta, com insistência significativa, que nos faz lembrar as primeiras linhas de seu Evangelho: “Et qui vidit testimonium perhibuit, et verum est testimonium ejus. Et ille scit qui vera dicit, ut et vos credatis. — E aquêlo que viu (João) prestou testemunho, e seu testemunho é verdadeiro. E Ele (Jesus) sabe que disse a verdade, a fim de que também vós creiais”. Como diz o P. Lagrange, “aquêlo”, “ekeinos”

em grego, designa o Salvador que João cita como testemunha para apoiar a veracidade de seu próprio testemunho.

Se o golpe tivesse sido desferido do lado esquerdo, teria atingido os ventrículos que no cadáver estão vazios. Não teria então corrido sangue, mas tão somente água, como vamos ver. A Mortalha, a tradição e o raciocínio nos indicam que a chaga estava do lado direito. Nada mais nos resta, portanto, senão fazer experiência em um cadáver, que isto nos reserva ainda outras surpresas.

2.º — NO CADAVER. EXPERIÊNCIAS

a) **O sangue.** — Em uma série de corpos para autópsia, executei várias experiências. Tomei, primeiro, uma agulha comprida adaptada em uma grande seringa. Localizei o nível da chaga, enterrei rapidamente a agulha no 5.º espaço intercostal direito sem cessar de aspirar, apontando sempre para dentro e para o alto e um pouco para trás. Entre os 9 e 10 cm, penetrei na aurícula direita e, como continuava a aspirar, enchi a seringa de sangue líquido. Enquanto atravessava o pulmão, a aspiração contínua não trouxe líquido algum, nem sangue, nem água.

Enterrei, em seguida nas mesmas condições uma grande faca de amputação. Na mesma profundidade, abriu a aurícula direita e o sangue escorreu ao longo da lâmina, através do túnel perfurado no pulmão.

Tôdas estas experiências foram seguidas, evidentemente, de dissecação e feitas em cadáveres de mais de 24 horas de acôrdo com o regulamento das autópsias.

b) **A água.** — O sangue vem portanto, naturalmente, do coração e, em tal quantidade, não poderia vir senão dali. Mas, donde veio a água?

Já notara nas minhas primeiras autópsias que o pericárdio continha sempre uma quantidade de serosidade (hidropericárdio) suficiente para que se o visse escorrer pela incisão da fôlha parietal. Em certos casos chegava a ser mesmo muito abundante.

Tornei a tomar minha seringa e empurrei a agulha muito lentamente, ao mesmo tempo que ia aspirando, sem interrupção. Assim, senti a resistência do pericárdio fibroso e, logo depois de tê-lo perfurado, aspirei notável quantidade de serosidade. Depois, prosseguindo a agulha seu caminho, aspirei sangue da aurícula direita.

Em seguida retomei a faca de amputação e enterrando-a com as mesmas precauções vi primeiro correr a serosidade, depois, empurrando mais para adiante, o sangue.

Por fim, se se enterra brutalmente esta faca, vê-se sair da chaga considerável fluxo de sangue; mas pode-se distinguir, sobre seus bordos, que escorre também uma quantidade menos importante de serosidade pericárdica.

Era, portanto, a água, líquido pericárdico. Pode-se supor que após aquela agonia excepcionalmente penosa, que foi a do Salvador, este hidropericárdio fôsse particularmente abundante e suficiente

para que São João, **testemunha ocular**, tivesse podido ver claramente correr sangue e água. Para êle a serosidade, não podia ser senão água, da qual tem tôda a aparência. Como no corpo não há outra espécie de água a não ser serosidade, não pode ser água pura. Aliás, nós mesmos a chamamos de "hidropericárdio" que quer dizer "água contida no pericárdio".

Estas experiências sôbre o coração foram retomadas, em 1937, pelo Dr. Judica, então livre-docente de anatomia patológica na Faculdade de Milão; depois que leu êle a primeira edição de meu folheto "Cinq Plaies" (janeiro de 1935). Lembro que meu artigo inicial apareceu no "Bulletin de Saint-Luc" de março de 1934, tendo feito minhas experiências em 1932-1933.

Meu amigo Judica, em seu artigo, na "Medicina Italiana" (Milão, 1937), confirma plenamente os resultados de minhas experiências, com os quais coincidem os das suas. Também segundo seu parecer, o sangue vem da aurícula direita e a água do pericárdio; confirmação feita com inteira isenção de ânimo, pois ainda não nos conhecíamos, naquela época, e tanto mais preciosa para mim por proceder de um anatomopatologista de carreira.

Diferimos, no entanto, um pouco, quanto à origem dêste hidropericárdio. Emitira eu a hipótese de hidropericárdio proveniente da agonia. Mas, confesso que sem nenhuma vaidade de autor, não considero essencial esta explicação patogênica se a experiência chegar a demonstrar que a de Judica é exata.

Para êle trata-se de "pericardite serosa traumática". Esta pericardite fôra provocada pelos golpes, pauladas e sobretudo pela flagelação atroz sofrida pelo torax, no pretório. Tais violências poderiam bem provocar uma pericardite que, após estágio mui curto de hiperemia, não excedendo, muitas vêzes, senão algumas horas, produz um derramamento seroso rápido e abundante.

Um médico bem pode imaginar os graves incômodos que deve ter ocasionado tal lesão; dôres precordiais dilacerantes, opressão, angústia, calafrios, febre e por fim dispnéia intensa que sobrevem à asfixia por tetania dos músculos inspiradores. Assim se explicaria sua extrema fraqueza na subida do Calvário. Não pôde nem sequer carregar a cruz, ainda que reduzida só ao patíbulo, nos 600 m que separam o pretório do Golgota, e foi preciso que Simão O substituísse. Assim se explicam também, em parte, Suas quedas no caminho para o Calvário.

De qualquer maneira, trata-se de hidropericárdio e Judica nisto está inteiramente de acôrdo comigo. O restante de sua hipótese me parece cada vez mais verossímil.

c) **A hemorragia transversal posterior.** — Eis pois explicada, com grandes probabilidades de exatidão, a origem do sangue e da água, mas não é tudo. Vê-se na imagem dorsal do Santo Sudário um importante rêgo transversal, bem na base do torax, que é por êle completamente obstruído, bastante largo no bordo direito, dividindo-se em vários regos até atingir o bordo esquerdo do tronco. Este rêgo tem por origem um fluxo de sangue, porque verifiquei sua côr especial, tingida de vermelho, no Sudário visto

em pleno dia. De onde veio este sangue e por que correu assim transversalmente? A anatomia n6-lo explicar6 ainda (fig. 17).

No momento do lan7a7o, o cad6ver, pregado 6 cruz estava em posi76o vertical. A aur6cula direita p6de se esvasiar e, parcialmente, t6b6m a veia cava superior que lhe est6 por cima, com seus aferentes, veias da cabe7a e dos bra7os. O fluxo correu verticalmente pelo torax anterior, sob a chaga. Mas a veia cava inferior, subjacente, ficou cheia. 6 comprida e larga, e sabemos que ao cort6-la numa aut6psia, provocamos logo uma verdadeira inunda76o de sangue no ventre.

Ora, na volta de Jos6 de Arimat6ia, despregaram os p6s, desengancharam o pat6bulo da haste vertical e transportaram o pat6bulo com o corpo; **horizontalmente**, at6 o t6mulo. **O sangue da veia cava inferior p6de ent6o refluir at6 a aur6cula direita e escorrer para fora pela chaga do lado que continuava aberta.** Mas estando agora o cad6ver em posi76o horizontal, esta nova hemorragia escorreu pelo lado direito, e continuou a correr transversalmente **na face posterior, obstruindo a parte inferior do torax.** Ainda voltaremos a isto para examinar os detalhes desta imagem quando tratarmos do transporte (cap6tulo VIII). Mas deu-se aqui um fato novo, ap6s minhas primeiras edi76es, cujas conseq66ncias exporei no n6mero 5.6 do presente cap6tulo (p6g. 124).

3.6 — A COAGULA76O SANGU6NEA

Como o recorda S. Jo6o o profeta Zacarias bem predissera: **“Videbunt in quem transfixerunt”.**

Devo aqui recordar algumas no76es elementares de fisiologia, que ali6s servem para o exame de t6das as chagas, por ter verificado muitas v6zes, que eram mal conhecidas mesmo por parte de pessoas eruditas, mas n6o pertencentes 6 classe m6dica: **o sangue permanece sempre l6quido nem se coagula jamais num vaso intacto.** (A trombose que se produz numa veia atingida por flebite 6 fen6meno completamente diferente). Continua l6quido mesmo nas veias do cad6ver e isto quase que indefinidamente, at6 a putrefa76o ou disseca76o (V6de cap. I, E, 1.6).

E mesmo ali, fica por algum tempo vivo, pois j6 foram feitas, na R6ssia, **transfus6es de sangue de cad6ver.** Se, em Fran7a, n6o usamos d6stes m6todos, ser6 talvez devido a raz6es sentimentais. 6 certamente, por falta de pacientes que volunt6riamente aceitem tal transfus6o. Para isso 6 necess6rio, com efeito, pessoas sadias, das quais se tenha verificado antecipadamente o grupo sangu6neo e cuja morte prevista e legalmente provocada, seja produzida por traumatismo que poupe a massa sangu6nea, como n6o 6 o caso da guilhotina nacional (al6m de que, em nossos dias, h6 mui poucos guilhotinados). Ser6, portanto, necess6rio o tiro na nuca.

O sangue se coagula quando sai do vaso. Espalha-se, no caso que nos ocupa, sempre l6quido, correndo por s6bre a pele. E 6 nela que uma parte do fluxo, a que n6o caiu no ch6o, se coagula progressivamente formando um co6gulo de fibrina vermelha por-

que aprisiona em suas malhas os glóbulos vermelhos. Secundariamente este coágulo se contrai exsudando sua parte líquida, o sêrum, que se espalha em volta dêle. Coágulo e sêrum podem manchar, um no centro e outro na periferia, os tecidos aplicados sobre a pele. Mas não se deve falar de fluxos de coágulos e de sêrum. **É o sangue líquido que corre; o coágulo se forma sobre a pele, a ela adere e ali resseca.**

Isto é de certa importância, sobretudo para a chaga do coração, por onde se esvaiou, em duas ocasiões distintas, todo o sangue das grandes veias, o que significa um volume considerável, uma vez que as artérias estão vazias no cadáver. É bem verdade que grande parte deste sangue deve ter caído no chão. Dêle não restou, para formar as duas manchas anterior e posterior, a não ser o pouco que se coagulou à medida que sua viscosidade o fazia aderir à pele na qual ficaria fixado.

4.º — OUTRAS HIPÓTESES

Estas advertências me levam a descartar duas hipóteses que me parecem inadmissíveis.

a) Para o Dr. Stroud e para o Dr. Talmage, de acôrdo com uma imaginação de Renan, o coração de Cristo se teria rompido espontaneamente. O sangue teria inundado a cavidade do pericárdio e ali se teria coagulado. A lança abrindo o pericárdio, **sem atingir o coração** (apesar de ter sido bem visado, e do grande empenho em atingi-lo!) teria feito sair coágulos e sêrum; este sêrum seria a água a que se refere S. João. — Esta tese é insustentável, embora sedutora por seu lado pseudo-místico: o excesso de amor que faz romper-se o coração de Jesus. Mas:

1) Supõe isto grave enfermidade do miocárdio (infarctus, degenerescência amilóide); quando nada, nos Evangelhos nos permite supor doença alguma em Jesus.

2) Um pericárdio seroso, sadio conserva por muito tempo sem coagulação, o sangue derramado em seu interior. Isto é um fato experimental. Se a uma cobaia de laboratório, me disse meu amigo René Bernard, médico dos hospitais de Paris, da qual se está retirando sangue em um ventrículo por meio de uma agulha, a agulha vier a lhe ferir o coração, por causa de algum movimento intempestivo do animal, a cobaia morre de hemopericárdio (derramamento de sangue no pericárdio). Na autópsia, mesmo que seja feita horas depois, sempre se encontra sangue **líquido**.

Coincide isto com uma observação que encontrei por acaso nos "Arquivos de Medicina Legal" (dez. de 1936), ao lado de uma bela comunicação do Dr. Belot, sobre o Santo Sudário de Turim: O Dr. Bardou (de Tunis), ao fazer a autópsia (portanto mais de 24 horas após a morte) de um homem morto por contusão do torax, encontrou a ponta do coração rebentada e o pericárdio distendido pelo sangue **perfeitamente líquido**.

3) O lanço foi dado muito pouco tempo após a morte, menos de duas horas, diz Stroud, e estamos de acôrdo. É, portanto, certo

que não poderia sair do assim chamado “hemopericárdio por ruptura cardíaca”, a não ser sangue líquido, não sêrum e coágulos.

b) Já, há muito tempo, foi aventada outra hipótese, como dissemos, num panfleto tão odioso quão absurdo que, infelizmente assinado por um médico, se intitulava “A Loucura de Jesus” e queria demonstrar que Nosso Senhor era, ao mesmo tempo, um alienado e um tuberculoso. A água seria, portanto, serosidade de pleurisia tuberculosa. Não darei a seu autor a honra nem o reclame póstumo de o nomear.

Esta idéia de pleurisia ambulatória foi recentemente sustentada pelo Dr. René Morlot, veterano da anatomia patológica, mas, desta vez, com todo o respeito e com todo o amor como convém a um cristão convicto. Aceita êle, aliás, tôdas as outras minhas conclusões, como a saída do sangue por uma chaga da aurícula direita. Não me perdoaria se deixasse de argui-lo com tôda sinceridade e com tôda simpatia; ambos buscamos a verdade.

Parece admitir, de acôrdo com S. João, que tenha saído do lado, primeiro sangue e depois água. Mas nada disto se encontra no Evangelho que diz simplesmente: “E logo saiu sangue e água. — Kai exêlthen euthus aima kai udôr”, o que indica a simultaneidade. Quando muito se poderia traduzir: “... sangue e também água”

Por outro lado, mesmo sem recorrer à Santa Mortalha nem à tradição, parece certo que a lança feriu pela frente (a cruz protegia as costas): bastante alto para atingir o coração; à direita, para abrir a aurícula direita, única cavidade do coração que poderia fornecer sangue (uma vez que a aurícula esquerda é profunda e fora do alcance).

Ora, um derramamento pleural se acumula inicialmente na parte posterior da pleura, que desce muito baixo, diante da décima primeira costela. O fundo de saco pleural, remonta dali em rápido declive, para frente e para o alto, para atingir a base do pericárdio. É, portanto, necessária considerável quantidade de líquido pleural, para que seu nível ultrapasse a chaga suposta pelo ferimento cardíaco. Esta quantidade é pouco compatível com a vida ativa levada por Jesus durante suas últimas semanas.

Antes, pelo contrário, nada nos Evangelhos permite supor, e muito menos sugere a um médico, nem de longe, que Jesus tenha tido em sua vida pública (onde abundam os detalhes) uma enfermidade qualquer. Depois de trinta anos de trabalho manual, levou uma vida itinerante de pregações, muito dura e às vêzes extenuante. Sofreu a fome, a sêde, a fadiga, o calor, nenhum vestígio de doença. Podemos supô-lo robusto, de boa constituição, e faço, aqui, completa abstração do Santo Sudário que nô-Lo mostra um homem de 1,80 m, apresentando esplêndida anatomia.

O Dr. Morlot diz, com tôda a exatidão, que para a Igreja Católica o corpo de Jesus não era impassível. Mas, as decisões conciliares citadas a êste respeito (Éfeso, 431; Florença, 1438) são unicamente opostas às heresias monofisitas segundo as quais o corpo de Jesus não passava de uma aparência incapaz de sofrer.

S. Tomás de Aquino para quem apela (III, Q. XIV) diz claramente que Jesus assumiu (voluntariamente, não por nascimento, pois que estava isento do pecado original) a natureza humana com seu "defectus corporis", i. e. suas deficiências corporais. Mas, pela enumeração destas, aparece sua intenção: a fome, a sede, a morte e outras coisas análogas. Não toca em enfermidades. É verdade que as teria podido aceitar nelas consentindo, mas a maioria dos teólogos católicos professam que não o fez devido a razões de conveniência. Em todo o caso, o certo é que não há vestígios de enfermidades no Evangelho. Notemos de resto que para a natureza humana, a enfermidade é uma possibilidade e não uma necessidade inelutável. Ao contrário, um traumatismo, um golpe acarretará sempre lesões.

Todos estes argumentos me parecem dever eliminar a hipótese de uma pleurisia tuberculosa e nos reconduzir a minhas experiências e ao hidropericárdio.

Sim! S. João era bem clarividente. O que viu foi, sem dúvida, o sangue da aurícula e a água do pericárdio. Eu também os vi. **Et verum est testimonium meum.**

5.º — RETRAÇÃO DO PULMÃO EM CADAVER RECENTE — (Já na 3.ª edição).

Eis o fato novo que anunciei no fim do número 2.º d'este capítulo (pág. 121). Até aqui reproduzi, quase sem nada mudar, o texto de minhas primeiras edições, porque este fato não modifica minhas conclusões anatômicas sobre a chaga do coração; só afeta minha interpretação do fluxo transversal posterior. Prefiri esperar até aqui para, duma só vez, dêle tirar com sinceridade e clareza as conseqüências.

Sempre afirmei que sendo minhas conclusões de caráter científico, estava pronto a modificá-las, se novos e indubitáveis fatos viessem razoavelmente a isso me contranger. É a probidade científica elementar.

Foi o Dr. Vincent Donnet, assistente de fisiologia em Marselha, que me trouxe as provas experimentais de um fato, desta ordem, em outubro de 1951. Publicamos então o resumo de Donnet, com meus comentários no Boletim da Sociedade de S. Lucas.

Assim, pois, num homem sadio, como o era Jesus, a abertura traumática da pleura, acarreta, se fôr feita pouco tempo após a morte, uma retração do pulmão correspondente, sensivelmente igual à que se produziria em um vivo. O fato, cousa curiosa, me foi confirmado alguns dias mais tarde, pelo Dr. Métras, especialista em cirurgia do torax, em Marselha. Cada um dos dois pesquisadores ignorava as averiguações do outro, o que vem lhes dobrar o valor.

Insisti sobre o fato de que minhas experiências tinham sido feitas em cadáveres de autópsias, portanto mais de 24 horas após a morte, nem tinha outros à disposição. Não dissimulei portanto, que estas não eram exatamente as condições do fermento produzido pela lança no Calvário. Nestes cadáveres o pulmão não se

retraia e a pleura não ficava aberta. Justamente o oposto do que se passa em um cadáver recente, como era o de Jesus, no qual o pulmão se retrai e a cavidade pleural se dilata. Que resulta disto? E o que teria visto S. João?

Recordemos, primeiro, seu texto que é a base de toda esta pesquisa: “mas um dos soldados feriu-lhe o lado com a lança, e logo saiu sangue e água.” (P. Lagrange). São Jerônimo traduziu, “**continuo**”, i. e. “no mesmo instante, logo, incontinenti”. São João escreveu em grego “**euthus**” que significa: “imediatamente, logo” (e que quer dizer: direto, diretamente).

Segue-se desta exegese, sem discussão possível, que no instante preciso em que o golpe atingia o coração, São João viu o sangue e a água correr ao longo do ferro da lança, **instantânea, simultânea e distintamente**. Não viu uma mistura de sangue e de água. Viu **sangue e também água**.

Estavam aliás provavelmente sob certa pressão, dado o deramamento, pericárdico que comprimia o coração. Deve ter esguichado no ar e caído no chão. Mas atrás do ferro, uma parte se espalhou pelo peito, para ali formar o coágulo anterior. Enquanto o ferro estêve na chaga, servia de guia para a saída dos líquidos. Por outro lado, varando a lingueta pulmonar direita pre-cardíaca, impedia a retração do pulmão.

Uma vez retirada a lança, portanto logo após o esguicho, o pulmão se retraiu, a pleura ficou aberta, e, em seu sinus diafragmático, muito profundo para trás, se acumulou o que restava de serosidade pericárdica e se esvaiou o sangue da rede cava superior, o que não constitui pouca cousa. Coágulo algum teria tido tempo de se formar na aurícula antes que este sangue venoso da cava superior tivesse podido, em sua maior parte, se derramar na pleura.

Já havia eu afirmado que a hipótese de uma pericardite serosa traumática me parecia cada vez mais aceitável, sobretudo após ter falado, no congresso de Roma em 1950, com meu amigo Judica. Não se poderia supor que o mesmo fenômeno tivesse podido se produzir na pleura e que houvesse ali um certo grau de pleurite serosa traumática de rápido desenvolvimento?

De qualquer maneira, pode-se admitir que no momento da Deposição da Cruz, havia na pleura considerável quantidade de sangue da veia cava superior, mais ou menos diluído em serosidade. É pouco provável que seu nível tenha atingido até a chaga lateral torácica, no 5.º espaço, mas não seria impossível.

O que aconteceu agora, durante o transporte em posição horizontal, da Cruz para o Túmulo? Não esqueçamos que a chaga do coração é, nitidamente lateral, está situada na região sub-axilar. É muito provável que, nesta posição, o líquido pleural aflore a esta chaga e transborde pelo lado direito, como o descrevi. Esta saída de sangue e serosidade foi favorecida pelas oscilações transversais, inevitáveis no transporte. Foi esta mescla hidrohêmica que se espalhou transversalmente na parte inferior das costas no meio das pregas da faixa que suponho tenha sido usada no transporte. Uma tal diluição do sangue explica talvez, o largo halo em volta, de

coloração muito pálida, que envolve e ultrapassa para cima e para baixo os coágulos irregulares da hemorragia posterior. Talvez até mesmo o explique melhor do que a exsudação de sérum pelos coágulos ainda frescos decalcados sobre o Sudário, como vinha eu admitindo até agora?

Que aconteceu, pois, ao sangue da veia cava inferior, do qual sempre supus o refluxo durante o transporte? Interviria aqui um outro fato que não ousa afirmar, por não estar muito seguro dêle. Donnet, que foi quem apontou, continua suas pesquisas neste sentido e não publicou ainda coisa alguma. Digamos apenas que, muitas vezes, encontrou êle no cão, após "o lançamento" um coágulo cruórico na aurícula direita e terminação da veia cava inferior, que impedia o refluxo. Resta saber se as condições humorais são análogas. É muito possível que o tempo de coagulação esteja muito modificado num homem que acaba de sofrer, em menos de 24 horas, várias hemorragias graves. Deixarei a questão suspensa não querendo precipitar os estudos de um colega que me é um dos mais simpáticos.

Como quer que tenha acontecido, havia bastante sangue da veia cava superior diluído na pleura para que esta mistura explique facilmente a formação do fluxo posterior, como o descrevi. Se sobrevier também o sangue da veia cava inferior, então a quantidade torna-se superabundante. Mas é necessário admitir que comece êle por se derramar da aurícula direita para a pleura aberta e que transborde em seguida, simultaneamente, pela chaga do lado.

Em resumo, pode-se perceber facilmente que minhas localizações anatómicas bem como minhas conclusões para o jorro descrito por São João e para o coágulo anterior ficaram sem alteração. Quanto ao fluxo transversal posterior, não provém esta hemorragia, diretamente do coração, através de um túnel pulmonar, mas sim da pleura onde o sangue se acumulara.

Serão por acaso tôdas estas conclusões do capítulo V definitivas? Isto supõe a priori que as circunstâncias da morte de Jesus coincidem exatamente com as das experiências de Donnet. Acabamos de ver que, após tantos suplícios, talvez as condições humorais estivessem modificadas.

É também provável que a rigidez cadavérica não se tenha estabelecido na forma como habitualmente se apresenta em nossos enfermos e em nossos animais de experiência. Já insisti mais de uma vez sobre um fato do qual não me parece lícito duvidar: após tão espantosa luta física e após tal tetania, a rigidez deve ter sido brutal, instantânea, total de uma só vez.

Rodino, em seu artigo do "Giornale di medicina militare", de março-abril de 1953, se limita a citar meu opúsculo "Cinq Plaies" e parece não ter lido êste meu último livro que, no entanto, teve também uma edição em italiano, pois se o tivesse feito teria podido aí ler o que, já em 1940, escrevera eu no outro opúsculo "La Passion Corporelle": "A rigidez cadavérica se apossou brutalmente de Vós como de um cervo abatido após carreira forçada"; o que o autor encontrou em Hynek.

Rodino fala de rigidez cataléptica, o que vem a dar no mesmo. Mas dela tira uma dedução muito interessante: Esta rigidez, segundo ele, se teria estendido a todos os músculos lisos, em particular aos do coração e brônquios. E daí conclui que o pulmão, podia muito bem não se ter abatido como em um cadáver recente ordinário. O túnel pulmonar pode ter ficado aberto e, após o primeiro jacto de sangue e água ao longo do ferro da lança, ter continuado a deixar correr diretamente para fora, pelo menos durante algum tempo, os líquidos cárdio-pericárdicos.

Continuo a sustentar o que escrevi na 1.^a edição deste livro: "O futuro ainda nos reserva, sem dúvida, bom número de surpresas" (pág. 11).

CAPÍTULO VIII

DESCIDA DA CRUZ — TRANSPORTE E SEPULTAMENTO

Este capítulo foi escrito para os médicos da Sociedade de São Lucas. (Boletim de março de 1938). Peço vênia para lhe deixar, conscientemente, seu ar sêco e didático de demonstração científica.

Fiquei sempre meio chocado pela maneira um tanto brutal segundo a qual os artistas representam a descida da cruz. Mesmo o admirável Fra Angélico, o mais místico, o mais católico dos pintores, não escapa absolutamente a esta invectiva e, no entanto, bem o sabe Deus, quantas vêzes tenho eu meditado diante de seu comovente tríptico, hoje na Hospedaria dos Peregrinos no Convento de S. Marcos, em Florença. Os pobres discípulos de Jesus, José, Nicodemos e os outros mostram, é verdade, profunda aflição, mas parecem, no entanto, reduzidos a operações antes dignas de carrascos, o que deveria levar até o paroxismo uma dôr já violenta. Ora, o estudo do Santo Sudário me levou a uma concepção completamente diferente e muito afastada da corrente tradição iconográfica. Creio que essa boa gente conseguiu, realmente, descer o corpo da cruz e transportá-lo até o túmulo com uma delicadeza, uma ternura e um respeito infinitos. Apenas ousavam tocar aquêlê Corpo adorável.

Muitos confrades católicos, após a leitura das duas primeiras edições do meu opúsculo: "Cinq Plaies" me disseram ou escreveram que êsses meus estudos sôbre as cinco chagas constituíram para êles a mais bela meditação sôbre a Paixão. Pareceu-me também útil, continuando no domínio científico, propor-lhes êste novo tema para reflexão, não menos sugestivo, a meu ver: após as dôres da Redenção e a crueldade dos carrascos, um exame sôbre a majestade dêsse Cadáver onde continua sempre presente a Divindade e, ao mesmo tempo, a terna piedade dos discípulos.

Peço no entanto que se contentem com esta exposição científica e que tirem por si mesmos as conclusões ascéticas, para delas recolher todo o fruto espiritual.

A. — O Corpo de Jesus foi transportado horizontalmente, mas tal qual se achava na cruz, até à proximidade do túmulo; sômente ali é que foi depositado na Mortalha.

Com efeito, se as cousas se tivessem passado de outra forma, a parte posterior do Sudário teria ficado **inundada** de sangue durante o transporte. Pelo contrário, o transporte durou bastante tempo para que a pleura se pudesse esvasiar de seu excesso pela chaga do lado, mesmo que o sangue da veia cava inferior para ali tenha refluído, o que constituiria considerável massa. Recebi,

um dia em que expunha esta idéia nos arredores de La Villette, a aprovação entusiasta dos magarefes dos Matadouros. Sabiam por experiência que quando limpam um boi, ao retirarem o fígado, o corte necessário da veia cava inferior deixa passar uma onda de sangue negro. ("A razão disso, seu Doutor, nós não sabemos!").

A maior parte do sangue se perdeu (ou foi recolhida antes que viesse a tocar o corpo). Dêle não restou senão o que se coagulou sôbre a pele pouco a pouco, enquanto escorria. Depois que o corpo foi assim transportado nu e colocado, após o transporte, na Mortalha, recebeu **unicamente a impressão dos coágulos de sangue formados sôbre a pele das costas durante o trajeto**. Sômente estes coágulos é que imprimiram na Mortalha o que designamos por **hemorragia transversal posterior**, porque estes coágulos são o vestígio dessa hemorragia.

B. — É certo que o transporte foi executado com o **mínimo de manobras**, de tal maneira que os coágulos ficaram, em seus lugares, inalterados. Manobras mais numerosas e menos delicadas, tê-los-iam sujado e destruído.

C. — **De que maneira então foi Jesus Cristo transportado sem que lhe tocassem o Corpo?**

1. — Já demonstramos nos capítulos II e III os dois fatos seguintes:

a) **O patibulum** (parte horizontal da cruz) **era móvel**: Jesus teve suas duas mãos pregadas no **patibulum** enquanto estava deitado no chão. Em seguida, ergueram-no para o alto do **stipes** fincado permanentemente no solo do Gólgota, onde engancharam o patíbulo.

B. — Sobreveio a morte, como propôs o Dr. Le Bec (1) e como confirmou, por observação experimental, o Dr. Hynek (2), após **contrações tetânicas de todos os músculos**. Estas dolorosas caimbras generalizadas constituem aquilo que chamamos de **tetania**. Esta nada tem a ver (insisto para os não médicos) com o tétano, doença infecciosa que produz caimbras análogas. Esta tetanização acabou por atingir os músculos respiratórios, de onde a asfixia e a morte. O condenado não podia escapar à asfixia senão em se erguendo sôbre os cravos dos pés, para diminuir a tração do corpo sôbre as mãos; cada vez que quisesse respirar mais livremente ou falar, deveria êle assim se erguer sôbre os cravos dos pés, é verdade que à custa de outros sofrimentos.

Esta hipótese baseada em averiguações feitas no decorrer de certos castigos corporais disciplinares, levados depois até o assassinato nos campos de deportação hitlerianos, é das mais verossimilhanes; e encontra confirmação no Sudário pela saliência anterior do torax e pela cavidade do epigastro.

Vimos, além disto, que o duplo fluxo de sangue do punho responde a esta dupla posição, alternante, com suas duas angulações

(1) Le Bec, *Le Supplice de la Croix*, Paris, 1925.

(2) R. W. Hynek, *La Passion du Christ*, Praga, 1935. Cf. a trad. port. *A Paixão de Cristo*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1949.

um pouco divergentes. Nestas condições a **rigidez cadavérica deveria ser extrema**, como com os doentes que **vêm a morrer de tétano**: o corpo estava rígido, fixado na posição da crucifixão. Podia ser levantado sem que se dobrasse, seguro apenas pelas duas extremidades, como um corpo em catalepsia.

2. — Dado isto, é possível: a) despregar os pés arrancando os cravos do stipes; b) abaixar o **patibulum** com o corpo rígido; c) transportar o conjunto sem nenhum artifício: dois homens sustentando as duas extremidades do patíbulo e um outro sustentando os pés, ou mesmo só o pé direito que ficara por trás na altura do tendão de Aquiles e do calcanhar. Esta parte do corpo, foi assim a **única que foi tocada durante o transporte**.

3. — Ora, na **impressão do pé direito sobre o Sudário**, verifica-se precisamente: a) que a parte posterior do calcanhar está mal marcada, o que contrasta com o resto da impressão plantar, bastante nítida, isto faz parecer, à primeira vista (como já o notamos), que o pé é mais curto do que a realidade; b) que o fluxo de sangue que desceu, durante o transporte horizontal, da chaga plantar para o calcanhar não atingiu a parte posterior dêste, parte mal marcada no Sudário. Explica-se isto, facilmente, se esta parte estivesse de fato, coberta pelas mãos do transportador que sujaram o calcanhar e impediram o sangue de correr até lá.

D. — É provável que tivessem sido **cinco os transportadores** e não três para carregar aquêlo corpo de cêrca de 80 quilos e o pesado patíbulo que pesava não menos de 50 quilos. Os dois suplementares sustentavam o tronco, por meio de **um pano torcido para formar uma cinta que atravessaram por sob a parte inferior do torax, na altura dos rins**.

Com efeito: 1.º — A mistura hidrohêmica da pleura, da qual pequena parte se coagulou transversalmente no dorso, durante o transporte, mui dificilmente teria podido (mesmo inclinado o corpo sobre o lado esquerdo) **tornar a subir**, além da linha mediana até a borda esquerda. Esta borda, na posição horizontal, estava, com efeito, mais alta que a linha mediana. — 2.º — O fluxo de sangue que se coagulou, transversalmente nas costas, está construído por **meandros irregulares** (fig. 17), várias vêzes bifurcados e depois se reunindo de novo, o que está pouco de acôrdo com um fluxo regular de sangue que não tenha tocado em coisa alguma. — 3.º — Ao contrário, um pedaço de pano irregularmente torcido, sustentando a parte inferior do torax, deve necessariamente ter-se **impregnado completamente** de sangue durante o transporte; do qual **pequena parte** se coagulou, **irregularmente**, à superfície da pele que podia atingir diretamente, **através das pregas do tecido, nos pontos em que êste não a comprimia**.

E. — A rigidez cadavérica, que permitiu que se transportasse o corpo sem que se dobrasse sob a influência de seu pêso, não é um obstáculo que impeça, — estando o cadáver colocado na Mortalha, despregadas as mãos e retirado o **patibulum**, — que se **levassem os braços da abdução para a adução**, e se cruzassem as mãos diante do pubis. A experiência nos mostra que não há rigidez cadavérica que

não se consiga vencer com um pouco de fôrça, mesmo que tenha sido bastante intensa para resistir ao pêsso do corpo.

F — **Pode-se portanto concluir** que tudo se passou mais ou menos da seguinte maneira, com tôda verossimilhança.

1.º — Os pês são despregados do stipes, havendo um só cravo a arrancar da madeira.

2.º — Abaixa-se o patíbulo com o corpo, sem despregar as mãos. O conjunto é transportado em bloco, sem nenhum artifício, por cinco carregadores, dos quais só um toca o corpo na altura dos calcanhares; dois outros sustentam o dorso com um pano enrolado para formar uma cinta que, se impregna de sangue. Os dois últimos levam as extremidades do patíbulo.

3.º — O corpo só foi colocado no Sudário no fim do transporte, durante o qual uma pequena parte do sangue se coagulou transversalmente, nas pregas da cinta sôbre a pele das costas. Estes coágulos em forma de meandros irregulares darão lugar ao "fluxo transversal posterior", ao se decalcarem, ainda frescos sôbre o Sudário.

4.º — Colocam o corpo no Sudário (provavelmente sôbre a pedra chamada da unção). No último instante devem ter cessado de sustentar o dorso com a cinta que, embebida de sangue, teria manchado muito o Sudário.

5.º — Despregam as mãos; retiram o patíbulo e puxam os membros superiores, cruzando as mãos diante do pubis.

6.º — Dobram em seguida a outra metade do Sudário, por cima da cabeça (epi ten kephalen), cobrindo a face anterior do corpo.

G. — **Deposição no túmulo.**

Finalmente, graças ainda à rigidez cadavérica, que no caso era extrema, puderam com facilidade colocar o corpo no túmulo. Introduziram-no lateralmente, segurando-o por baixo e estando todos os transportadores do mesmo lado, o da entrada. (3). É assim que se coloca no leito um operado adormecido, e a rigidez facilitava bastante o transporte. Notemos que se poderia pensar que o corpo tivesse sido colocado, provisoriamente, não sôbre a pedra sepulcral do fundo, mas em uma antecâmara hoje desaparecida, enquanto esperava o embalsamento definitivo, após o sábado. Esta hipótese mereceria uma discussão mais aprofundada, mas sai dos limites dêste estudo. (3).

(3) Nota do Tradutor. Discordaremos do A. no que se refere a esta reconstituição que não nos parece estar de acôrdo com a arqueologia e com o que se pode ver hoje em dia ao visitar o S. Sepulcro em Jerusalém: 1.º) A pedra sepulcral, destinada a receber o cadáver não está, nem estava, atravessada no sentido da largura e sim ao longo da parede direita. A aludida rigidez cadavérica, também neste caso, deve ter facilitado a deposição, bastando que um dos transportadores segurasse os pês e o outro a cabeça. 2.º) A porta da câmara mortuária era por demais estreita e baixa (hoje um pouco mais alta) não permitindo, absolutamente, a passagem do transportador ao lado do cadáver, e muito menos a entrada com o cadáver em posição transversal. Só podia êste, ali, ser introduzido, ao comprido, e sem ninguém ao lado, devendo os que o carregavam ir sustentar: um os pês e outro a cabeça. 3.º) A câmara mortuária era muito pe-

quena (não medirá mais do que 2m x 1,95m) não sendo possível manobras lá dentro. 4.º) Quanto à dúvida sugerida pelo A. sobre se o corpo teria ficado provisoriamente na antecâmara, parece-me que temos a resposta nos próprios Evangelhos quando nos dizem que José de Arimatéia “advolvit saxum magnum ad ostium monumenti, et abiit” i. e. “rolou uma grande pedra para a porta do sepulcro e retirou-se” (Mateus, 27,60; cf. Marcos, 15,46). Ora, esta pedra era justamente a que separava a câmara mortuária da antecâmara, de acôrdo com o que nos dizem João e Lucas de Pedro e João que no Domingo da Ressurreição *devem se inclinar* para ver os panos depositados onde estivera o Senhor (Cf. Jo., 20,4s) “Correram os dois juntamente, mas aquêle outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. E como se *inclinasse* viu os panos ali depositados, mas não entrou. Chegou então Simão Pedro que o seguia e entrou no túmulo e viu os panos jacentes... então entrou também aquêle discípulo que chegara primeiro ao túmulo e viu e creu”. Lc. 24,12 “Pedro correu ao túmulo e, *inclinando-se*, viu os panos...”

CAPÍTULO IX

SEPULTAMENTO

Foi este capítulo, no princípio, uma palestra feita aos médicos de Paris da Sociedade de S. Lucas, a 16 de junho de 1947. Dizia-lhes eu então:

Escrevi meu primeiro livro, caros Confrades, a respeito de tudo que fez e sofreu Jesus durante sua dura Paixão, até a hora em que, decidindo morrer, entregou sua alma ao Pai. Mas já que muitos tentaram fazer uma narração dos fatos acontecidos após sua morte, segundo o que nos transmitiram aqueles que foram desde o início testemunhas oculares e ministros da Palavra, pareceu-me bem, também a mim que, de há muito, me venho dedicando a tudo conhecer exatamente, disso vos falar com ordem, ó Teófilos, a fim de que percebeis bem a solidez do ensinamento que recebestes. (1).

Desta vez, não mais se trata evidentemente de anatomia e podereis talvez me acusar de passar "acima das sandálias". Minha desculpa será que filologia e exegese são de há 40 anos meus violinos d'Ingres. Se ousar emitir alguma hipótese, ou tirar alguma conclusão, crêde-me, estou apoiado em altas competências e em autoridades incontestáveis.

Nesta questão que, às vezes, se tem querido embrulhar à vontade, tudo repousa sob o estudo dos quatro Evangelhos. Por isto segui-los-emos palavra por palavra, procurando em outras passagens da Sagrada Escritura os esclarecimentos necessários e pedindo, às vezes, a outras ciências os auxílios que nos possam dar. A base essencial de nosso estudo e a sinópse dos quatro Livros, no original grego, no texto latino e no francês, também o aramáico nos reservará talvez alguma surpresa.

O primeiro fato notável, nesta leitura de conjunto (sinóptica), é que cada um dos quatro descreveu os acontecimentos de acôrdo com seu plano e temperamento pessoal, de modo diferente, muitas vezes com outras palavras, não insistindo sobre os mesmos detalhes. Eles se completam sem se contradizerem. Sabemos que todos são inspirados pelo Espírito Santo e possuem o privilégio da inerrância. Quando

(1) Nota do Trad.: Imita o A. propositadamente o prólogo de S. Lucas que soa: "Já que muitos tentaram fazer uma narrativa coordenada das coisas que entre nós se realizaram, como não-las transmitiram aqueles que foram desde o início testemunhas oculares e ministros da Palavra, pareceu-me bem também a mim, depois de haver diligentemente investigado tudo desde o princípio, disso te falar com ordem, ó excelentíssimo Teófilo, para que percebas bem a solidez daquela doutrina em que foste instruído". (Lucas, 1,1-5).

nos parece ver nêles oposições, é porque os estamos compreendendo mal. Não pretendo, ao estabelecer êste princípio, cair no êrro do concordismo e vereis que seremos forçados a reconhecer dentro das aparentes contradições uma concórdia perfeita. Detalhes, se quereis, já que nos importam sobretudo a Paixão e a Ressurreição, mas detalhes que podem levar perturbação aos espíritos melancólicos.

O outro fato, pelo qual começaremos, ressalta claramente do conjunto das narrativas. É a brevidade do tempo concedido aos discípulos para o sepultamento de Jesus. Releiamos pois, nossa sinópse: estamos no Gólgota à nona hora, i. e. cêrca das três horas da tarde, do dia 13 do mês de Nisan, provàvelmente do ano 30 p. C.

Jesus inclinou a cabeça, na linha mediana, sôbre o peito, no momento escolhido por Ele e entregou sua alma humana ao Pai, "et inclinato capite emisit spiritum". Ora, o Sábado começaria cêrca das 6 horas, à primeira estrêla, quando não mais se pudesse distinguir um fio branco dum fio negro. E, quantas cousas se vão fazer nessas 3 horas! "Os judeus, então (diz S. João), como era a Preparação, (véspera da Páscoa) para que os corpos não ficassem na cruz durante o Sábado, pois era um grande dia de Sábado, pediram a Pilatos que quebrassem as pernas aos crucificados e que os retirassem dali". Lembrai-vos que há 600 m do Calvário ao Pretório, por ruas acidentadas e que as idas e vindas vão ser muitas. Pilatos não estará certamente muito de humor para se apressar em receber êsses judeus, que conseguiram lhe arrancar, pelo mêdo, uma condenação injusta; deve tê-los feito esperar. Entretanto concordou em enviar soldados munidos das barras de ferro necessárias. O costume romano era deixar os condenados na cruz até à morte e de lançá-los, em seguida, à vala comum; mas por outro lado a orientação de Roma era a de se adaptar aos costumes indigenas. "Os soldados vieram, pois, (do pretório) e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que tinha sido crucificado com Ele. Êste "crurifragium" os impede de se soerguerem apoiando-se nas pernas para dessa forma diminuir a tração sôbre as mãos. A "tetania" os dominará pois definitivamente e terminará pela asfixia. Vão êles agonizar; Jesus já está morto.

Coloca-se aqui o gesto trágico de um dos soldados; a tradição designa o centurião da guarda no Calvário e lhe dá o nome de Longinos, que não passa de uma deformação do nome grego "lonche" (lança). Por que haveria de executar êste centurião, que seguiu com simpatia o martírio de Jesus e acabara de O proclamar justo e filho de Deus, um gesto tão cruel? Em todo o caso, João escreveu: "um dos soldados". Vimos (capítulos 2.º e 6.º) que isto não passava de gesto regulamentar, indispensável para a entrega do corpo à família que já dera os primeiros passos para requerê-lo. Não insistirei sôbre êste episódio, já longamente estudado diante de vós, quando falamos sôbre o derramamento do sangue da aurícula direita e da água do hidropericárdio.

A tarde já ia avançada, quando chegam José e Nicodemos que vieram dirigir o sepultamento. "A tarde havia chegado", diz São Mateus — "a tarde tendo já chegado", insiste Marcos, José de Ari-

matéria, chega por primeiro. Era, segundo os sinópticos, decúrio, homem justo e bom, discípulo de Jesus.

Na qualidade de membro do conselho, acrescenta São Lucas, “**não havia consentido nas decisões e atos dos outros**”. Vendo Jesus morto, e os ladrões agonizantes e que os Judeus os iam retirar, decide-se a ir procurar Pilatos para requisitar o corpo do Mestre; “**era discípulo de Jesus, diz S. João, mas em segredo, por receio dos Judeus**”. “**Audacter introivit ad Pilatum, insiste Marcos, “teve a audácia de ir a Pilatos**”. Era isto, com efeito, comprometer-se seriamente e, sem dúvida, deve ter êle hesitado um pouco. Mas Pilatos exasperado pelos sinedristas, devia com satisfação aceder a seu pedido, muito satisfeito por atirar esta cartada a seus perseguidores. Convém retermos em S. Mateus a arrogância com que os recebeu em seguida quando lhe vieram expor o receio de furto do corpo e pedir que o mandasse guardar: “**Tendes guarda, ide e fazei guardar como muito bem o entenderdes**”.

Estava, portanto, muito bem disposto a acolher o pedido de José; mas uma coisa o espanta e é que Jesus já tivesse morrido; os crucificados não morrem tão depressa e José deverá ter dito que não lhe haviam quebrado as pernas. “**Pilatus autem mirabatur si iam obiisse — admirava-se Pilatos de que já tivesse morrido**” (Marcos). Enviou por isso uma ordenança a procurar o centurião da guarda do Calvário. Chega este, pouco depois, e confirma a morte a seu chefe, que outorga a José o corpo de Jesus. Havia, como o sabemos, o costume de entregarem o corpo dos supliciados às famílias que os reclamassem.

Mas, precisavam de u'a Mortalha. Mateus e Lucas apenas dizem: “**tendo tomado o corpo envolveram-no (envolveu-o) em u'a mortalha**” — “**u'a mortalha limpa**” precisa Mateus; Marcos porém, nos diz que ao sair da casa de Pilatos, José foi à cidade comprar u'a mortalha “**Joseph autem mercatus sindonem**”; nova providência, mais uma atraso. Em seguida, foi ao Calvário e todo o trabalho estava ainda por fazer.

A respeito da descida da cruz e do transporte para o túmulo já vos expus claramente minhas idéias. O corpo só foi envolvido na Mortalha após o transporte da cruz para o túmulo; e neste trajeto o sangue se derramou pela chaga do lado, pois do contrário teria inundado a Mortalha. A cruz consta de duas peças: o “**stipes**” permanentemente fincado no Calvário e o “**patibulum**”, o braço horizontal que foi levado por Jesus. Após a morte por “**tetania**”, a rigidez é súbita e máxima; fica o corpo como uma barra de ferro. Daí por diante a técnica se impõe: arrancam-lhe o cravo dos pés, o que não é tão fácil, depois desengancham o patíbulo que dois homens sustentam, um em cada extremidade, enquanto um terceiro sustenta o calcanhar direito que está atrás do esquerdo. Finalmente, como um corpo de 80 kg mais a trave fazem um conjunto muito pesado, dois outros torcem rapidamente um pano e fazem uma cinta com que Lhe sustentam os rins (para aliviar a carga dos outros três). O resto do sangue venoso ao sair, por causa da posição horizontal, inunda esta cinta e se coagula em

suas dobras, em meandros irregulares. (Todos êstes detalhes, bem o vimos, se verificam na Mortalha de Turim, minúcias que um falsário não teria jamais imaginado).

Felizmente, o sepulcro está ali pertinho, por isto mesmo o haviam escolhido. Êste sepulcro “fôra escavado na pedra”, escreve Marcos — e “onde ninguém fôra ainda colocado, acrescentou Lucas; e Mateus precisa que “José o mandara escavar para si mesmo”. João é ainda mais explícito: “Ora, no lugar em que Jesus fôra crucificado, havia um jardim e neste jardim um sepulcro novo, no qual ninguém fôra ainda sepultado. Foi pois ali, por causa da Preparação dos Judeus, uma vez que o sepulcro estava perto, que colocaram Jesus”. Creio que não se poderia sublinhar com maior clareza a pressa que tinham êles de terminar, antes do começo do Sábado. Escreve S. Agostinho (Tr. in Johannem, CXX, 19): “Acceleratam vult intelligi sepulturam ne advesperasceret — Quis dar a entender que a sepultura fôra acelerada pelo receio de que sobrevisse a tarde”.

Transportado o corpo, foi êste primeiro estendido sôbre uma pedra da antecâmara do sepulcro (2) que a tradição chama a “pedra da unção”. É que era necessário libertá-Lo do patíbulo. Puderam então arrancar os cravos das mãos, mas com que piedosas e ternas precauções, bem o podemos imaginar.

Embora o trabalho no chão seja mais fácil, ainda se requer muita força e tempo para os arrancar da madeira; feito isto, saem os cravos sem dificuldade dos carpos. Em seguida, os braços, que estavam afastados a 65°, deviam ser reconduzidos para diante do corpo. A rigidez, como o dissemos, era máxima; foi necessário empregar tôda sua força para vencê-la, tornar flexíveis as espáduas e levar as mãos até cruzá-las diante do pubis; tudo isso exige tempo: “E o Sábado começava a luzir”, diz S. Lucas — “et sabbatum illucescebat”; acendiam as lâmpadas do templo e as trombetas que anunciavam o início do grande dia já iam soar. Como então executar de maneira completa os ritos do sepultamento?

Antes de continuar o estudo de nossos textos, seria oportuno procurar saber como os judeus sepultavam seus mortos. A primeira certeza que temos é que isto nada tinha de comum com o embalsamamento dos egípcios. Em tôda a Bíblia, só encontramos duas numificações: a de Jacob e a de José, mas isto mesmo no Egito, por quase egípcios. Jamais, em outra parte, se fala de tiras nem visceiração nem de natro (= carbonato de sódio). Nas catacumbas ju-

(2) Nota do Trad.: Ainda aqui deveremos discordar do A. pois a antecâmara do S. Sepulcro, hoje conhecida pela designação de “Capela do Anjo”, por terem nela visto as S. Mulheres o Anjo que lhes veio anunciar a Ressurreição, é pouco mais espaçosa que a câmara mortuária e nela cabe um homem de braços abertos, mas de forma alguma nela poderia entrar nesses condições pois a porta é bastante estreita. Além disto devemos nos lembrar de que o patíbulo era mais comprido do que os braços abertos, dificultando assim não só a entrada mas também os movimentos dentro da anticâmara. Portanto, a operação de despregar o patíbulo deve ter sido feita do lado de fora.

daicas, as múmias são raríssimas (duas ao todo) trata-se provavelmente de judeus da diáspora egípcia. Todos os outros corpos estão vestidos como vamos ver. Maimônide, médico judeu de Córdoba, do século 12, escreve: “Depois de fechados os olhos e a bôca do defunto, lavava-se o corpo, ungia-se de essências perfumadas, e, em seguida, se enrolava em um tecido branco, no qual se encerravam ao mesmo tempo, os aromas” (3). A Michna (Chabbath, 33, 5) nos diz a êsse respeito: “Cumpre-se tudo que se deve ao morto; ungi-do-o e lavando-o” (4). Suponho, ao menos me parece mais logico, que primeiro deva ser lavado e depois ungi-do.

Alfred Lévy, rabino de Lunéville escreve (5): “Uma vez verificada a morte, espera-se um quarto de hora durante o qual deve-se colocar nas narinas do defunto penas leves e se observa atentamente para ver se algum movimento delas não vem indicar que a respiração voltou. Passado êste prazo, fecha-se a bôca e os olhos do defunto, dá-se a seus membros uma posição regular, envolve-se o corpo em u’a mortalha e se o estende por terra, pronunciando estas palavras: “Tu és pó e voltarás a pó”. Parece, portanto, aí haver uma cerimônia preliminar, depois da qual se terá o tempo de preparar o sepultamento próprio dito. Alfredo Lévy continua: “Antes de passar à vestição fúnebre, purifica-se o cadáver, lava-se-o com água morna, outrora (eis o que nos interessa) era também perfumado com essências diversas. Depois disto era revestido com a roupa habitual. Esta vestição, tornando-se cada vez mais luxuosa, transformara-se um pouco antes, no tempo de Jesus, em uma carga tal para os herdeiros, que Gamaliel o Antigo, querendo reagir enêrgicamente, ordenou que se vestisse seu cadáver com roupas simples. Esta reforma que reconduzia à antiga simplicidade, teve pleno sucesso e se perpetuou por todos os séculos.” Isto se conclui também de uma série de documentos reunidos em meio israelita pelo saudoso M. Pourché, entusiasta do Santo Sudário. Vários rabinos por êle interrogados em França e na Palestina lhe confirmaram tudo isto; não conheciam senão um caso em que se fala de faixas para as mãos e os pés: o de Lázaro, em S. João! Nem sabiam como explicar tal anomalia.

O costume dos primeiros cristãos, que devia derivar do costume dos judeus, nos é manifesto através das “Acta Martyrum — Atas dos Mártires” onde só aparecem: mortalhas, tecidos de linho, vestimentas de linho simples, ou mais ou menos ornados, “in sindone nova, mundo linteo, mundis sindonibus, in sindone biblea, cum linteamibus mundis et valde pretiosis, dignissimis panis, sindosin kainais, estheti polutele” (Dom Leclerc Dict. Arch.). Nos “loculi” das catacumbas encontram-se tecidos de linho, tecidos tingidos de púrpura, telas e sedas bordadas e ornamentadas, tecidos de ouro e

(3) Lévesque, art. *Embaumement* in *Dict. de la Bible*.

(4) Lagrange, *Évang. selon S. Marc*.

(5) Alfred Lévy, *Deuil et Cérémonies Funèbres Chez les Israelites (Luto e cerimônias fúnebres entre os Israelitas)*.

vestes preciosas como as que vestiam S. Cecília no cemitério (cacaumba) de S. Calisto.

Portanto, envolvido primeiro na mortalha, o corpo era geralmente vestido após a unção definitiva, e disto encontramos confirmação nas próprias Sagradas Escrituras. Já não falo da filha de Jairo que acabara de morrer quando Jesus a ressuscitou. Mas o filho da viúva de Naim (Luc. 7, 14) era levado ao túmulo, quando Jesus lhe disse: **“Jovem, eu te mando, levanta-te; e se assentou aquele que estava morto e começou a falar”**. No caso de Tabitha, ressuscitada por S. Pedro em Joppe (Act. 9, 40) é ainda mais evidente: **“Depois que a lavaram, colocaram-na no quarto alto”**. Foram em seguida buscar Pedro em Lydda, o que supõe uma viagem de ida e volta de pelo menos 10 horas. E Pedro **“voltando-se para o corpo, disse: Tabitha, levanta-te. Esta abriu os olhos e tendo visto Pedro, assentou-se. Ora, tendo Pedro dado-lhe a mão, ajudou-a a se levantar.”** Estavam portanto os dois defuntos vestidos.

Do ponto de vista histórico, parece tudo esclarecido: em uma primeira fase, envolviam o corpo na mortalha e depois o preparavam para a sepultura. Consistia isto em lavá-lo com água quente seguida por uma unção com essências perfumadas, como o bálsamo de nardo precioso de Maria Magdalena na refeição de Betânia, ou os aromas que levava para o túmulo, no dia da Ressurreição. Esta unção era feita por fricção. O verbo “aleiphein” empregado por Marcos (16, 1) neste último episódio indica uma fricção com bálsamo ou óleo; é a mesma palavra que se emprega para a unção dos lutadores, antes das provas do estádio; não se trata de simples aspensão.

O cadáver uma vez vestido era levado ao sepulcro. Era este às vezes um buraco cavado na rocha (Lázaro, talvez) aonde se descia por meio de degraus e que se cobria com uma laje. Quase sempre é uma caverna cavada pela mão do homem, compreendendo uma antecâmara e uma cela posterior onde, sobre um banco rochoso, se depositava o cadáver. Uma pedra em forma de disco rolando em um canal lhe obstruía a entrada. **“Et advolvit lapidem ad ostium monumenti — E rolou a pedra para a entrada do túmulo”**. Exigia o uso visitas ao defunto, pelo menos durante três dias (tinham os judeus muito medo da morte aparente). Foi assim que pôde Marta dizer a Jesus, com conhecimento de causa, a respeito de Lázaro, seu irmão: **“Já fede, pois já está ali, há quatro dias”**. Quando Maria alertada por sua irmã Marta, saiu para se ir encontrar com o Senhor, os judeus, vindos para consolá-la, pensaram que tivesse se dirigido ao túmulo (João 11).

Voltemos agora a nossas textos e notemos, de início, que, para este primeiro sepultamento, não há nem loção nem unção, nem nos Sinópticos nem em S. João. É que o tempo premia, além de não haver nem água quente nem bálsamos para a unção.

Escrevem pois os Sinópticos: **“(José) . . . o envolveu em u'a mortalha”**. Mateus e Lucas dizem, **“enetulixen”**, Marcos **“eneliesen”**, mas o sentido é indiscutível e S. Jerônimo traduz as três palavras por **“involvit”**.

O “sindon” grego, “sindonis” para S. Jerônimo, que traduzimos por Sudário ou Mortalha, era uma comprida peça de linho, muito

mais comprida que larga, com a qual se envolvia a cabeça e depois o corpo; recordando, se se quiser, o "himation" dos gregos, o "peplum" romano, ou melhor a "palla" das mulheres. Servia de roupa interior, de roupa noturna e, para os mortos, de mortalha. Chamamo-lo também sudário e em aramáico se chamava "sudarâ"; mas a isso ainda voltaremos. Encontramo-lo em Marcos 14,15, no momento em que levam Jesus, após a prisão no hórto das Oliveiras: **"E um jovem o seguia, envolto em um sudário sobre o corpo nu — periblemnemos sindona epi gymnou — seguraram-no, mas deixando êle o sudário fugiu nu"**. Sem dúvida, era êste jovem o próprio Marcos, filho de uma boa família de Jerusalém; a casa de sua mãe Maria haveria de ser mais tarde um dos principais centros da cristandade primitiva (Atos, 12,12). Encontramo-lo também no Antigo Testamento: Sansão (Juizes 14, 12) promete a seus companheiros, se resolverem um enigma, 30 sudários e 30 túnicas " .dabo vobis triginta sindones et triginta tunicas". O "sudário" se usava sob a túnica servindo-lhe de complemento. Em Jeremias 13, 1, o sudário reaparece no grego dos LXX como "perizoma linoun", e S. Jerônimo, traduz aqui por "lumbare lineum", o que lembra o mesmo gênero de vestimenta.

Êste sindon deu em francês antigo "sidoine". Mas emprega-se paralelamente a palavra "linceul" (mortalha) de "linteolus" que como "linteamen" deriva-se de "linteum" (= tela de linho). Deu em italiano "lenzuolo", que quer dizer, como o lusitano "lençol", "pano para cama". Não faz assim tanto tempo que ainda se chamava em francês, os lençóis de: "linceux". "Lineum" deu "linge". Há um notável parentesco em tôdas estas palavras e o tecido de linho está na base de todo êste vocabulário. Mas cada vez mais, "linceul" (mortalha) como sudário, passaram a servir exclusivamente para designar os panos dos mortos; voltaremos ainda a propósito dêste último ponto, quando falarmos do "sudarium". Como conclusão, os sinópticos afirmam que o corpo de Jesus foi envolvido em u'a mortalha, e não falam de aromas.

Tomemos S. João que logo nos falará dêles: **"José retornou ao Calvário para levar o corpo de Jesus. Voltou também Nicodemos, aquêle que viera uma primeira vez procurar Jesus de noite, e trazia uma mistura de mirra e de aloés pesando cêrca de cem libras"** (i.e. mais ou menos 32 kg). A mirra é uma resina extraída de uma umbelífera, o balsamodendro, tem um odor suave e possui ligeiro poder antisséptico. O aloés, por mais que se o tenha dito, nada tem a ver com a árvore de aloés ou calambuco (agaloche dos franceses), vendido em aparas, que tem pouco odor e só o desprende quando queimado (como nosso "papel da Armênia"), não tem poder algum anti-pútrido. Além disso era então muito raro e caro, vindo do Extremo Oriente.

Trata-se, no caso de Jesus, de uma resina extraída do aloés ou agave (pita), da qual já na Côte d'Azur se pode ver as longas fôlhas, grossas e espinhosas (6). É dela que nos servimos ainda, em farmácia, é o aloés socotrino vindo da ilha de Socotorá, no Mar Vermelho. Tem aroma balsâmico entre a mirra e o açafraão. É encontrado no

Bálsamo católico, no Bálsamo simpático e no Bálsamo turco. De resto, foi sempre empregado no tratamento de cadáveres. Dioscórido, (7), S. João Crisóstomo, os médicos árabes, o Romance da Rosa (8) o atestam. E mesmo o antigo código francês, segundo meu colega farmacêutico do Hospital S. José, M. Volckringer, ainda indicava uma fórmula de pó para embalsamento que contém mirra e aloés fórmula de pó para embalsamento que contém mirra e aloés em partes iguais com outras drogas. Apesar de tudo, a mistura de Nicodemos não poderia ter tido a pretensão de embalsamar um corpo inteiro; apenas poderia retardar a putrefação da superfície coberta de chagas infectadas. A própria superabundância da mistura, seus 32 kg mostra que os discípulos não tinham outro fito que uma antissepsia temporária.

Era necessário esperar 36 horas, para fazer na manhã do Domingo, o entêro ritual, lavar o corpo e ungir de bálsamos, era o trabalho das mulheres e elas bem que para isso já se estavam preparando. **“Ora, Maria Madalena, diz S. Mateus, e a outra Maria (a mãe de Tiago e de José, que nomeara como presente no Calvário) Madalena e Maria de José observaram onde O colocaram”.** Lucas, que certamente foi se informar com as santas mulheres (sicut tradiderunt nobis qui ab initio ipsi viderunt) — como nos transmitiram os que desde o início viram pessoalmente), Lucas acrescenta mais outros detalhes: **“O sábado começava a luzir. Ora as mulheres que O haviam acompanhado desde a Galiléa, tendo seguido de perto, viram o túmulo e como seu corpo foi nêle colocado (já faziam elas seus planos para a unção). E tendo voltado, prepararam aromas e perfumes. E, no sábado ficaram em repouso segundo o preceito. Mas, no primeiro dia da semana, de madrugada, foram ao sepúlcro, levando os aromas que haviam preparado.”** Estas palavras dão-nos a impressão de estarmos quase que a ouvir aquelas fervorosas devotas, narrando a S. Lucas queridas reminiscências como que perfeitamente embalsamadas em sua memória. E Marcos, de seu lado, nos diz: **“E quando foi passado o sábado, (o sábado após o pôr do sol), Maria Madalena e Maria de Tiago (ora a designa por um ora por outro de seus filhos) e Salomé compraram perfumes, para ir fazer nêle as unções”.** Êste é que haveria de ser o sepultamento ritual e definitivo. Já determinamos o sentido do verbo “aleiphein”. Tratava-se de aromas análogos ao bálsamo de nardo precioso espalhado por Madalena em Betânia. A mirra e o aloés apenas serviam para conservar provisoriamente.

Partimos da mirra-aloeés de S. João para chegarmos aos aromas dos sinópticos. Esta antecipação era necessária para estabelecer o detalhe do sepultamento. Mas é necessário voltarmos a S. João, para compreender esta famosa frasezinha que tem atormentado tantos exegetas ortodoxos e feito descarrilhar tantos protestantes e

(6) Nota do Trad.: Escrevendo o A. na França, nota onde se pode encontrar esta planta, i. c. na região meridional onde o clima é mais próximo do tropical.

(7) Médico grego do séc. I, autor de um tratado sobre medicina.

(8) Poema da Idade Média do séc. XIII.

modernistas. Abramos primeiro a Vulgata de S. Jerônimo: **“Acceperunt ergo corpus Jesu et ligaverunt illud linteis cum aromatibus, sicut mos est Judaeis sepelire.”** “Cum aromatibus”, com mirra e aloés; o texto grego diz: “meta ton aromatom”, com os aromas e não com aromas; são, sem dúvida, aqueles de que falara há pouco. O silêncio dos sinópticos sobre isto não faz dificuldade, pois têm eles liberdade de não dizer tudo.

“Sicut mos est Judaeis sepelire”. O R. P. Lagrange e o Cônego Crampon concordam em traduzir **“segundo a maneira de sepultar dos Judeus”**. Admitamos provisoriamente e não me taxem de presunção. Não serei eu quem retificará. Mas, **“ligaverunt cum linteis”?** Aqui há divergência: Lagrange dá **“ligaram-no com faixas”** e Crampon **“o envolveram com panos”**. Parece ser esta última tradução tradicional, porque a encontrei em um Novo Testamento do Padre Amelotte, do Oratório, em 1753. E Gerson traduz **“com mortalhas”** (= linceulx) (9). Vimos que não usavam os judeus faixas. Além disto, as faixas, a menos que as desenrolassem completamente, haveriam de impedir as unções previstas para o Domingo. Finalmente, por que dar-se ao trabalho de O enfaixar quando estavam prevenido as unções?

Mas o texto traz **“othonia”**, que S. Jerônimo muito bem traduz por **“lintea”**. Ora, os dicionários nos dão para **“othonion”**: **“pequeno pano fino”**; **“vestimento”**, **“véu em tecido fino”** e mesmo **“tecido de vela”**, **“velas”**, e em último lugar **“ataduras”** de tecido. Para **“lin-teum”** encontramos nos dicionários: **“tecido de linho”** pedaço de tela — por extensão, **vela de navio (Virg., Ov.)**. Portanto no plural a mesma coisa, são panos. No domingo de manhã, Pedro e João acorreram ao túmulo vazio e ali encontraram **“ta othonia”**, segundo Lucas e João. São Jerônimo traduz aqui por **“linteamina”** que nossos dicionários traduzem por **“panos”**. Ora, em S. João, o R. P. Lagrange, fiel à sua teoria sobre o modo de sepultar usado pelos judeus, traduz **“as faixas”**, mas no Evangelho de S. Lucas, o mesmo ilustre exegeta escreve **“os panos”**. Aliás, quando S. João, ao falar da ressurreição de Lázaro, capítulo II, nos diz que as mãos e os pés estavam amarrados por faixas, emprega a palavra **“keiriai”**, que S. Jerônimo traduz **“instita”**. Estas duas palavras significam: faixas, tiras, ataduras, cintas. Finalmente se fôr necessário terminar o debate por uma alta autoridade, encontro no já citado livro de Mons. Paleotto, arcebispo de Bolonha, em 1598, esta citação de S. Agostinho, com a qual até os mais exigentes hão de se contentar: **“Licet Joseph involverit eum in sindone, propterea non prohibetur intelligi quod et alia lintea postea addita fuerint a Nicodemo. Unde etsi una sindon fuerit, verissime dici potuit: ligaverunt eum linteis — embora José o tenha envolvido em u'a mortalha, não estamos por isso proibidos de admitir que outros panos tenham sido acrescentados por Nicodemos... Ainda mesmo que tivesse havido uma única mortalha, (João) poderia muito bem dizer: encerram-no em panos.”** Em seguida S. Agostinho nos dá sua

(9) La Passion de Notre-Seigneur, Vendredi-Saint 1403.

definição: "Linteae quippe generaliter dicuntur quae lino texuntur. — São, com efeito, chamados panos todos os tecidos de linho", E Paleotto acrescenta seg. Beda que leu nos anais Pontifícios — que S. Silvestre ordenou, por causa dos panos da Sepultura, que o corporal da Missa fôsse de linho simples e não de outro tecido. Consegui encontrar estes dois textos: S. Agostinho, De Consensu Evangelistarum, livro 3.º, cap. 23. — V. Beda, In Marci Evangelium expositio, livro 4.º (Patrol. Latina, tomo 92, col. 293).

Chegamos ao "ligaverunt" da Vulgata que traduz o "edesan" de São João. O verbo "deo", como o latino "ligo" significa essencialmente ligar, atar. No entanto se tornarmos a ler a ressurreição de Lázaro, no cap. II de São João, veremos que "facies illius sudario erat ligata" que S. Jerônimo traduz pelo mesmo "ligare", um composto de "deo" que deveria amplificar a idéia de enrolar as faixas "perideo" (que os dicionários dão como "envolver, atar em volta"). Mas, trata-se aqui de um sudário e o R. P. Lagrange traduz "peridein" e "ligare" por "envolver". Ser-me-ia permitido para conservar a "edesan" a idéia de imprecisão de propor a tradução: "encerram-no em panos"? Estes panos compreendiam entre outros, como o sugere S. Agostinho, a Mortalha que envolve estreitamente o corpo por baixo e por cima em todo seu comprimento e em toda a sua largura; muito justo, portanto, será dizer-se que o corpo ali estava encerrado.

Voltemos agora a "sicut mos erat Judaeis sepelire". O original grego diz: "kathos etos estin tois Ioudaiois entaphiazein". Ora M. Lévesque, exegeta e filólogo tão modesto quanto erudito, do qual, em graves circunstâncias, tive a honra de ser o cirurgião e amigo) traduz (Diction, de la Bible) "segundo a maneira de preparar o sepultamento em uso entre os judeus". O dicionário de Bally nos dá também "preparar o sepultamento". Numerosos helenistas consultados por meu amigo o R. P. Aubert O. P. confirmaram este sentido: o sufixo "azein" indica uma ação começada mas não terminada, em curso de execução. Para "entaphiazein", escreve um deles, não se pode traduzir a não ser "preparar o sepultamento" (10). Encontramos aliás este mesmo verbo na refeição de Betânia, na véspera do Domingo de Ramos que dá lugar a traduções mais ou menos embaraçosas. Maria Madalena derramara sobre os pés de Jesus uma libra de unguento de nardo puro e precioso; Judas, o ladrão, censura que não o tivesse vendido para dar seu preço aos pobres, mas S. João comenta friamente que teria êle, na realidade, colocado em seu bolso. Jesus castiga duramente Judas e os detratores de Madalena. João e Marcos não empregam senão o substantivo "entaphiasmon" que mais facilmente se traduz: "ela guardou este perfume para o dia de minha sepultura" (João 12, 7), ou: "ungiu meu corpo por antecipação para a sepultura" (Marcos to entaphiasai me epoiesen", o que o Vulgata exprime por "ad

(10) R. P. Aubert, O. P., L'ensevelissement de N.-S. Jésus-Christ d'après les Saintes Ecritures. Ed. Rivière, 18, Rue Nicolai, Lyon; e Livraria du Carmel, 21, Rue Madame, Paris, VI.

14, 8) o que já é mais claro. Mas, Mateus em 26, 12 escreve: “pros sepeliendum me fecit”, e o R. P. Lagrange “ela o fêz para me prestar um dever de sepultura. É evidentemente uma unção simbólica; Jesus prediz que Maria não poderá fazer esta unção sobre seu cadáver, porque deverá ressuscitar. Mas, se o traduzirmos como o propõe M. Lévesque: “para o sepultamento de Jesus”, o sentido torna-se evidente porque diz Jesus: “ela o fêz para preparar meu enterro”.

Mas, então tudo se esclarece: Os discípulos não executaram senão o primeiro ato dos costumes israelitas, aquêle que precede o sepultamento pròpriamente dito, e isto por falta de tempo e de material. Encerraram Jesus em u’a mortalha que envolveram com panos impregnados de uma mistura de mirra e de aloés, para obterem uma relativa antissepsia superficial; a unção definitiva após a lavação, seria feita pelas mulheres, no primeiro dia depois do Sábado. Traduziremos, pois, S. João, se é que vos pude convencer: “e êles o encerraram em panos com os aromas (mirra e aloés de Nicodemos), segundo a maneira de preparar o sepultamento em uso entre os judeus”. O maior destes panos (tecidos de linho) era a Mortalha dos sinópticos, comprida e larga peça de linho. João não a nomeia expressamente, mas fa-lo-á, como o veremos, no Domingo de manhã.

“Vespere autem sabbati, quae lucescit in prima sabbati...” conheceis o resto e o quanto isto soa alegremente nas curtas vésperas do Sábado Santo. Assim, pois, no Domingo de madrugada, Maria Madalena (João) com as Santas mulheres (sinópticos), levando seus aromas (Marcos e Lucas) para ungir o corpo (“aleiphein”, Marcos) vão ao sepúlcro e o encontram aberto e vazio. Deixemos de lado os detalhes, a aparição dos anjos, o pavor das mulheres e sua fuga. Correm elas a anunciar aos apóstolos a nova, que êstes qualificam de “deliramentum”; nosso Santo confrade Lucas, emprega aqui a palavra técnica “leros”, que é o delírio causado pela febre, notemo-lo de passagem.

Madalena se dirige especialmente (João) a Pedro e a João, que, sem aguardar a opinião dos outros, partem logo para o túmulo. Lucas só fala de Pedro: “Contudo Pedro se levantou, correu ao sepúlcro e, tendo-se inclinado, só viu os panos”, “blepei ta othonia mona”. Notemos que Lucas, a respeito dos acontecimentos da sexta-feira, só falara da Mortalha. É portanto evidente que desta Mortalha fazem parte também os “panos” como já o concluímos, com S. Agostinho, ao estudar o texto de João.

S. João, escrevendo por último, completa aqui, como em geral, seus predecessores, os Sinópticos, da mesma maneira como passa em silêncio o que sabe já ser bem conhecido por sua catequese oral. Portanto, Pedro e João correm ao túmulo, mas João, mais jovem, chega por primeiro. “E inclinándose viu “linteramina posita” — “keimena ta othonia” — os panos depositados” — (os Sudários colocados no chão, escreve Crampon — as faixas jacentes, escreve o P. Lagrange, que no entanto traduzira em seu comentário sobre S. Lucas: “não viu senão panos”) “Mas não entrou.”

Notemos a deferência para com o chefe dos apóstolos. "Simão Pedro chega pois também a seguir, e entrou no sepulcro e viu os panos colocados no chão e o sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus, não colocado com os panos, mas dobrado separadamente em um canto. Foi então que o outro discípulo (João) entrou também, ele que chegara primeiro ao túmulo, e viu e crêu." São Jerônimo escreve: "vidit lintheamina posita et sudarium quod fuerat super caput eius, non cum lintheaminibus positum, sed separatim involutum in unum locum". Quanto aos "lintheamina", os "othonia", a questão está decidida; designam o conjunto de panos, entre os quais Lucas, acaba de incluir a Mortalha, uma vez que dela não fala na sexta-feira santa e que no Domingo não a especifica. Mas qual teria sido este "sudarium" que S. João coloca aqui em tanta evidência, dobrado à parte, quando não falou a não ser de "panos", na sexta-feira? Chegamos assim à última dificuldade que, como veremos, é também puramente filológica.

Escreve S. João: "kai to soudarion o en epi tes kephales autou, ou meta ton othoniokeimenos, alla choris enteluligmenon eis ena topon". "Sudarium" de "sudare" (= suar), é, no latim clássico, um paninho, um lenço, destinado a enxugar o suor ("soudarion" é uma transcrição do latim para o grego, os dicionários gregos registram unicamente: "sudário, mortalha"). Depois, foi sempre usado com o significado de "sudário", no sentido de mortalha"; a isto voltaremos logo em seguida.

"Aliás não parece ter estado nos hábitos judeus até à ruina de Jerusalém e mesmo depois", escreve Lévesque (11) "que o emprêgo de sudário, simples véu para cobrir o rosto, tenha estado em uso. Parece bem mais provável que então se contentassem de rebater o sudário sobre o rosto e diante do corpo. Existe ainda este costume no Oriente, entre os Drusos, entre os antigos habitantes do país. Envolve-se o corpo em u'a mortalha, e este é carregado, com o rosto descoberto, até o túmulo, então se rebate uma parte da mortalha por sobre a cabeça até os pés. A mortalha é retida por 3 ou 4 ataduras que ligam os pés, fixam os braços ao longo do corpo ou cruzados sobre o peito e a apertam, na altura do pescoço, de sorte que a mortalha envolve toda a cabeça.

"É precisamente assim que nos aparece o sepultamento de Lázaro (Jo. 11, 14): "E logo saiu aquêle que estivera morto, amarrado pés e mãos por faixas (diz João para Lázaro: keiriai, instita que com efeito significam faixas, cintas, e não othonia, lintheamina, panos), e seu rosto estava envolvido pelo sudário". Costuma-se representar Lázaro envolvido em u'a mortalha da qual parte estava redobrada sobre o rosto e amarrada ao pescoço por uma faixa, os braços ao longo do corpo igualmente envolvidos pela mortalha e, por cima desta, faixas apertando as pernas e ligando os braços ao busto. Um homem vivo, assim amarrado e deitado por terra, poderia sem dúvida com um vigoroso esforço erguer-se sobre as pernas, adiantar um pé diante do outro, mas não poderia libertar os braços.

(11) Lévesque, Revue Pratique d'Apologetique, 1939, t. 1.º, pág. 234.

nem o rosto." — É por isto que diz Jesus: "Desamarrai-o e deixai-o ir!"

Se adiro plenamente a esta conclusão de M. Lévesque, é unicamente por convicção de que êle está com a verdade e de forma alguma por que o sudário-lenço me pareça impecilho para a formação da impressão facial.

Realmente de há muito que se objeta e ainda se continua a afirmar que êste véu aplicado sôbre o rosto de Jesus, teria impedido a formação, na Mortalha que estaria por cima de uma impressão dêste Rosto. A descoberta de Volckringer (cap. I, E, 2.º) reduziu a nada a objeção. Verificou êle que a planta imprimia sua imagem negativa não sômente na fôlha de papel que a sustenta mas ainda através dela, no envoltório de papel que estava por baixo. Esta segunda imagem inferior, produzida apesar da interposição da fôlha suporte, é quase tão bela quanto a primeira.

Ora, trata-se, em ambos os casos, animal e vegetal, de um cadáver, composto, já insisti sôbre isto, de células que continuam vivas até à putrefação, no homem, e até à dissecação, na planta. — Se pensarmos que estas impressões vegetais são atualmente as únicas conhecidas que possuem a perfeição do claro-escuro negativo do Santo Sudário, podemos sem temeridade concluir que a Santa Face teria podido marcar sua impressão sôbre o Sudário, mesmo através de um sudário-lenço interposto. Mas, voltemos a João.

Dificilmente poderíamos conceber êste lenço que é de si pequeno, dobrado à parte em um canto e chamando a atenção. Por que, por outro lado, teria sua significação mudada no latim eclesiástico e em tôdas as línguas latinas, para designar exclusivamente u'a mortalha? Perguntas embaraçantes, mesmo fora da dificuldade exegética. Mas, eis que M. Lévesque, no supra-citado artigo e na Nota I de seu "Abrégé chronologique de la Vie de N. S. Jésus Christ" (Beauchesne, 1941), veio, com uma palavra, lançar sôbre êste problema uma claridade deslumbrante. Suas conclusões me parecem irrefutáveis, e, está claro, tôda minha presente erudição é, se me permitirem a ousadia, "episcopal".

A finalidade de João, nesta perícopé, é provar a ressurreição de Jesus, dogma fundamental de tôda a religião, elemento primordial da pregação apostólica. Ora, a presença da Mortalha no túmulo vazio parece dever fornecer uma prova irrefutável. (Se tivessem furtado o corpo, não teriam deixado a Mortalha que seria o meio mais prático de o carregar). Ficaria assim aniquilada a calúnia inepta dos judeus de um suposto furto, durante o sono dos guardas (Mt 28, 11) "O infelix astutia, os ridiculariza S. Agostinho, dormientes testes adhibes; vere tu ipse obdormisti! — Ó astúcia desasada, apresentas testemunhas que dormiam, mas, na verdade, eras tu que dormias!" (Tractatio super Psalmos Ps. 63). Não falaria então, João, da Mortalha?

Encontra-se nos "Targumim" (Bíblia com comentários aramáicos, em uso no tempo de Nosso Senhor) a palavra "sudara" que define exatamente o que acabamos de ver que é o sudário (= sindone). No livro de Rut, 3, 15, o grande manto "mitfahah",

no qual Rut se enrolou para dormir aos pés de Booz e onde este, de manhã derramou seis medidas de cevada, é uma comprida peça de tela, um grande véu que se mete sobre a cabeça e que, se enrolando pelo corpo, desce até os pés. Lembra, como o "sindon", o "himation" dos gregos e a "palla" dos Romanos e a "schozar" das mulheres árabes, com a única diferença que é uma roupa de debaixo e roupa de dormir. S. Jerônimo traduziu-o por "pallium". Ora, o Targum aramáico o chama "sudara" (sudário), nem se poderia colocar seis medidas de cevada em um lençol. S. Efrém no século IV, comentando a passagem de Jeremias, 13, 1, que citamos a propósito do "sindone", chama "soudoro" o tecido de linho com que o profeta cinge os rins, chamado em hebraico "èzôr", espécie de tanga envolvendo o alto das coxas e o tronco. É este o ofício do "sindone" que envolve o corpo e que serve de roupa interna sob a túnica (cr. em Juízes, 14, 12 o episódio de Sansão), S. Efrém não faz outra cousa senão empregar a palavra que encontramos na versão siríaca da Bíblia, conhecida pelo nome de "Peshitta" i. e. Vulgata (12), o que nos leva ao século II da nossa era e talvez mesmo, para o Antigo Testamento ao 1.º a. C.

Existe portanto, na tradição oriental, anterior ao Novo Testamento, uma palavra "sudara" que não tem o sentido do latim clássico "sudarium" e de sua transcrição grega "soudarion", mas designa uma ampla vestimenta de linho que se coloca sobre a cabeça e desce até os pés. É precisamente o "sindon", o "sudarium quod fuerat super caput eius — o sudário que estivera sobre a cabeça dele". Ora, João, como bom galileu, fala um grego impregnado de aramaismos. Quando pensa "mortalha", a palavra que lhe vem aos lábios é "sudarâ" da língua materna. Não é então perfeitamente natural que escreva em grego "soudarion"?

De agora em diante, tudo se torna claro. Encontrou, no túmulo, todos os panos e, entre eles, a Mortalha dobrada à parte, e que chama de "sudário". Era o maior destes "othonia" — "panos" e se compreende, sem dificuldade, que uma peça de quatro metros por um, estivesse dobrada e que chamasse a atenção no canto em que estava colocada.

Além disto, atingiu João o fim que se propusera; fornecendo prova: o corpo não foi carregado. Jesus ressuscitou e deixou sua Mortalha no túmulo vazio.

Nos séculos seguintes, o Sudário, como dissemos, ficou sendo sinônimo de mortalha. Em 640 o monje Arculfo peregrinando pela Palestina, venera o "sudarium Domini quod in sepulcro super caput ipsius fuerat positum — o sudário do Senhor que no sepulcro estivera colocado sobre sua cabeça" (13). Ora, este não

(12) Nota do Trad.: "Peshitta" é uma palavra siríaca que quer dizer "comum, vulgar, aceita" ou "simples". Designa o texto corrente em uso entre os eruditos, munido de notas críticas. É usada esta palavra, hoje em dia, para indicar o texto comumente aceito e usado da versão siríaca da Bíblia, feito nos séculos I e II da nossa era.

(13) Acta Sanctorum Ordinis Benedictini, edit. Mabillon.

é um simples véu mas sim uma peça comprida de tecido que mede 8 pés de comprimento, calculado a ôlho. No século VII ainda, S. Bráulio fala do “sudario quo corpus Domini est involutum — o sudário em que o corpo do Senhor foi envolvido” (14). E ambos não empregavam esta palavra “sudarium” por falta de palavra latina correspondente ao grego “sindon”, pois fora de S. Jerônimo, encontra-se a palavra latina “sindon” nos epigramas de Marcial, com o sentido de longa peça de tela: “sindone cinctus olente”, diz êle de Zoile, “envolvido em um pano perfumado”. Em todos os séculos, em tôdas as linguas latinas, “sudário” conserva a significação de “mortalha” e a tradição oral da bela seqüência “Victimae paschales laudes” nos repete seu éco: “sudarium et vestes”. Talvez mesmo, quem sabe, ali estivessem entre êsses panos, expressos por “vestes” as roupas de linho com que teriam vestido o cadáver, no Domingo de manhã, após terem-no lavado e unguido?

Podemos portanto concluir, após êste árido e apaixonante estudo, que os quatro Evangelhos, ao se completarem mutuamente estão em perfeito acôrdo. Jesus, por falta de tempo, foi colocado no sepulcro, na tarde de sexta-feira, após uma simples preparação para o sepultamento, apenas destinada a retardar a corrupção. Os discípulos, sem loção nem unção, encerraram seu corpo em u’a mortalha revestida de panos impregnados de grande quantidade de mirra e de aloés. A preparação definitiva para a sepultura que consistia em lavar o corpo e em ungi-lo com aromas completamente diferentes, deveria ser feita pelas santas mulheres no Domingo de manhã. No túmulo vazio, Pedro e João encontram os panos e a mortalha dobrada à parte.

(14) Patrologia Latina, vol. 80.



CAPTULO X

O CRUCIFIXO DE VILLANDRE E O CRUCIFICADO DA ESCOLA PRÁTICA

Fiquei satisfeitíssimo depois de ter submetido minhas pesquisas à apreciação de meus confrades da Sociedade de S. Lucas, por ter recebido sua aprovação unânime que vem reforçar minhas conclusões. Tenho o mais profundo respeito por tôdas as autoridades, sem contar minha absoluta submissão à autoridade de minha Mãe, a Santa Igreja. Mas assim como não pediria uma precisão anatômica a um teólogo ou a um paleógrafo, tão pouco iria solicitar a um médico uma definição dogmática ou explicação de exegese ou de história. Na verdade a colaboração me parece indispensável falando cada um do que sabe. Ora, sábios exegetas me afirmaram que nada, em minhas conclusões, contrariava as determinações contidas nas Sagradas Escrituras e que, antes pelo contrário, as desenvolvem maravilhosamente. Restringindo-me estritamente a meus domínios, posso portanto dar-me por satisfeito, sem querer por isso impor minhas opiniões como definitivas, o que seria bem pouco científico.

Entre os anatomistas que me encorajaram, devo nomear um, cuja aprovação me foi particularmente agradável, é meu caro amigo, o Dr. Charles Villandre, cirurgião do Hospital de S. José. Como fôsse, verdadeiramente, mestre em escultura como o era em cirurgia, pedi-lhe para modelar, segundo minhas indicações precisas, o Crucifixo cujas fotografias publicamos aqui. Para quem as tiver estudado ou melhor para quem já tiver contemplado o original, não terei necessidade de acrescentar que nessa escultura não somente colocou tôda sua ciência anatômica e todo o seu talento de artista, mas também e muito simplesmente tôda sua fé. Espero firmemente que seu Crucifixo continue a se difundir entre os fiéis. Porque me parece que, ao cingir-se ao que cremos ser a realidade histórica, atingiu êle uma profundidade de emoção religiosa, que a imaginação dos artistas deixada a si mesma não foi jamais capaz de executar (figs. 18 e 19, Librairie du Carmel, 27, Rue Madame, Paris, VI°).

Seu Crucificado **morto** bem que representa a síntese das pesquisas expostas neste trabalho, pelo que lhe quero manifestar agora minha mui afetuosa gratidão. Partiu em 1943, para se reunir a seu modelo na casa do Pai. Rezemos por êle.

Peço vêniã e desculpas para apresentar, em contraste, duas fotografias que a meu ver, são horríveis e quase blasfematórias. Não foram, bem o sei, anatomistas que me pediram esta última

confirmação de minhas pesquisas, confirmação de bem pouca importância a meu ver. Somente pelas negações obstinadas de certos não-anatomistas que, de resto conheciam muito mal o Santo Sudário é que fomos forçados a tal exibição macabra: "Um corpo não pode estar suspensos por só três cravos; os dois pés não podem estar crucificados um sobre o outro, de cheio, com o mesmo cravo." O Crucifixo de Villandre já há meses estava modelado e fundido no bronze.

Tomei então no depósito do Anfiteatro de Anatomia, um trapo humano, fresco e perfeitamente macio, emprestado por meu velho amigo e antigo colega o Professor Hovelacque. Agradeço-lhe, vivamente, pois tôdas suas aprovações a minhas pesquisas anatómicas têm para mim, e para todos, um valor especial.

Não havia ali naquele dia a não ser cadáveres de mulheres e escolhi a menos feia. Seu leve pêso não me fazia dificuldade pois não se tratava de prova de resistência, já executada em braços vivos (cap. V) mas sim de simples verificação de angulações.

Hovelacque fizera preparar, sem me advertir, uma cruz leve de tábuas que, para maior solidez, coloquei sobre uma padiola de rodas, que se podia bascular. O cadáver foi deitado sobre a cruz em presença do Dr. Villandre que foi quem tirou as fotografias aqui reproduzidas.

Tinha eu 3 cravos quadrados de 8 mm de lado. Os dois braços foram bem estendidos em ângulos de 90°. Em cada mão, no lugar conveniente, **uma única martelada** fez passar o cravo através do carpo fixando-o na madeira. Em seguida os dois pés foram pregados com as plantas estendidas diretamente na madeira, o esquerdo diante do direito, dobrando um pouco os joelhos; **uma martelada** para atravessar o pé esquerdo estendido sobre a madeira; o pé esquerdo, assim perfurado, foi colocado sobre o direito; **uma segunda martelada** fez o cravo atravessar o pé direito e fixou-o na madeira. O único trabalho um pouco mais penoso, fácil porém com nossas delgadas tábuas, seria o de perfurar um buraco nos lugares marcados por suas pontas, para que os cravos aí se fixassem sem grande dificuldade. O tempo anatómico da crucifixação durou apenas alguns segundos.

Ao erguermos a cruz verticalmente verificamos que o corpo abateu e se colocou, por si mesmo, com as angulações exatas que descrevi e que Villandre modelara, muito tempo antes desta última experiência de confirmação.

Todo o pêso do corpo estava sustentado pelos cravos das mãos e se podia puxar com toda a força o cadáver do alto para baixo, sem que as mãos sofressem qualquer abalo. Podia-se inclinar um pouco a cruz para a frente, saindo da vertical sem que o corpo dela se descolasse. O cravo dos pés parecia servir unicamente para impedir que o corpo se destacasse da cruz e que flutuasse na frente. A suspensão é extremamente sólida, muito mais do que o pediria o pêso do corpo. E o corpo estava suspenso por tão somente três cravos, sem nenhum outro artifício, nem suporte perineal, nem supedâneo sob os pés.

Os polegares, bem entendido, não estão em oposição, mas em uma outra posição qualquer, nervos e músculos estavam mortos, ao passo que estavam vivos nos braços recentemente amputados das outras experiências, como nos de Jesus.

Não se tratava, ainda o repito, de uma prova de resistência das mãos à cravação e à tração. Podia portanto sem prejuízo algum, aos olhos da crítica imparcial, servir-me de um cadáver de dissecação, fresco e macio como aquêle. Seu pêso não mais tinha importância.

Para nós anatomistas, esta experiência não tinha senão uma importância muito secundária e a fazíamos com tôda aquela segurança de quem já sabe os resultados a esperar. Desculpei-me ao pé desse pobre corpo recitando por sua alma um bom *De Profundis*. O verdadeiro interêsse para nós era confirmar, experimentalmente, as angulações dos braços e dos joelhos a que me conduziu o estudo teórico, e nisso tive satisfação completa: a experiência dava exatamente os mesmos ângulos que a teoria. Da mesma maneira, a cabeça se inclinou por si mesma diretamente, para a frente e não para o lado; deveríamos esperar isso mesmo dada a simetria dos músculos do pescoço. *Et, portanto, assim que devemos entender o "Et inclinato capite, emisit Spiritum".*

CAPÍTULO XI

CONCLUSÕES

Ao chegar o leitor ao fim dêste estudo, nada mais tenho a lhe oferecer senão a narrativa cruel dos sofrimentos físicos da Paixão, tal qual como a contemplava eu com um olho cirúrgico. O leitor ao chegar aqui deve ter, assim o espero, a impressão de uma construção sólida, homogênea e que não deixa sombra de dúvida sobre sua veracidade. Disto estou certo, por antecipação, se porém se tratar de um leitor que sabe ler, porque receio muito pouco, por minha natural concisão, os esmiuçadores de frases; não tenho inquietações a não ser por essas pessoas sempre apressadas, que pulam do bonde às carreiras, sobem as escadas de quatro em quatro e galopam por um livro com botas de 7 léguas. A êstes diria eu: relêde com vagar ou abandonai a questão! Uma vista de conjunto sobre semelhante problema não se pode adquirir senão por um exame minucioso dos detalhes.

Vimos que neste exame as experiências anatómicas, as considerações fisiológicas, as pesquisas arqueológicas e filológicas, — me conduziram, pelo menos em aparência, para muito longe do Santo Sudário de Turim, do qual me propusera a verificação, mas isto não era senão para voltar a êle melhor armado. É que na verdade, e desde os primeiros tempos, o que dominava meu pensamento era a reconstituição da Paixão de Nosso Senhor em seus menores detalhes, era o escrutar em suas circunstâncias físicas êste drama essencial da redenção que domina nossa existência terrestre efêmera e regra definitivamente nossa vida eterna.

Cheguei assim a esquecer muitas vêzes o objeto primitivo de minhas pesquisas. Minha busca fervente não conservava mais que um objetivo: Jesus morreu por mim; como pois morreu Êle? Questão profundamente desconcertante, compreende-se, para um cristão ao mesmo tempo cirurgião.

Para falar com franqueza, a autenticidade do Santo Sudário não tinha para mim desde o início senão uma importância bem secundária; ter-se-ia cometido grave êrro quer enfileirando-me entre seus partidários apaixonados como entre seus adversários encarniçados. Ainda hoje minha posição continua também imparcial porque, assim como o dizia S.S. o Papa Pio XI, existe em volta dêste pano sagrado bom número de mistérios. E estou longe de ter a certeza de que os sábios do porvir (não digo a Ciência, ignorando quem seja esta senhora) cheguem um dia a elucidá-los completamente.

Penso, atualmente ter-se tornado um absurdo e ser uma pretensão cientificamente insustentável, afirmar que estas impressões são obra de um falsário. Creio firmemente que êste Sudário encerrou o cadáver de Jesus e Sua divindade. Nisso creio como creio na gravitação universal e na gravidade. Nisso creio como se creê uma verdade científica, porque quadra com todos os nossos conhecimentos atuais. **Estou portanto pronto, completamente pronto, como se o deve estar em matéria de ciências, a abandonar ou a modificar em seus detalhes esta crença, se novos fatos indubitáveis vierem razoavelmente a isso me constranger.** Sòmente Deus conhece verdades absolutas, ou para melhor dizer, a Verdade; **Ele e aquêles a quem Lhe agradou revelar parcelas dela.**

Quanto ao Santo Sudário, recebi-o inicialmente com uma atitude cética, mas seus dizeres se me revelaram sempre sinceros e verídicos, mesmo quando eram, à primeira vista, um pouco difíceis de compreender. Assim pois fui tomado, pouco a pouco, por êle de uma ternura tôda particular, como uma excelente testemunha cuja cândida astúcia ou obscuridade podem por um momento vos desconcertar, mas da qual se tem tôda a certeza de que é uma testemunha da mais profunda honestidade.

Ouvi a mesma ternura espontâneamente manifestada por um homem, a quem suas disciplinas históricas faziam antes pender para a inautenticidade, e a quem a leitura atenta das imagens emocionara, a ponto de o fazer crer, ser hoje em dia, impossível a hipótese de uma falsidade no Santo Sudário. Isto não o cegava mais do que a mim, sôbre a dificuldade nada pequena de provar cientificamente a autenticidade.

Peço pois vênha, ao terminar esta exposição objetiva, para apresentar de algum modo um balanço de nossos conhecimentos atuais.

Sabemos, sem sombra de dúvida, que as impressões do Santo Sudário não foram feitas por mão de homem, mas que se constituíram espontaneamente. — Não sabemos absolutamente, por ciência certa, como nem mesmo quando se produziram e se manifestaram, pelo menos no que concerne às impressões corporais. Quanto às imagens sanguíneas, mesmo prescindindo de qualquer confirmação físico-química eventual e desejável, creio poder afirmar, desde agora, que são elas a reprodução por contacto direto, i.e. o decalque dos coágulos sanguíneos formados naturalmente sôbre a superfície cutânea do Crucificado.

Já estudamos tudo isto suficientemente nos detalhes de modo que seria inútil tornar a insistir. Desejaria simplesmente resumir os fatos que mais me impressionaram como exigindo imperiosamente a autenticidade do Santo Sudário. Uns são de ordem geral, e, sobretudo, impressões fotográficas; outros são anátomo-fisiológicos. Compreende-se que êstes últimos me haveriam de tocar mais especialmente, no ponto sensível. E, o que me parece mais importante, tenho o dever de os colocar ainda mais claramente em relevo, em benefício dos não especialistas.

Os primeiros, fotográficos, se resumem fãcilmente. As impressões fotográficas têm todos os caracteres de um **perfeito negativo**

fotográfico. Ora, a própria noção de negativo era desconhecida e mesmo inconcebível no século XIV. Até pintores modernos, tendo à sua disposição os conhecimentos da arte fotográfica, não conseguiram fazer uma cópia exata do Santo Sudário. Quanto à tola hipótese da inversão de um positivo originário em negativo, não resiste ao exame.

Não há o menor traço de pintura nem sequer nas fotografias obtidas em grandes ampliações diretas; toda a gama dos claros-escuros é obtida por simples coloração individual dos fios de linho. Uma pintura, por seu lado se revela incapaz de obter gradações de semelhante fineza. Somente a natureza as pode produzir, como por exemplo no fenômeno fotográfico. Que se leiam, para ulteriores detalhes, as conclusões de Enrie, no capítulo I (E, 2.º).

Acrescentemos que o corpo e, sobretudo, a face do Santo Sudário têm um caráter impessoal, sem relação alguma com qualquer estilo pictórico. E, na realidade, nenhuma pintura do século XIV, nem sequer de longe, os lembra nem se aproxima de sua perfeição.

Neste ponto de vista, artístico, muito aconselho consultar-se o belo trabalho de Vignon ("Le Saint Suaire", Paris, ed. Masson, 1938), sobre a provável autoria da Santa Face do Sudário, nos pintores antigos, sobretudo bizantinos. Existe ali u'a mina de documentos muito sugestivos que explorou, depois de Vignon, Cechelli, de Roma.

Por fim lembremos que o cadáver do Santo Sudário, está completamente nu. Pintor algum jamais ousou representá-lo assim. E, com muito mais razão, um falsário não teria tido a audácia de o fazer sobre u'a mortalha que ia apresentar à veneração pública dos fiéis.

Vejam agora as imagens sanguíneas. Notemos que parecem elas, em sua maior parte, anormais, estranhas, diferentes da iconografia tradicional, que contrariam, na maioria dos casos. Ora, a experimentação me provou que são todas elas estritamente conformes à realidade. É o costume artístico, fruto (de resto legítimo) da imaginação, que está sempre no erro. Um falsário teria naturalmente obedecido a esta tradição e teria tomado muito cuidado em não inovar de maneira tão perigosa para o bom resultado da fraude. Passemos rapidamente em revista estas anomalias revolucionárias.

As chagas da flagelação têm um realismo, uma abundância, uma tal conformidade aos dados arqueológicos, que ficam em notável contraste com as pobres imaginações dos pintores de todos os tempos.

As hemorragias da corôa de espinhos e os coágulos por elas formados são de uma veracidade inimaginável. Relêde a descrição de um destes coágulos frontais no capítulo IV, D.

O transporte da cruz deixou vestígios perfeitamente conformes à observação que tive ocasião de fazer *in vivo*. Quem jamais nisso pensou, senão um ou outro místico? — E qual artista jamais imaginou aquelas chagas contusas da face e aquela fratura da cartilagem dorsal do nariz?

A mão está perfurada na altura do carpo, única região onde o cravo poderia sustentar sólidamente o peso do corpo. Antes do conhecimento do Santo Sudário, estava o cravo sempre localizado na palma.

O polegar está em oposição na palma. E a experiência veio provar que não poderia ficar estendido.

Um pintor teria naturalmente mostrado as quatro chagas: dos dois pés e das duas mãos, mas só se vêem duas no Santo Sudário.

O sangue escorreu do carpo segundo a vertical. E, descoberta de gênio para um falsário, há dois fluxos afastando-se em ângulo agudo; o que é indispensável quando se conhecem as alternativas de soerguimento e de abatimento na luta contra a tetania asfixiante.

A chaga do coração está colocada no lado direito. É de resto a representação mais freqüente, ainda bem que corresponde à realidade! Mas, nem a tradição sabia o por que e muito menos o suposto falsário; nem que um golpe no lado esquerdo, nos ventrículos, não teria podido dar o sangue que está contido na aurícula somente. Mas, sobretudo, estavam eles bem impregnados desta falsa idéia de que não há sangue líquido num cadáver. Era então um milagre? Na verdade, bem grande milagre para justificar aquêla grande coágulo anterior.

Por que também aquela hemorragia haveria de deixar um coágulo irregular, recortado em ameas? O falsário, tão perito (como sagaz anatomista) teria também pensado nas digitações do músculo grande-denteado?

Teria também previsto, ao pintar a hemorragia transversal posterior, que em posição horizontal o sangue, acumulado na pleura, iria refluir pela chaga do coração e escorrer transversalmente pelas costas, durante o transporte ao túmulo? Não foi recompensado por tantos esforços de imaginação, porque em 1598, Mons. Paleotto interpretou esta imagem estranha, como o vestígio de uma corrente que teria esfolado aquêles pobres rins!

Mas, prossigamos. Por que teria afastado o cotovelo direito mais que o esquerdo alongando, ao mesmo tempo, o braço e antebraço direitos? Seria verdadeiramente para que se pudesse explicar o contacto do Sudário com a chaga do coração que estava retirada?

Em todo o caso, êste pintor deve ter visto morrer crucificados, por asfixia tetânica, em inspiração forçada, para nos dar uma imagem tão impressionante: aquêla torax super-estendido com seus veitorais contraídos e salientes; aquelas bordas das costelas sobrelevadas ao extremo; aquela cavidade epigástrica cavada pela elevação das costelas, e não como o supõe Hynek, por contração do diafragma (músculo inspirador, o diafragma deveria soerguer o epigastria, mas não pôde aqui vencer esta depressão violenta por causa da dilatação do torax); aquela saliência do baixo ventre, que recalcam as vísceras comprimidas precisamente pelo diafragma contraído. Pintura admirável onde não há o menor deslize!

Deixemos de lado os detalhes minuciosos dos dois fluxos sucessivos na planta do pé direito, um em direção aos dedos outro em direção ao calcanhar.

Nem discutamos se o pintor teria querido nos apresentar por meio de alguns detalhes a morte por tetania, com incurvação anterior em "emprostótono" e tantas outras minúcias cujo catálogo incompleto vos entrego para que o termineis.

Todos êstes detalhes precisos e confirmados pela experiência como verídicos, já os estudamos um por um. Não são portanto "traços muito incertos" de que falam os adversários da autenticidade, sôbre os quais "evitamos deliberadamente nos deter". Não há pior cego do que aquêle que não quer ver!

Concluamos portanto que o suposto falsário, tão perfeito anatomista e fisiologista quanto excepcional artista, qualquer que seja a época em que se o queira fazer viver, é manifestamente, um gênio, de envergadura tal, que teria sido necessário que fôsse verdadeiramente feito de encomenda!

Voltemos agora à formação das imagens sanguíneas. Creio ter demonstrado um certo número de fatos.

É impossível obter imagens tão belas, de bordos tão nítidos como as do Sudário, com qualquer líquido colorante, ainda que fôsse sangue líquido.

Não há rio Sudário quase que nenhuma imagem de fluxos sanguíneos, como a representam os pintores. Por outro lado, não se pode pensar que o cadáver, esvaziado durante o transporte para o túmulo, pudesse ainda emitir quantidades notáveis de sangue no Sudário.

Tôdas as imagens sanguíneas são portanto decalques de coágulos frescos ou amolecidos pelo vapor de água, que emana naturalmente do cadáver, durante muito tempo.

As reproduções dos coágulos são de um natural e de uma verdade surpreendentes, até em seus menores detalhes. Não são executáveis a não ser pela natureza que, os tendo formado sôbre a pele, decalcou-os no tecido. São perfeitas reproduções de coágulos naturais. Artista algum teria podido imaginá-los em tôdas suas minúcias, antes de recuar perante as dificuldades insuperáveis da execução.

Estêve portanto, neste Sudário, um cadáver de crucificado. Teria sido um outro diferente de Jesus? Verdadeiramente tropeçamos aqui com a inverossimilhança e não perderemos tempo nisso. A maioria dos crucificados devia ter é verdade, quase todos êstes estigmas (inclusive a flagelação regulamentar e, em certos casos, o lanço). Mas, êste foi retirado de sua mortalha ao cabo de mui curto tempo: o pouco que já conhecemos sôbre as impressões, nos prova que uma exposição muito prolongada, ou pelo menos a putrefação, teria diluído e velado estas impressões negativas. — Além disto, por causa de qual outro crucificado teriam conservado tão piedosamente sua mortalha?

E ainda mais, qual foi o crucificado que sob o pretexto irônico de realza foi coroado de espinhos? A história só nos cita um: O dos Evangelhos.

Por fim, deixar-vos-ei contemplar com vagar esta Face admirável, onde, sob a máscara semita, transparece a Divindade. — Dir-me-eis, depois, qual o artista capaz de pintar uma outra que se lhe aproxime, com aquêlê caráter super-humano.

Aliás é bem possível, que a tradição certa dêste tipo de Cristo entre os artistas remonte a cópias antigas, mais ou menos bem interpretadas do próprio Santo Sudário, como o tentou demonstrar Vignon.

Na verdade, êste Homem bem que é o Filho de Deus.

Eis pois o resultado de minhas pesquisas, anatômicas e outras, sôbre as chagas de Jesus. Espero ter dado a impressão, de acôrdo com a realidade, que as empreendi com tôda independência de espírito, com a máxima objetividade científica. Comecei-as com certo cepticismo, pelo menos com uma dúvida cartesiana, para verificar as imagens do Santo Sudário; pronto para rejeitar-lhes a autenticidade se não quadrassem com a verdade anatômica.

Mas, muito pelo contrário, à medida que apareciam os fatos, vinham êstes se agrupar em um feixe de provas cada vez mais convincentes. Não sômente as imagens se explicavam por um natural e uma simplicidade que já lhes consagrava a veracidade, mas, quando apareciam, à primeira vista, anormais, a experiência vinha demonstrar que eram como o deviam ser, que não podiam ser diferentes nem tais como um falsário as teria feito seguindo as tradições iconográficas correntes. A anatomia dava, portanto, seu testemunho em favor da autenticidade, de pleno acôrdo com os textos evangélicos.

Possuimos pois o Sudário de Jesus Cristo com a imagem de seu corpo e os vestígios de seu sangue. É a relíquia mais insigne que existe no mundo, uma relíquia do corpo de Nosso Senhor. Para quem sabe lê-la e para quem é capaz de refletir, é a mais bela, a mais emocionante das meditações da Paixão. Perante esta imagem de Nosso Salvador, ainda enfeitada com as flores da Redenção, ainda tôda impregnada do Sangue Divino versado por nossos pecados, podemos verdadeiramente dizer, como após a comunhão: "tua vulnera considero, illud prae oculis habens quod iam in ore ponebat tuo David propheta de te, o bone Jesu: Foderunt manus meas et pedes meos, dinumeraverunt omnia ossa mea. — Considero tuas chagas, tendo diante dos olhos o que já colocava em tua bôca o profeta Davi, de ti, ó bom Jesus: Perfuraram-me as mãos e os pés, contaram todos meus ossos."

CAPÍTULO XII

A PAIXÃO CORPORAL DE JESUS

Escrevi esta meditação na festa da Circuncisão de 1940.

Se ainda existe uma lenda firmemente ancorada no espírito humano, essa é a da dureza do coração dos cirurgiões; o exercício, não é verdade?, amortece as sensações e este costume reforçado pela necessidade de um mal por um bem, nos coloca em um estado de serena insensibilidade. Isto é falso! Se nos enrijecemos contra a emoção que não deve nem aparecer nem mesmo, quando interior, entrar o ato cirúrgico (como o boxeador que, instintivamente, contrai o epigastro, quando espera um sôco), a compaixão nos fica sempre viva e mesmo se refina com a idade. Quando já se esteve inclinado durante anos sobre o sofrimento de outrem e quando já se o experimentou por si mesmo, está-se certamente mais perto da compaixão que da indiferença, porque se conhece melhor a dor, porque se conhece melhor a causa e os efeitos.

Assim pois, um cirurgião que já tenha meditado sobre os sofrimentos da Paixão, que já lhe tenha analisado os tempos e as circunstâncias fisiológicas, que já se tenha aplicado a reconstituir metódicamente todas as etapas desse martírio de uma noite e de um dia, poderá melhor que o pregador mais eloquente, melhor que o mais santo dos ascetas (deixando de lado os que disso tiveram diretas visões, e esses se aniquilavam com elas), **compadecer**, i. e., padecer com os sofrimentos de Cristo. E vos posso assegurar que é penosíssimo. Quanto a mim, cheguei ao ponto de nem sequer ousar pensar nêles. É fraqueza, sem dúvida alguma, mas creio que será necessário ter uma virtude heróica ou nada compreender de tudo isto, que se deve ser um santo ou um inconsciente para fazer uma Via-Sacra. Eu, não o posso mais.

E foi, no entanto, justamente esta Via-Sacra que me pediram para escrever; apesar de tudo não quero recusar-me porque estou seguro de que isto deverá fazer bem a muitos. **O bone et dulcissime Jesu**, ó bom e dulcíssimo Jesus, socorrei-me! Vós, que os suportastes, fazei que eu saiba explicar bem esses vossos sofrimentos. Talvez esforçando-me por me conservar objetivo, opondo à emoção minha "insensibilidade" cirúrgica, talvez então possa chegar ao fim. Se me encontrareis a solução antes do fim, meu bom amigo leitor, segue meu exemplo sem pejo; é que tudo compreendeste. Segue-me pois: teremos por guias os Livros Sagrados e o Santo Sudário cuja autenticidade me foi demonstrada por seu estudo científico.

A Paixão, na verdade, começou no dia de Natal, pois que Jesus em sua omnisciência, soube sempre, sempre viu e quis os sofrimentos que aguardavam sua Humanidade. O primeiro sangue derramado por nós foi o da Circuncisão, oito dias após o Natal. Bem se pode imaginar o que será para um homem a previsão exata de seu martírio.

Com efeito, é no Getsêmani que vai começar o holocausto. Jesus, tendo feito os Seus comerem Sua carne e beberem o Seu sangue os conduz noite a dentro para o Jardim das Oliveiras, como de costume. Deixa-os se acomodarem perto da entrada, conduz um pouco mais além Seus três íntimos, afasta-se à distância de uma pedrada, para se preparar orando. Sabe que Sua hora está chegando. Ele próprio enviara o traidor de Karioth: **quod facis, fac citius** (o que vâis fazer, faze-o logo, João, 13, 27). Tem pressa de o terminar e o quer. Mas, como revestira Ele, ao se incarnar, esta forma de escravo que é a nossa humanidade, revolta-se esta, e dá-se tôda a tragédia de uma luta entre Sua Vontade e a natureza: "**Coepit pavere et taedere** — Começou a ter pavor e a angustiar-se". Marcos, 14, 33.

Contém esta taça, que deve beber, duas amarguras: A primeira é o ter que assumir os pecados dos homens, Ele o Justo, para resgatar seus irmãos e é, sem dúvida, o mais duro: uma prova que não podemos imaginar, porque os mais santos, dentre nós, são precisamente os que mais sentem sua própria indignidade e sua infâmia. Talvez possamos compreender melhor a previsão, a pregustação das torturas físicas, que já experimenta Ele, por pensamentos; no entanto, não temos experimentado senão o arrepio retrospectivo de sofrimentos passados. É qualquer cousa de indizível. "**Pater, si vis, transfer calicem istum a me; verumtamen, non mea voluntas, sed tua fiat** — Pai, se queres, afasta de mim este cálice, no entanto, que não se faça a minha vontade mas a tua!" (Lucas, 22, 42). É sua humanidade que fala... e que se submete, porque sua Divindade sabe o que quer, desde tôda a eternidade; o Homem está num bêco sem saída. Seus três fiéis adormeceram "**prae tristitia** — de tristeza" (Lucas, 22, 45), diz S. Lucas. Pobres homens!

A luta é simplesmente espantosa; um anjo vem reconfortá-lo, mas, ao mesmo tempo, parece receber sua aceitação. "**Et factus in agonia, prolixius orabat. Et factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis decurrentis in terram.** — E se encontrando em agonia, orava com mais instância. E seu suor tornou-se como que coágulos de sangue caindo pelo chão" (Lucas 22, 44). É o suor de sangue que alguns exegetas racionalistas, farejando algum milagre, taxaram de simbólico. É curioso verificar quantas asneiras êsses materialistas modernos são capazes de dizer em matéria científica. Notemos que o único evangelista que relata o fato é um médico. E nosso venerado confrade Lucas, "**medicus carissimus**" como o chama S. Paulo em sua carta aos Colossenses, o faz com a precisão e concisão de um bom clínico. A **hematidrose** é fenômeno raro mas bem descrito. Aparece segundo o Dr. Le Bec "em condições completamente especiais: uma grande debilidade física,

acompanhada de um abalo moral, seguido de profunda emoção, de grande médo" ("Le Supplice de la Croix". Paris, 1925, loc. cit.) (*et coepit pavere et taedere*). O médo, o terror e o abalo moral estão aqui, no auge. É o que Lucas exprime por "agonia" que em grego significa luta, ansiedade, angústia. "E o suor tornou-se como coágulos de sangue caindo por terra". Para que explicar o fenómeno? Uma vasodilatação intensa de capilares subcutâneos que se rompem em contacto com os fundos-de-saco de milhões de glândulas sudoríparas. O sangue se mistura ao suor e se coagula na pele após a exsudação. É esta mistura de suor e de coágulos que se reúne e escorre por todo o corpo em quantidade suficiente para cair por terra. Notai que essa hemorragia microscópica se produz em toda a pele, que fica por tanto atingida e prejudicada em seu conjunto e, de algum modo, dolorida, e mais sensível para todos os golpes futuros. Mas, passemos adiante.

Eis Judas e os esbirros do Sinédrio, armados com espadas e paus, trazem também lanternas e cordas. Lá está, igualmente, a coorte dos soldados do Templo, comandada por seu tribuno. Bem que se havia tomado precaução de alertar os Romanos e a coorte da Antônia. Sua vez de atuar só viria mais tarde, quando os Judeus, depois de pronunciada sua sentença, a tiveram feito homologar pelo Procurador. Jesus se adianta, uma sua palavra é suficiente para derrubar Seus agressores, derradeira manifestação de Seu poder, antes que se abandone à Vontade Divina. O ardoroso Pedro aproveitou da ocasião para deceptar a orelha de Malcos e, último milagre, Jesus sarou-a.

Mas o bando ululante se refez, prendeu o Messias, arrastou-O sem delicadeza alguma, bem o podemos conjeturar, deixando fugir os comparsas. É o abandono, pelo menos aparente. Sabe Jesus muito bem que Pedro e João O seguem "a longe — de longe" (Marc. 15, 54; João 19, 15) e que Marcos não escaparia à prisão a não ser fugindo nu, deixando nas mãos dos guardas, o "sindon" com que estava envolvido.

Mas, ei-los agora diante de Caifás e do Sinédrio. É noite avançada, não se pode tratar senão de uma instrução preliminar. Jesus se recusa responder: Sua doutrina, a pregara abertamente. Caifás está desorientado, furioso, e um de seus guardas traduzindo este despeito, aplica um grande tapa no rosto do réu: "sic respondes pontifici! — É assim que respondes ao Pontífice!" (João, 18, 22).

Isto nada vale como processo. É necessário aguardar a manhã para ouvirem as testemunhas. Jesus é arrastado para fora da sala, no pátio vê Pedro que acabara de O renegar por três vézes, e com um olhar o perdôa. Arrastam-no então para algum dos compartimentos inferiores (destinados ao pessoal de serviço e guardas) e ali a canalha de esbirros vai-se entregar de coração alegre a tirar sua desforra contra esse falso profeta (devidamente amarrado) que, há pouquinho, os lançara por terra por desconhecido sortilégio. Enchem-no de bofetadas e de sócos, escarram-Lhe no rosto e, uma vez que também não mais poderiam dormir, aproveitariam para uma diversãozinha. Eis que colocam um véu sobre Sua cabeça, e cada um, ali irá dar seu golpe; os tapas reboam (e estes

brutos têm a mão pesada!): “Profetiza, diz-nos, ó Cristo, quem te bateu”. Seu corpo já está completamente dolorido, a cabeça sóa como um sino; sobrevêm vertigens... cala-se. Com uma única palavra poderia aniquilá-los “et non aperuit os suum — e não abriu a boca” (Isaias, 3, 7). Essa gentalha acaba por se fatigar e Jesus espera.

De manhã cedo, segunda audiência, lamentável desfilada de falsas testemunhas que nada provam. É necessário que Ele se condene a si próprio afirmando Sua filiação divina, e aquêle vil histrião, Caifás, proclama-O blasfemo rasgando as vestes. Oh! não vos preocupeis com o prejuizo das roupas, pois êstes bons judeus, prudentes e pouco inclinados a despesas, têm um rasgão preparado de antemão e ligeiramente costurado que pode servir grande número de vêzes. Não falta agora senão obter de Roma a condenação capital cuja alçada nos países sob seu protetorado, ficava reservada aos magistrados romanos.

Jesus já cansado de fadiga e completamente moído pelos golpes, vai ser arrastado ao outro extremo de Jerusalém, à cidade alta, à fortaleza Antônia, espécie de cidadela, de onde a majestade romana assegura a ordem nessa cidade, demasiadamente inclinada à efervescência. A glória de Roma está representada por um infeliz funcionário, simples cidadão romano da classe dos cavaleiros, muito feliz por exercer êste comando, que, no entanto era bem difícil por se tratar de um povo fanático, hostil e hipócrita; Pilatos é muito cioso no referente a suas atribuições, mas se sente agora acuado entre as ordens imperativas da metrópole e as ameaças insinuadas por êstes judeus que tantas vêzes têm mostrado estar em boas graças junto aos Imperadores. Em resumo, um pobre coitado. Só tem uma religião, se é que tem uma, a do Divus Caesar (O Divino Imperador). É o produto medíocre da civilização bárbara, da cultura materialista. Mas como querer-lhe mal? Ele é o que o fizeram ser, a vida de um homem tem para êle pouca importância, sobretudo, se êste não fôr cidadão romano. Não lhe ensinaram a compaixão, e só conhece um dever: manter a ordem. (Em Roma, pensam que isto é fácil!). Todos êstes judeus bulhentos, mentirosos e supersticiosos, com todos seus tabus e sua mania de se lavar por um nada, seu servilismo, insolência e aquelas pérfidas denúncias ao Ministério contra um Administrador colonial que faz tudo o que pode, tudo isto o desgosta. Despreza-os... e os teme.

Jesus, pelo contrário, (e no entanto, em que estado, aparecia diante dêle, coberto de equimoses e escarros!), Jesus se lhe impunha e lhe era simpático. Irá fazer tudo o que pode para arrancá-lo às garras daqueles energúmenos “et quarebat dimittere illum” — e esforçava-se por libertá-lo”, João, 19, 12 — esus é Galileu, enviemo-lo àquele patife que é Herodes que brinca com carrças e se julga uma delas”. — Mas, Jesus despreza essa raposa e não lhe responde uma única palavra. Ei-lo novamente de volta com a turba que vocifera e aquêles insuportáveis fariseus que gritam em um tom superagudo agitando suas barbichas. — “Odiosos par-

lamentares! Que fiquem fora, uma vez que se julgam manchados só pelo entrar em um pretório romano”.

Pôncio interroga este pobre homem que o interessa. Jesus não o despreza. Tem compaixão de sua ignorância invencível, responde-lhe com doçura e mesmo tenta instruí-lo. — “Ah! pensa êle, se fôsse apenas essa canalha que ulula do lado de fora, uma boa sortida da coorte faria rapidamente “cum gladio” (a poder de espada) calar os mais barulhentos. Não faz muito tempo que fiz massacrar no Templo alguns galileus um tanto excitados. Sim... mas êstes sinedristas sonsos já começam a insinuar que não sou amigo de Cesar e com isto não se brinca!. E depois, mehercle! (por Hércules!) que significam tôdas estas histórias de Rei dos Judeus, de Filho de Deus e de Messias?” — Se Pilatos tivesse lido as Escrituras, talvez fôsse um outro Nicodemos, porque também Nicodemos é um frouxo; mas é a covardia que vai romper as barreiras. — “Este homem é, sem dúvida, um justo: fá-lo-ei flagelar (oh, lógica romana!) talvez cheguem então a conceber êsses brutos alguma piedade”.

Mas eu também sou um covarde, pois se me atardo a defender êsse Quirites lamentável, não é senão para retardar minha dôr. “*Tunc ergo apprehendit Pilatus Jesus et flagellavit.* — Então tomou Pilatos a Jesus e O fêz flagelar”. (João, 19, 1).

Os soldados da guarda levam Jesus para o átrio do pretório e chamam a rebate tôda coorte; as distrações são raras neste país de ocupação. No entanto, várias vêzes manifestara o Senhor especial simpatia para com os militares. Como admirou a confiança e a humildade daquêle centurião e sua afetuosa solicitude para com o servo que recebeu o benefício da cura em atenção ao centurião. (Nada me tirará a convicção de que se tratava da ordenança dêsse tenente de infantaria colonial). E logo em seguida, será o centurião da guarda do Calvário que, por primeiro, proclamará sua Divindade. A coorte parece tomada de um delírio coletivo, o que Pilatos não prevêia. Ali estava Satanaz para lhes alimentar o ódio.

Mas, basta. Basta de discursos, pancadas sòmente; tratemos de ir até o fim. Despem-no e O amarram completamente nu a uma coluna do átrio. Os braços esticados para cima e os punhos amarrados no alto da coluna.

A flagelação se faz com correias múltiplas, nas quais vão fixados, a alguma distância da extremidade livre, duas balas de chumbo ou ossinhos. (É pelo menos a êste gênero de flagelo que correspondem os estigmas do Santo Sudário). A lei hebráica fixara o número de golpes em 39. Mas os carrascos são legionários desregrados, e irão até o limite da síncope. Com efeito os vestígios no Santo Sudário são inumeráveis e a maioria nas costas, pois a frente do corpo estava encostada à coluna. Podem ser vistos nas espáduas, costas, rins e também no peito. As chicotadas vão até às coxas e barrigas-das-pernas; e ali, a extremidade das correias, além das balas de chumbo, contorna o membro e vem marcar seu sulco até a face anterior das pernas.

Os carrascos são dois, um de cada lado, de estatura diferente como se pode deduzir pela orientação dos vestígios na Mortalha. Batem com golpes redobrados, com grande afinco. Aos primeiros golpes as correias deixam longos riscos azuis de equimose subcutânea. Lembrai-vos que a pele já está sensibilizada, dolorida pelos milhões de pequenas hemorragias intradérmicas do suor de sangue. As balas de chumbo marcam mais. Em seguida a pele, infiltrada de sangue, mais sensível, é dilacerada por novos golpes. O sangue jorra, pedaços se destacam e ficam pendentes. Tôda a face posterior não é outra cousa senão uma superfície vermelha sôbre a qual se destacam grandes vergões jaspeados; e, aqui e ali, em tôda a parte as chagas mais profundas das balas de chumbo. São aquelas chagas em forma de halteres (as duas balas com as correias entre elas) que se imprimiram no Sudário.

A cada golpe o corpo estremece com um sobressalto doloroso. Mas não abre a bôca e êste mutismo redobra a raiva satânica de Seus carrascos. Já não é mais a fria execução de uma ordem judiciária, é um desencadeamento de demônios. O sangue escorre das espáduas até o chão ficando as grandes lajes logo cobertas dêle, e quando se levantam os azorragues, se espalha em chuva até as vermelhas clâmides dos espectadores. Mas, cêdo as fôrças do suplício começam a desfalecer, um suor frio inunda Sua fronte, a cabeça Lhe gira com sensações de vertigem e náuseas, calafrios Lhe passam ao longo da espinha. Suas pernas se dobram sob Seu pêso e, se não estivesse ligado no alto pelos punhos, teria caído naquele lago de sangue. — “Seu número está completo, se bem que não o tenham contado. Mas afinal de contas não se recebeu a ordem do O matar sob o azorrague. Deixemo-LO se refazer, ainda poderemos nos divertir.”

— “Ah! êste grande pateta tem a pretensão de ser rei como se o pudesse ser sob as águias romanas, e ainda: rei dos Judeus, o cúmulo do ridículo! Tem aborrecimentos com seus vassallos; quanto a isto não importa, seremos nós seus fiéis. Depressa um manto, um cetro”. — Fazem-nO assentar sôbre uma base de coluna (não é muito sólida a majestade!). Uma velha clâmide de legionário sôbre as espáduas despidas conferir-Lhe-á a púrpura real, um grande caniço na mão direita, e estaria tudo pronto assim, se não faltasse ainda uma corôa, algo de original! Esta corôa, que nenhum outro crucificado usou, servirá para fazer reconhecê-LO até dezenove séculos depois. A um canto, um feixe daqueles arbustos que abundam nas capoeiras dos arredores da cidade. É flexível e tem compridos espinhos, muito mais compridos, mais agudos e mais duras que os da acácia. Começam a tecer com precaução (ui! como isto pica), uma espécie de fundo de cesta, que Lhe aplicam sôbre o crânio. Arrematam-Lhe as bordas com uma faixa de juncos torcidos com que encerram a cabeça entre a nuca e a testa.

Os espinhos penetram no couro cabeludo e isto sangra. (Nós os cirurgiões bem sabemos o quanto um couro cabeludo sangra). Logo o crânio fica todo pegajoso de tantos coágulos, compridos

filetes de sangue começam a escorrer pela testa por sob a faixa de juncos, ensopam os cabelos emaranhados e enchem a barba.

Começou a comédia da adoração. Cada um por sua vez vem dobrar o joelho diante d'Ele com espantosa careta seguida de um grande bofetão: "Salve, rei dos Judeus!". Mas, Ele, nada responde. Seu pobre rosto abatido e pálido continua imóvel. Mas não é tão engraçado! Exasperados, os fiéis vassalos Lhe escarram no rosto. "Não sabes segurar o cetro, toma". E, pan, um grande golpe no chapéu de espinhos que se enterra um pouco mais, e uma chuva de insultos. Não me lembro mais, seria um dos legionários, ou teria Ele recebido de um dos do sinédrio? mas vejo agora que uma forte paulada aplicada obliquamente deixou na face direita uma horrível chaga contusa, e que Seu grande nariz semita, tão nobre, ficou deformado por uma fratura da aresta cartilaginosa. Corre o sangue de suas narinas pelo bigode. É demais, meu Deus!

Mas eis que volta Pilatos, bastante inquieto pelo prisioneiro: — "Que terão feito d'Ele esses brutos? Ai! prepararam-n'O bastante bem. Se os judeus não ficarem contentes!... — Vai mostrar-lhes o prisioneiro, do balcão do pretório, em Seus novos trajés reais, bastante espantado éle próprio por sentir alguma compaixão por esse farrapo humano. Mas não levará em conta o ódio: "Tolle, crucifige! — Tira-O, crucifica-O!" (João, 19, 15). Ah! que demônios! E, para éle, o argumento mais terrível: "Éle se fêz rei, se o absolveres, não és amigo de Cesar". Então o covarde se entregou e lavou as mãos. No entanto, como mais tarde escreveria S. Agostinho, "não foste tu, Pilatos, que o mataste, mas sim os judeus, com suas afiadas línguas, e em comparação com eles tu és muito mais inocente" (Tr. super Psalmos, Ps. 63).

Arrancam-Lhe a clâmide que já estava colada a tôdas suas feridas. Torna o sangue a correr, tem Ele um grande calafrio. Fazem-no vestir de novo suas próprias roupas que logo se tingem de vermelho. **A cruz está pronta. Ele mesmo coloca o lenho sobre seu ombro direito.** Por qual milagre de energia pode Ele ainda continuar de pé sob êste fardo? Não é, na verdade, tôda a cruz, mas sómente o grande travessão horizontal, o **patibulum**, que deve Ele carregar até o Gólgota, mas êste mesmo pesa ainda cerca de 50 quilos. O braço vertical, o **stipes**, já estava plantado no Calvário.

Começa a marcha, pés descalços, pelas ruas de solo escabroso semeadas de pedregulhos. Preocupados, puxam os soldados pelas cordas que O ligam, sem saber se conseguirá chegar Ele até o fim. Dois ladrões O seguem, com o mesmo equipamento. O percurso não é, felizmente, muito comprido, cerca de 600 metros, a colina do Calvário está apenas do lado de fora da porta de Efraim. Mas em compensação o trajeto é muito acidentado, mesmo dentro dos muros. Jesus, penosamente, coloca um pé diante do outro, e com frequência cai. Cai sobre os joelhos que em pouco tempo não são outra coisa senão uma só chaga. Os soldados da escolta O reerguem, sem muito o brutalizar, pois percebem agora que poderá morrer no caminho.

Continua o travessão, em equilíbrio, sobre suas espáduas, a mortificá-las com suas asperosidades e parece querer nelas pene-

trar à força. Bem sei o que significa isto: já transportei outrora no 5.º de engenharia, dormentes de estrada de ferro, bem cepilhados e conheço esta sensação de penetração em uma espádua firme e sã. Mas, no Seu caso, o ombro estava coberto de chagas que se reabriam, se alargavam e se aprofundavam a cada passo. Está Ele esgotado. Em sua Túnica inconsútil, enorme mancha de sangue vai sempre aumentando e se estende até pelas costas. Cai ainda e desta vez completamente ao comprido, o travessão se Lhe escapa e Lhe esfola as costas. Conseguirá reerguer-se? Felizmente cruza por ali um homem, de regresso dos campos que estivera cultivando, Simão de Cirene, que, com seus filhos Alexandre e Rufo, será bem cêdo um bom cristão. Os soldados o requisitam para carregar o travessão, não o pedira o bom homem, mas como o fará bem! Apenas falta agora subir a ladeira do Gólgota e, penosamente, chega-se ao alto. Jesus cai, se prostra no solo e a crucifixão começa.

Oh! não é cousa tão complicada; os carrascos conhecem muito bem seu ofício. É necessário primeiro despi-l'O. Quanto às roupas externas, é ainda relativamente fácil. Mas quando chega a vez da túnica, intimamente colada a Suas chagas, por assim dizer a todo seu corpo, temos algo de terrível, êste despojamento é simplesmente atroz. Já tirastes algumas vêzes um primeiro curativo colocado sôbre grande chaga contusa e sôbre ela ressequida? Ou experimentastes talvez sôbre vós mesmos esta prova que, às vêzes, necessita a anestesia geral? Se sim, podereis então saber do que se trata. Cada fio de lã está colado à superfície despida, e cada um que é retirado dá a sensação de arrancar uma das inumeráveis terminações nervosas deixadas a descoberto na chaga. Estes milhares de choques dolorosos se adicionam e se multiplicam, aumentando cada um para o seguinte a sensibilidade do sistema nervoso. Ora, não se trata aqui de lesão local, mas de quase que tôda a superfície do corpo, e sobretudo daquelas lamentáveis costas. Os carrascos apressados fazem as cousas apressadamente. Talvez seja melhor assim, mas como aquela dôr pungente e atroz não acarreta a síncope? É porque do princípio ao fim domina Ele tôda Sua paixão e a dirige.

O sangue escorre de novo. Deitam-n'O de costas. Será que Lhe deixaram a pequena faixa que o pudor dos judeus conservava nos supliciados? Confesso que não o saberia dizer: tem isto, aliás, tão pouca importância; em todo o caso, na mortalha, ficará nu. As chagas das costas, das coxas e das panturrilhas se incrustam de poeira e de cascalho miúdo. Colocaram-n'O ao pé do "stipes", com as espáduas deitadas sôbre o "patibulum". Os carrascos tomam as medidas. Um golpe inicial para preparar os buracos dos cravos, e a horrível operação começa.

Um ajudante estica os braços, com a palma da mão voltada para cima; o carrasco toma o cravo (um comprido cravo pontudo e quadrado, que perto da grande cabeça, tem 8 (oito) mm de largura) assenta-lhe a ponta sôbre o punho, naquele vinco anterior, que tão bem conhece pela experiência. Uma única marretada, e o cravo já está fixado na madeira onde mais algumas outras acabam de fixá-lo sólida e definitivamente.

Jesus não gritou, mas seu rosto se contraiu horrivelmente. E, sobretudo, vi ao mesmo tempo, Seu polegar, com um movimento imperioso e violento colocar-se em oposição, na palma: o nervo mediano fôra atingido. Mas, então, ressurto o que experimentou Êle: uma dôr inenarrável, fulgurante que se espalhou por seus dedos, subiu como uma língua de fogo até a espádua e prorrompeu no cérebro. Bem sabemos que a dôr mais insuportável que um homem possa experimentar é a do ferimento de um dos grandes troncos nervosos. Quase sempre acarreta a síncope, o que é uma felicidade. No entanto, Jesus não quis perder a consciência. Se ainda o nervo tivesse sido inteiramente decepado! Mas, qual nada, sei-o por experiência, fica apenas parcialmente destruído; a chaga dêsse tronco nervoso continua em contacto com o cravo, e, logo em seguida, quando o corpo fôr suspenso ficará o nervo fortemente distendido como uma corda de violino em seu cavalete. Vibrará êle a cada abalo e a cada movimento, renovando a horrível dôr. — Jesus experimentará isto, ainda durante três horas.

O outro braço foi puxado pelo ajudante; os mesmos gestos de então se repetem e as mesmas dores. Mas, desta vez, consideremo-lo bem, Êle sabe pela experiência o que O aguarda. Está agora fixado sôbre o patíbulo, ao qual ficam bem encostadas as duas espáduas e os dois braços. Já tem a forma de cruz; como Êle é grande!

— “Vamos, de pé!”. O carrasco e seu ajudante empunham as extremidades do patíbulo e erguem o condenado, fazendo-O sentar-se, primeiro, e depois fazendo ficar de pé para em seguida obrigarem-no a recuar até o poste, mas o fazem aos safanões que repercutem nas duas mãos cravadas (oh! seus nervos medianos!). Com um grande esforço, de braços erguidos, pois o “stipes” não é muito alto, rapidamente pois é bem pesado, engancham hábilmente o patíbulo no alto do “stipes”, onde mais alguns pregos fixam o “titulus” escrito nas três línguas, hebraico, grego e latim.

O corpo, apoiando-se sôbre os braços que se alongaram obliquamente, se abaixou um pouco. As espáduas, feridas pelos açoites e pelo transporte da cruz, roçaram dolorosamente a madeira áspera. A nuca, que dominava o patíbulo, nêle bateu ao passar, para se deter no alto da estaca. As agudas pontas do grande chapéu de espinhos dilaceraram o crânio mais profundamente ainda. Sua pobre cabeça pende agora para a frente, porque a espessura de sua corôa impede de repousar sôbre a madeira, e, cada vez, que a ergue renova as picadas.

O corpo, pendente, não está sustentado senão pelos cravos plantados nos dois carpos (oh, os medianos!). Assim poderia se sustentar sem mais nada. O corpo não se desloca para a frente. Mas a regra é de fixar os pés. Para isto não há necessidade de consola, basta dobrar um pouco os joelhos e estender os pés com a sola sôbre a madeira do “stipes”. Uma vez que é inútil, para que dar trabalho a um carpinteiro? Não seria, sem dúvida, para aliviar o sofrimento do crucificado. O pé esquerdo está de cheio sôbre a cruz. Com uma única martelada o cravo se enterra plenamente pelo meio (entre o 2.º e o 3.º metatarsiano). O ajudante

dobra também o outro joelho e o carrasco, levando o pé esquerdo para cima do direito, que o ajudante sustenta de cheio sobre a madeira, com uma segunda martelada, perfura este outro pé na mesma região. Tudo isso se faz facilmente e, em seguida, com grandes e firmes golpes finca o cravo no lenho. Agora, obrigado, meu Deus, nada mais senão uma dor bem banal, mas o suplício apenas começa. Com dois homens, o trabalho não deve ter durado muito mais do que dois minutos, e as chagas estão sangrando muito pouco. Passam então a se ocupar dos dois ladrões e, em breve os três cadafalsos ficaram prontos e guarnecidos diante da cidade descida.

Não escutemos todos esses judeus triunfantes que insultam seus sofrimentos. Ele já os perdeu porque não sabem o que fazem. O corpo de Jesus, primeiro decaiu. Após tantas torturas, para um corpo esgotado, esta imobilidade parece quase que um repouso, coincidindo com uma baixa de Sua resistência vital. Mas **Ele tem sede.** Oh! não o dissera ainda; antes de se deitar sobre o pelourinho, recusara a poção analgésica, vinho misturado com mirra e com fel que Lhe prepararam as caridosas mulheres de Jerusalém. Ele quer o sofrimento inteiro, e sabe que o dominará. Tem sede. Sim. "**Adhocsit lingua mea faucibus meis — aderi minha língua a meu palato**" (Salmo, 21, 6). Nada comera nem bebera desde a véspera de tarde. Já é meio dia. O suor do Getsêmani, todas as fadigas de durante a noite, a considerável hemorragia do pretório com todas as outras, inclusive mesmo este pouco de sangue que agora corre de suas chagas, tudo isso subtraiu-Lhe boa parte de Sua massa sanguínea. Tem sede. Suas feições estão abatidas, a fisionomia lívida está sulcada de sangue que se coagula por toda a parte. A boca está entre-aberta e o lábio inferior já começou a pender! Um pouco de saliva escorre, pela barba, misturada ao sangue proveniente do nariz contundido. A garganta está seca e abrasada, nem mais consegue deglutir. Tem sede. Neste rosto tumefacto, todo sangrento e deformado, como poderíamos reconhecer o mais belo dos filhos dos homens? "**Vermis sum et non homo — Sou um verme e não homem**" (Salmo, 21, 6). Esse rosto seria hediondo se nele não se visse, apesar de tudo, resplandecer a majestade serena do Deus que quer salvar Seus irmãos. Tem sede. Daqui há pouco o dirá para cumprir as escrituras. E um grande idiota de soldado disfarçando a própria compaixão sob zombarias embebe uma esponja de posca acidulada (acetum, dizem os Evangelhos) e Lha apresentará na extremidade do dardo. Será que vai beber pelo menos uma gôta? Já se disse que o fato de beber determina, entre estes pobres supliciados, uma síncope mortal. Como após ter recebido a esponja, poderá ele então falar ainda duas ou três vezes? Não, não, Ele morrerá à sua hora. Tem sede.

E isto apenas começara. Mas ao cabo de uns poucos instantes, produz-se um fenômeno estranho. Os músculos dos braços se enrijecem espontaneamente por uma contração que irá se acentuando cada vez mais; os deltóides, os bíceps estão entesados e salientes os dedos se crispam. **Caimbras!** Quem ainda não sentiu, pouco

ou muito esta dôr progressiva e aguda em uma barriga da perna, entre duas costelas, um pouco por tôda a parte? É necessário deixar tudo para distender e alongar o músculo contraído. Mas olhemos! Eis agora, nas coxas e pernas, as mesmas saliências monstruosas, rígidas, e os dedos dos pés que se crispam também. Dir-e-ia um ferido tomado pelo tétano, prêsa a estas terríveis crises, que não se pode mais esquecer. É o que chamamos a tetania, quando as caimbras se generalizam, e eis que apareceu. Os músculos do ventre se enrijecem como em ondas congeladas, depois os intercostais, em seguida os músculos do pescoço e os músculos respiratórios. A respiração tornou-se a pouco e pouco mais curta, superficial. As costelas já elevadas pela tração dos braços, ainda se sobrelevam; o epigastro se cava e também o mesmo acontece com as covas das clavículas. O ar penetra sibilando, mas quase não sai mais. Respira só no alto, inspira um pouco e não mais consegue expirar. Tem sede de ar. (Parece um asmático em plena crise). O rosto pálido pouco a pouco fica corado, vermelho, passa ao violeta púrpura e em seguida ao azul. É a asfixia. Os pulmões fartos de ar não conseguem se esvaziar. A testa se cobre de suor, os olhos fora das órbitas se reviram. Que dôr atroz deve martelar seu crânio! Vai morrer. Tanto melhor! Já não sofreu então Ele bastante?

Mas, não, sua hora ainda não chegou. Nem a sede, nem a hemorragia, nem a asfixia, nem a dôr terão poder sôbre o Deus Salvador e embora morra com êstes sintomas, não morrerá verdadeiramente a não ser porque o quis "*habens in potestate ponere animam suam et recipere eam* — tendo o poder de depôr sua vida e de retomá-la". (S. Agostinho, *Trat. sôbre os Salmos*, Salmo 63, ad vers. 3). E será por isto que Ele ressuscitará. Aleluia!

Que estará agora acontecendo? Lentamente, com um esforço sobrehumano, tomou ponto de apôio sôbre o cravo dos pés, sim! sôbre as duas chagas. Os tornozelos e os joelhos, a pouco e pouco, se estendem e o corpo, a arrancões, se ergue, aliviando assim a tração dos braços (tração que era de mais de 90 quilos para cada mão). Então, eis que o fenômeno diminue por si mesmo, a tetania regride, os músculos se distendem, pelo menos os do peito. A respiração torna-se mais ampla e mais profunda, os pulmões se desenfartam e, dentro de pouco, o rosto retoma sua palidez anterior.

Por que todo êste esforço? É que nos quer falar: "*Pater dimitte illes — Meu Pai, perdoá-os*" (Lucas, 23, 34). Oh, sim, que nos perdôe a nós que somos seus carrascos. Mas, ao cabo de um instante. Seu corpo começa a descer de novo... e a tetania vai recommençar. Cada vez que falar (foram-nos conservadas pelo menos 7 dessas frases) e cada vez que quiser respirar, ser-Lhe-á necessário reerguer-se, para poder tomar hálito, mantendo-se de pé sôbre o cravo dos pés. É cada movimento retine em suas mãos em dores inenarráveis (oh, seus nervos medianos!). É a asfixia periódica do infeliz que fôsse estrangulado por alguém que lhe permitisse retomar fôlego antes de morrer, para o tornar a sufocar, várias vêzes. Não poderá Ele escapar a essa asfixia a não ser por um

momento, ao preço de sofrimento atrozes e por um ato voluntário. E isso vai durar três horas. Mas, morrei então, meu Deus!

Ali estarei eu ao pé da cruz, com Sua Mãe e João e as santas mulheres que O serviam. O centurião, um pouco à parte, observa com uma atenção já agora respeitosa. Entre duas asfixias se ergue êle e fala: "Filho, eis tua Mãe". Oh, sim, querida Mamãe, que desde êsse dia nos adotastes! Pouco depois êsse pobre ladrão consegue que lhe abram o paraíso. Mas, quando então morrereis vós, Senhor?

Bem o sei, a Ressurreição Pascal vos espera e vosso corpo não apodrecerá como os nossos. Está escrito: "*Non dabis sanctum tuum videre corruptionem* — Não permitirás teu Santo experimentar a corrupção" (Salmo, 15, 10). Mas, meu pobre Jesus (perdoai o cirurgião), tôdas as vossas chagas estão infectadas e, pelo menos, essas se corromperão em pouco tempo. Vejo distintamente reçumar uma linfa amarelada e transparente que se reúne nos pontos inclinados em uma crosta amarelada. Nas mais antigas já vão se formando falsas membranas, que segregam um pus seroso. Está também escrito: "*Putruerunt et corruptae sunt cicatrices meae* — Minhas chagas se infeccionaram e supuraram". (Salmo, 37, 5).

Um enxame de moscas terríveis, grandes moscas de côr verde e azul, como se costuma ver nos matadouros e carneiros turbilhonam em volta de Seu corpo; e, bruscamente se abatem elas sôbre uma ou outra de suas chagas, para sugar-lhe a serosidade e ali depositar seus ovos. Elas se encarniçam sôbre o rosto, impossível repeli-las. Por felicidade, depois de algum tempo, o céu se obscurece, o sol se esconde, faz de repente muito frio e estas filhas de Beelzebub abandonam pouco a pouco o terreno.

Lentamente, passaram-se 3 horas. Enfim! Jesus luta sempre. De vez em quando, se ergue. Tôdas as dôres, a sêde, as caimbras, a asfixia, e as vibrações de seus dois nervos medianos não conseguiram arrancar-Lhe um único gemido. Mas, se seus amigos lá estão, Seu Pai, e esta será a última provação, Seu Pai parece tê-lo abandonado. "Eli, Eli iamma sabachtani?" — Meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste?" (Mateus, 27, 46; Marcos, 16, 34; Salmo, 21, 1).

Agora, sabe que se vai. Brada: "*Consummatum est* — Está terminado". João, 19, 30. A taça está agora vazia, terminara sua missão. Depois, erguendo-se de novo e como que para nos fazer compreender que morria por sua própria e expontânea vontade "*iterum clamans voce magna* — exclamando de novo com voz potente". (Mat., 21, 50): "Meu Pai, diz êle, em vossas mãos deposito minha alma — (Lucas, 23, 46) (*habens in potestate ponere animam suam*). Morreu quando quis. E que não mais me falem de teorias filosóficas!

"*Laudato si Missignore per sora nostra morte corporale*" — "Louvado sejas meu Senhor pela nossa irmã a morte corporal" (Cântico das criaturas, S. Francisco de Assis). Ó, sim, Senhor sêde louvado, por vos terdes dignado morrer. Porque já não mais vos podíamos acompanhar. Agora está tudo bem. Em um último suspiro, lentamente Vossa cabeça se inclinou pendente em direção

a mim, direita diante de Vós, Vosso queixo sôbre o esterno. Vejo agora bem de frente Vossa fisionomia distendida, serena de novo, que apesar de tantos horrendos estigmas ilumina a majestade muito doce do Deus que sempre ali está. Prosto-me de joelhos diante de Vós, beijando Vossos pés perfurados, de onde o sangue corre ainda, indo se coagular nas extremidades. A rigidez cadavérica Vos invadiu brutalmente, de Vós se apoderou como de cervo cansado pela carreira. Vossas pernas estão duras como o aço... e escaldantes. Que temperatura inaudita Vos causou esta tetania?

A terra tremeu, que me importia? e o sol se eclipsou. José foi requisitar Vosso corpo a Pilatos que não o recusará. Odeia êsses judeus que o forçaram a Vos assassinar. Aquêlê letreiro que ainda está por sôbre Vossa cabeça, proclama bem alto seu rancor: "Jesus, Rei dos Judeus", e crucificado como um escravo! Eis que parte o centurião para fazer seu relatório, depois de vos ter proclamado o bom homem, verdadeiro filho de Deus. Logo que voltar José com a autorização Vos faremos descer, o que, uma vez despregados os pés, não será tão difícil. José e Nicodemos desengancharão o travessão do "stipes". João, Vosso bem amado Vos levará pelos pés, dois outros, com um pano enrolado em forma de corda, Vos sustentaremos as costas. A mortalha já está pronta, sôbre uma pedra ali pertinho, defronte ao sepúlcro, e lá, com mais comodidade despregaremos Vossas mãos. Mas, quem vem lá?

Ah sim, os judeus; devem ter pedido a Pilatos que limpasse a colina dêsses cadafalsos que ofendem a vista e manchariam a festa de amanhã. Raça de víboras, que filtrais o mosquito e engulis o camêlo! Soldados quebram com fortes golpes dados com barras de ferro as coxas dos ladrões. Ficam agora lamentavelmente pendurados e como não mais poderão se erguer sôbre as pernas, a tetania e a asfixia acabarão com êles bem cedo.

Mas isso não será necessário para Vós! "Os non comminuetis ex eo — Não Lhe quebrareis nenhum de seus ossos" (João, 19, 36; Êxodo, 12, 46; Num. 9, 12). Deixai-nos pois em paz, não vêdes que êle já está morto? — Sem dúvida dizem êles. Mas que idéja teve um dêles? Com um gesto trágico e preciso ergueu a haste da lança e, com um único golpe oblíquo, mergulhou-a profundamente pelo lado direito. Oh! por quê? "E logo, da chaga saiu sangue e água". (João, 20, 34). João bem o viu e eu também, e não saberíamos mentir: uma grande golfada de sangue líquido e negro, que jorrou sôbre o soldado e agora corre lentamente pelo peito, ali se coagulando em camadas sucessivas. Mas, simultaneamente, muito mais visível nos bordos do fluxo, correu um líquido claro e límpido como a água. Vejamos, a chaga está abaixo e por fora do mamilo (5.º espaço) o golpe foi oblíquo. É, portanto, o sangue da aurícula direita e a água provém do pericárdio. Mas então, meu pobre Jesus, Vosso coração estava comprimido por êsse líquido e tinheis também além de tudo o mais, esta dôr angustiosa e cruel do coração apertado num tórno!

Não tinha sido bastante o que víramos? Foi então para que o soubéssemos, que êste homem cometeu sua estranha agressão?

Talvez também os judeus receiassem que não estivésseis morto, mas apenas desfalecido; Vossa ressurreição pedia por este testemunho. Obrigado, meu soldado, obrigado, Longinos, morrerás um dia, como mártir cristão.

E agora leitor, agradeçamos a Deus, que me deu a fôrça de escrever tudo isto até o fim, não sem lágrimas! Tôdas estas dôres espantosas, que acabamos de viver n'Ele, durante tôda a vida, já previra, premeditara e quisera em seu amor, para resgatar nossas faltas. "Oblatus est quia ipse voluit — Foi entregue porque Ele próprio o quis". (Isaias, 53, 7). Dirigiu tôda sua paixão sem evitar uma única tortura, aceitando suas conseqüências fisiológicas, mas sem ser dominado por elas. **Morreu quando, como e porque o quis.**

Jesus está em agonia até o fim dos tempos. É justo, é bom sofrer com Ele e, quando nos envia a dôr, agradecer-Lha, e associá-la à sua. É-nos necessário, como escreve S. Paulo, completar o que falta à Paixão de Cristo, e, como Maria, Sua Mãe e nossa Mãe, aceitar alegremente, fraternalmente nossa Compaixão.

Ó Jesus, que não tivestes compaixão de Vós mesmo, que sois Deus, tende piedade de mim que sou um pecador!

Laus Christo



† Livros Católicos para Download



GRAVURAS

Tódas as gravuras do Santo Sudário contidas neste trabalho, foram feitas das fotografias diretas e sem retoque tiradas na ostensão de 1931, pelo meu amigo Comendador G. Enrie, de Turim, fotógrafo oficial da Relíquia. Permita-me êle que lhe agradeça de todo coração a autorização dada, com sua habitual "gentilezza", para reproduzir aqui seus magníficos clichés. Os esquemas anatômicos são realizações do autor.



INDICE DAS GRAVURAS

Gravuras

- 1 — A colocação no Sudário. Miniatura de G. B. della Rovere.
- 2 — Metade anterior do Sudário. Prova fotográfica.
- 3 — Metade anterior do Sudário. Fac-símile do clichê.
- 4 — Metade posterior do Sudário. Prova fotográfica.
- 5 — Metade posterior do Sudário. — Fac-símile do clichê.
- 6 — Imagem anterior do Sudário. Parte superior.
- 7 — A mesma imagem. Fac-símile do clichê.
- 8 — As mãos do Sudário.
- 9 — Radiografia de frente de uma mão normal. Esquema.
- 10 — Face anterior de uma mão. Esquema anatómico.
- 11 — Radiografia de perfil de uma mão crucificada.
Radiografia de frente de uma mão crucificada.
- 12 — Esquema de radiografias de uma mão crucificada (frente e perfil).
- 13 — Imagem posterior do Sudário. Membros inferiores.
- 14 — Radiografia de perfil de um pé crucificado.
Radiografia de frente de um pé crucificado.
Esqueleto do pé visto do alto.
- 15 — Esquema de radiografia torácica.
- 16 — Corte horizontal do torax ao nível da chaga.
- 17 — Imagem posterior do Sudário. Cabeça e dorso.
- 18 — Crucifixo de Villandre. Frente.
- 19 — Crucifixo de Villandre. Perfil.
- 20 — Crucifixo de marfim, do começo do século XVII.
- 21 — Crucifixo que mostra o corpo erguendo-se sobre o cravo dos pés (madeira, talho direto. Claude Gruet, 1948).
- 21 — Cadáver crucificado. Frente.
- 22 — Cadáver crucificado. Perfil.
- 22 — Impressões de herbário. Volckringer. Impressão superior.
A mesma impressão. Fac-símile do clichê.
- 23 — Impressões de herbário. Volckringer. Impressão inferior.
A mesma impressão. Fac-símile do clichê.
- 24 — As manchas da Túnica de Argenteuil. Antônio Legrand.
Jesus em tetania e asfixia (madeira, talho direto. Dr. Barbet, 1950).

O SANTO SUDÁRIO



FIG 1 — A deposição no Sudário

Miniatura de G. B. della Rovere (século XVII), da Pinacoteca de Turim.

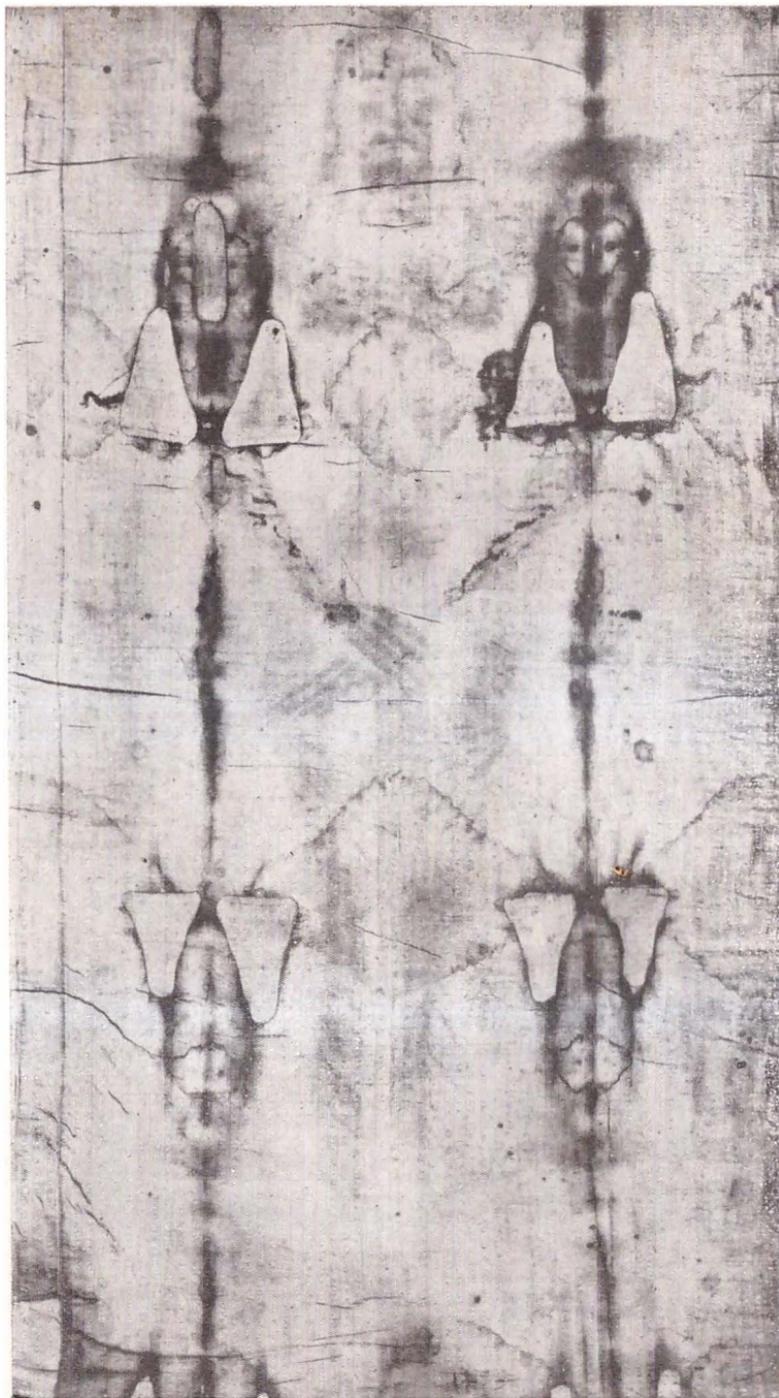


FIG. 2 — Metade anterior do Sudário

(Prova fotográfica)

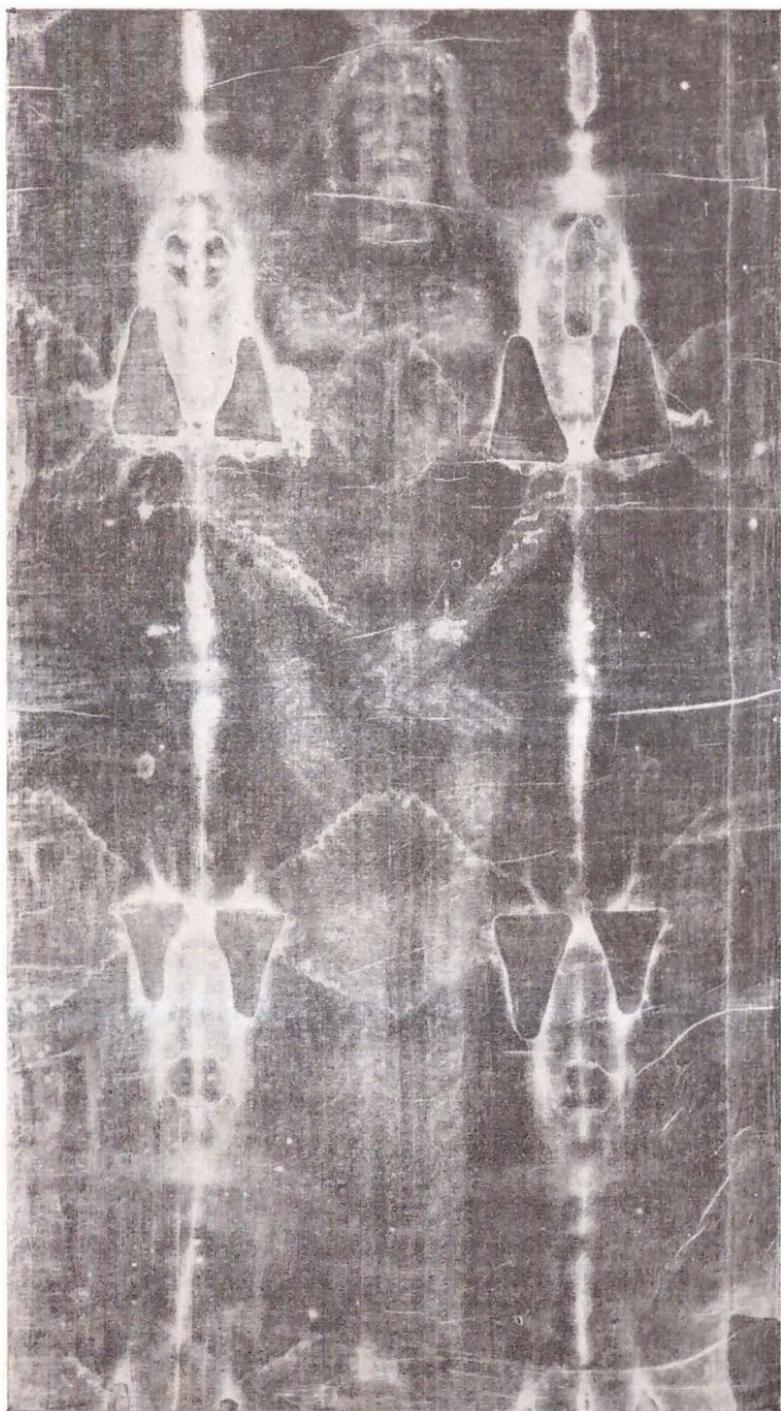


FIG. 3 — Metade anterior do Sudário
(Fac-símile da chapa)

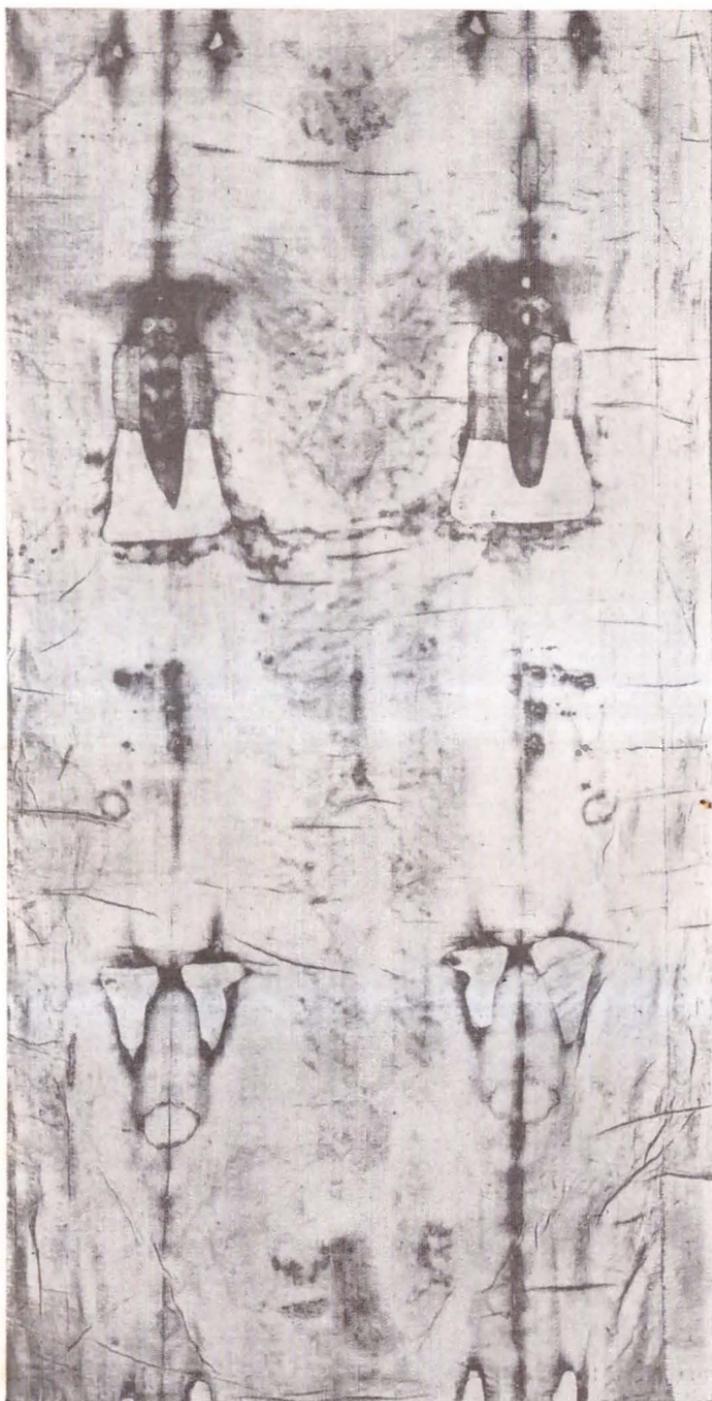


FIG. 4 — Metade posterior do Sudário

(Prova fotográfica)

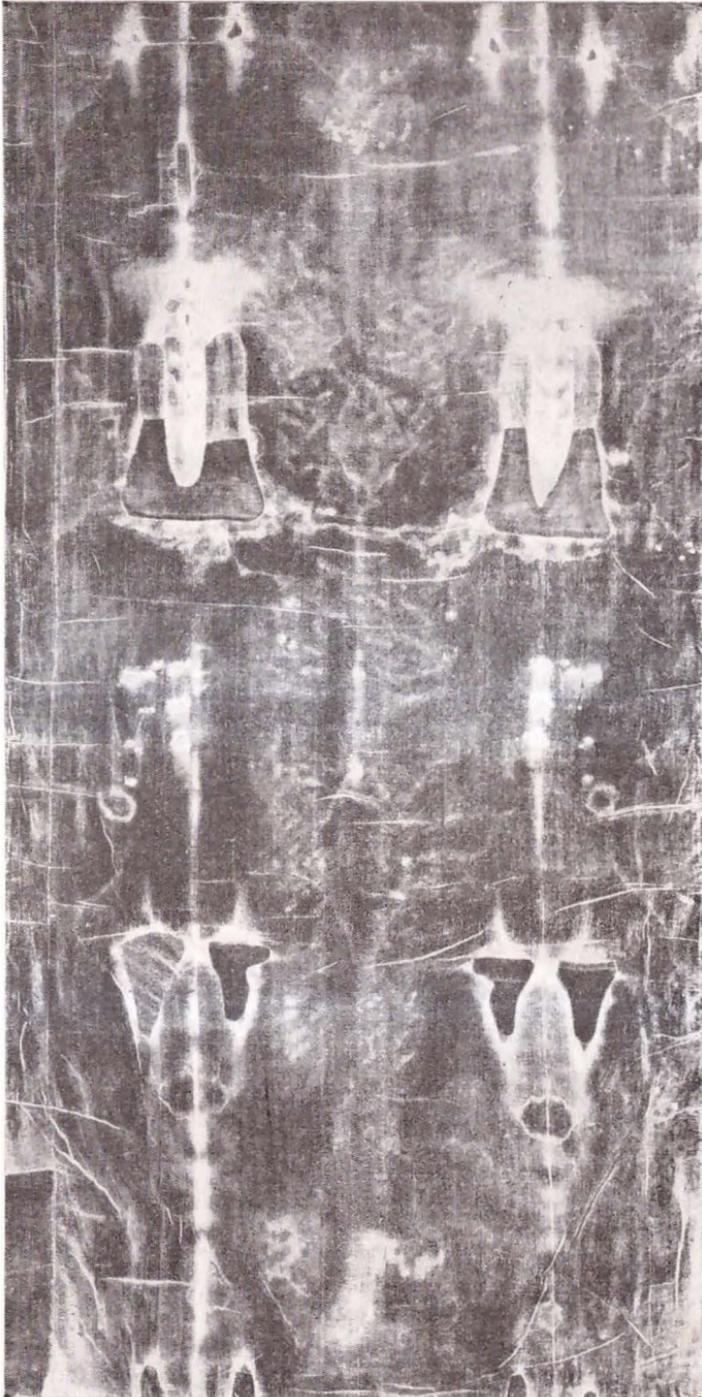


FIG. 5 — Metade posterior do Sudário
(Fac-simile da chapa)

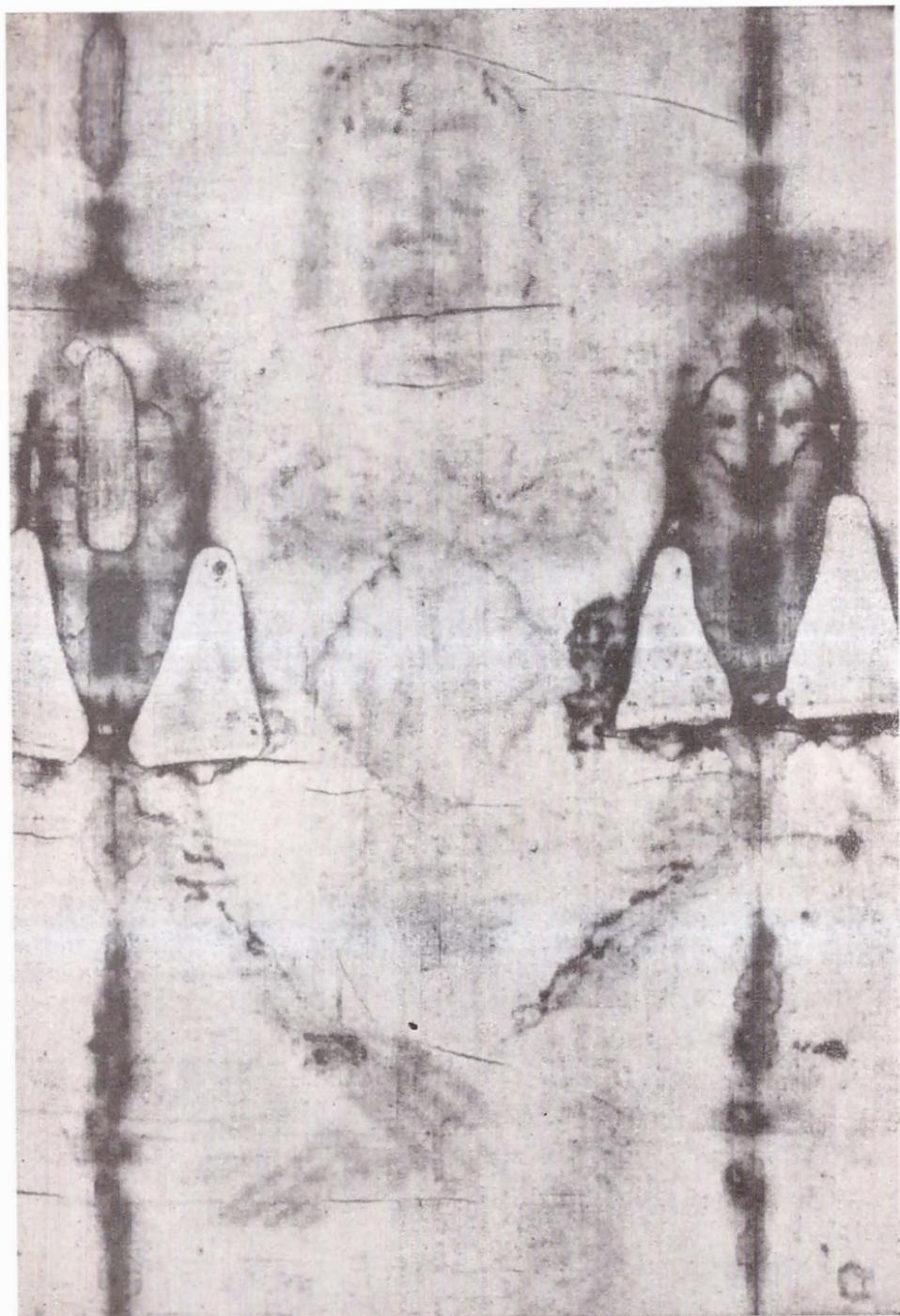


FIG. 6 — Imagem anterior do Sudário, parte superior
(Prova fotográfica)

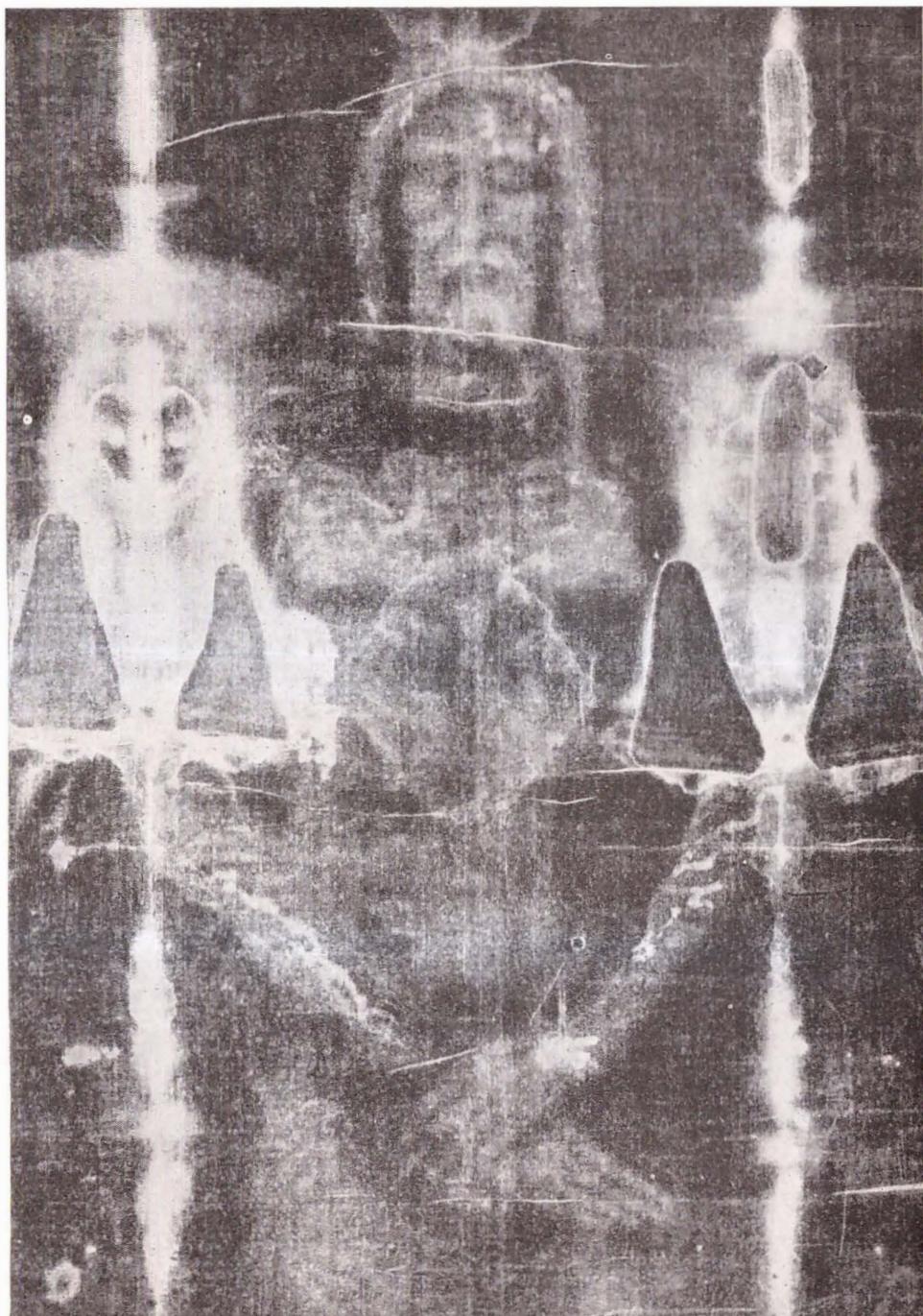


FIG. 7 — Imagem anterior do Sudário, parte superior
(Fac-símile da chapa)



FIG. 8 — As mãos do Sudário
(Prova fotográfica)

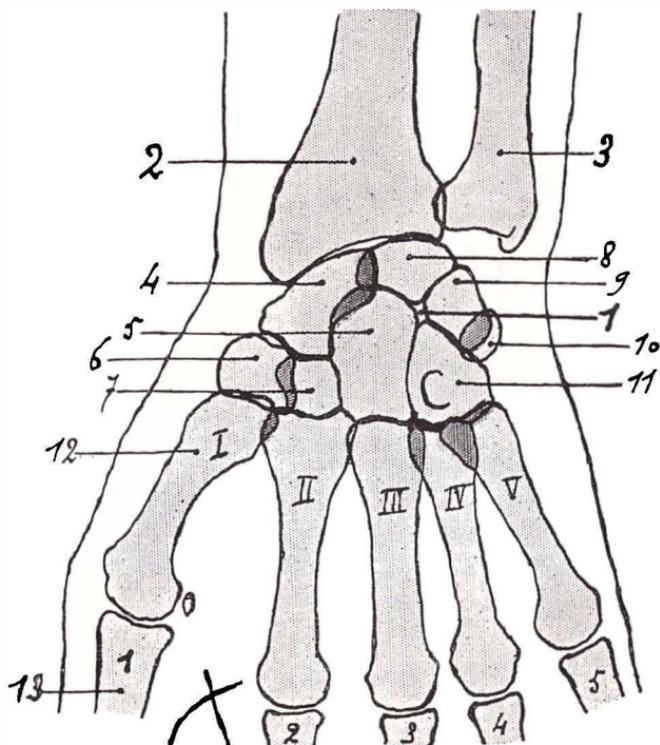


FIG. 9 — Radiografia, de frente, de uma mão normal
(Esquema)

- 1 — Espaço livre meocarpiano de Destot. 2 — Radius.
 3 — Cubitus. 4 — Escafóide. 5 — Grande osso. 6 — Trapézio.
 7 — Trapezóide. 8 — Semi-lunar. 9 — Piramidal. 10 — Pisi-
 forme. 11 — Osso ganchoso. 12 — Metacarpos. 13 — Falanges.

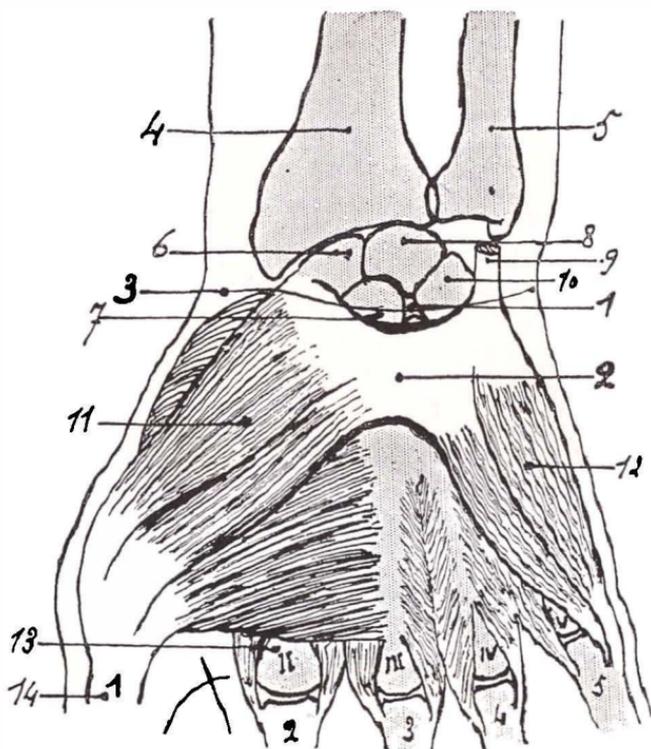
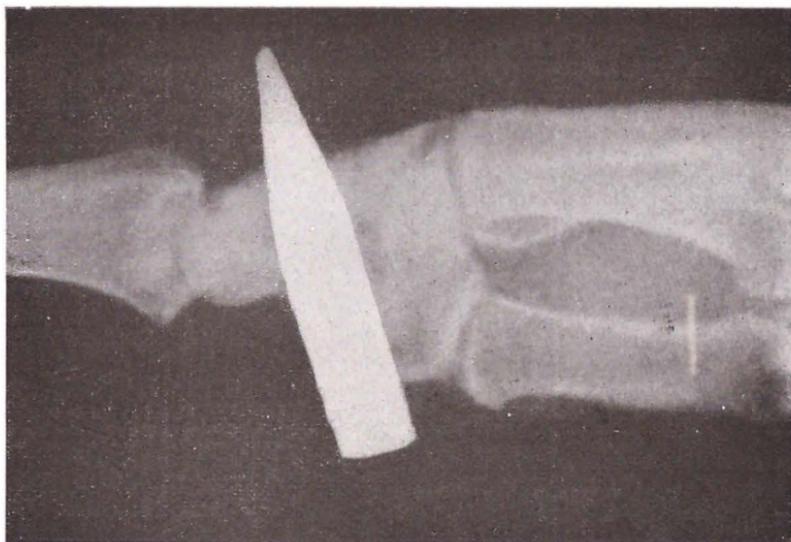
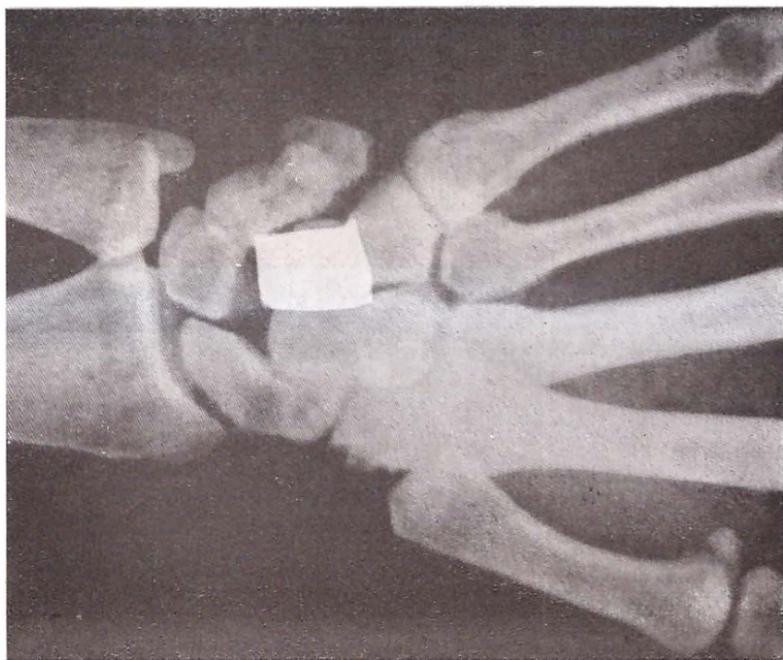


FIG. 10 — Face anterior da mão, mostrando, conforme a radiografia (fig 4), as duas eminências musculares, o ligamento anular anterior e o espaço livre.

- 1 — Espaço livre. 2 — Ligamento anular anterior. 3 — Projeção da prega de flexão do punho. 4 — Radius. 5 — Cubitus. 6 — Escafóide. 7 — Grande osso. 8 — Semi-lunar. 9 — Tendão do músculo cubital anterior. 10 — Piramidal. 11 — Eminência tenar (músculos do polegar). 12 — Eminência hipotenar (músculos do dedo mínimo). 13 — Metacarpos. 14 — Falanges.



Radiografia de perfil



Radiografia de frente

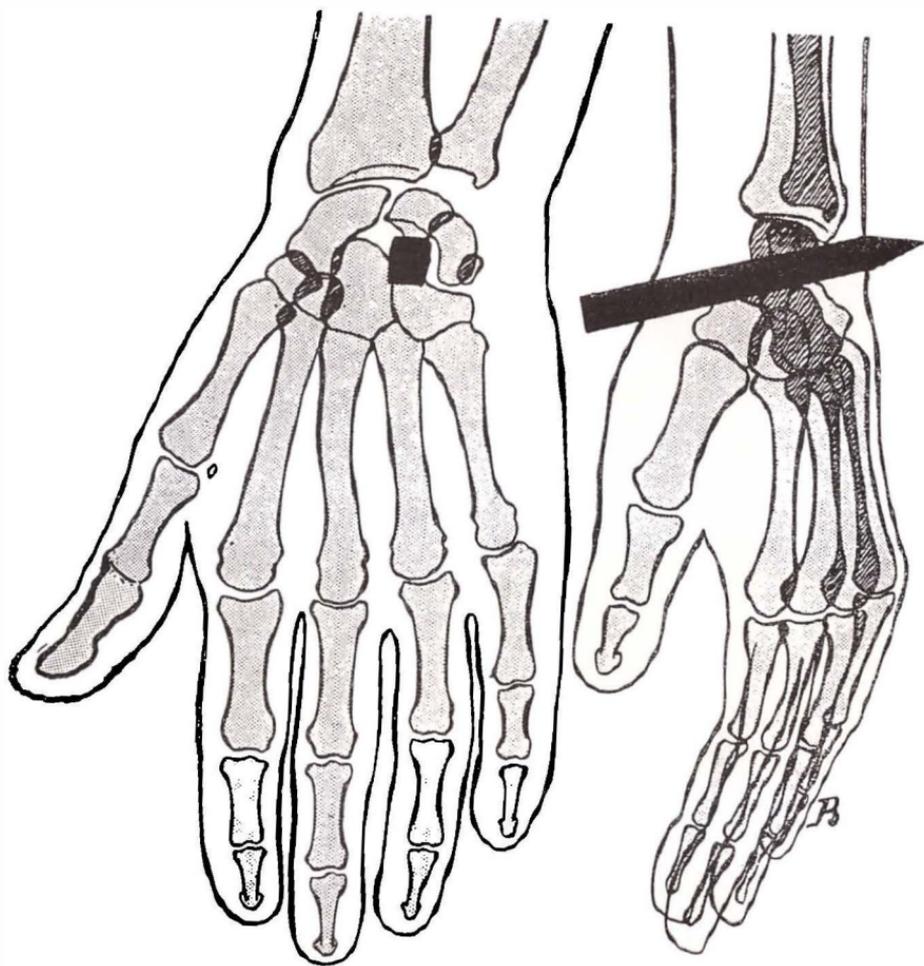


FIG. 12 — Esquemas de uma mão crucificada.



FIG. 13 — Imagem posterior do Sudário (membros inferiores).
(Prova fotográfica)

Os membros inferiores (de cima para baixo: coxas, pernas, pés). Sobre as coxas e as pernas, sinais da flagelação. Sobre os pés e para fora dos pés, sangue que correu. Sobre o pé direito (à esquerda), único visível por inteiro,



Esqueleto do pé direito visto de cima.

A flexa indica a direção da entrelinha de Lisfranc (articulação tarso-metatarsiana).

A + marca o ponto de penetração do cravo de crucifixação (parte posterior do segundo espaço intermetatarsiano).

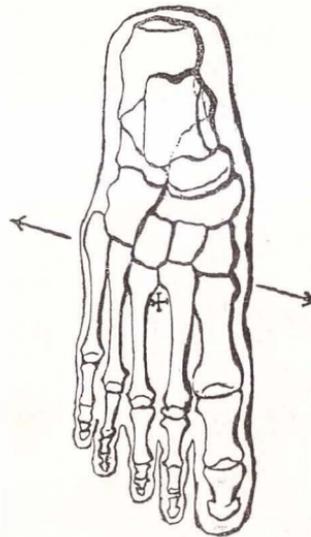


FIG. 14 — A pregação do pé.

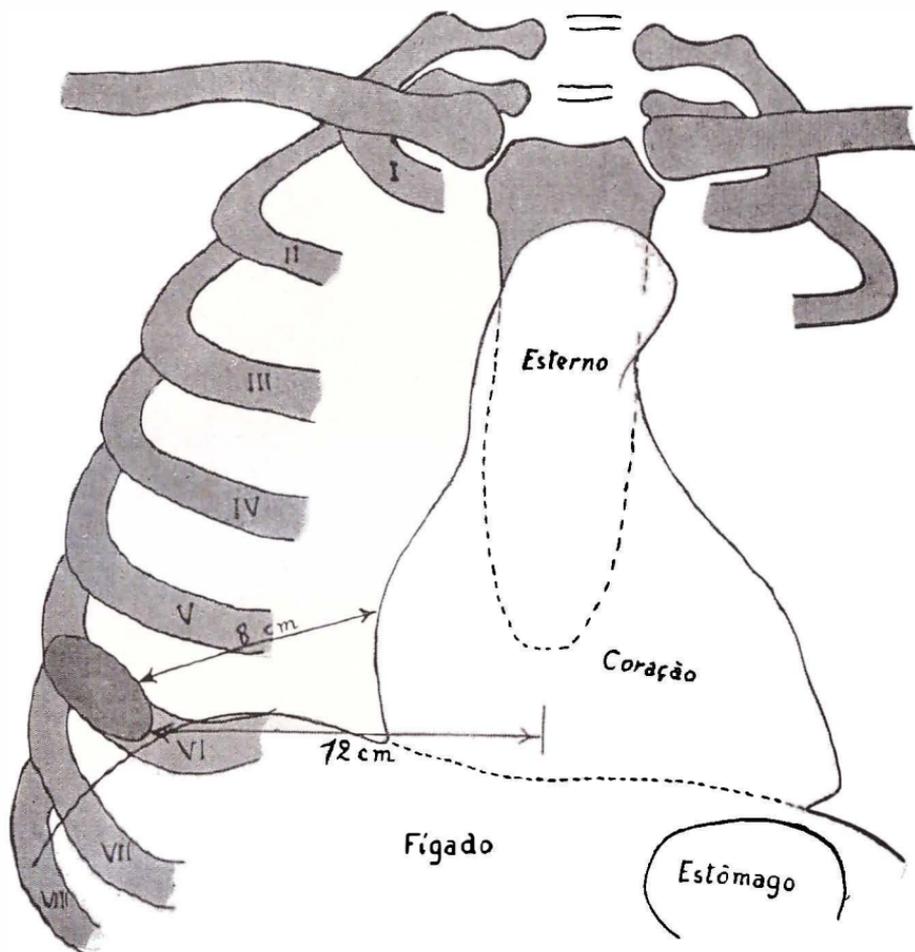


FIG. 15 — Esquema de radiografia torácica.

Para maior clareza não reproduzi senão a parte anterior do esqueleto e as sombras viscerais. Sôbre a 5.^a costela e o 5.^o espaço: placa metálica no lugar da chaga do lado. A linha de flexas de 8 cm. marca o percurso da lança.

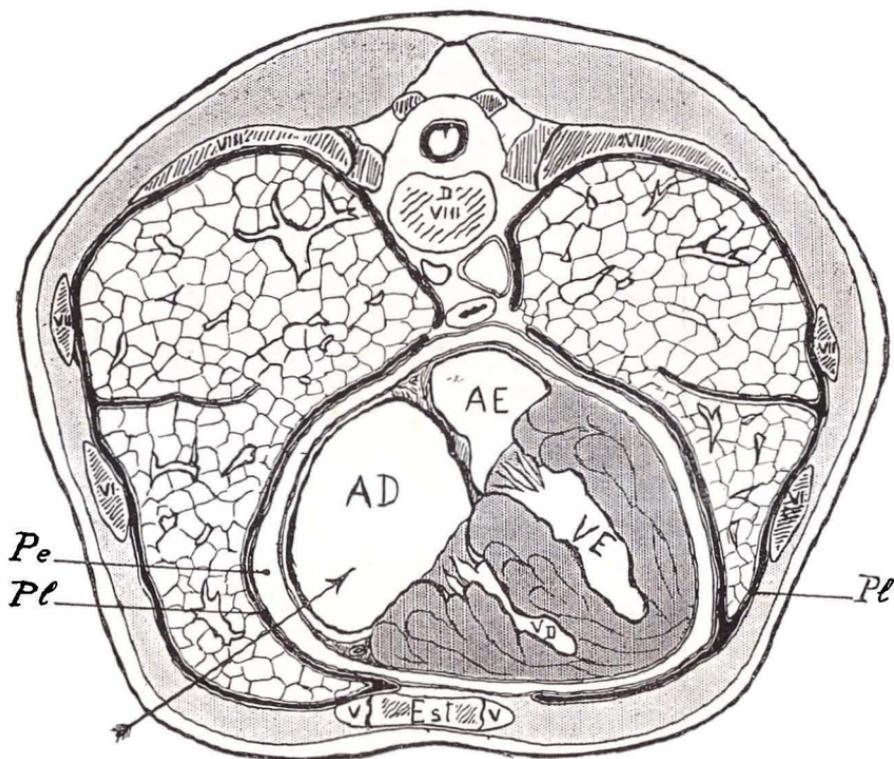


FIG. 16 — Corte horizontal do tórax, passando ao nível da chaga do lado. mostrando o percurso da lança (5.^o espaço intercostal na frente. 8.^a vértebra dorsal atrás)

Pl — Pleura (envolvendo o pulmão). Pe — Pericárdio (distendido pela expansão do hidropéricárdio agónico) V, VI, VII — 5.^a, 6.^a, 7.^a e 8.^a costela. D VIII — 8.^a vértebra dorsal. Est — Esterno. AD e AE — Aurículo direito e aurículo esquerdo. VD e VE — Ventrículo direito e ventrículo esquerdo. A flexa indica o percurso da lança.

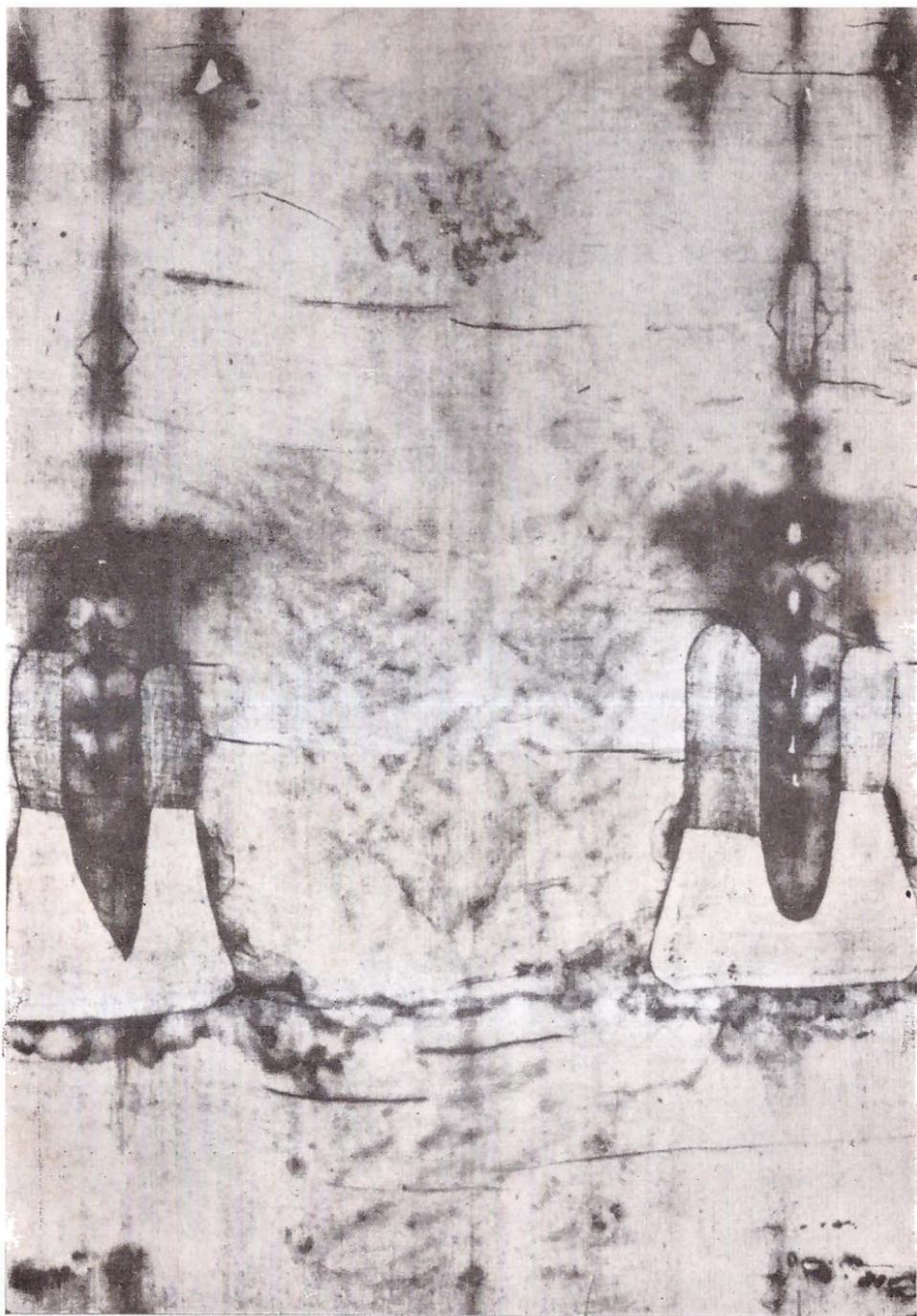


FIG. 17 — Imagem posterior do Sudário (nuca e dorso).
(Prova fotográfica)

Além das marcas da coroa de espinhos sôbre a nuca, e as chagas da flagelação no dorso, notar, ao nível dos rins, o fluxo transversal de sangue saído da veia cava inferior, depois da descida da cruz e colocação na posição horizontal.

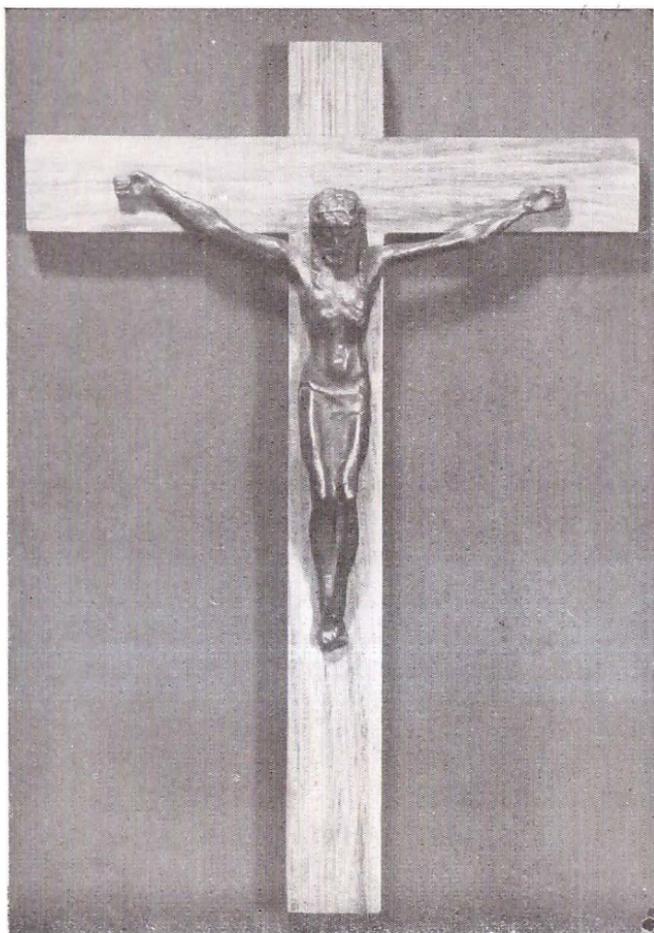


FIG. 18 — Crucifixo de Villandre (frente).

Uma indulgência parcial de 3 anos é concedida a quem rezar 5 P. Nosso, A. Maria e G. Patri, e a estrofe do Stabat: Sancta Mater istud agas, em honra das Cinco Chagas do Nosso Senhor.

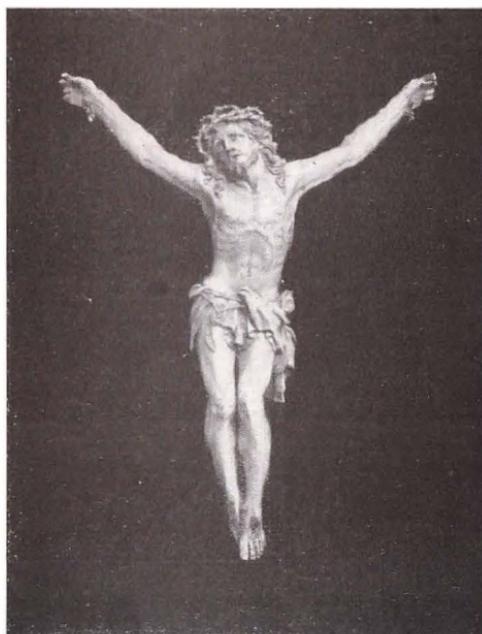
Pela recitação das mesmas orações, cada dia durante um mês, pode-se ganhar indulgência plenária, nas condições do costume.

(Decreto da S. Penitenciária, de 9 de julho de 1934).

Nosso Senhor em suas aparições à Irmã Josefa Menendez, diversas vezes recomendou a reza de 5 P. Nosso em honra de Suas Chagas (Livro "Apêlo ao Amor", Editora Santa Maria). N. E.



FIG. 19 — Crucifixo de Villandre (perfil).



Crucifixo de marfim
(começo do século XVII).



Crucifixo posição de
elevação do corpo

Madeira, talho direto,
Claude Gruet (1948).

FIG. 20 — Crucifixos.

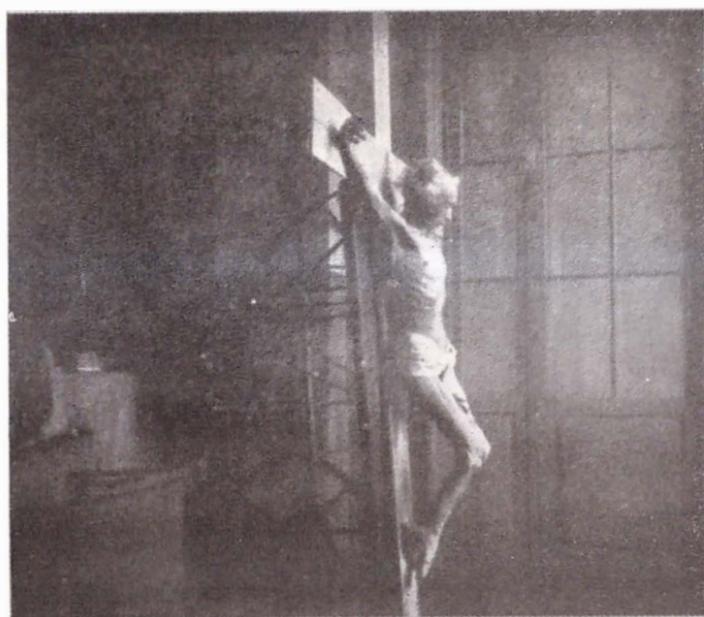
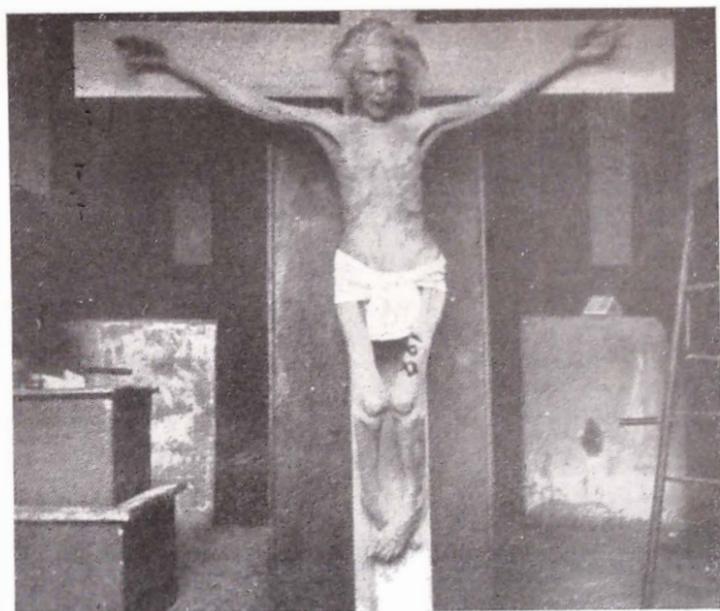


FIG. 21 — Cadáver crucificado — verificação dos ângulos.

Fac-símile da chapa



Prova fotográfica

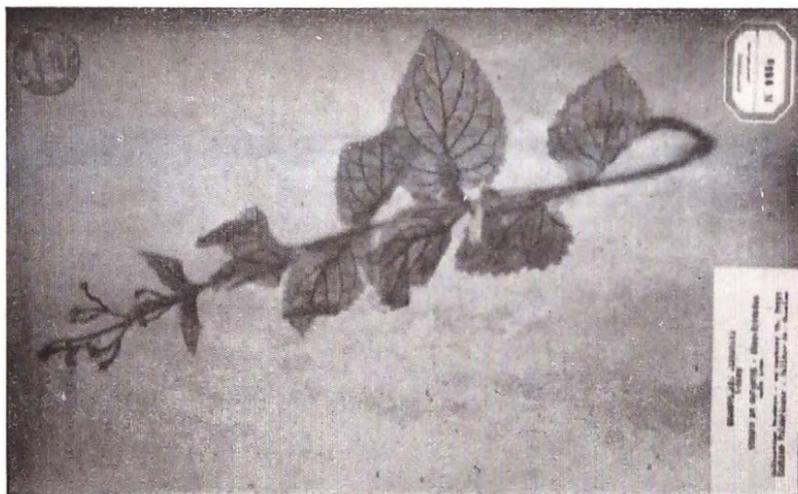
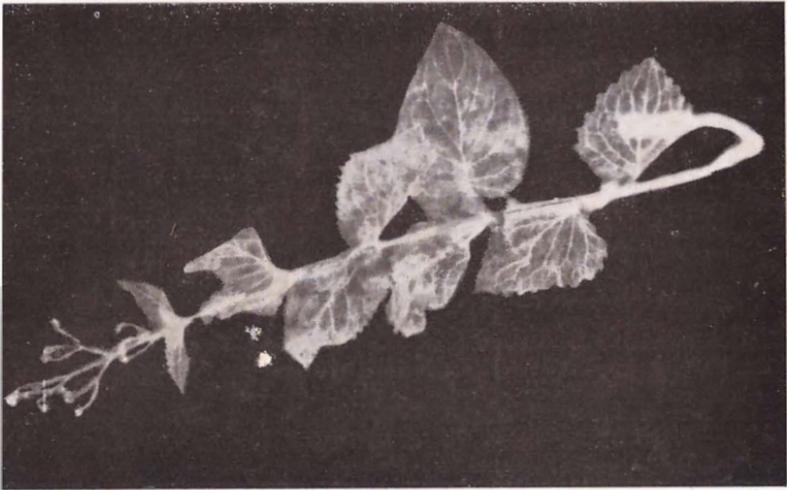


FIG. 22 -- Volckringer -- Impressões de plantas em herbário
Scrophularia alpestris (Impressão superior)

Fac-símile da chapa



Prova fotográfica

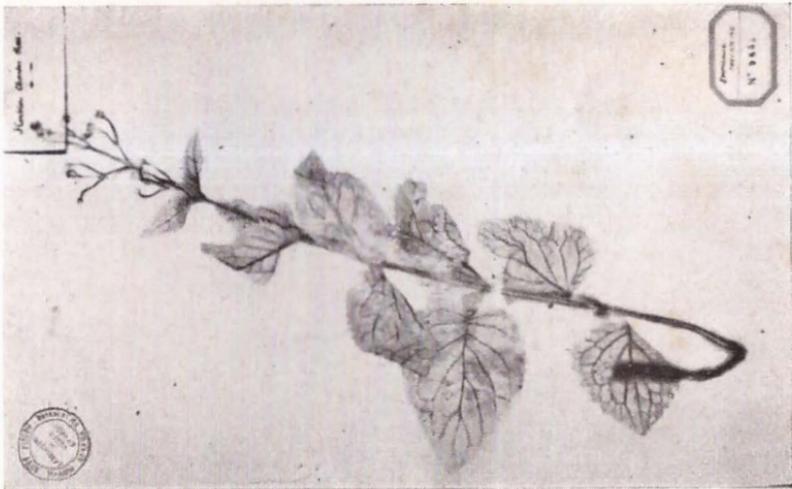
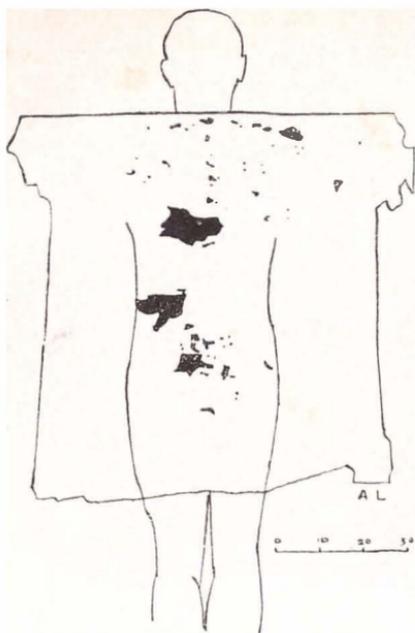


FIG. 23 — Volckringer — Impressões de plantas em herbário
Scrofularia alpestris (Impressão inferior).



As manchas de sangue da Túnica de Argenteuil. (Antoine Legrand, segundo foto de Gérard Cordonnier).



FIG. 24 — Jesus em tetania e asfixia.

(Madeira, talho direto, pelo Doutor Barbet, 1950).

★ ÉSTE LIVRO FOI COMPOSTO E
IMPRESSO NAS OFICINAS PRÓ-
PRIAS DA EDITORA A NOITE,
À AV. RODRIGUES ALVES, 435.
RIO DE JANEIRO — 1955.

† Livros Católicos para Download

